# REALIDADE

SETEMBRO 1968 — UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — NCr$ 1,50

## EUA
## OS NEGROS QUEREM ESTA LIBERDADE

## DOCUMENTO: O QUE PRETENDEM OS NOSSOS PADRES?

## INÉDITO: 40 SÉCULOS DE FUTEBOL

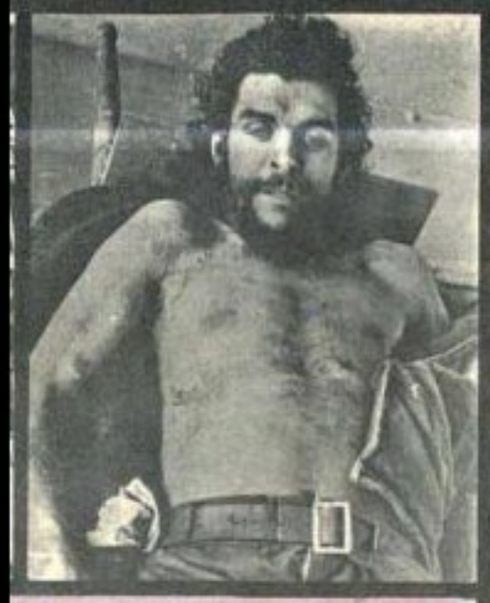
## TRAGÉDIA: A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

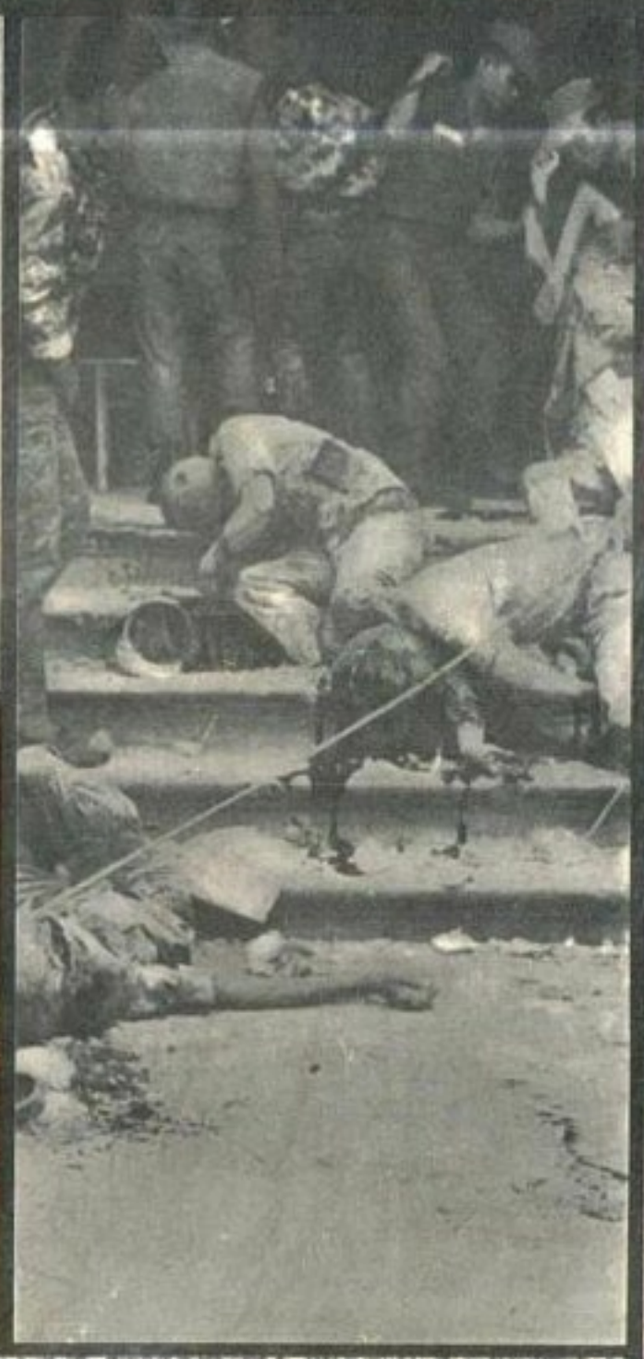
DIA 9 E LEIA veja NOVA REVISTA SEMANAL

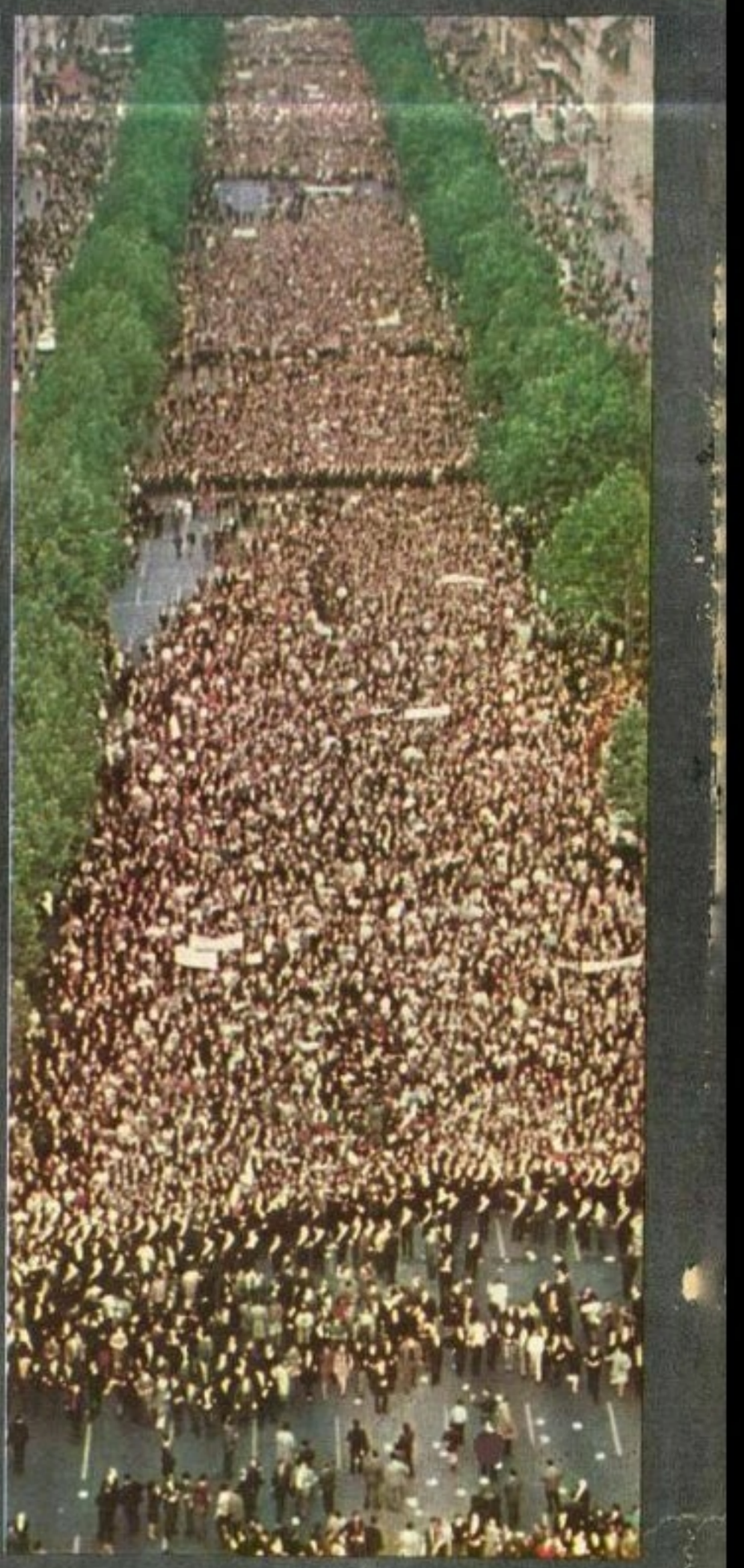
# Milhares de crianças morrem em Biafra. Paulo VI proibe a pílula. Estudantes agitam o mundo. Líderes são assassinados.

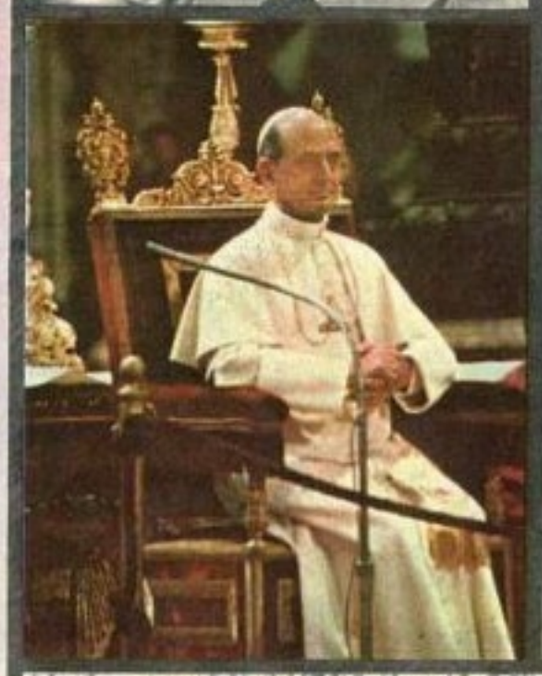
E LEIA

veja









Você precisa saber qual o sentido de tudo isso. Precisa de informação. VEJA é a nova revista semanal de informação.

A Editôra Abril formou uma jovem e grande equipe de jornalistas para encontrar rumos no amontoado de notícias que se despeja sôbre você, todos os dias.

VEJA apresentará, semanalmente, um panorama objetivo de tudo o que está se passando no Brasil e no mundo. Explicando. Antecipando. Prevendo.

VEJA focalizará em mais de 20 seções, medicina, esporte, negócios, arte, política, educação, ciência, música e espetáculos. Em estilo ágil, correto e agradável.

Porque VEJA quer que você seja uma pessoa bem informada.

VEJA não é para quem quer fugir do mundo, mas para quem quer vivê-lo.

E LEIA

**veja**

EDITÔRA ABRIL

**Revista Semanal de Informação**

# A partir do dia 9, segunda-feira, em tôdas as bancas:

E LEIA

# veja

IMPORTANTE

Junto com o n.º 1, você recebe um mapa do Brasil, a cores, no formato de 50 x 70 cm.

**Revista semanal de informação**

**preço de lançamento NCr$ 1,00**

# Explicamos aqui como é que se come Biskui Está lançada a confusão.

O Grissini Biskui substitui o pão, mas também fica muito gostoso com sorvete. É delicioso na sopa, e fica divino nos pavês. Vai muito bem com patê, melhor ainda com presunto. É servido nos restaurantes como "couvert". É o lanche da moda nas escolas. A imaginação criou dezenas de maneiras de servir Grissini Biskui, e isto é bom para quem gosta de comer muito e engordar pouco. Compre Grissini Biskui, distribua para os amigos, invente também algumas formas de comê-lo. Quanto mais confusão, melhor.

**biskui** GARANTIA DE QUALIDADE dietrigo

Conselheiro Brotero, 589 - 2.º andar
Telefone 52-2347 - São Paulo

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretor de Publicações: Roberto Civita
Diretor Editorial: Luis Carta
Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugaray
Diretor de Grupo Redacional: Alessandro Porro
Diretor de Redação, Rio: Odylo Costa, filho
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira

**Redação**

Diretor: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Editor de Reportagem: Luiz Fernando Mercadante
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Mylton Severiano da Silva e Otoniel Santos Pereira
Repórteres: Dirceu Soares, Eurico Andrade, Hamilton Ribeiro, João Antônio, José Carlos Marão, Roberto Freire
Roteiro, editor: Luiz Weis
Pesquisa: Josette Balsa, Octavia Yamashita
Produção: J.A. De Granville Ponce
Diagramadores: Jaime Figuerola, Edson Calvo Lobo, P. O. Lafer De Jesus
Fotógrafos: George Love, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin
Sucursal, Rio: Marcos de Castro, Milton Coelho, Milton Temer, Nélson Di Rago
Sucursal, Brasília: Luís Edgard Tostes, Afonso de Souza

**Administração**

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente Comercial, São Paulo: Darcy Reis
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Gerente Publicidade, Rio: Nílson Alves
Representante: Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Rubens Molino (gerente) e Elcenho Engel
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Recife: Antônio Lyra Filho

Gerente de Serviços Editoriais: Roger Karman
Gerente de Produção: Arno Langer
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah

Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fone: 62-1170, Telex n.º 021.553 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º andar, fone: 239-1422 / Administração: R. Emílio Goeldi, 575, São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Brasília: Edifício Central, salas 1201 e 1208 — Setor Comercial Sul, fones: 23-877 e 23-808 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4-4778 / Sucursal, B. Horizonte: R. Campos Elísios, 550, s/12, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Ed. Galeria Tijuca, R. Cândido Lopes, 11, 15.º and., cj. 1516 — C.P. 3121, fones: 4-5937 e 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril Ltda. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,50. Assinatura semestral NCr$ 9,00. Assinatura anual NCr$ 18,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Brigadeiro Tobias, 773. Pelo correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. — Soc. Anônima Impressora Brasileira, S.P.



As opiniões dos artigos assinados não são necessàriamente as da revista, podendo até mesmo ser contrárias a estas.


# REALIDADE


UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL - ANO III - NÚMERO 30 - SETEMBRO 1968



| | | |
|---|---|---|
| **Capa** | | É o verão nos EUA. Os negros prometeram sair às ruas por uma liberdade como essa. Por tôda parte há a certeza de violência. Foto Camera Press. |
| **Internacional** | **20** | **Êste homem é o presidente do Chile** — Êle é Eduardo Frei Montalva, uma das personalidades mais discutidas e controvertidas da América do Sul. |
| **Racismo** | **31** | **Poder para o povo prêto** — Três repórteres de REALIDADE viram, por dentro, as maiores organizações do Black Power preparar-se para a violência. |
| | **42** | **Eu vivi o racismo nos EUA** — Depoimento de um repórter, que, junto com os negros, sentiu na própria pele a angústia da discriminação racial. |
| **Perfil** | **53** | **"Sou o analfabeto mais premiado do País"** — É Plínio Marcos, um ignorante para muitos, pornográfico para a censura, grande autor para a crítica. |
| **Guerra** | **68** | **É o fim!** — O mundo acaba com a terceira guerra. A história é estarrecedora, mas pode acontecer hoje, agora, se os homens se continuarem armando. |
| **Ensaio** | **87** | **Um espetáculo de esporte** — Há mais movimento, ritmo, graça, agilidade nos passos estudados de balé que nos gestos espontâneos do esportista? |
| **Conto-reportagem** | **98** | **Um dia no cais** — Na zona das docas de Santos, Rita Pavuna e Odete Cadilaque disputam a sobrevivência com meninos, marinheiros e malandros. |
| **Igreja** | **116** | **O que querem êstes padres?** — Saem em passeatas, publicam manifestos, tomam posição ante problemas sociais e usam muito a palavra renovação. |
| **Depoimento** | **137** | **Diário de um médico** — Dezenas de casos, verdadeiras tragédias de pessoas que em sua maioria são saudáveis, mas têm uma doença pior: neurose. |
| **Gente** | **153** | **Aqui se aprende a viver num mundo sem luz** — São os cegos. Hoje êles podem trabalhar como qualquer pessoa, perfeitamente integrados na sociedade. |
| **Problema** | **162** | **Pedrinho não passa de uma criança** — No entanto, dizem os jornais, é um bandido perigosíssimo, que já matou três pessoas e ameaça tôda uma cidade. |
| **Documento** | **174** | **Quarenta séculos de futebol** — Centenas de textos consultados, milhares de fotografias e ilustrações pesquisadas, para produzir esta obra inédita. |
| **Vida** | **196** | **A morte** — Tratam-na com delicadezas, chamam-na de sono eterno, descanso, viagem sem volta. Ninguém gosta de dizer seu nome sinistro e misterioso. |



**Tiragem desta edição: 450 000 exemplares**

A partir de agora existem 3 mulheres para cada homem.

A culpa é de COTY Originals

# cartas

***D. Helder, delegado oficial***

Sr. Diretor: Não tenho conhecimento, conforme se afirma na reportagem "Colômbia dividida espera o papa", de REALIDADE de agôsto, de nenhuma restrição à minha pessoa, por parte da hierarquia colombiana. Não recebi nenhum convite para hospedagem em Bogotá, por parte da Sra. Isabel Restrepo de Torres, mãe de Camilo Torres. Indo a Medelin, como um dos delegados do Episcopado Brasileiro, ficarei hospedado no mesmo local da delegação.

D. Helder Câmara
Recife — PE

Sr. Diretor: Conforme testemunho de todos os religiosos presentes à inauguração da Radio Sutatenza, de Bogotá, fundada por Monsenhor Salcedo, em Mosquera, o qual é o seu diretor, não é verdade que o surgimento dessa conceituada e prestigiosa emissora tenha sido ditado pela necessidade "de fazer concorrência à poderosa emissora dos protestantes". Malícia, aqui, não vinga.

Frei R. Lupinacci
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Muito me agradou a forma com que REALIDADE revelou as contradições existentes na Colômbia. O govêrno se preocupa em receber o papa com muito amor e, ao mesmo tempo, distribui cacetadas nos professôres de Bucaramoja.

C. Salete
São Paulo — SP

***A verdade da fome***

Sr. Diretor: Nós da Zona da Mata Sul, do Estado de Pernambuco e, particularmente, do município de Palmares, onde a crise econômico-social atinge o seu ápice, somos testemunhas da cruel verdade que REALIDADE estampou de maneira tão viril e objetiva na reportagem "Êles estão com fome". Não há exagêro nem sensacionalismo na matéria publicada, mas, pura e simplesmente, a trágica realidade que ocorre numa área naturalmente rica e esquecida dos podêres públicos.

J. L. Batista
Palmares — PE

Sr. Diretor: Após ler atentamente a reportagem "Êles estão com fome", cheguei às seguintes conclusões: 1) indiscutìvelmente, os prelados do Nordeste, quando afirmam que o operário da região está passando fome, que há injustiças sociais, que faltam escolas, empregos e assistência, estão absolutamente certos, sobretudo porque conhecem o assunto bem de perto; 2) na qualidade de conhecedor da localidade, afirmo que a reportagem não pertence à esfera da lenda, mas sim à realidade dos fatos; 3) é ilusão pensar que a Sudene vai solucionar a indigência predominante na região.

Tarcísio Mello Rodrigues
Moji das Cruzes — SP

Sr. Diretor: O artigo "Êles estão com fome" causou-me grande admiração, pelo fato de REALIDADE ter-se lançado na única guerra justa: a guerra contra a fome. Êsse trabalho de conscientizar o público sôbre essa dura, crua mas existente realidade, talvez sirva como primeiro passo para a solução do problema, porque jamais se poderá resolver um problema sem antes se tomar conhecimento de sua existência. Acho que é necessária muita divulgação para que cada homem sinta em sua carne que quase dois entre três irmãos morrem, não de câncer, mas de fome.

Cláudio C. Oliveira
Piraçununga — SP

***Crianças empacotadas, não!***

Sr. Diretor: "Não deixe a criança em paz", reportagem do médico Ângelo Gaiarsa, publicada no n.º 28 de REALIDADE, abrirá os olhos de milhões de mães brasileiras

SEGUE

# Lufthansa reduz suas tarifas.

## Só as tarifas.

Quando a Lufthansa reduz suas tarifas, só reduz as tarifas. O serviço de bordo é o mesmo. A pontualidade é a mesma. A Europa, o Oriente Médio e a África que você vai visitar não mudaram muito. E você chega lá com a mesma precisão de vôo. Talvez a aeromoça sorria um pouco mais para você. É que nós queremos que você vá à Europa, Oriente Médio ou África entre 15 de Setembro de 1968 e 31 de Março de 1969. Nesse período, com exceção de 2 a 24 de Dezembro, você está pagando 25% a menos pela sua passagem.

E continua recebendo um serviço de 100%.

Consulte seu agente de viagens IATA ou a Lufthansa. Rio: Av. Rio Branco, 156 Loja D. Tel.: 31-3985
São Paulo: Praça da República, 186. Tel.: 37-1558

**Lufthansa**
Linhas Aéreas Alemãs

Denisio

Completamente diferente de um equipo convencional, o "Dabi T&M" é um equipo sem coluna, móvel e funcional.

(posicionamento de todo o instrumental dentro da área normal do trabalho.)

O "Dabi T&M" não é mera transposição formal de um equipo convencional. Sem coluna, tem um corpo móvel que acompanha o Dentista qualquer que seja sua posição. Não se trata de um equipo convencional reformado, e sim, de um equipo de forma nova, com alta funcionalidade. Sua altura é de 0,942 m, a ideal do plano horizontal de trabalho, sem movimentos verticais desnecessários. Tampos dos corpos fixos e móvel de aço inoxidável, permitem perfeita desinfecção. Bases também de aço inoxidável. Evita ferrugem.

Instrumental bem localizado permite um trabalho com economia de movimentos, possibilitando um rendimento 3 vêzes maior.

Conheça as outras vantagens do "Dabi T & M" em um dos revendedores Dabi (em todo o Brasil)... e compare.

DABI

DABI IND. BRASILEIRA DE APARELHOS DENTÁRIOS S.A.
Rua São Paulo, 1298 - Ribeirão Prêto - S. P.
símbolo da moderna odontologia

propaganda 68-237


# cartas

que até agora "empacotam" a criança e pedem para não se falar alto nem fazer barulho porque "o nenê está dormindo". Já era tempo de reformar essa mentalidade em relação às crianças.

GERCINO JOSÉ DOS SANTOS
Brasília — DF

Sr. Diretor: "Não deixe a criança em paz" servirá de lição a milhares de pais que conservam ainda um tradicionalismo errôneo na maneira de criar seus filhos. Se analisarmos muitos dêsses jovens desajustados, veremos que a causa dêsse desajuste não foi outra senão a maneira errada pela qual foram educados.

LUIZ CARLOS FUMAGALLI
Sud Menucci — SP

Sr. Diretor: Muito embora nossos filhos sejam normais, "Não deixe a criança em paz" abriu novos horizontes no setor da educação e mostrou a mim e a minha espôsa o quanto estávamos errados na maneira de conduzir os nossos Marcelo e Philippe. Agradecemos sinceramente à REALIDADE tudo quanto temos aprendido por seu intermédio.

SOLON EMANOEL
Brasília — DF

### *O São Cristóvão é grande*

Sr. Diretor: O São Cristóvão de Futebol e Regatas, por sua diretoria, vem, por meio desta nota oficial, repudiar a reportagem publicada por REALIDADE no mês de julho, na qual, com desonestidade e falta de conhecimento da vida administrativa do clube, distorceu, mentiu e tentou, de modo pusilânime, denegrir o nosso passado e presente e vaticinar como "pitonice circense", contra o venturoso futuro que nos aguarda, porque: 1.º) o clube não está e nunca estêve às portas da falência; 2.º) seus atletas se encontram com seus vencimentos rigorosamente em dia; 3.º) jamais deixaram as suas equipes de treinar por falta de material; 4.º) possui o clube, em pleno funcionamento, equipes técnicas especializadas, desde massagistas até médicos, bem como preparador físico e técnico de futebol; 5.º) o gramado é considerado, na atualidade, um dos melhores do Estado, face à sua conservação, não por carneiros, mas por técnicos especializados. Os carneiros comem as ervas daninhas, e lamentamos não poderem comer a língua ou as mãos daqueles que nada constroem e tudo desejam destruir com sua má fé; 6.º) o problema da lavandaria está de há muito sendo estudado e, no momento, mesmo sendo realizado pelo método normal, lançamos um repto para que se encontre roupa mal lavada; e lamentamos não poder nossa funcionária lavar a mente daqueles que de há muito já perderam a vergonha e a dignidade; 7.º) jamais qualquer presidente do clube renunciou por questões financeiras; 8.º) os pagamentos do clube são feitos em dia e com seus próprios recursos. Ainda não nos socorremos de ninguém, por não ser necessário; 9.º) quanto à equipe profissional, não nos cabe culpa pela situação atual, pois com a inflação crescente nos salários, temos de agir com prudência; 10.º) o São Cristóvão jamais foi pequeno, sempre foi e sempre será grande, por seu passado, por suas glórias, sua tradição e respeito que sempre infunde no seio de seus coirmãos. Não nos atinge a infelicidade da reportagem, todos passam e o nosso querido S.C.F.R. continua altaneiro, unido e sabendo compreender aquêles que não podem, como êle, ser indestrutíveis.

LUIZ DESIDERATI,
Presidente do S.C.F.R.
Rio de Janeiro — GB

*O Brasil desconhecia esta fôrça. Damos as mãos aos carneiros.*

Afinal, quem quer o melhor, atrai sempre.
Tenha em seu carro, Muntz Inelca,
o toca-fitas estereofônico mais procurado
mundialmente. Muntz Inelca reproduz
com perfeição tôdas as nuances da música.
Você e ela terão a sensação exata,
da orquestra estar presente. Muntz Inelca
para o seu carro ou residência
é música "ao vivo"

Só compre Muntz Inelca, assistência técnica permanente.

GARANTIA INELCA

MUNTZ Inelca

**INELCA S.A.** - INDÚSTRIAS ELETRÔNICAS - R. VIEIRA DE MORAIS, 1690 - FONES: 61-8328 e 61-2150 - C.P. 18.250 - S. Paulo

**IM - 60** - 4/8 pistas automático luxo

**X - 30** - 4 pistas - ultra compacto - ecconômico

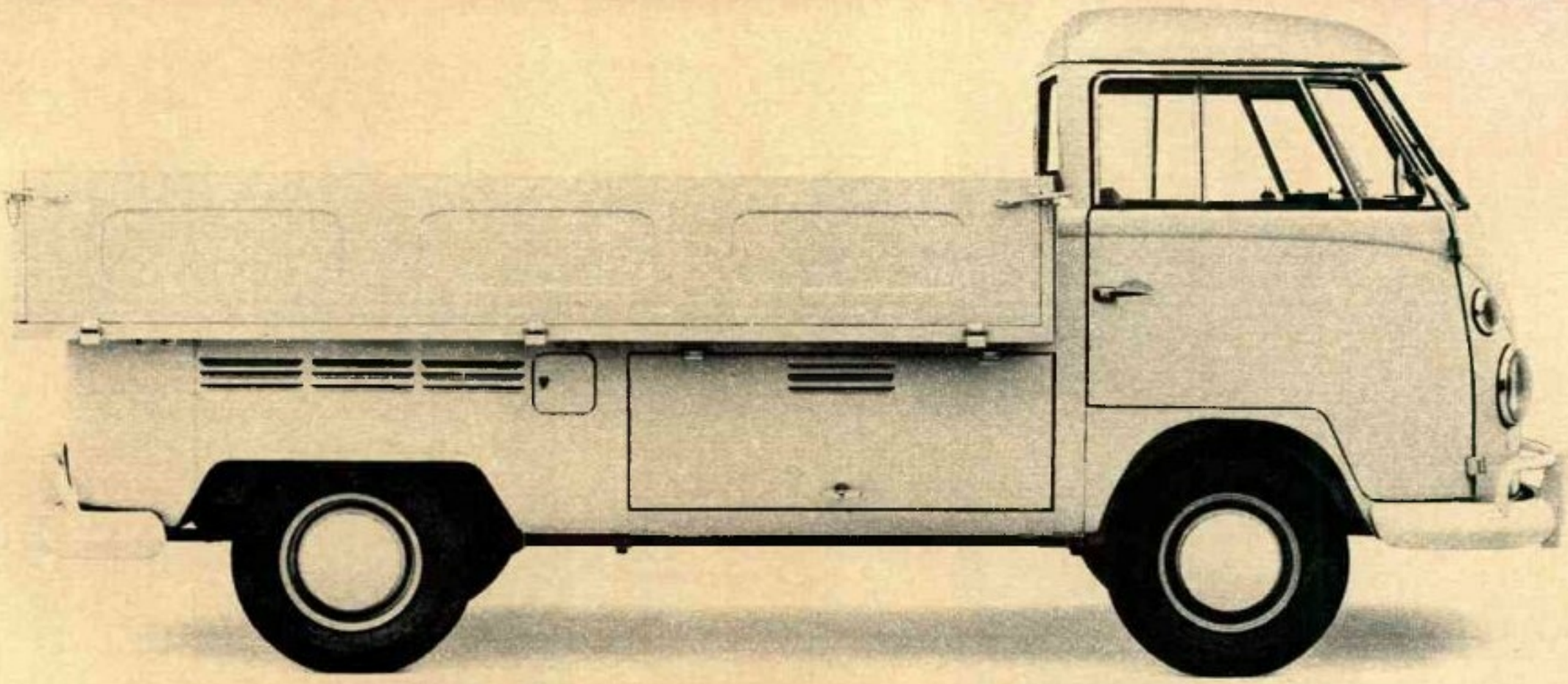
**X - 45** - 4 pistas

**XHW - 12** - residencial

**XAR - 500** - gravador/repro-

**PF - 30** - portátil - pilhas ou

Intergal



# Se v. comprar o Pick-up Volkswagen sòmente por causa disto...

...admitimos que v. terá boas razões.

Afinal, êle é o único que leva uma tonelada de carga.

E o único onde essa tonelada entra e sai ràpidamente, graças às laterais que se abaixam.
(Nos outros a carga só entra pela traseira, lembra?)

Tem um metro quadrado a mais de espaço para a carga: e isso é muito bom para quem transporta grandes volumes.

Outro detalhe é a plataforma lisa, sem aquelas saliências dos pára-lamas para atrapalhar.

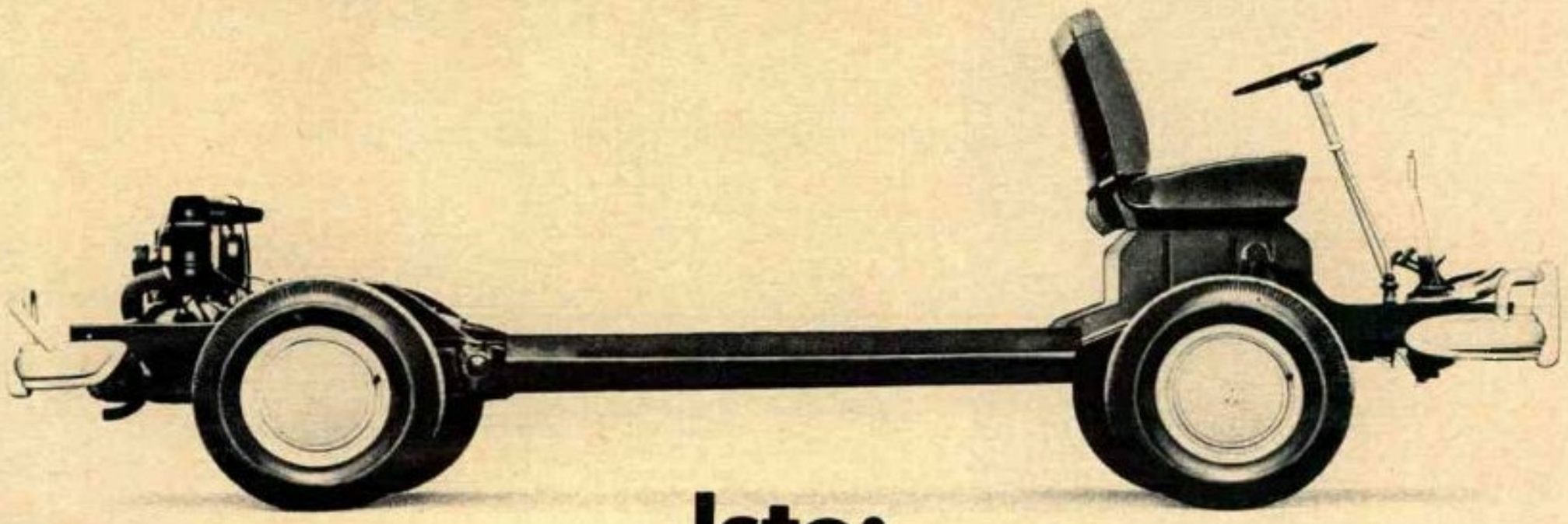
Mas não é só.

O Pick-up Volkswagen é o único que tem aquêle compartimento fechado, onde v. pode levar pequenos volumes bem protegidos.

Às vêzes, isso é muito prático.

Mas olhe, apesar de tôdas essas vantagens que v. levou em conta, nós achamos que...

# v esqueceu o motivo mais importante



# Isto:

# (tôda sua mecânica é Volkswagen)

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A

Afinal, não adiantaria nada êle ser o pick-up que leva mais carga, se não fôsse também o mais econômico.

Mas como sua mecânica é Volkswagen, êle tem tôdas aquelas vantagens que um Volkswagen sempre tem: o motor que pode rodar mais quilômetros com menos gasolina, e só precisa 2,5 litros de óleo a cada 2.500 km.

E v. nunca terá despesas com radiador furado, mangueiras partidas e coisas assim, pois êle é refrigerado a ar.

Depois, o motor 1.500 fica lá atrás, diretamente sôbre as rodas motrizes, evitando aquêle comprido eixo cardã, ou aquela caixa de diferencial embaixo.

Graças a isso, o Pick-up Volkswagen tem um vão livre de 20 cm, para não encalhar onde os outros encalham.

E, para enfrentar os buracos, êle tem barras de torção na suspensão, em vez de molas.

Não é isso que v. está querendo quando fôr comprar seu pick-up?

# ROTEIRO

## Cinema

O filme de hoje: sexo

*Cena de* Helga *mostra como se dá a fecundação: milhões de espermatozóides correm em direção ao óvulo, mas apenas um conseguirá penetrá-lo. E uma vida irá formar-se.*

Como num filme de mistério, a platéia está em silêncio. Na tela, em primeiro plano, o rosto contraído de uma jovem. O acompanhamento musical cessou. Ouve-se apenas o tinido sêco e preciso dos instrumentos médicos e a respiração ofegante da mulher. Agora, a imagem se transfere para seu corpo. Vai começar a última tomada. A câmara focaliza a cena mais comovedora da aventura humana, o mais banal dos milagres: o nascimento de uma criança. Segundos depois, aparece o nôvo ser. É um menino. Na sala escura do cinema, os espectadores sentem-se libertados da tensão pelo primeiro grito do recém-nascido. Nem todos, porém, agüentaram até o fim: alguns fecharam os olhos, outros saíram. E dois homens desmaiaram.

A seqüência do parto, que dura sete minutos, é o momento culminante de um filme alemão que em tôda a Europa está atraindo mais gente que o último James Bond e que tem sido discutido com interêsse por grande número de educadores, religiosos, médicos e psicólogos. *Helga — A Vida Íntima de uma Jovem Mulher* é a primeira fita didática sôbre sexualidade, a ser lançada comercialmente. Através de uma história muito simples, *Helga* dispõe-se a responder às perguntas mais freqüentes que os jovens formulam a respeito dos processos sexuais.

Loura, olhos azuis, robusta, *Helga* é a personagem-título, vivida por uma atriz de 28 anos, Ruth Gassmann, cujo único cachê pelo trabalho foi um automóvel. Os produtores quiseram que ela simbolizasse a mulher feliz e a mãe ideal. Numa atmosfera serena, sorrindo a maior parte do tempo, *Helga* é uma gestante que se apronta para o dia do parto. Em cada consulta, o ginecologista explica-lhe o que acontece em seu organismo, sua anatomia e fisiologia. As *aulas* são ilustradas com desenhos e fotos em côres. Na cena do nascimento, *Helga* empresta seu rosto a outra mulher que realmente está dando à luz.

Dizem os críticos de cinema que, do ponto de vista artístico, o filme não tem valor algum: quase não há roteiro, a realização é desengonçada, a psicologia dos personagens é sumária. Do lado científico, os médicos também fazem restrições a certas partes da fita. Diz o professor Pierre Vellay, um dos pioneiros na França da técnica do parto sem dor:

— A cena do nascimento é dramática demais. Contrasta com tudo que vimos tentando fazer nos últimos quinze anos para destruir falsos temores no espírito da mulher. Além disso, na seqüência após o parto, há uma falha inexplicável, quando *Helga* sente uma imensa vontade de dormir. Na verdade, êsse desejo é raríssimo, não acontece nem na proporção de um em 10 mil casos, a menos que a mãe tenha tomado tranqüilizantes.

Mas são os próprios jovens que fazem as críticas mais contundentes:

— Êsse filme é técnico demais, quase desumano. É que lhe falta o principal: o amor entre homem e mulher. Tem-se a impressão de que tudo se resume em ter um filho.

— O papel do marido mal aparece. Há certa hora em que êle traz rosas à mulher, depois o filme mostra-o lavando louça, enquanto ela troca as fraldas do bebê — e é só. No momento mais importante, no nascimento, é como se êle não existisse. Afastam-no da maternidade. Isto é um êrro.

— O parto é antiestético. Fiquei doente só de ver. Tirou-me a vontade de ter um filho.

Embora aceitem tôdas essas objeções, muitos educadores europeus defendem o filme e o recomendam aos adolescentes. *Helga*, afirmam, não pode ser julgado por seus defeitos. A educação sexual transmitida nos lares ou nas escolas é ainda hoje tão precária que o mérito maior dessa fita está no próprio fato de ter sido realizada. Queira-se ou não, raciocinam, os meios de comunicação de massa, principalmente o cinema, são professôres muito mais eficientes que quaisquer outros. Supondo que a educação sexual seja necessária e desejável, chegou então o tempo de mobilizar os veículos de difusão para êsse trabalho. Um filme como *Helga* destrói preconceitos mais depressa que dez preleções juntas, concluem.

Os cineastas parecem ter a mesma

# a melhor assessoria econômica a seu serviço

**1 - APECÃO - 1968 (A ECONOMIA BRASILEIRA E SUAS PERSPECTIVAS)** - Os maiores economistas e técnicos reunidos na mais completa análise da economia brasileira: MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN, ERNANE GALVÊAS, ROBERTO CAMPOS, VICTOR DA SILVA, DELFIM NETTO e outros... **NCR$ 70,00**

**2 - ESTUDOS ECONÔMICOS BRASILEIROS N.º 2** - Uma coletânea de 39 trabalhos dos mais renomados economistas como MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN, DELFIM NETTO, GILBERTO HUBER, ERNANE GALVÊAS, ROBERTO CAMPOS, MIRCEA BUESCU e muitos outros... **NCR$ 7,00**

**3 - PROJETOS INDUSTRIAIS** - A preparação do projeto, sua elaboração e seu processo de produção; instalações e localizações de fábricas; investimentos; orçamentos de receitas e despesas; e outros variados assuntos do mais alto interêsse da indústria são tratados nêsse livro... **NCR$ 12,00**

**4 - DO OUTRO LADO DA CÊRCA** - Pronunciamentos de crítica, esclarecimento ou defesa de ROBERTO CAMPOS quando à frente do Ministério do Planejamento.
Discursos contra a maré dos hábitos confortáveis e dos preconceitos tranquilizantes.
Uma perspectiva "do outro lado da cêrca": o lado da iniciativa privada ante a conjuntura econômica e política... **NCR$ 10,00**

**À APEC EDITÔRA** Peço enviar-me pelo Reembôlso Postal, os seguintes livros:
(marque os números, apenas) ☐ ☐ ☐ ☐
Nome..... Profissão.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....

EDIÇÕES APEC ANÁLISE E PERSPECTIVA ECONÔMICA

Rio: Avenida Churchill, 94 - 6.º andar
São Paulo: Rua Quirino de Andrade, 193 - gr. 701
e em tôdas as livrarias.


# ROTEIRO

opinião. Notam, por sua vez, que pouquíssimos filmes de ficção, cujo tema é sexo, têm-se empenhado até agora em quebrar tabus e salientar, em contrapartida, os aspectos informativos ou didáticos da questão. Citam como exceções *O Preço da Inocência*, feito por Willar Mack em 1934, e *Clamor do Sexo*, que Elia Kazan dirigiu em 1964, ambos sôbre o problema da virgindade e da condenação social ao amor fora do casamento. O assunto *educação sexual*, merece atenção ainda menor dos produtores e até das entidades governamentais que cuidam do cinema educativo, como as que existem na Inglaterra, Canadá, Polônia e Tchecoslováquia.

Assim, *Helga* tem um papel pioneiro na história do cinema. E, como se trata de obra séria, poderá abrir caminho a uma série de outros *filmes de vida*, segundo a designação do cineasta francês Jean Benoit-Lévy para as fitas cujo objetivo é reproduzir fielmente a natureza em tôdas as suas manifestações. Tais películas iriam contrapor-se à enxurrada de *documentários didáticos*, que ensinam pouco e exploram muito a curiosidade mórbida do público. Mesmo quando não são tão desonestos assim, os exibidores os apresentam como *clandestinos*. Foi o que se deu, no Brasil, com *Segredos Sexuais* e *Veneno Lento* — sôbre moléstias venéreas — e com *Nascer ou Não Nascer*, uma produção suíça sôbre o tema do abôrto, recentemente exibido entre nós.

# Música

## É o nosso jazz que está de volta

É sexta-feira, dez horas da noite. Num pequeno bar do centro de São Paulo, as mesas estão tôdas ocupadas e há gente em pé. O único espaço vazio é uma espécie de palco. Para lá se dirigem algumas pessoas, jovens, carregando instrumentos musicais. Só um, porém, é músico de profissão: toca bateria numa orquestra. Entre os demais, há um engenheiro, um técnico em eletrônica, um industrial, um economista e um advogado. O público os

aplaude, mas assim que se instalam, cessa o barulho. Vai começar uma *jam-session:* cada músico terá plena liberdade para improvisar sôbre os temas executados, segundo os sentimentos ou a inspiração do instante. É o espetáculo predileto dos admiradores de jazz.

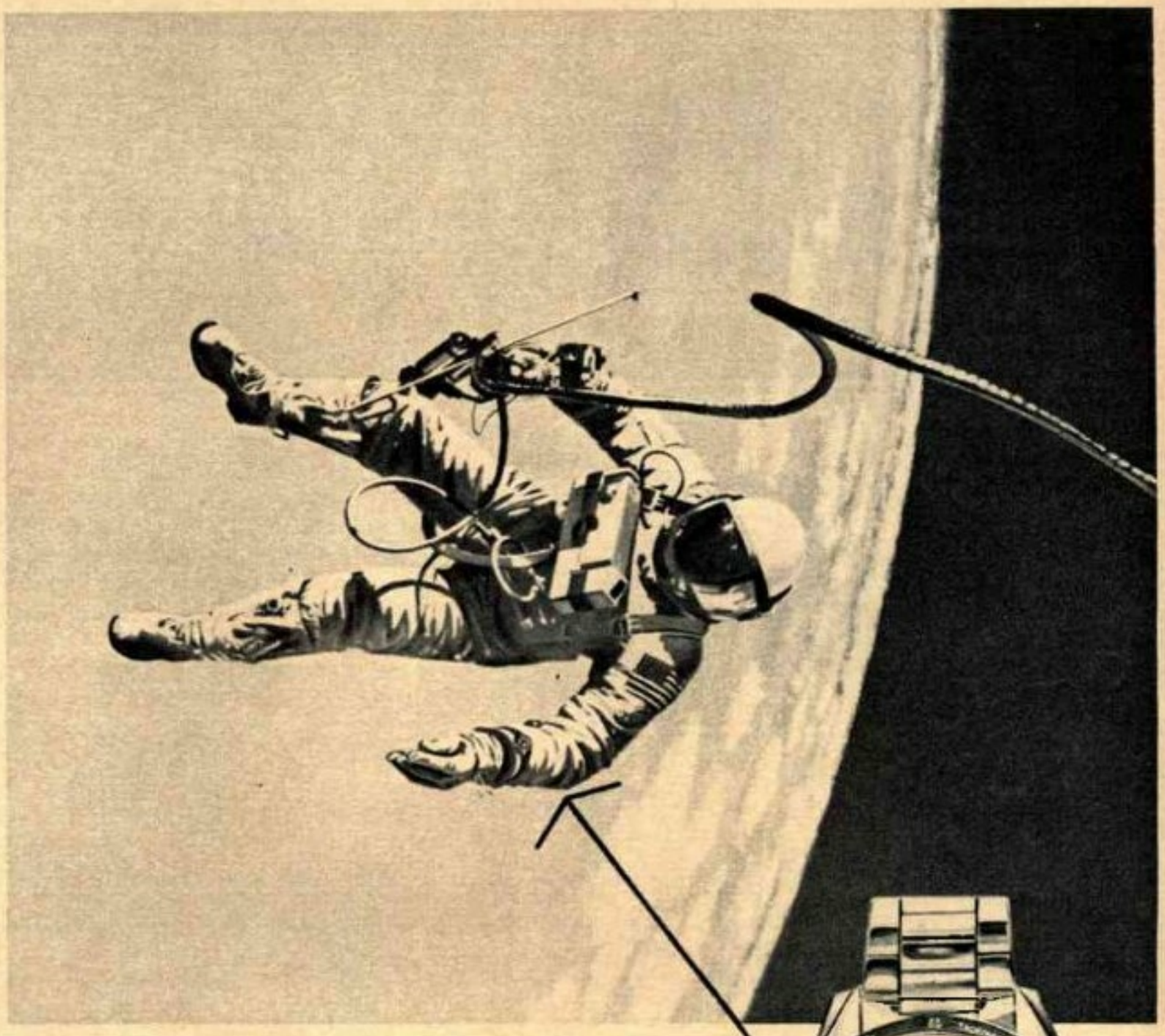
São poucos no Brasil — umas 3 mil pessoas — os admiradores da música que os escravos africanos e seus descendentes criaram nos Estados Unidos e que depois passou a ser praticada pelos brancos até se espalhar pelo mundo. Entre nós, o jazz conheceu altos e baixos. Agora, fala-se de um renascimento da *tradição jazzística brasileira:* formam-se novos conjuntos, fundam-se clubes que promovem audições regulares. Êste mês, cinco conjuntos de jazz da Alemanha se apresentarão no Rio e em São Paulo. Espera-se também a vinda do conhecido *jazz-man* Duke Ellington, grande pianista.

Quando Louis Armstrong — o mais famoso de todos êles — aqui estêve em 1957, disse que não esperava encontrar tanta gente interessada em jazz. Êle não sabia, porém, que estava começando no Brasil um período de relativa decadência dessa música, devido ao aparecimento do *rock and roll*, substituído depois pelo *twist* e pelo *ié-ié-ié*. O jazz ficou à margem do sistema industrial — gravadoras, estações de rádio e tevê — que introduz e divulga os estilos em voga no estrangeiro, orientando em boa parte os gostos e as preferências dos grandes consumidores de música: os jovens que compram discos.

Assim, o jazz não conseguiu atrair as novas gerações — a não ser uma pequena parcela, concentrada nos meios universitários e artísticos das maiores cidades, que pode gastar até mais de 20 cruzeiros novos por um LP importado de boa qualidade, e que dispõe de tempo suficiente para ler livros e revistas especializadas. Ao lado dêsse grupo restrito, estão os velhos aficionados, alguns americanos aqui residentes e músicos profissionais: entre os melhores jazzistas brasileiros há dois integrantes do conjunto que acompanha Roberto Carlos.

A idade de ouro do nosso jazz começou depois da II Guerra Mundial e foi até meados da década dos 50. O primeiro conjunto brasileiro surgiu em 1946, tocando nos estilos de Count Basie, Tommy Dorsey, Glenn Miller e Woody Hermann — ritmos de dança, principalmente, que faziam sucesso em bailes estudantis. Na mesma época, o próprio Tommy Dorsey aqui estêve, participando de *jam-sessions*. Além de clubes e programas especiais de rádio, havia em São Paulo uma escola, fundada em 1954 pelo pianista Paul Urbach.

SEGUE

**No espaço, êles usam êste Omega**

**Agora, você também pode possuí-lo!**

*Quando, pela primeira vez, um astronauta Gemini saiu de sua astronave, em vôo a 27 200 km por hora, e flutuou no espaço cósmico, em seu pulso havia um Omega Speedmaster. Era preciso um super-relógio, capaz de ser submetido a temperaturas inumanas e ao vácuo quase total. E o Speedmaster correspondeu tão brilhantemente à confiança nêle depositada que passou a fazer parte do equipamento básico de todos os astronautas americanos.*

*Provàvelmente, o Speedmaster é a única peça do equipamento dos astronautas que pode ser usada por você, que tem os pés firmes na Terra. O Speedmaster à venda é igualzinho ao dos astronautas. Não é assombroso saber que você também pode possuí-lo?*

*Omega Speedmaster, cronógrafo com totalizador de minutos e horas. Leitura de 1/5 de segundo. Em aço inoxidável, impermeável.*

*Ideal para os que necessitam medir o tempo em frações de segundos. Foi feito para você que é desportista, médico, engenheiro, cientista ou técnico!*

Ullmann 3.072

***Omega bate os recordes de Omega!*** *No imprevisível campo de provas do Cosmo, Omega reafirmou sua liderança, conquistada nos mais famosos Observatórios. Ultrapassando limites que nunca se imaginou fôssem alcançados por simples relógios de pulso, Omega vem de bater, pela segunda vez nos últimos 3 anos, em Genebra e Neuchâtel, todos os recordes de precisão dessa categoria.*

***Omega cronometrará as próximas Olimpíadas.*** *Tal é a confiança mundial em Omega, que já foi decidido: no México, em 1968, a cronometragem das Olimpíadas caberá a Omega, o que acontecerá pela 12.ª vez, desde 1932! Omega fabrica equipamentos eletrônicos e relógios de quartzo com a precisão de 1/1.000 de segundo.*

Ω *A Organização líder mundial na medição do tempo* OMEGA

**Assistência Técnica Omega:** São Paulo, Av. Paulista, 352 - 13.º • Rio de Janeiro, Av. Rio Branco, 99 - 7.º
Pôrto Alegre, R. Andradas, 1629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Omega.

# esteja você onde estiver

# sempre haverá por perto um Concessionário

**ULTRAGAZ**

somos 14.820 servindo 12.000.000

# ROTEIRO

Outro pianista, Dick Farney, levava o jazz às boates.

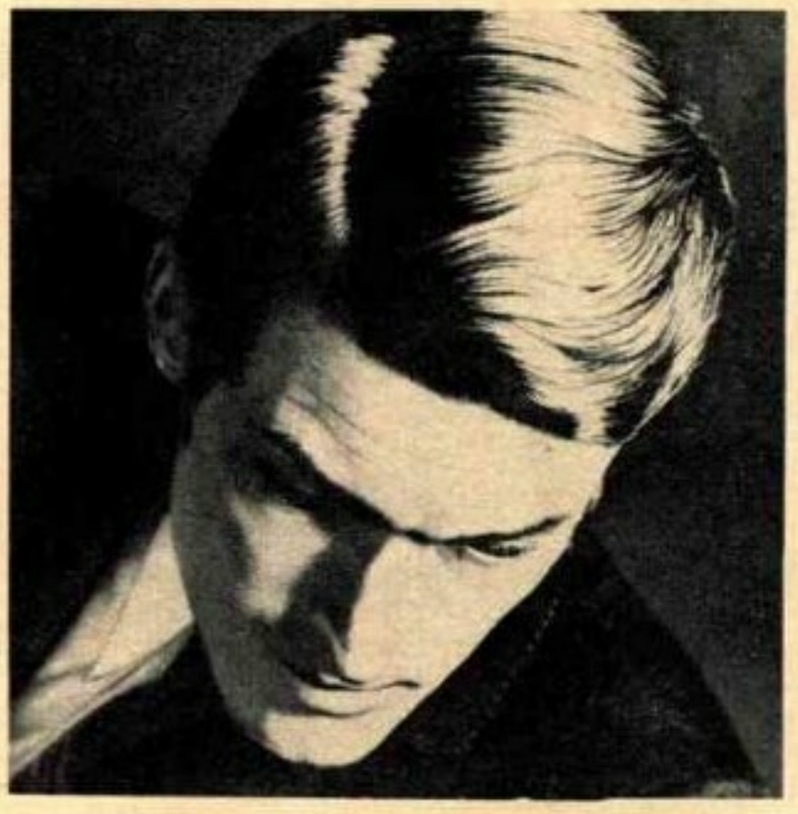
Em 1956, um francês apaixonado por Philippe Corcodel, descobria numa fazenda de café no Paraná um dos grandes saxofonistas americanos da década dos 30: Booker Pittman. Êle abandonara a música há muito tempo, mas Philippe o convenceu a voltar. Seu reaparecimento teve tanto êxito que as emissoras de tevê decidiram buscar outros grandes nomes, como Louis Armstrong, Woody Hermann, Nat "King" Cole, Benny Goodman, e cantoras como Ella Fitzgerald e Eartha Kitt. Foi então que surgiu Elvis Presley e o jazz saiu de cena.

Hoje, duas correntes tentam revivê-lo: 1 — os tradicionais para quem o jazz é o estilo desenvolvido entre 1910 e 1920, o chamado jazz de New Orleans (do sul dos Estados Unidos), e o Dixieland, quente e primitivo; 2 — e os modernos, adeptos da linha atual, requintada e de uma emotividade mais sutil, cujos expoentes americanos são Miles Davis, Bill Evans e o *Modern Jazz Quartet*, que se exibiu no Brasil em 1963.

O grupo *tradicional* é o que organiza *jam-sessions* duas vêzes por semana, às quartas e sextas, no bar e livraria "Ponto de Encontro", em São Paulo. Os *modernos*, por sua vez, têm um clube — o CAMJA, ou Clube dos Amigos do Jazz — em cuja sede, também em São Paulo, qualquer um dos 225 sócios-proprietários pode a qualquer hora sentar-se ao piano ou diante do vibrafone e tocar o que quiser, pelo tempo que agüentar. O CAMJA organiza conferências, exibe filmes, promove audições (em teatros) e pretende ir às universidades, explicando e tocando o *modern jazz*.

*Jazz: cada um toca como sente.*


# Melhor ter problemas com cabelos que não ter cabelo



Pantene ajuda você a resolver os três problemas fundamentais dos cabelos. Enquanto isso ainda é possível.

**Queda dos Cabelos.** Fazer nascer cabelo é coisa para mágico. Mas revigorar os cabelos e evitar sua queda é cientìficamente possível com Pantene. Isto, baseado na eficácia, clìnicamente provada, da substância vitamínica "Pantyl" (fabricação exclusiva de Roche), que entra em seu preparo.

**Caspa.** Pantene impede a formação da caspa no couro cabeludo e elimina as bactérias. Combatendo a causa pode, de fato, eliminar a caspa.

**Cabelos bonitos.** A água torna os cabelos opacos e frágeis. Uma boa fricção com Pantene, pela manhã, torna seus cabelos macios, sedosos, mais fortes, sempre a seu gôsto.

Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

***Impede a queda dos cabelos***
***Elimina a caspa***
***Mantém os cabelos bonitos***

**Loção Vitaminada**

PANTENE

**a proteção integral de seus cabelos**

# Publicidade

## Covarde é quem não lê

Em 1938, quando no Brasil ainda se dizia *reclame* em vez de *publicidade*, a editôra carioca Pongetti anunciou em grandes cartazes de rua a tradução do romance *E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell. Muita gente ficou escandalizada com a iniciativa, achando uma "indignidade" promover a venda de livros segundo as mesmas técnicas usadas pelos fabricantes de sabão de lavar roupa.

Trinta anos depois, quando os publicitários falam em *out-doors* e não mais em *cartazes de rua*, a editôra Nova Fronteira repete a ousadia para divulgar o lançamento do romance *O Triunfo*, do americano John Kenneth Galbraith. Ao mesmo tempo, pelo menos seis outras editôras compram espaço regularmente em jornais e revistas para anunciar seus produtos mais recentes. Uma delas — a Expressão e Cultura — tem uma verba mensal de 30 mil cruzeiros novos para gastar em propaganda.

A autobiografia de Charles Chaplin, lançada há quatro anos pela José Olympio, foi a primeira obra difundida maciçamente por uma campanha publicitária que incluiu anúncios de página inteira nos jornais. O sucesso da promoção fêz com que outros editôres se animassem a seguir o mesmo caminho, contratando os serviços de agências especializadas. Pesquisas de mercado, realizadas por essas agências, descobriram a existência de um público em condições de comprar livros, mas que habitualmente não o faz, por falta de motivação, ou seja, porque não se sente bastante estimulado para gastar com livros uma parte ao menos do que despende por mês em entradas de cinema.

Para conquistar êsses consumidores em potencial — cêrca de 10 milhões de pessoas, segundo as estimativas — as agências recomendaram aos editôres a utilização de todo o sistema de *media* (jornais, revistas, rádio, tevê e *out-doors*), pois as livrarias, sendo embora o lugar principal de venda do produto, são incapazes por seus próprios meios de atrair novos compradores na escala desejada pela indústria editorial.

Na linguagem dos publicitários, a livraria "tem marcantes características de passividade, como instrumento de vendas". Em primeiro lugar, porque há poucas: apenas umas cem em todo o Brasil, dedicadas exclusivamente à venda de livros, e, destas, mais da metade se encontra no Rio e em São Paulo. Em conseqüência, "o cidadão brasileiro, que já não tem muita inclinação para a leitura, passa meses sem ver um livro exposto, sem receber um apêlo. Quando pretende comprar um, diante das dificuldades, acaba afastando definitivamente o desejo", como diz um artigo publicado na revista *Marketing*, sôbre "Os Inimigos do Livro no Brasil".

Além disso, há o que o artigo chama de "sistema medieval de comercialização" adotado pelos revendedores. Num mundo em que se empregam todos os artifícios imagináveis para seduzir o comprador, "as livrarias e papelarias estacionaram nos métodos de venda clássicos". Por exemplo: "Uma livraria só promove uma liquidação quando os livros já estão tão velhos que só valem pelo seu pêso em papel".

A publicidade entra para compensar essas limitações. Ela trata o livro como um bem de consumo, sujeito, como todos os outros, às mesmas leis gerais do mercado. Um bem de consumo deve ser popular. Para popularizar o livro, "é necessário desdignificá-lo", como disse o psicólogo Ernest Dichter: "Devia-se permitir rasgá-lo para levar um capítulo no bôlso para ler no ônibus". Na opinião dêsse psicólogo, os livros tornam-se inacessíveis ao homem do povo quando "estão impregnados de dignidade". Sendo valiosos — raciocina êle — ficam psicològicamente superestimados, como num pedestal que tivesse o letreiro *não mexer*.

O cartaz de *O Triunfo* aproveita justamente êsse preconceito — às avessas. No alto, em tipos bem grandes, adverte: *Êste livro não pode ser lido!* Abaixo, em letras menores, acrescenta: *pelos que temem a verdade*. Dêsse modo, o apêlo do anúncio é um agressivo desafio que pode ser traduzido assim: "Se você não ler, você é um covarde". E, pelo visto, há poucos covardes no Brasil — *O Triunfo* tornou-se um *best-seller*, um sucesso de vendas.

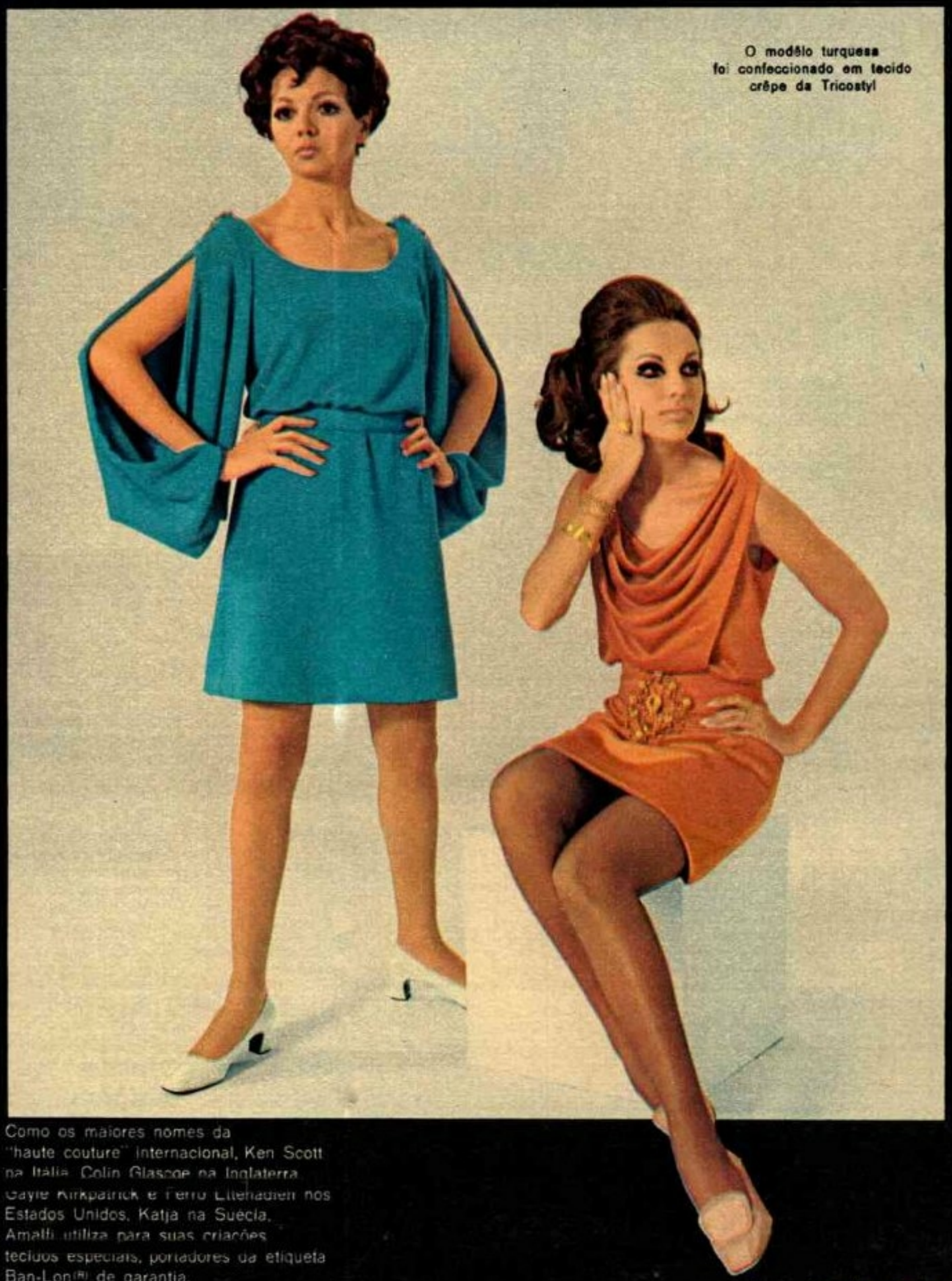
A timidez, porém, ainda não desapareceu totalmente do espírito dos editôres. A maioria tende ainda a encarar a publicidade "como despesa, e não como investimento", conforme o artigo de *Marketing*. Só se aventuram na divulgação em larga escala quando se trata de obras de autores estrangeiros, que alcançaram êxito nos Estados Unidos ou na Europa. Então, a publicidade em tôrno de seu lançamento entre nós parte já com meio caminho andado, pelo qual os editôres nem precisaram pagar: os próprios veículos de comunicação noticiaram e comentaram o sucesso do livro em outros países. Foi o que se deu, por exemplo, com *O Desafio Americano*, de Jean-Jacques Servain-Schreiber, ou com os romances da série *James Bond*. E foi o mesmo mecanismo que sustentou, indiretamente, a publicidade e as vendas dos livros sôbre o Vietnam ou o conflito no Oriente Médio.

A política de anúncios das editôras preocupa-se menos com os aspectos literários do livro do que com uma série de outros fatôres *adjacentes*: a publicidade nem sempre explora os méritos da obra, mas o renome do autor ou a atualidade do assunto. É o caso mesmo de *O Triunfo*. Como romance, é apenas regular. Quem o escreveu, porém, é um famoso economista e diplomata.

Diz um estudo da agência J.M.M. de Publicidade: "Ao vender um maço de cigarros, uma geladeira ou um automóvel, seu fabricante vende também, e *conscientemente*, uma série de valôres e significados psicológicos que ultrapassam a utilidade do produto. Também cabe, pois, ao editor, incorporar ao livro todos êsses valôres subconscientes que constituem, em nossa sociedade, motivações tão ou mais poderosas quanto o próprio conteúdo do livro".

É o que as editôras brasileiras estão começando a fazer.

*Livro se vende como sabonete.*



O modêlo turquesa foi confeccionado em tecido crêpe da Tricostyl

AMALFI,
O COSTUREIRO
DA "LINHA PURA"
APRESENTA
DOIS MODÊLOS
DA SUA
COLEÇÃO
BAN-LON(R)
PARA O
VERÃO DE 1968

Como os maiores nomes da "haute couture" internacional, Ken Scott na Itália, Colin Glascoe na Inglaterra, Gayle Kirkpatrick e Ferro Ellehauken nos Estados Unidos, Katja na Suécia, Amalfi utiliza para suas criações tecidos especiais, portadores da etiqueta Ban-Lon(R) de garantia.
Também nos modêlos "prêt-à-porter", ou em tecidos, é importante exigir a etiqueta Ban-Lon(R). Só são autorizados a ostentá-la os artigos no rigoroso contrôle de qualidade Ban-Lon(R) – uma série de testes severos e extensos, abrangendo desde o fio até o acabamento final. (É por isso que tão poucos confeccionistas são autorizados a usar a etiqueta Ban-Lon(R).) Lembre-se: só dizer que é Ban-Lon não vale. O QUE VALE É A ETIQUETA BAN-LON(R).

# A MULHER, AMALFI e BAN-LON(R)

k.s.b propaganda

# ROTEIRO

## Indicações

### Livros

#### O que há com o Brasil?

Quando o ex-ministro Celso Furtado lançou em São Paulo **Um Projeto para o Brasil** (Editôra Saga), mais de seiscentos exemplares foram vendidos em apenas três horas. Uma semana depois, a edição estava esgotada. Êsse mérito não é exclusivo de Furtado: entre os livros mais procurados nos últimos meses, cêrca de um têrço trata de assuntos econômicos e políticos. Segundo o editor José Fernando de Barros Martins (Livraria Martins Editôra), êsse é um fenômeno normal: "Havendo crise, aumenta imediatamente o consumo de livros, seja por necessidade de fuga, seja por necessidade de informação".

Informação é o que não falta nas obras lançadas sôbre a questão do desenvolvimento. **Um Projeto para o Brasil** resume o problema a uma atitude de otimismo e coragem: "Só o debate" — escreve Celso Furtado — "poderá abrir caminho à imaginação política e criar condições para a mobilização da opinião pública, sem o que dificilmente se poderá superar a barreira de obstáculos que se antepõe ao desenvolvimento do País". Que obstáculos são êsses? Baixa capacidade de consumo, estrutura agrária superada, dificuldades de exportação para a indústria nacional e falta de investimentos na área da ciência e da técnica.

Alguns dêsses fatôres reaparecem em outro estudo, **Desenvolvimento e Crise no Brasil** (Zahar Editôres), de Luiz Carlos Bresser Pereira. Baseado em amplo material de pesquisa e dados estatísticos, Bresser Pereira vê o Brasil diante de um impasse: "A crise, que inicialmente parecia passageira, revelou-se persistente. As soluções alternativas foram-se tornando cada vez menos satisfatórias". Assim, enquanto Celso Furtado deixa entrever algum otimismo com relação a nosso futuro, Bresser Pereira acha que "hoje o Brasil é um país dividido e sem horizontes", num estágio que torna quase impossível a retomada do processo de desenvolvimento.

Para julgar quem tem razão, é necessário que o leitor recorra à história. Neste setor, acaba de ser publicada uma excelente coletânea — **Brasil em Perspectiva** (Difusão Européia do Livro) — que reúne ensaios de treze jovens professôres universitários. É uma obra clara e coerente, onde a diversidade dos temas e o grande número de autores são uma vantagem para a orientação do leitor, mesmo leigo.

Essa também é a vantagem de **Brasil: Tempos Modernos** (Editôra Paz e Terra), coleção de artigos que pretende oferecer uma visão integrada dos nossos problemas atuais. Os diversos autores (Celso Furtado, Florestan Fernandes, Otto Maria Carpeaux, Jean-Claude Bernadet e Antônio Callado, entre outros) falam do Brasil de hoje, abordando, cada um, temas específicos — do papel do Estado ao comportamento da classe empresarial, das relações raciais à função das universidades, dos rumos da nossa literatura ao sentido do cinema nacional. Os ensaios apareceram em francês, numa edição especial sôbre o Brasil da revista **Les Temps Modernes.**

CARLOS DE QUEIROZ TELLES

### Discos

#### Ironia, ironia

**Tropicália ou Panis et Circensis** (Philips) é o disco mais importante lançado êste ano no Brasil. Em tôdas as faixas, mostra que em matéria de música, letra, mensagem, arranjos e originalidade, o grupo **tropicalista** está à frente de todos os outros compositores brasileiros. É o resultado de muita pesquisa e de muita coragem, começadas há um ano com **Domingo no Parque** e **Alegria, Alegria,** quando Gilberto Gil, Caetano Veloso e o maestro arranjador Rogério Duprat fizeram uma nova proposta para a música popular brasileira: usar todos os sons e instrumentos — do atabaque à guitarra elétrica — e tôdas as formas possíveis de narrativa, desde que produzissem bom efeito musical e boa comunicação.

Além disso, o grupo se preocupou com o conteúdo das canções. A maneira de ver o Brasil "como êle é e não como os outros querem que êle seja" valeu-lhe o nome **tropicalista,** para o qual não há definição exata. Talvez a mais próxima seja: valorizar tudo o que se tem no Brasil e, ao mesmo tempo, ridicularizar coisas, tradições e costumes, a fim de construir outra mentalidade. Nas músicas de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Torquato Neto, Capinam e Tomzé há sempre uma ironia quando cantam nossos "céus de anil", nossas cascatas, nossas relíquias e as "pessoas da sala de jantar". Às vêzes, a ironia atinge tôda uma época, simbolizada por uma canção antiga: é o que acontece quando Veloso canta bonito e muito sério o **Coração Materno,** de Vicente Celestino.

Mas um bom disco não se faz só com boas intenções. O mérito dos **tropicalistas** foi o de produzirem composições lindas e arranjos ousados, com excelentes interpretações, incluindo a de Nara Leão (convidada especial) e a de Os Mutantes, o trio que veio provar que muita coisa se salva no ié-ié-ié brasileiro. Em seu primeiro LP, agora lançado (Philips) Os Mutantes mostram-se também capazes de tocar e cantar **Maria Fulô,** do folclore brasileiro, tão bem como **Batmacumba,** dos **tropicalistas,** como **Once was a time I thought,** balada americana, ou **Le premier bonheur du jour,** de Françoise Hardy.

DIRCEU SOARES

### Cinema

#### O bom, o belo e o brilho

1) Francisco Ramalho Jr., brasileiro de trinta anos, vive entre a euforia e a preocupação. Fêz um ótimo filme — **Anuska, Manequim e Mulher** — mas não sabe se vai recuperar os 150 milhões que a realização custou. Desenvolvendo um conto de Ignacio de Loyola, de quem o cinema já adaptou **Bebei, Garôta Propaganda**, Ramalho escolhe personagens típicos, que são modelos gerais: há tôda uma geração vivendo o mesmo destino do jornalista Bernardo (Francisco Cuoco, em excelente estréia cinematográfica), que troca os sonhos de juventude pelo mundo fascinante, porém dúbio, em que flutua Anuska (Marília Branco, uma Brigitte menos selvagem mas não menos encantadora), sempre indecisa entre o amor e a carreira. O rei da alta moda (Ivan Mesquita) diz que "os jovens podem brincar, porque o mundo continua nosso". E as noites mal dormidas do industrial (Luís Sérgio Person) beiram mais o grotesco que o próprio tédio. Ramalho conserva o espírito do documentarista que já foi, ao mostrar como os problemas de cada um e os da sociedade se fundem dentro da moderna metrópole industrial — no caso, São Paulo. No seu respeito pela inteligência do público, o filme tem um padrão de seriedade e de qualidade poucas vêzes alcançado no Brasil.

2) John Huston, americano de 62 anos, é um exemplo das difíceis relações entre a velha Hollywood e o talento individual. Da rebeldia à concessão, sua carreira de quase duas dezenas de filmes passou por muitas fases. Agora, em **Os Pecados de Todos Nós** ("Reflections in a Golden Eye") êle volta a ser um criador inspirado e vigoroso dentro da nova Hollywood que, movida pela competição, se mostra cada vez mais livre e desbocada: dez anos atrás, êste filme não poderia ser feito nos Estados Unidos. O romance da escritora Carson Mc Cullers (inédito no Brasil) tornou-se uma fita bela e estranha, plena de argúcia e de magia. Na lenta investigação de um crime ocorrido numa vila militar, aparecem personagens de todo tipo — dos puros aos mórbidos — e todos os graus de comportamento — do amor ingênuo à violência explosiva. Apesar dos personagens bem delineados, não é fácil ao público atravessar o labirinto onde as pistas são menos evidentes do que parecem. Marlon Brando e Elizabeth Taylor, sem comprometerem seus papéis, não são os intérpretes ideais para êste filme, às vêzes maçante, às vêzes fora de época, mas que de imbecil só tem o título em português.

3) Claude Lelouch, francês de trinta anos, é o mais jovem milionário do cinema europeu. **Viver por Viver** ("Vivre pour Vivre") bate os recordes de bilheteria conseguidos por seu filme anterior, **Um Homem, Uma Mulher,** e reafirma seu modo de encarar o cinema: fazer filmes para sentir e não para pensar. "Evidentemente" — diz Lelouch — "eu poderia contar minha história de amor sem apelar para o Vietnam. Acho, porém, que hoje não se tem o direito de ficar inconsciente do que se passa ao longe. A felicidade só existe por comparação". **Viver por Viver** — feito com a mesma equipe, inclusive a música de Francis Lai, que já domina as paradas de sucesso — traz Yves Montand como um repórter de tevê, que, embora casado, não deixa de ter "casos" em todos os lugares onde a profissão o leva. O lugar, aqui, é o Vietnam. Candice Bergen é a americana por quem se apaixona entre uma reportagem e outra. Separa-se da própria mulher (Annie Girardot), mas depois procura reconciliar-se. É por muitos caminhos — Ásia, África, Europa e América — que Lelouch alcança sua única tese: quem ama perdoa. Os atôres são melhores que os personagens, a direção é melhor que o argumento. A fórmula romântica do filme e suas imagens, que brilham em fogos de artifício, podem seduzir à primeira vista. Quando passa o deslumbramento, nada resta. Nem para sentir, nem para pensar.

MAURÍCIO RITTNER

### Teatro

#### O poder da fôrça

"O artista negro precisa ensinar aos olhos brancos as suas mortes", escreveu Le Roi Jones, o americano extremista autor de **O Poder Negro** (Teatro Oficina, São Paulo). Num vagão de metrô, que roda sem fim nos subterrâneos de Nova York, um negro e uma branca se conhecem. Êle (Antônio Pitanga) é Clay, môço bem comportado que lê poesia; ela (Itala Nandi) é Lula, a prostituta que tenta seduzi-lo e, por fim, o assassina. É tese de Le Roi Jones: a integração pacífica é impossível; o negro deve responder com violência à falsa sedução dos brancos. Caso contrário, morrerá assassinado.

Encenado com sucesso nos Estados Unidos e em vários países da Europa, **O Poder Negro** é uma apologia da violência. Exprime o destino pessoal do autor que, aos 34 anos, depois de se divorciar da mulher (branca), trocou seu apartamento de classe média por um cortiço no bairro negro e se entregou à agitação. Recusou-se a lutar no Vietnam e foi prêso por porte de armas. O juiz que o condenou disse acreditar que êle era doente, capaz até de incendiar uma cidade — se pudesse.

FERNANDO PRATES

# Se nenhuma dessas cadeiras e poltronas lhe agrada, talvez o que v. precise mesmo é de um divã. O do analista.

Divã, aliás, que Forma também tem. Mas nosso pensamento é o de que cadeiras e poltronas devem ser mais do que cadeiras e poltronas. Devem ser peças de escultura. Olhe os nomes dos "designers" que criam para Forma. Eles pensam em dar conforto ao seu corpo - e alegria aos seus olhos.

Harry Bertoia

Charles Pollock

Vincent Cafiero

Harry Bertoia

Eero Saarinen

Eero Saarinen

Mies van der Rohe

Eero Saarinen

Mies van der Rohe

Mies van der Rohe

Mies van der Rohe

forma

KNOLL INTERNATIONAL

são paulo: av. paulista, 1754 - 1º sobreloja - tel. 31 0259 / rua augusta, 2399 - tel. 80 8983 - cx. postal 6510 rio de janeiro: representações milner ltda. - av. churchill, 129 3º - gp. 302 - tel. 22 4125 brasília: rocha miranda, dubugras & mendonça ltda. - edifício central - sala 802 - SCS - tel. 2 3548 belo horizonte: rua tamóios, 200 - 6º - tel. 4 3977 belém: casabella ltda. - av. gov. josé malcher, 1693 - tel. 95 48 blumenau: rabe s. a. - rua xv de novembro, 550 - 15º - tel. 19 65 pôrto alegre: heuser & cia. ltda. - praça dom feliciano, 25 - tel. 4 0006 salvador: a suprema móveis s. a. - av. 7, 58 - tel. 3 3180 aracajú: manoel aguiar meneses s. a. - rua joão pessoa, 267 - tel. 27 02 goiânia: taba móveis arquitetura interiores ltda. - rua 23 esq. rua 4 - tel. 2 1275

# ÊSTE HOMEM É O PRESIDENTE DO CHILE

Texto de Luiz Fernando Mercadante
Fotos de Jorge Butsuem
Enviados especiais

As mãos afundadas nos bolsos, o chapéu sôbre a cabeça, o rosto comprido, entre sereno e enérgico, os passos largos e rápidos, um homem caminha quase despercebido pelas ruas centrais de Santiago. A um amigo que o saúda, diz simplesmente:

— Vou ao dentista.

E segue apressado na tarde fria da capital chilena, em meio da multidão, atravessando a rua entre os carros parados num cruzamento.

Em meia hora estará de volta, rumo ao seu gabinete de trabalho. Gostaria de entrar numa livraria para examinar os últimos lançamentos ou até de procurar por um bom charuto numa tabacaria. Mas há muita gente e muitos compromissos à sua espera. Êle é um homem ocupado, muito ocupado. Êle é o presidente do Chile, Eduardo Frei Montalva.

## Esquerdista ou direitista?

A 4 de setembro, data em que Eduardo Frei chega ao Brasil para uma visita oficial de doze dias, se estão completando exatamente quatro anos desde sua eleição, quando recebeu a maior votação já atribuída a um candidato presidencial no Chile: 1,4 milhão sôbre 2,5 milhões de votos, cêrca de 60 por cento, maioria tão singular no seu país quanto o foi aqui a obtida por Jânio Quadros.

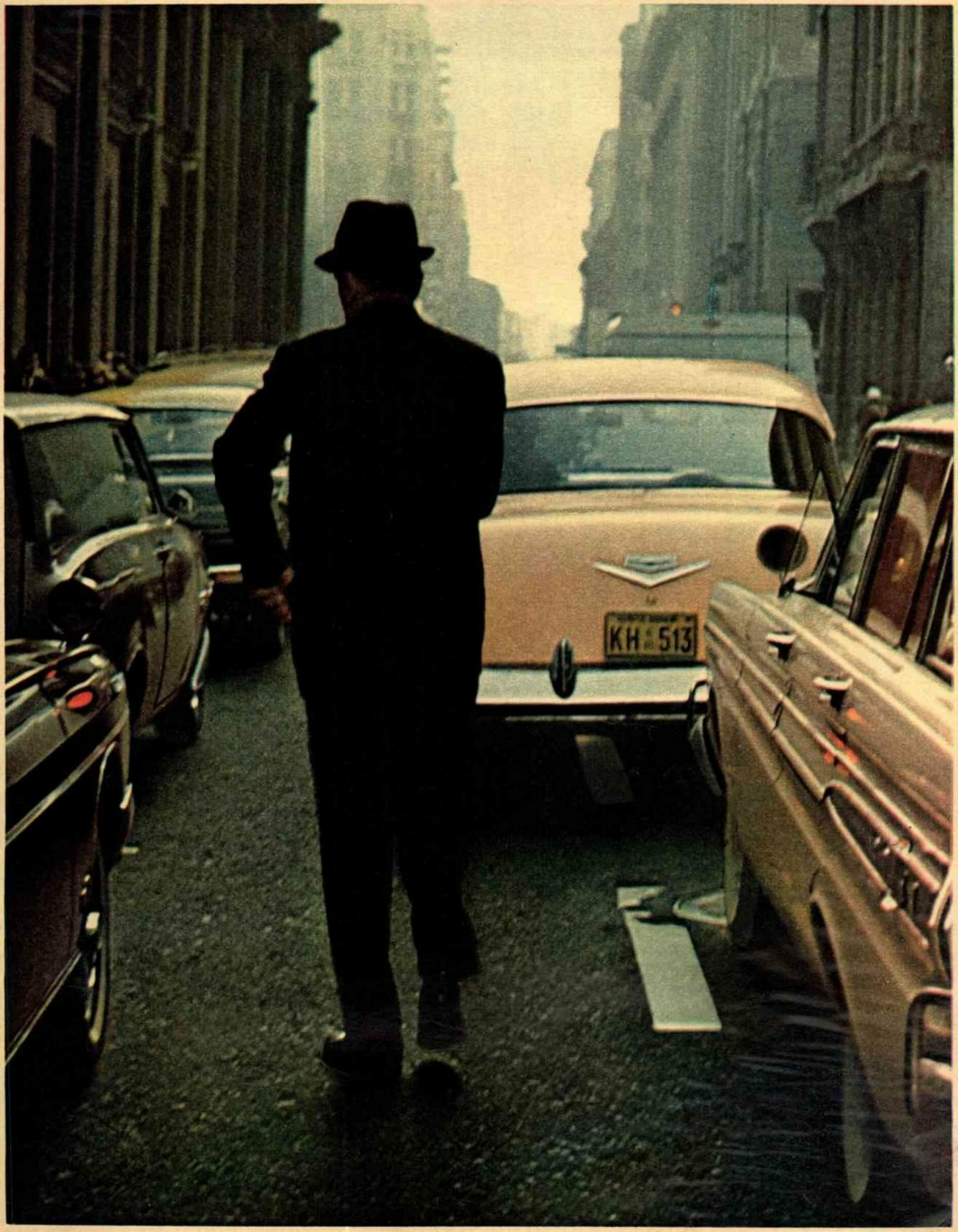
Eleito pelo jovem Partido Democrata Cristão, pregando uma revolução com liberdade; prometendo profundas reformas econômicas, sociais e políticas; e falando uma linguagem nova e ousada, Frei era apontado como perigoso esquerdista pelos direitistas e como direitista disfarçado pelos esquerdistas radicais, o que não o impediu de conquistar em todo o continente uma onda de simpática expectativa em relação ao seu govêrno.

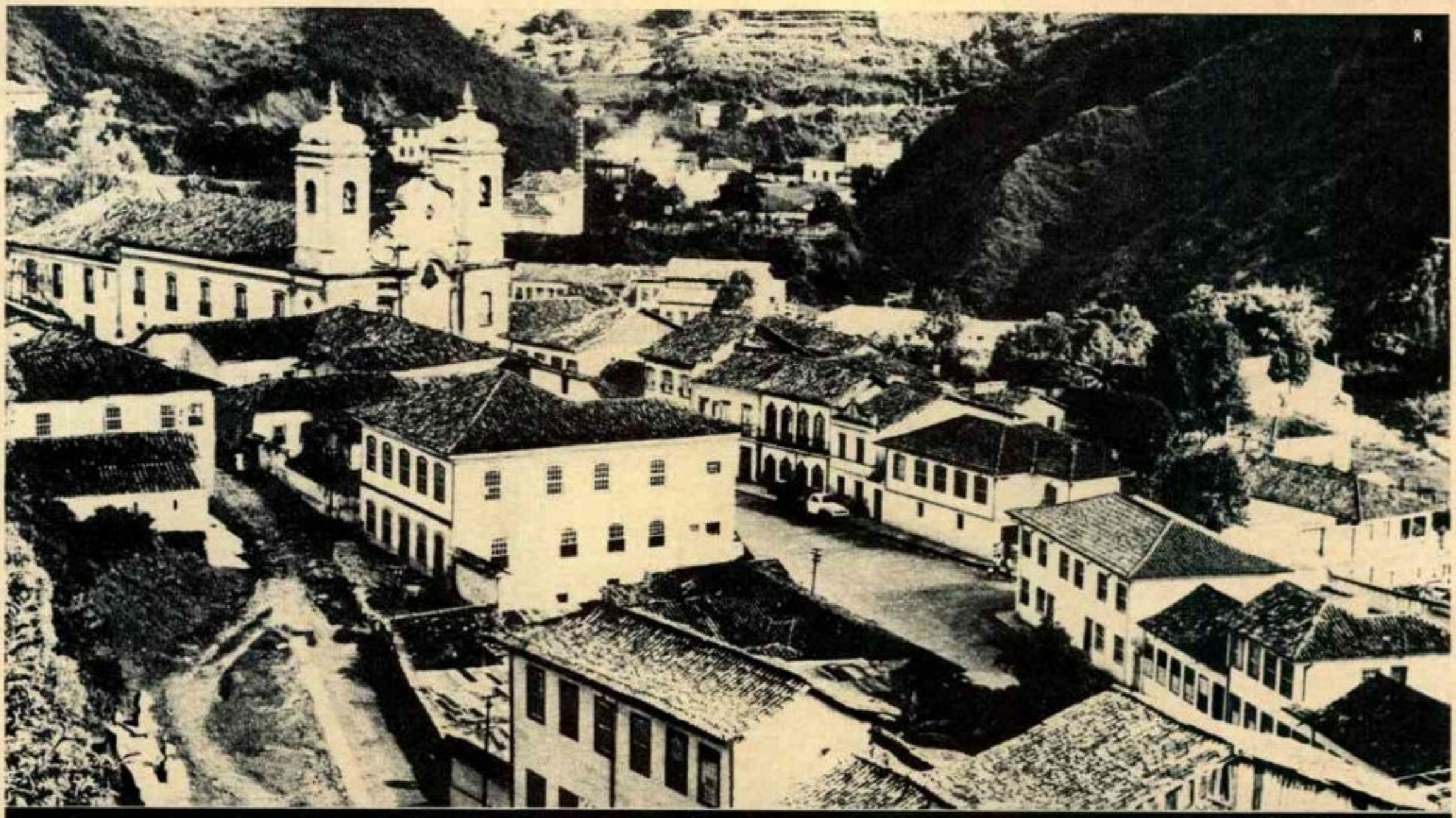
Atravessando já o final do quarto dos seis anos do seu mandato, ainda acusado ora de esquerdista, ora de direitista, Frei hoje é um homem que, seguramente, conseguiu menos do que desejava, realizou quase tudo quanto pôde e espera fazer mais. Uma coisa, porém, está certa: êle iniciou um ordenado processo de reformas e mudanças estruturais, de que é exemplo a reforma agrária, que ninguém poderá deter.

Poucos em seus país, ou em qualquer país latino-americano, se terão preparado tão cuidadosamente para isso. Frei se preparou.

## Hora de brincar, brincar

Gabriela Mistral, a poetisa do Chile (Prêmio Nobel de Literatura em 1945), deixou esta frase:


KH 513



Ouro Prêto, vista parcial

# Casario velho. Desconfortável.

## (mas não tente, por favor, modernizá-lo.)

É uma das mais belas paisagens do país. Precisa ser preservada e defendida. Nós, que estamos ajudando a construir o nôvo Brasil, não desejamos que o desenvolvimento se faça às custas do acêrvo histórico e arquitetônico. Se você souber que as "picaretas do progresso" ameaçam alguma edificação igualmente velha e desconfortável, porém de significação estética ou histórica, previna o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (rua da Imprensa 16, Rio de Janeiro): talvez você esteja contribuindo para salvá-la, através do tombamento.

**FRANKI** fundações ▪ infra - estruturas

**Estacas Franki Ltda.** Rio de Janeiro - São Paulo - Pôrto Alegre - Curitiba - Belo Horizonte - Brasília - Salvador Recife - Vitória - Belém - Goiânia e Juiz de Fora.

# Fêz reforma agrária que a oposição elogia

**FREI**
CONTINUAÇÃO

— Algum dia, Frei será presidente do Chile, mas eu estarei morta; neste dia, darei voltas em meu túmulo para aplaudi-lo.

O ardente voto da poetisa era a expressão da sua confiança na sólida cultura, no espírito agudo e na formação democrática de Eduardo Frei, advogado, professor, jornalista, sociólogo, político e estudioso, metade intelectual, metade homem de ação.

Primeiro dos três filhos de uma família de classe média — o pai era emigrante suíço —, Frei nasceu em Santiago a 16 de janeiro de 1911 e viveu pràticamente tôda a sua meninice no interior, em Lontué, onde o pai fazia a contabilidade dos vinhedos da região. Fêz o curso primário na modesta escola rural do povoado, dividido entre as artes de garôto e os estudos. Arturo, seu irmão, assegura que Eduardo era capaz de estudar muito, sem esquecer de brincar, e de brincar bastante, sem esquecer de estudar.

— E até de fazer as duas coisas ao mesmo tempo...

Era o primeiro da classe. Mas não era um chato.

## Esqueceram de avisar os chilenos

O menino de cinqüenta anos passados — Frei tem hoje 57 anos — renasce vez ou outra no presidente, quando êle ri seu riso alto e franco, ou ao sair com uma tirada alegre. Para o fotógrafo que se limitava a observá-lo na escuridão da pista do aeroporto de Los Cerrillos, Santiago, disse num cumprimento:

— Então, veio de tão longe e esqueceu o *flash*?

E riu seu riso sonoro e aberto.

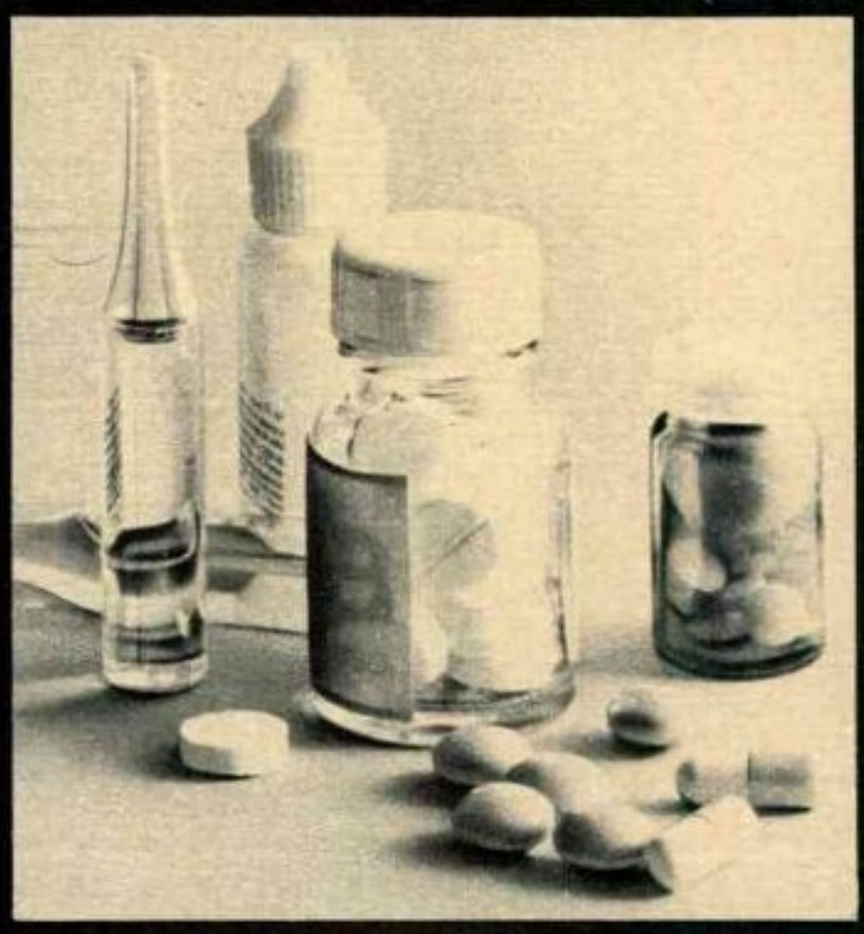
Assim é o homem que governa um corajoso país que se estende como uma faixa de norte a sul, desde os desertos nos seus limites com Peru e Bolívia até entrar pelas geleiras da Terra do Fogo, espremida entre a cordilheira dos Andes e o oceano Pacífico. Sua superfície continental é de aproximadamente 742 000 quilômetros quadrados, algo como São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul juntos, ou como a França e mais dois terços da Inglaterra, o que lhe dá a oitava área nacional na América Latina. Seus 4 200

SEGUE

**Um homem de 57 anos, 1 metro e 85, 80 quilos, quase sempre apressado.**

# Quanto você gasta por mês com o seu sono?

Comprimidos, cigarro, cafèzinho, cigarro, pilhas de revistas, ar refrigerado, cigarro, ventilador, cigarro. . . Digamos que você não precise de nada disto para dormir bem.
Digamos que você seja dessas pessoas que tiram o máximo proveito das suas horas de descanso.
Neste caso, nós não temos muita coisa a lhe dizer.
Você já sabe — por experiência própria — que sòmente um colchão com maciez cientificamente dosada permite um repouso absoluto. Inclusive naquela posição anatômicamente correta.
Você também já sabe — é claro — que sòmente um colchão com a "estrutura interna indeform" possui maciez cientificamente dosada.
E nós nem precisaremos lhe dizer que essa "estrutura interna indeform" é uma exclusividade mundial de Anatom.
Mas digamos que você seja daquele outro tipo de pessoas.
Aquelas que só dormem com o auxílio de comprimidos, de cigarros, de revistas, de comprimidos, de cigarros, de revistas, de . . .
Bem, a êsse segundo grupo de pessoas nós queremos fazer uma proposta: — quer trocar a sua insônia por um colchão Anatom?



Anatom

**NO RIO - CENTRO:** Ed. Avenida Central - 1.º sobreloja, 214
**COPACABANA:** Av. Copacabana, 646 - sobreloja
**Em NITERÓI:** Rua da Conceição, 37 - sobreloja
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. **52-6464,** até 22 horas
**Em SÃO PAULO:** Av. São Luís, 153 - Galeria Metrópole - 3.º sobreloja
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. **36-6700,** até 22 horas
**Em VITÓRIA:** Rua Nestor Gomes, 281 - tel. **3-3716**
**Em RECIFE:** Rua da Concórdia, 153 - sala 601 - tel. **40-094**
**Em BELO HORIZONTE:** Av. Augusto de Lima, 233 - sobreloja, 47 - tel. **22-2626**
**Em JUIZ DE FORA:** Rua Halfeld, 654 - sobreloja, 103 - tel. **3681**

mpm propaganda

# Não quer o socialismo nem o capitalismo

**FREI** CONTINUAÇÃO

quilômetros de comprimento (mais comprido que o Brasil) abrem-se numa largura média de 147 quilômetros, castigados, volta e meia, por terremotos, maremotos, sêcas ou temporais. É possível que ali não fôsse o lugar ideal para se edificar uma nação. Mas esqueceram de dizer isso ao chileno. E o chileno a construiu.

Ali vivem quase 10 milhões de habitantes, a sexta população latino-americana, que extrai o cobre e o salitre, no norte; planta, cria gado e produz um dos melhores vinhos do mundo, no centro; e pesca num mar rico em peixes, crustáceos e mariscos, no sul, também agrícola e com área de criação de gado. Ali vive um povo que, especialmente desde 1940, tem motivos para esperar os benefícios do desenvolvimento industrial.

## Respeito pela pessoa humana

Para governar os chilenos, Frei, segundo suas próprias palavras, não propôs para o país "nem um caminho socialista, nem um caminho capitalista, mas um que surgia da nossa realidade e do nosso ser nacional, no qual predomina o Estado como gestor do bem comum, da solidariedade nacional, de respeito pela pessoa humana".

E essa realidade apresenta mais de 70 por cento dos recursos de inversão nacional em mãos do Estado, assim como a metade da despesa total do país, o contrôle direto sôbre a metade do crédito, com um firme contrôle indireto sôbre grande parte do saldo e o contrôle total das operações de comércio exterior. As ferrovias, a eletricidade, as linhas aéreas e o petróleo estão nas mãos do Estado, que, ainda, intervém em setores como o de aço, cobre, petroquímica, açúcar, comercialização agrícola e outros.

Esta é a máquina que Frei dirige, com um espírito de trabalho a que se acostumou muito cedo: ainda estava no ginásio e já dava aulas particulares para ajudar o custeio dos seus estudos, quando a doença e a morte de seu pai passaram-lhe a responsabilidade de manter a família. Dava, então, cinco ou seis horas de aulas diárias, continuava os estudos e ainda encontrava tempo para ler.

Vivia muito perto da modéstia e até da pobreza nos seus tempos de estudante. E não está muito longe delas, ainda hoje. De seu, tem a casa em que mora com a família e um Renault. E, é claro, ganharia com sua banca de advogado mais que os quase 1 000 dólares (pouco mais de 3 000 cruzeiros novos) que a Presidência lhe dá, em vencimentos e verba de representação.

## A oposição e o relógio perdido

Desde seus tempos de estudante de direito na Universidade Católica, sua vida está marcada por um profundo interêsse pelos problemas sociais. Já fazia conferências — uma série sôbre os precursores do social-cristianismo —, organizava debates e, para se licenciar, apresentou uma tese intitulada "O Regime do Assalariado e sua Possível Abolição", o que, em 1933, cheirava a heresia, com suas idéias de co-propriedade e de co-gestão.

Formado, começou a dirigir um jornal diário no interior. Mas, três anos depois, voltou à capital, onde se dedicou à advocacia, deu aulas de Direito do Trabalho na Universidade Católica, fêz política e escreveu livros que falam pelos seus títulos: *A Política e o Espírito, Partidos Políticos Chilenos, Pensamento e Ação, Sentido e Forma de uma Política, A Verdade tem sua Hora*. Êste último, há pouco, foi muito falado pelos jornais da oposição, pois Frei regressou de uma excursão pelo norte sem o seu relógio, perdido em meio a manifestações populares. Durante três dias, a imprensa oposicionista perguntou "como a verdade tinha sua hora, se o presidente não tinha mais relógio?" Depois de três dias, o relógio foi devolvido...

## No centro do poder, o PDC

É claro que êste homem sério e estudioso não chegou à Presidência do país por um passe de mágica, nem sua carreira política foi feita só de vitórias. No começo, enfrentou obstáculos: seus primeiros contatos com os trabalhadores de salitre, há mais de trinta anos, foram marcados por vaias, e as primeiras candidaturas, a deputado e à Presidência, encontraram a derrota. Em 1958, candidato a presidente, não passou dos 100 000 votos.

Mas, com luta persistente, conseguiu tudo quanto se pode conseguir em política: foi deputado, senador, ministro e é presidente. Formou-se na militância, desde seus tempos de Ação Católica, seu ingresso em outros partidos políticos, até a fundação do Partido Democrata Cristão, que começou pequeno e hoje conta com 82 dos 147 deputados e um têrço dos 45 senadores. Êstes parlamentares democratas-cristãos ocupam, nas duas casas do Congresso, o centro do plenário, tendo à direita seus colegas dos partidos Nacional (direitista) e Radical (uma espécie de PSP), e à esquerda os representantes dos partidos Comunista e Socialista.

Às vésperas das eleições parlamentares do próximo ano e já perto do pleito presidencial de setembro de 1970, o Chile começa a viver mais um ciclo eleitoral, com seus debates e suas pregações. As direitas marcham naturalmente para a candidatura Alessandri, ex-presidente e filho de um ex-presidente, êle próprio um personagem fechado e misterioso, expressão da oligarquia, do latifúndio e do conservadorismo. Enquanto isso, as esquerdas estão se partindo e quebrando a velha Frente Revolucionária de Ação Popular: os socialistas já se cindiram — um grupo com Allende, candidato histórico, presidente do Senado, temperamento vibrante e ação coerente; outro grupo com Ampuero, intransigente. Comunistas e radicais reatam um namôro que já custou muitos desenganos aos primeiros, no ano passado. E os democratas-cristãos, fracionados em três grupos — os oficialistas, com o Govêrno; os terceiristas, no centro; e os rebeldes, mais próximos de Fidel Castro que de Frei. Ainda assim a candidatura de Radomiro Tomic — ex-embaixador nos Estados Unidos e velho amigo de Frei — surge como preferencial entre os democratas-cristãos, contando com vastos setores oficialistas e terceiristas.

Nas eleições parlamentares, o Govêrno não deve sofrer desgastes graves e a luta pela Presidência ainda é uma incógnita. Mas quarenta anos de democracia ininterrupta, com eleições sempre normais, dão ao Chile uma grande margem de segurança a favor da continuidade democrática.

## Não é um paraíso, mas dá o que pensar

Com mais dois anos de mandato pela frente, porém, não é a sucessão que preocupa Frei a esta altura, mas o cumprimento de seu programa de govêrno, que pretende dinamizar as 25 províncias (estados), onde intendentes por êle nomeados são a autoridade máxima, expressão viva do sistema unitário que coloca nas mãos do presidente tôda a vida nacional.

E Frei tem metas ousadas em todos os setores, desde o aumento geral da produção até a solução dos problemas de habitação, educação, saúde, sindicalização, formação profissional e propriedade da terra, onde uma boa lei, segundo seus próprios adversários, abre uma porta de esperança para as 320 000 famílias chilenas que não têm nenhuma terra ou têm terra insuficiente.

Não é nenhum paraíso o Chile, cuja taxa anual de crescimento da produção, depois de sair do tradicional 3,5% e alcançar 5 e 6,6% em 1965 e 1966, caiu para as antigas marcas no ano passado, e onde a inflação, êste ano, já alcança os 21,9% de 1967, ainda com uma agravante: alguns bolsões de desemprêgo desenham um quadro pouco consolador. Nem é um jardim de paz. Há menos de um mês, em três dias seguidos, houve choques da polícia com estudantes, operários e camponeses. Mas o país tem também outra face: índices de alfabetização, escolarização e matrícula universitária que fazem inveja à grande maioria dos países latino-americanos, inclusive o Brasil; estabilidade institucional, que levou para Santiago a sede de numerosas organizações internacionais e das Nações Unidas; nível geral de vida entre os melhores da América Latina.

SEGUE

# Preocupa-se com a união dos latino-americanos

Se se perguntar ao Presidente Frei as razões da crise econômica que marcou o ano passado e que entrou por êste ano, êle dirá que "o aumento brusco da capacidade de compra da grande massa, devido aos reajustes, esgotou ràpidamente a capacidade de produção de diversas indústrias; que a sêca afetou diferentes áreas agrícolas de produção; que diminuíram as exportações de salitre, ferro e iôdo, em função do mercado internacional, que escapam ao contrôle do Govêrno; e que as greves em diversas indústrias causaram grave dano ao país e aos trabalhadores".

É um homem preocupado e atento, êste Eduardo Frei que se vê saindo pelas 10 da noite do Palacio de la Moneda, depois de um dia de trabalho. Talvez êle esteja pensando na pergunta que fêz em carta a quatro grandes economistas — Prebisch, Mayobre, Herrera e Santamaría — sôbre o destino da América Latina:

— Podemos continuar tratando de organizar o desenvolvimento de nossas economias em compartimentos estanques, condenando nosso continente a uma deterioração cada vez mais marcada, sem organizar um esfôrço coletivo entre povos afins, indissolùvelmente unidos pela geografia e pela cultura, frente a vários outros conglomerados que multiplicam seu progresso precisamente por seu espírito unitário?

**Entre o trabalho e a família gasta quase todo seu tempo. Mas nunca esquece a sesta e o chá.**

## Um carro japonês para Frei

Às 9 da manhã, a casa número 683 da Rua Hildenburg, bairro de Bilbao, Santiago, é uma casa como outra qualquer num bairro assim como Perdizes, São Paulo, ou Botafogo, Rio. Dois *carabineros* (polícia militar), um em cada esquina, se distraem com o trânsito. Em um carro estacionado a uns 30 metros, cinco agentes aguardam Frei para acompanhá-lo até o Palácio.

Mas o presidente ainda demora. Há cinco minutos chegou o carro que o serve habitualmente: um Nissan Presidente, japonês, marrom metálico, com chapa particular. Um empregado logo veio pedir ao motorista para que comprasse pão. E lá foi o motorista buscar o pão para o café, enquanto um periquito gritava na garagem.

**FREI**
CONTINUAÇÃO ;ÃO

No interior do sobrado, uma casa com 13 metros de frente, Frei está reunido com alguns auxiliares imediatos desde as 8. Já leu os jornais da manhã e fêz algumas chamadas telefônicas. Minutos antes de sair, todo um dispositivo de segurança começa a funcionar e o trânsito à sua passagem se abrirá como por encanto. Mas êle detesta os dispositivos de segurança e, vez por outra, os dribla e caminha a pé, ou guia, êle mesmo, seu Renault.

Se fôsse um domingo, talvez jogasse uma boa partida de gôlfe. Mas é hora de trabalhar e êle sai rápido, tomando lugar ao lado do motorista e até dispensando que lhe abram a porta. O carro dos agentes segue-o de perto. Não há sirenas, nem nada. Mesmo assim, há quem o reconheça e acene para êle. Não é difícil reconhecê-lo, com o seu grande nariz, que faz a vida fácil para os caricaturistas.

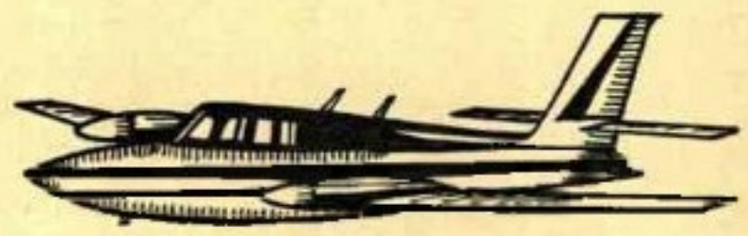
Geralmente entra e sai do la Moneda por uma porta lateral, discretamente. La Moneda reúne a Presidência, o Ministério do Interior — tão importante, que o ministro do Interior é o substituto eventual do presidente — e o Ministério do Exterior. Velha construção em colonial espanhol, é cinzenta por fora, como quase todo o centro de Santiago, e branca por dentro. Está entre duas praças e tem uma passagem central aberta ao povo, que a usa para atravessar de uma praça a outra. Sua guarda está confiada aos *carabineros*, uma das mais eficientes polícias fardadas do mundo, a quem quase todos, pelas costas, chamam de *pacos*, e que tem, ao mesmo tempo, uma sensacional banda de música e um não menos sensacional grupo móvel, especialista em acabar com manifestações proibidas.

## No lugar do discurso. conferência

Em seu gabinete de trabalho, aí está Eduardo Frei. De um lado de sua mesa, uma vasta bateria de telefones que usa sempre; do outro, a bandeira do Chile. A um canto, uma mesa menor, para escrever. Um retrato a óleo de Bernardo O'Higgins, herói da Independência e primeiro che-

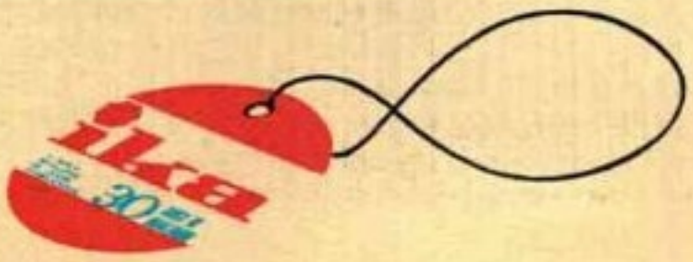
SEGUE

# Você pode ser um dêsses homens voadores com suas maletas maravilhosas



As maletas da linha Executiva da IKA foram feitas para homens dinâmicos. A sóbria elegância de seu desenho se completa na côr. Leves e seguras, são maletas de personalidade marcante. E a IKA tem 5 anos de experiência (Patente n.º 0445) na fabricação de maletas executivas. Com as maletas da linha Executiva você anda em evidência.

Detalhes que você deve observar: fechaduras de funcionamento impecável e canaletas com encaixe perfeito, assegurando total vedação - luxuosa forração de grande durabilidade - casco absolutamente indeformável e inquebrável. Note bem: tôda mala IKA tem a marca gravada na fechadura.




À venda nas 3.500 melhores casas do ramo no país

IKA — a mala brasileira de de classe internacional

ika

IKA — IRMÃOS KNOPFHOLZ S.A. IND. E COM.

Ràpidamente, sem qualquer dor ou esfôrço, e sem instrumentos, V. pode remover de vez os calos que tanto o atormentam. Bastam três gôtas de Gets-It. Calicida altamente concentrado, Gets-It age em profundidade, extraindo os calos pela raiz, ao fim de poucas aplicações.

USE

GETS-IT

EM TODAS AS LIVRARIAS

DUAS EDIÇÕES ESGOTADAS EM 10 DIAS

N.º 1 NCr$ 7,00

UMA VISÃO NOVA DE UMA VELHA HISTÓRIA

N.º 2 NCr$ 7,00

EDITÔRA SAGA

Rua Sacadura Cabral, 81 - Grupos 503/4 -Tel. 23-6249
Caixa Postal, 4345 - ZC-05 End. Teleg.: SAGALIVRO Rio - GB

Enviem pelo Correio (c/ 10% de desconto) ou por REEMBOLSO POSTAL (s/ desconto) os livros de n.ºs ☐ ☐
NOME .....
ENDERÊÇO .....
CIDADE E ESTADO .....
☐ Reembolso Simples ☐ Correio Simples ☐ Correio Aéreo
☐ Reembolso Aéreo Anexo cheque visado págavel no Rio

Guia Propaganda




# Descansa dando setenta telefonemas por dia

fe supremo do país, sôbre uma lareira de mármore branco; um conjunto estofado, uma pequena vitrina com documentos históricos, lustres de cristal, e é tudo. Sua figura se impõe na vastidão da sala. Agora, Frei está escrevendo com o mesmo cuidado que põe em tôdas as coisas.

Para êle, a clareza intelectual, o rigor e a precisão do conceito são mais que um dom natural, são uma necessidade que êle exercita e experimenta a cada instante. É um apaixonado pela exatidão e só o seu transparente calor humano o salva da frieza.

Os homens que trabalham a seu lado não brincam em serviço. Frei é implacável ao exigir clareza. Como orador, inovou em sua terra; desdenhou a linha de tribuno popular e impôs-se com uma linguagem de conferencista, professor e estadista. É possível que o povo não grite de entusiasmo ao ouvi-lo. Mas será difícil não o escutar com atenção.

## Os sete filhos e João XXIII

Nos fins de semana, em Viña del Mar, num velho palácio debruçado sôbre o Pacífico, palácio que alguns teimam em chamar de luxuoso, dizem que Frei descansa: sabe-se que lá, cada dia, dá mais de setenta telefonemas, lê muito e escreve. Entretanto, é em Viña que brinca com os netos, seis ao todo, o maior com quatro anos. Às quartas, em Santiago, costuma reunir a família no jantar, quatro filhas e três filhos. Uma das filhas e dois filhos são solteiros. Em uma visita que fêz a João XXIII, quando contou que tinha sete filhos, o papa ergueu as mãos para o céu exclamando:

— Quanto lhe custará encher a panela!

Sua mulher, Dona Maria, que o acompanhará ao Brasil, acha que para conhecer seu marido é preciso examinar sua biblioteca, onde estão reunidos todos os clássicos gregos, ao lado de livros de economia, sociologia, política, filosofia histórica e religião, numerosas reproduções de quadros, obras sôbre o Renascimento Italiano e o Século de Ouro Espanhol, sem falar dos romancistas e contistas da Europa e da América. É Frei quem conta:

— Uma vez, num museu da Itália, eu ia com alguns amigos e comecei a dar explicações sôbre os quadros que víamos. Começou a juntar gente, que nos foi seguindo de sala em sala. No final, queriam pagar-me, acreditando que eu era guia do museu...

## Hoje, a cordilheira está nua

Com seus 2,5 milhões de habitantes, Santiago, como tôda a zona central do Chile, atravessa agora a maior sêca dos últimos cem anos. A ausência de neve na cordilheira que a cerca, costumeiramente branca nesta época, deixa-a como nua para os moradores da capital. Todos falam da ausência da neve.

Santiago não é uma síntese do Chile, tão diverso em suas regiões. Mas é bem uma das boas coisas que os chilenos criaram, com o seu centro recortado como um tabuleiro de xadrez; o rio Mapocho correndo dèbilmente; os bairros se abrindo em grandes avenidas e ruas largas, tanto os bairros ricos, quanto os médios e populares; e as árvores, nas ruas e nos vastos jardins, esperando a primavera e o verde.

O *santiaguino* se diz triste, mas parece alegre. O comércio abre às 10 e fecha às 7 da noite. Às 5, o chá é uma obrigação, com frutas e sanduíches. E o Colo-Colo — Corinthians ou Flamengo de lá — faz sua imensa torcida sofrer com suas derrotas. De noite, volta e meia, se ouve música brasileira, mas o forte é o *a-go-go*. Carne de vaca só de sexta a domingo, racionada. Mas o frango é livre.

Hoje é quarta-feira. Frei jantará com a família, e o prato forte é frango, que a lei é para todos. Conversará sôbre sua viagem ao Brasil, país que conhece só de passagem e do qual fala com admiração.

É possível que, quando estiver por aqui, êle se desembarace dos guardas de proteção e num intervalo do programa oficial saia pelas ruas simplesmente, como costuma fazer em seu país.

Se isto acontecer e o saudarem, estejam certos, êle abrirá um sorriso e dirá bem alto:

— *Gran Brasil!*

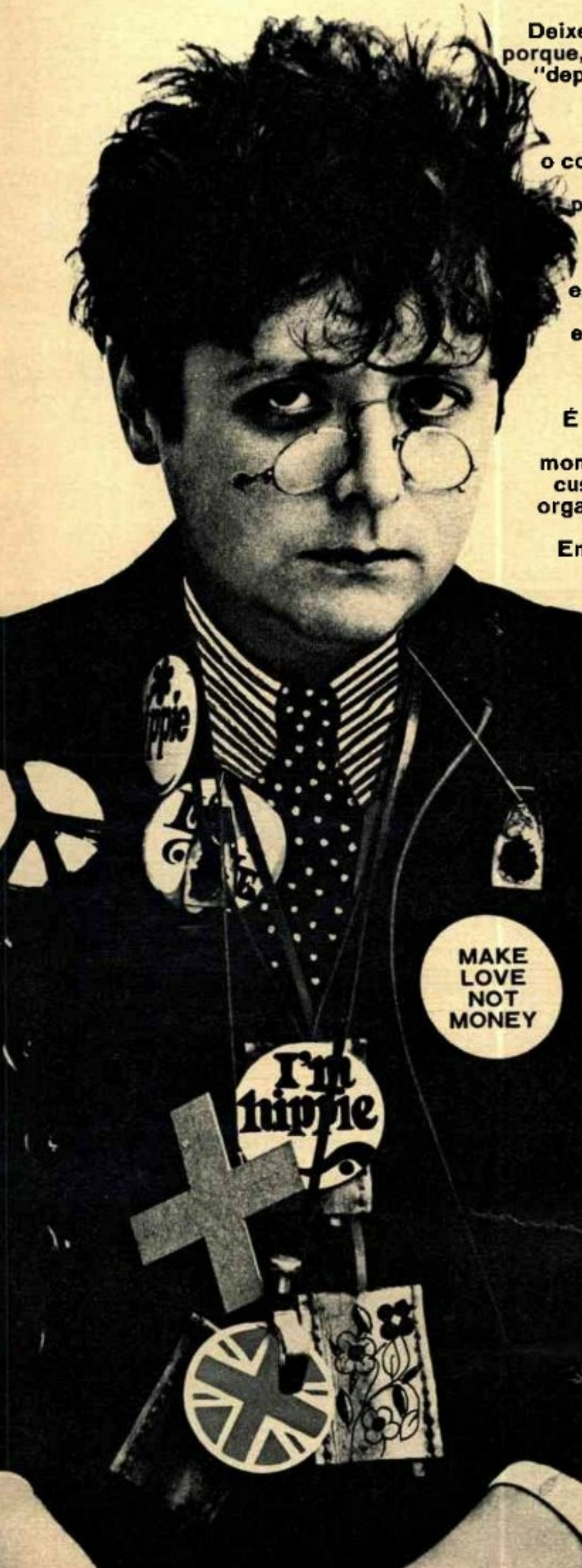
Será verdade dizer-lhe, em trôco:

— *Gran Chile!*

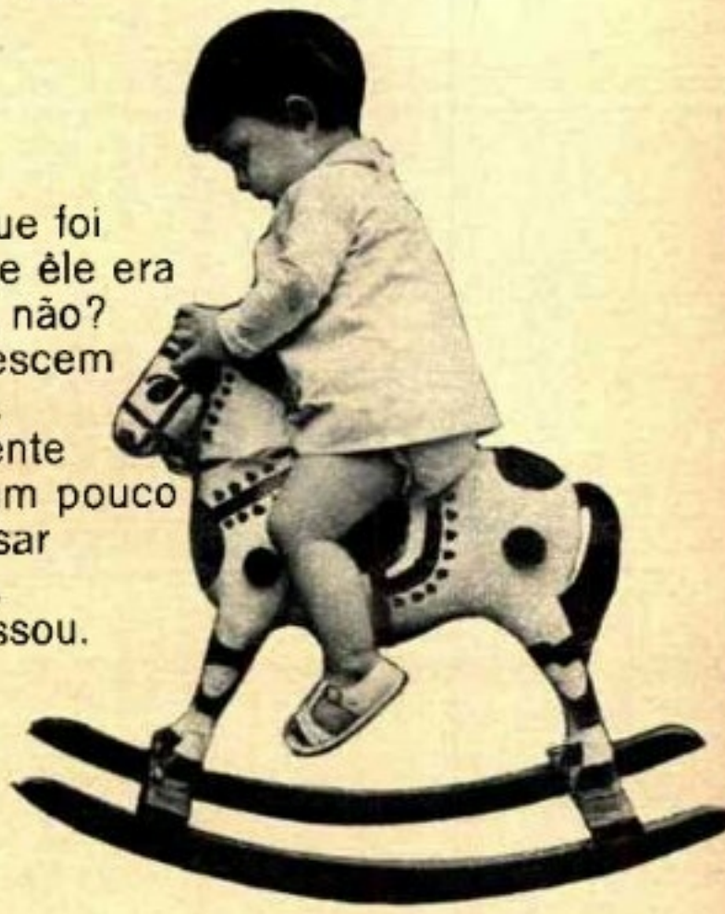
FIM

# Pense no futuro de seu filho.

## É provável que êle próprio nunca pense.

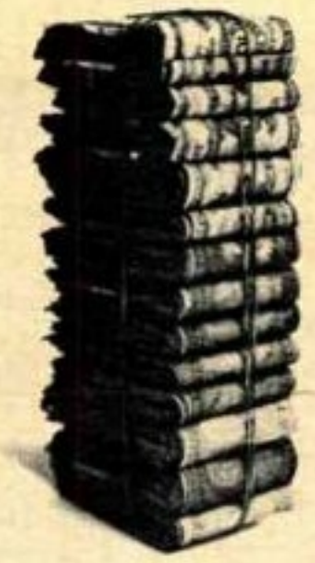



**Deixe seu filho viver bem êstes anos, porque, como dizia um velho professor, "depois da formatura a vida é dura". Comece a preparar, desde já, o seu futuro. Se você fizer um investimento agora, o começo da carreira do rapaz será menos árdua. Êle terá dinheiro para instalar o consultório ou um escritório, e aguentar-se sem preocupações enquanto forma uma clientela. Para isso, existe a Safra. Você pode aplicar em Letras de Câmbio Safra, em letras imobiliárias, em ações, em obrigações reajustáveis, ou fazer depósitos a prazo fixo com correção monetária. É dinheiro que você emprega com endereço certo. Com correção monetária e acima dos aumentos de custo de vida. E garantido por uma organização financeira com mais de 100 anos de experiência. Em um século, já ajudamos muitos jovens a começar bem sua vida.**



Parece que foi ontem que êle era um bebê, não? Como crescem depressa. E se a gente demora um pouco para pensar no futuro, êle já passou.

## Quanto custa criar um filho? E êle, sabe disso?

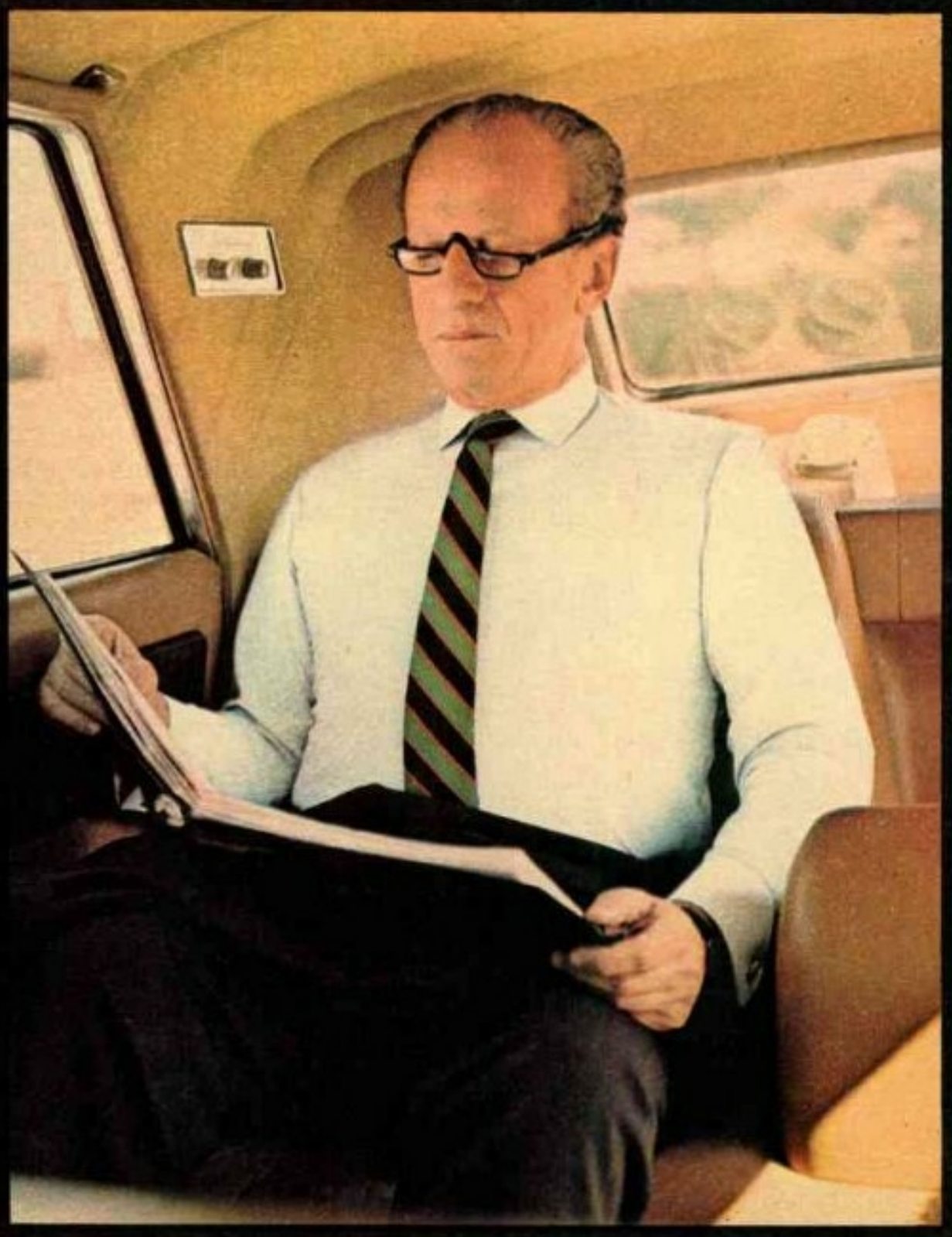


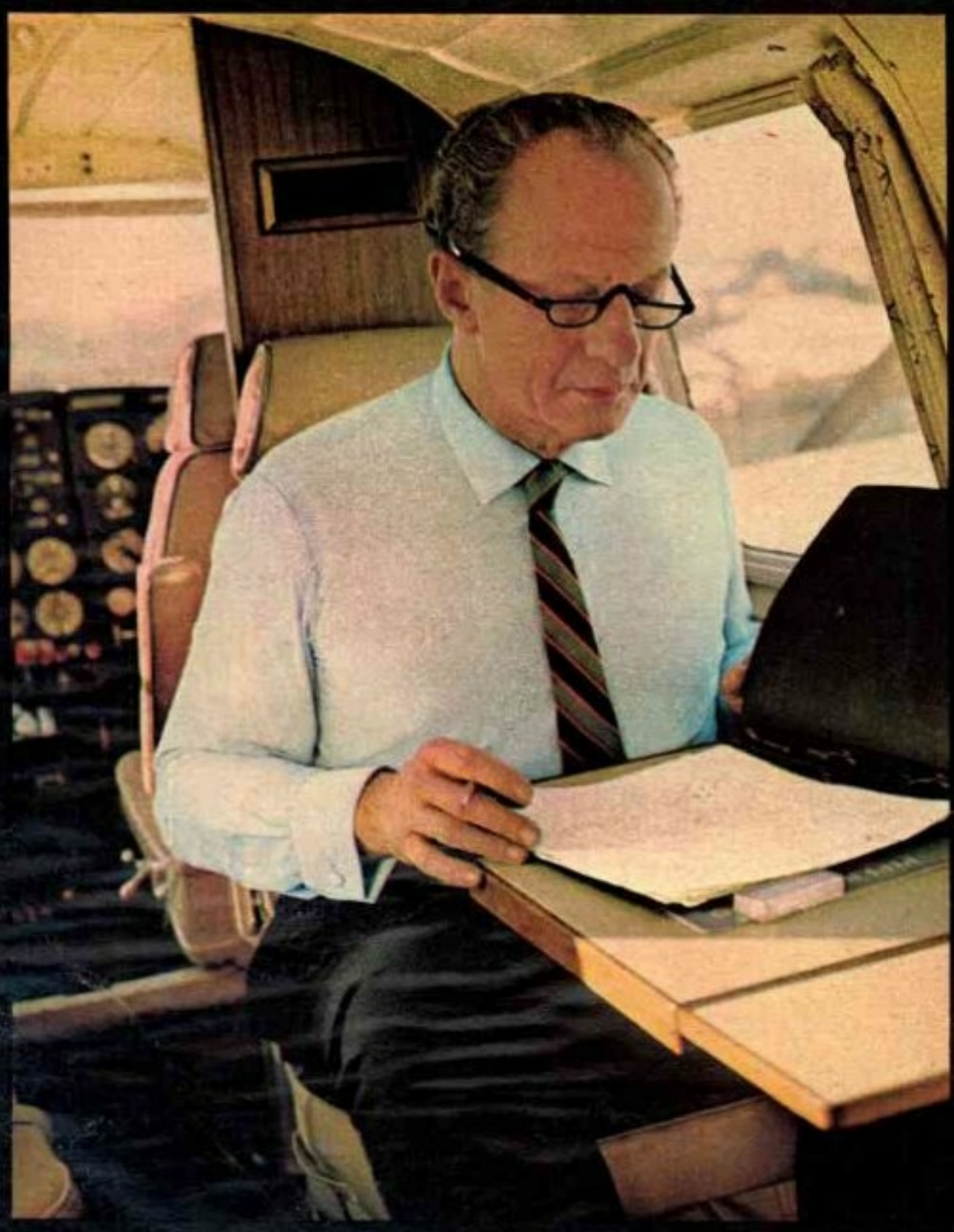
Se V. começar a ensinar ao seu filho, desde hoje, a ter senso de responsabilidade com respeito a dinheiro, êle já começará a vida com uma das noções mais úteis para o sucesso.

# Letras de Câmbio Safra

Tradição Secular de Segurança

São Paulo: Rua XV de Novembro, 212
Telefone: 239 - 2833
Capital e Reservas do Banco Safra de Desenvolvimento: NCr$ 8.490.155,53





# Esta camisa foi inspirada em algumas pessoas que detestam gastar dinheiro à toa: J. Paul Getty, Rockefeller, Tio Patinhas.

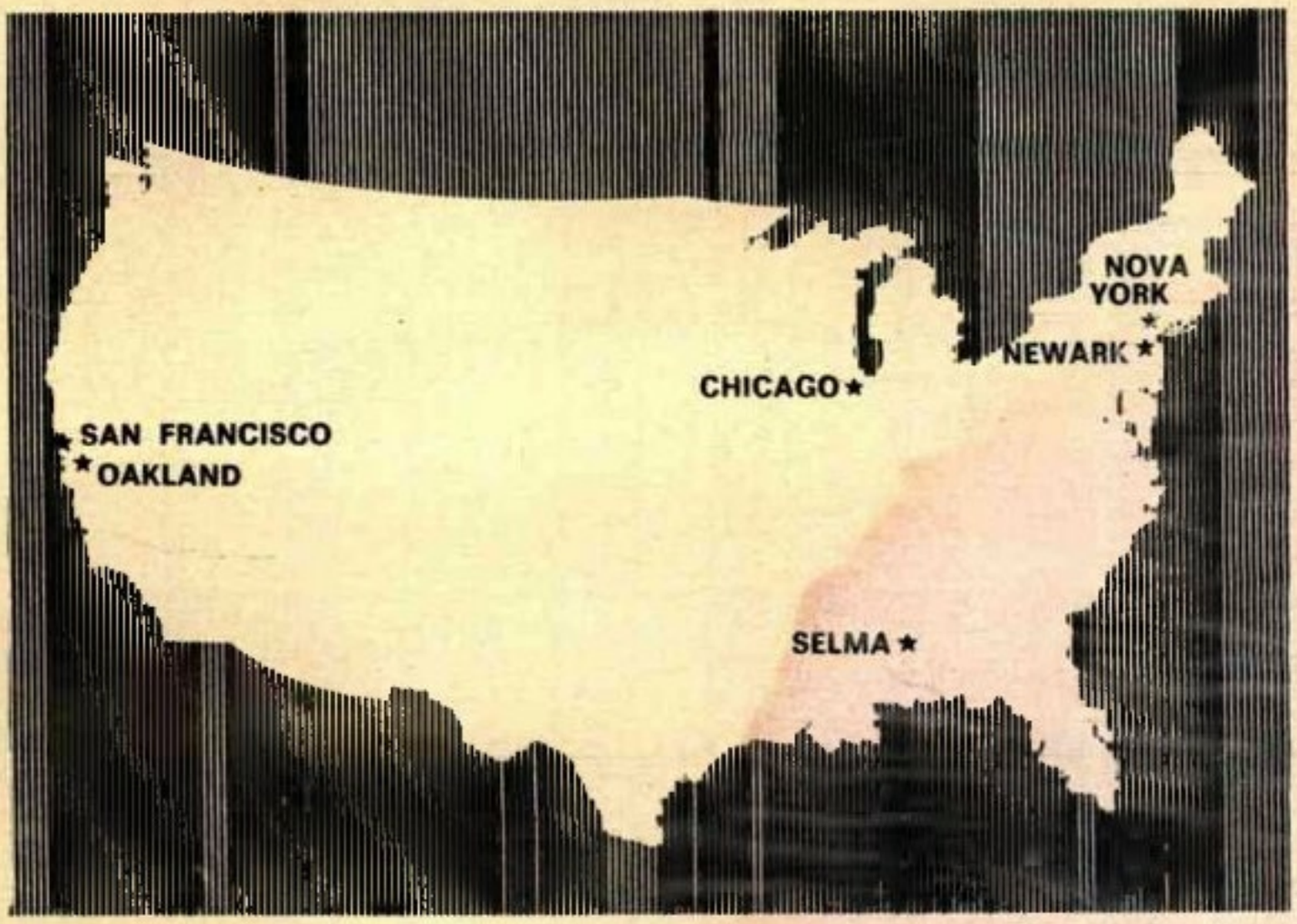
Valisère Tergal.
Camisa inacreditável.
Você lava-e-veste, lava-e-veste, lava-e-veste.
É tão boa, tão bem feita, tão bem acabada, que você vai achar o preço inacreditável.
Mas acredite.
Foi acreditando nas coisas impossíveis que J. Paul Getty, Rockefeller e o Tio Patinhas ficaram milionários.

Valisère

TERGAL®

# UM MÊS ENTRE OS PRÊTOS

Os Estados Unidos, onde o povo alcançou o mais alto nível de vida e a democracia é o exercício legítimo de uma conquista, têm problemas tão grandes quanto suas qualidades. Um dêles — possìvelmente o seu maior problema interno — é a discriminação racial, amplamente usado, inclusive, na propaganda anti-americana. Desde Lincoln, quase todos os governos colocam em seu programa soluções para amenizar e extinguir o problema. Alguns dêsses governos, em especial nos últimos vinte anos, se têm empenhado profundamente em assegurar aos negros a igualdade que a lei lhes garante. Todos se lembram de John Meredith, um jovem negro que durante o Govêrno Kennedy mobilizou 30 mil homens de tropas federais na defesa de seu direito de freqüentar a Universidade. E é recente, na administração Johnson, a nomeação de um juiz negro para a Suprema Côrte, fato inédito na história americana. Uma reportagem sôbre a discriminação racial não é uma reportagem sôbre a sociedade americana. É um corte, onde se toma e examina um grave problema. Nas vésperas de nova eleição presidencial, é de esperar que o candidato vitorioso nas urnas prossiga, com igual ou maior empenho, o esfôrço dos governos anteriores para atenuar e eliminar a segregação. REALIDADE sabe que isso não é possível a curto prazo, e que não são fáceis os caminhos para chegar a uma solução definitiva. Mas REALIDADE também sabe que não é escondendo o problema que seus leitores formarão uma opinião correta sôbre êle. E ninguém condenará a nação americana nem o seu povo, diante da crueza com que a questão é apresentada. O que se condenará sempre é a resistência de setores à integração racial, um sonho de muitos anos, um sonho dos tempos de Lincoln. Sonho e problema que três repórteres de REALIDADE conheceram de perto, vivendo um mês nos Estados Unidos, entre os prêtos. É o que está contado nas páginas seguintes.



FREE
HUEY!
PANTHER
POWER
BLACK PANTHER
PARTY

# PODER PARA O POVO PRÊTO

**Nossos repórteres José Carlos Marão, Sérgio de Souza e George Love conseguiram entrar nas duas principais organizações do Black Power, as mais fechadas, participaram de reuniões secretas, assistiram a aulas e cursos de educação política, karatê, tiro ao alvo. E viram que a mensagem dessas organizações está chegando aos guetos, onde vive a grande maioria dos 22 milhões de prêtos americanos. Essa mensagem é**

— O homem branco é um porco!

Num comício em Oakland, Califórnia, um homem prêto grita isso para a multidão de 2 mil pessoas.

— Prêto é bonito!

Nas ruas das grandes cidades, muitos prêtos, homens e mulheres, usam distintivos enormes onde esta frase está escrita.

— Matem os porcos!

Os prêtos gritam, sempre que a polícia se aproxima de qualquer de suas manifestações de rua.

Uma mistura de violência e orgulho racial se está espalhando pelos guetos urbanos dos Estados Unidos. A idéia de não-violência ficou enfraquecida com a morte de Martin Luther King, e as organizações de prêtos que estão crescendo agora são aquelas que falam em armas e mantêm cursos de tiro ao alvo, autodefesa, política e karatê.

A difícil solução para os problemas que o racismo produziu está criando uma situação em que tudo parece possível.

## Um julgamento importante

Um parque, domingo, 3 horas da tarde, verão de 1968. Na capota de um caminhão vermelho, um microfone e seis homens sentados, quatro prêtos. Há umas 2 mil pessoas aglomeradas na frente do caminhão, a maioria sentada na grama. Surpreendentemente, há muitos brancos também. Surpreendente, porque estamos no gueto e porque o que está acontecendo neste parque de Oakland, cidade da Califórnia, é uma manifestação promovida pelo Black Panther Party, o Partido Pantera Preta. É um **rally**, um comício em praça pública.

Os brancos são estudantes de Berkeley, universidade considerada "subversiva", ou então **hippies**, vindos de San Francisco. São todos jovens. Em compensação, vêem-se prêtos de tôdas as idades — desde nenês nos colos das mães ou nos carrinhos, até guris de cinco, seis anos. Desde garôtas adolescentes até idosas senhoras gordas. Os rapazes entre 17 e 25 anos são maioria, mas há velhos de cabelos brancos.

Vai começar o comício. O primeiro orador é um estudante, branco. Aproxima-se do microfone e olha para a pequena multidão batida pelo sol quente da tarde. Êle está ao lado dos prêtos. Há de tudo e tudo é muito estranho. Tem-se a impressão de um estúdio de cinema onde se prepara a tomada de uma superprodução. Há roupas de todos os tipos, mas o que mais chama a atenção são os homens metidos em japonas de couro, pretas, calças e botas, pretas, e boina, preta. Na boina, ou no peito, trazem os botões que estão em moda, em todo o mundo. Só que êstes botões não levam piadinhas, nem dizem "Façam amor, não guerra". Êstes botões têm inscrições assim: "Black Panther Party" (Partido Pantera Preta), "Black Power" (Poder Prêto), "Free Huey Newton" (Liberdade para Huey Newton). Um dêles, no peito de um prêto alto e atlético, dizia simplesmente: "I am" (Eu sou). Mas os botões são as coisas menos agressivas no espetáculo que vai desenrolar-se num clima de tensão, que parece repercutir em cada quarteirão que rodeia êste parque.

Sôbre o caminhão vermelho desfilarão violentos oradores, que terão a audácia de se referir ao Presidente dos Estados Unidos como "um porco". O caminhão está cercado por um cinturão de homens de japona de couro. Outro grupo de "panteras" movimenta-se no meio do povo, carregando o **walkie-talkie**, o rádio transmissor-receptor — é o grupo da segurança. Em vários cantos surgem faixas exigindo: "Soltem Huey Newton".

Huey Newton é um jovem de 26 anos, prêto, fundador e hoje "ministro da Defesa" do Partido Pantera Preta. Está prêso e sendo julgado em Oakland. Pode ser condenado à câmara de gás, pois matou um policial e feriu outro, em outubro do ano passado. Seus advogados, e o povo que está aqui, dizem que êle matou para não morrer.

— Huey tem que ser libertado já!

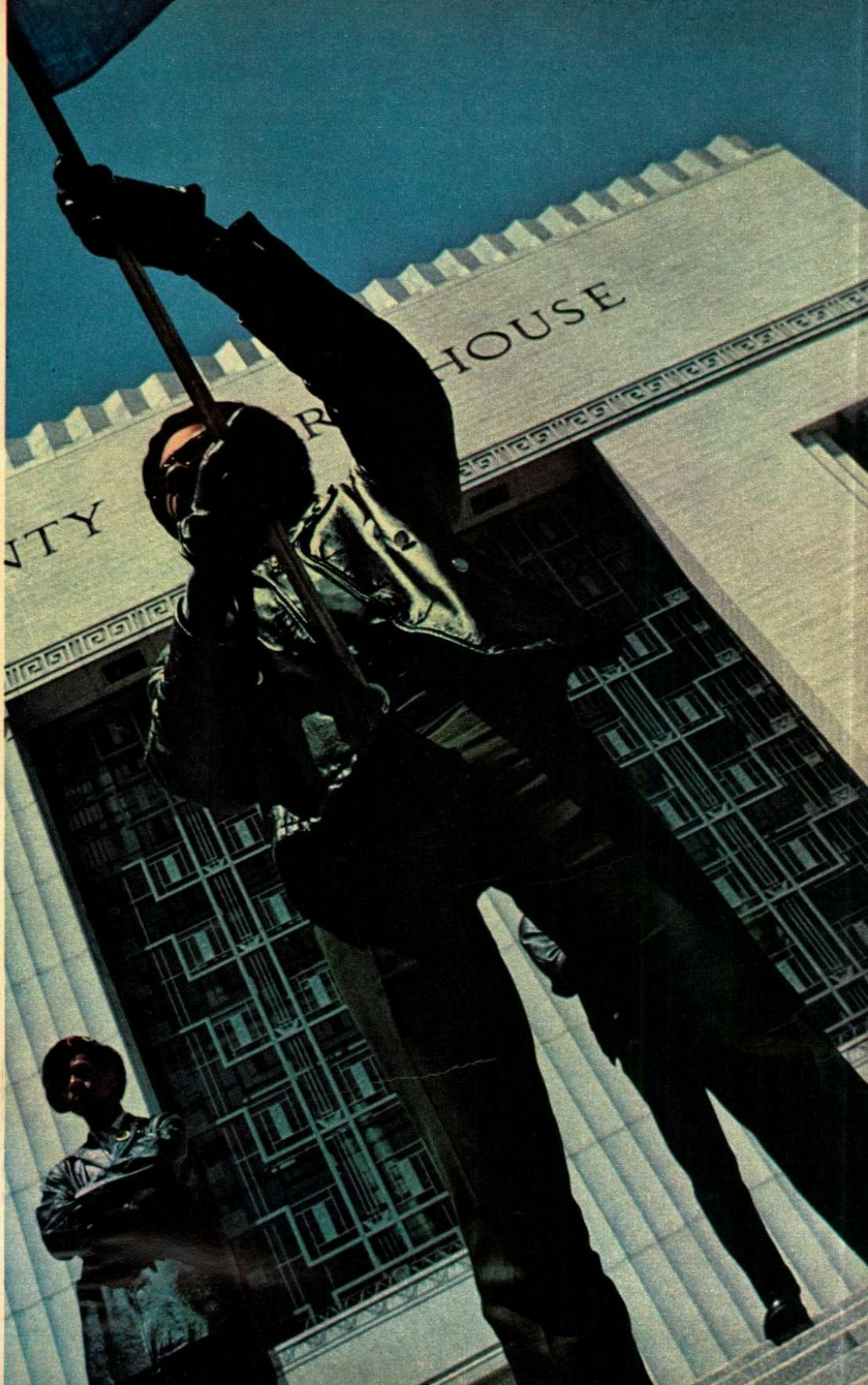
Em cima do caminhão vermelho, o orador grita e recebe de volta o côro raivoso da multidão:

— Free Huey! Free Huey!

Cartazes com a foto de Huey, botões de prender na lapela e jornais (que dizem coisas violentíssimas) são vendidos, a fim de levantar fundos para o Partido.

O último orador, o principal, é Eldridge Cleaver, o "ministro de Informações" do Partido Pantera Preta. Êle vai repetir — com variações — as palavras dos que o antecederam. Com tanta agressividade quanto os demais, Cleaver vai dizer que "o imperialismo tem que ser derrotado; que o sistema capitalista não pode mais permanecer de pé; que o povo prêto dos Estados Unidos é uma colônia, um povo colonizado dentro de seu próprio país; que

SEGUE




*"Panteras", do partido radical Pantera Preta, comandam muitas manifestações. Como esta, diante do Tribunal de Oakland, pedindo liberdade para Huey, fundador da organização.*

# "Se alguém fica pisando seu pé você deve empurrá-lo."

**RACISMO** CONTINUAÇÃO

os homens do Govêrno, da justiça, da polícia, são porcos, todos os que representam a estrutura criada pelo poder branco são porcos; que daqui para a frente os porcos policiais não vão mais matar nenhum prêto sem que haja uma resposta à altura; que o povo prêto tem de se unir; e que a comunidade preta tem de ser libertada".

No final do comício, todos foram lembrados da marcha do dia seguinte, sôbre o Tribunal de Justiça, onde começaria o julgamento de Huey.

Na segunda-feira, diante do tribunal, não haverá tanta gente quanto no comício. Aqui, porém, a tensão vai atingir limites aparentemente insuportáveis; muitas vidas estarão por um fio. Nas escadarias do prédio de nove andares do Tribunal, uma fileira de homens prêtos à distância de um braço entre um e outro. Em volta do prédio e em tôrno do quarteirão que êle ocupa, há um cinturão móvel de prêtos que caminha no mesmo sentido e compasso, gritando a frase que mais parece um brado de guerra: "Free Huey, free Huey, free Huey..." É a "pantera preta". Que vai xingar os policiais frente a frente, que vai ficar dia após dia diante do Tribunal reclamando — com cantos e gritos — a libertação de Huey. Na própria sala do júri haverá homens com a japona de couro, acompanhando o julgamento que promete arrastar-se por alguns meses.

## Violência e não-violência

"Alguns dias atrás, Martin Luther King, o pastor afro-americano, foi sùbitamente assassinado pelos americanos imperialistas. Martin King era um expoente da não-violência." Os prêtos mandaram imprimir esta frase que Mao Tsé-tung disse a 16 de abril de 1968, em um discurso. De certo modo, é o que muitas organizações pretas americanas querem demonstrar, afirmando: "Que adianta sermos não-violentos, se os brancos racistas são violentos com o povo prêto?" E o assassínio de um líder da não-violência ajudou a divulgar mais as idéias dos prêtos favoráveis ao uso de armas e processos de luta menos pacíficos.

Já em 1967, James Forman, um dos dirigentes do SNCC — Student Non-Violent Coordinating Committee (Comissão de Coordenação dos Estudantes Não-Violentos) —, importante organização de prêtos esquerdistas dos Estados Unidos, declarou, num seminário sôbre o **apartheid**, em Zâmbia:

— Não acredito que a não-violência possa ser o que eu chamo de uma filosofia total. Se uma pessoa pisa no seu pé, você pode conversar, argumentar, mas se ela não sai do lugar você tem de empurrá-la.

Nessa mesma época, em que Forman representava o SNCC na África, Stokely Carmichael, então principal dirigente do próprio SNCC, já defendia nas ruas o Black Power, o **poder prêto.**

Logo depois, a organização começou a preparar grupos de autodefesa, "para que possa haver os combates raciais que os jornais dizem que há". Um prêto americano nos disse:

— Até hoje não houve nenhum combate racial, porque a polícia tem todo tipo de armas, e nós não. O que houve foram massacres raciais.

As idéias de não-violência foram perdendo prestígio e, agora, já uma boa maioria aceita a necessidade de estarem preparados para uma autodefesa. Ao mesmo tempo, desenvolveram uma grande violência na linguagem usada contra os brancos. Nos jornais e publicações do Partido Pantera Preta, importante fôrça política que surgiu na Califórnia e se está espalhando pelo país todo, a palavra oficial para chamar os brancos em geral e a polícia em particular é **pig**, porco. Isso é escrito, desenhado e gritado nas concentrações. O jornal do Partido, noticiando uma investigação que o FBI foi fazer na sua redação, diz: "Dois **punks** (palavra que define homossexual, em têrmos bem baixos e pejorativos) nos fizeram uma visita êste mês". Dão uma idéia de como foram tratados os policiais lá dentro e acabam chamando J. Edgar Hoover, que dirige o FBI, de "o maior homossexual do país".

Em julho, em Nova York, Phill Hutchings, secretário-executivo do SNCC, dizia:

— Nós queremos pôr alguma coisa na cabeça dos prêtos, antes de pôr uma arma nas suas mãos.

O mesmo James Forman desenvolvia as idéias de autodefesa e estabelecia **um preço** para a sua morte, anunciando que Stokely Carmichael, Rap Brown, Le Roi Jones e outros também estavam calculando os seus **preços.** O **preço** de Forman, segundo a cotação até agôsto, caso morresse assassinado, era: "Dez fábricas de material de guerra destruídas, explosão de quinze delegacias de polícia, trinta edifícios oficiais destruídos, um governador do Sul, dois prefeitos e quinhentos policiais racistas mortos". James Forman anunciou ainda que para Stokely e Rap o preço deveria ser o triplo.

Na Califórnia, entretanto, no terreno da violência, as coisas tomavam outro rumo. Apareceram cartazes com a frase de Martin King "Eu tenho um sonho", com um "x" enorme riscando a palavra sonho, e embaixo a palavra **revólver**. E Eldridge Cleaver, "ministro de Informações" dos "panteras pretas", dizia:

— Precisamos chegar a uma situação em que os prêtos tenham suas próprias bombas. Os brancos têm muitas e nós vamos tomar algumas, porque nós, até agora, temos sido poetas, atôres e atletas, e se quisermos ser cientistas vai demorar muito para construirmos um laboratório.

Num comício, durante o julgamento de Huey Newton, êle ameaçava:

— Para matarem Huey Newton terão de matar êste crioulo aqui primeiro. Mas olhem, irmãos, existem 20 a 30 milhões de nós. E temos até um pouco de tempo para nos prepararmos para isso.

## A morte na janela

Por um triz, há pouco mais de um mês, o chefe de polícia de Newark escapou da morte, num atentado a tiros. Dias depois, voltava às manchetes dos jornais, acusado de receber dinheiro dos homens da Mafia para "fechar os olhos" à jogatina que vinha correndo sôlta. A imprensa esperava "prato mais forte" de Newark êste ano. Pois nada mudou desde o último verão nos guetos da cidade: nem mesmo as casas incendiadas foram reconstruídas. Lá estão elas, arrebentadas, pretas de queimado, testemunhas da violência de um ano atrás. Foi assim: no início de julho de 1967 havia 24 mil prêtos desempregados em Newark (400 mil habitantes, 65% de prêtos). Uns 30 mil eram jovens de menos de vinte anos. Os programas públicos de recreação pràticamente não existiam, por falta de fundos. As escolas estavam fechadas pelas férias. Não se tinha muito aonde ir em Newark, nesse verão quente. E foi no dia 8 de julho que as coisas começaram a acontecer.

A polícia fôra chamada para dispersar uma manifestação de prêtos muçulmanos. Na confusão, vários policiais e manifestantes saíram feridos. As acusações de parte a parte aumentaram a tensão entre a população preta e a polícia.

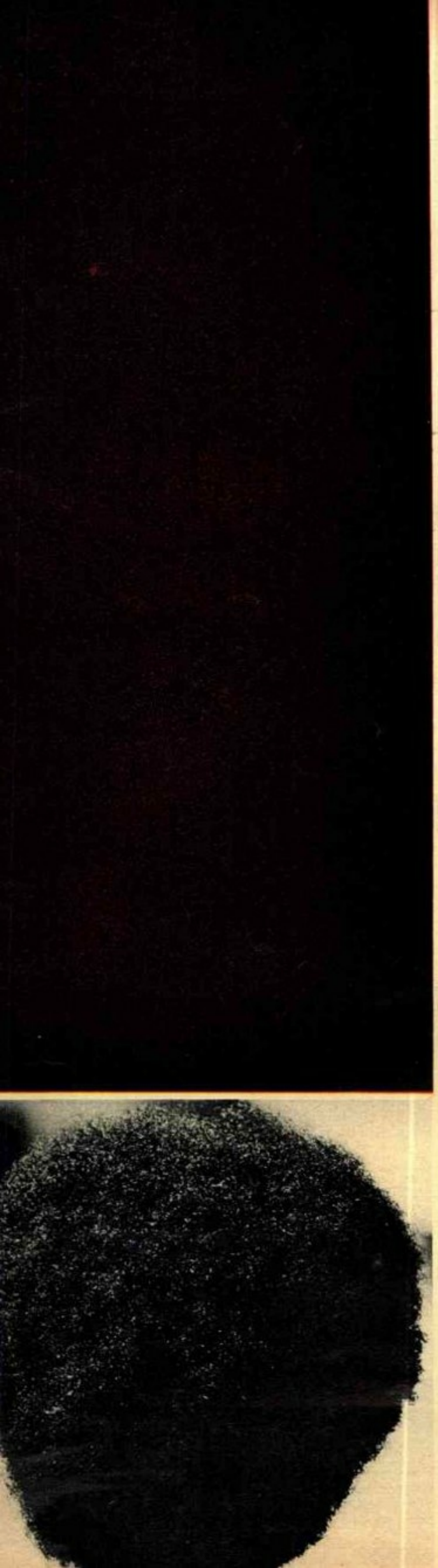
Na tarde do dia 12 é prêso um motorista de praça, prêto, por motivos que a polícia não esclareceu muito bem. Testemunhas espalharam ter visto o motorista entrar na delegacia carregado; certamente tinha sido espancado. Líderes prêtos surgiram no local e o ambiente ia ficando cada vez mais explosivo, até que foi chamado o chefe de polícia. Assim que chegou, os líderes exigiram que lhes mostrassem o motorista. Tanto dentro como fora da delegacia a atmosfera era de hostilidade. Carros lotados de policiais começavam a chegar. A multidão na rua estava cada vez mais agitada. Os dois líderes saíram para pedir que se acalmassem. Quando acabaram de falar, um punhado de bombas Molotov estourou contra as paredes da delegacia. O fogo foi logo apagado, mas o chefe de polícia perdia a calma. Os líderes pediram mais uma chance e foram falar de nôvo aos manifestantes. A essa altura, outros líderes conseguiam arrastar a massa para uma marcha até a prefeitura. No meio da rua e pelas calçadas da estreita rua que saía da delegacia, a multidão pôs-se em movimento. De repente, da escuridão de um conjunto habitacional, caiu sôbre todos uma chuva de pedras. Quase ao mesmo tempo, um velho carro era incendiado. A polícia entrou em ação, os prêtos correram em tôdas as direções. Em poucos minutos, uma loja de bebidas era apedrejada. Apesar dos boatos aumentarem, parecia que à noite tudo estava serenado. Na tarde seguinte, o prefeito descreveu o episódio como "um incidente isolado".

Num encontro com líderes prêtos, prometeu nomear um capitão prêto para a polícia local (o primeiro da história) e estabelecer uma comissão de cidadãos para investigar a prisão do motorista de táxi. Para um dos líderes, isso soou como "um disco várias vêzes tocado, uma música muito conhecida", e êle se retirou da reunião. Outros observadores acharam que o prefeito não estava conseguindo enxergar a seriedade da situação, a tensão ainda existente. A polícia enxergava: mais da metade de seus homens estava mobilizada. As histórias continuavam circulando entre a população. Alguém disse que o motorista tinha morrido.

Anunciou-se para o dia seguinte, 14 de julho, um comício "de protesto contra as brutalidades policiais", em frente da delegacia, no começo da tarde. Novamente uma multidão se juntou no local e uma linha de piquête foi formada, para desfilar diante da porta principal da delegacia. Às 7 e meia, um homem chamado Threat, diretor-executivo da Comissão de Direitos Humanos da cidade, apareceu e fêz um pequeno discurso, anunciando a decisão do prefeito de nomear o tal capitão prêto e investigar a prisão do motorista de táxi. Um jovem, no meio do povo, gritou: "Poder Prêto". E choveram pedras sôbre Threat, um prêto. A polícia investiu contra a multidão. Houve alguns feridos e, como na noite anterior, começaram a circular rumôres de saques a lojas. Logo surgia por

SEGUE

*Não alisar o cabelo, imitando o branco, é defender os padrões da "Terra Mãe", África. Para autodefesa, há aulas de karatê e tiro.*





# "Sinto vontade de pegar meu fuzil e matar policiais."

detrás dos prédios uma nuvem de fumaça anunciando o primeiro incêndio. A polícia cercou alguns quarteirões da Avenida Springfield, uma das principais de Newark, onde um bando de jovens quebrava vidraças de lojas. De vez em quando os policiais atiravam. Carregados de mercadorias, os que escapavam da repressão corriam para suas casas. Perto da meia-noite, parecia que tudo tinha voltado à calma. Mas ainda haveria muita violência.

O povo ficava pelas ruas. Vendo as lojas serem arrebentadas e invadidas, muitos aderiam ao saque. A polícia atirava para o ar, tentando controlar a situação. Um menino prêto foi ferido a bala, que disse ter sido disparada por um branco, de dentro de um carro. Os saques, tiroteios e incêndios se espalharam por uma extensa área da cidade. Entre as 2 e 2 e meia da madrugada do dia 14, o prefeito decidira requisitar reforço da Polícia Estadual e tropas da Guarda Nacional. Pela manhã do dia 15 estava tudo cercado e aparentemente sob o contrôle policial. Às 3 e meia da tarde, porém, uma família, prêta, estava olhando, da janela de seu apartamento num segundo andar, um grupo de homens que saqueavam uma loja de móveis na Avenida Springfield. Três carros da polícia viraram a esquina. Os saqueadores saíram em disparada. Os policiais abriram fogo. Uma bala arrebentou a janela da cozinha do apartamento. Logo depois, ela ouviu um chôro no dormitório, em seguida sua filha de três anos apareceu correndo na sala. O sangue escorria do lado esquerdo do rosto — a bala furara seu ôlho. A menina passaria os dois meses seguintes no hospital, perderia a vista esquerda e o ouvido do mesmo lado ficaria surdo.

Às 8 da noite, um casal, o irmão do marido e quatro filhos, prêtos, voltavam de um restaurante quando o carro enguiçou próximo de um quarteirão cercado pelos homens da Guarda Nacional. O marido teve que diminuir a marcha, mas tentou continuar para sair dali. Um tiro foi ouvido. O carro foi perseguido. Quando a família chegou em casa, todos deixaram o carro e correram. Eddie, de dez anos, não conseguiu correr o suficiente. Morreu com um tiro na cabeça.

De madrugada, duas colunas de tropas da Guarda Nacional e da Polícia Estadual dirigiam fogo cerrado contra um conjunto habitacional, em resposta ao que êles acreditavam fôssem franco-atiradores (**snipers**). No décimo andar, Eloise Spelman, mãe de muitos filhos, caiu, atingida por um tiro no pescoço. Do outro lado da rua, das janelas de seus apartamentos, outras famílias olhavam o tiroteio contra o conjunto habitacional. De repente, o fogo dos soldados virou contra elas. A Sr. Hattie Garner caiu ao solo, atingida por uma bala. Um quarteirão adiante, a filha de dois anos da Sra. Rebecca Brown estava debruçada na janela. A Sr. Brown correu para retirar a menina. Naquele curto espaço de tempo em que deu as costas para a rua, foi alvejada.

As três mulheres morreram.

Às 11 horas da noite, a Sra. Lucille Pugh olhou pela janela para se certificar de que as ruas estavam em calma. Tudo normal, ela pediu ao filho de onze anos, Michael, que levasse a lata de lixo para fora. Quando Michael chegou à calçada, um foco de luz caiu sôbre êle e ouviu-se um tiro. Michael morreu.

Na segunda-feira, dia 17, a Polícia Estadual e as tropas da Guarda Nacional se tinham retirado de Newark. Naquela tarde, um padre católico viu dois prêtos caminhando pela rua, carregando uma caixa com refrigerantes e pacotes de verduras. Um carro da polícia, com cinco homens, aproximou-se dos dois. E uma dupla de policiais saltou do carro, acusando os prêtos de terem saqueado aquelas coisas que carregavam. Obrigaram os dois homens a botar os pacotes no chão e depois chutaram tudo, espalhando verdura e refrigerantes pela rua. Dizendo aos prêtos: "Caiam fora daqui", os policiais voltaram para o carro e sumiram. O padre atravessou a rua e veio ajudar os dois homens a apanharem suas coisas. Um dêles voltou-se para o padre e disse: "Sabe, padre, voltei do Vietnam há dois dias e eis o que eu ganho. Sinto vontade de ir até em casa, pegar meu fuzil e matar policiais".

Naqueles três dias dramáticos de Newark, dos 250 alarmas de incêndio, muitos foram falsos e apenas treze foram considerados "sérios". Dos 10 milhões de dólares de prejuízos (32 bilhões de cruzeiros velhos), quatro quintos eram perdas de estoque das lojas saqueadas. Danos a prédios foram menores que 2 milhões de dólares. Vinte e três pessoas morreram: um bombeiro e um detetive, brancos; e 21 prêtos. Um, de 73 anos. Seis eram mulheres. Duas crianças.

Êsses dados e descrições fazem parte de um relatório encomendado pelo Presidente Lyndon Johnson. Uma das organizações políticas pretas fêz um calendário com tôdas as datas significativas para as comunidades pretas. Só no mês de julho de 1967, o registro é de oitenta rebeliões.

## O que pensam e querem

Os prêtos americanos dizem que sempre tiveram um grande complexo de inferioridade. Tudo isso vinha da tradição de terem sido escravos e da **ideologia branca** que os considerava sêres inferiores e conseguia fazer até os próprios prêtos pensarem isso. Até que, depois da II Guerra, segundo um documento escrito por James Forman (êle acaba sendo uma espécie de intelectual do SNCC), os jovens prêtos começaram a dizer: "Desde que lutamos pela democracia lá fora, deixem-nos lutar pela democracia aqui". E Forman acrescenta:

— Mas os jovens estudantes prêtos que nasceram durante a II Guerra não sentiram muito os efeitos do macarthysmo (movimento fascista que preocupou os democratas americanos). Quando êles terminavam os estudos superiores, Nkrumah (então Presidente de Ghana) aparecia nas Nações Unidas, alto, orgulhoso e prêto. A imagem de homens prêtos brilhando nas Nações Unidas com suas roupas africanas e responsabilizando-se pelos negócios dos seus governos teve um profundo efeito na mentalidade dêsses moços. Aquela nova realidade africana destruiu a velha imagem de Hollywood, em que os prêtos apareciam como servos de Tarzan ou carregadores de rifles.

Os prêtos — alguns prêtos, inicialmente — começaram a sentir-se, então, dentro dos Estados Unidos, uma nação separada da **nação branca.**

Bill Hunt, um militante comum do SNCC, de escalão médio, mal informado em geral e não dos mais cultos, define a coisa mais ou menos assim:

— Acho que, finalmente, nós iniciamos uma **volta ao lar** (tradução sofrível da expressão **back home**). Os porcos fizeram

SEGUE

# Kosmos tem 40 anos Bolas, para a tradição

**A vida começa aos 40.**
**Não é verdade, Picasso?**

Que nos desculpem os que dão muita importância à tradição, mas dos nossos 40 anos, só queremos a experiência adquirida.

E assim mesmo, sem conceitos definitivos.

Aceitamos apenas a idéia de fazer melhor. A cada dia.

Esta persistência em não nos acomodar, permitiu estender nossas atividades a todos os campos da engenharia civil.

Por isso, você vê a placa da Kosmos, credenciando pontes, edifícios, estradas, conjuntos residenciais, obras de saneamento, entre outras.

E pode apostar: atrás de cada placa está uma obra com uma experiência de 40 anos.

Sem dar bola para a tradição.

KOSMOS
ENGENHARIA S.A.

Rio - Rua do Carmo, 27 - 3.º and. Tel. 52-8010 - GB • S. Paulo - Rua Libero Badaró, 158 - 10.º and. Tel. 36-6921 - S P • Brasília - Av. W-3 - Quadra 4 - Setor Sul - Tel. 2-1255 - D F • Curitiba - Rua Voluntários da Pátria, 475 - Gr. 706/7. - Edifício Asa - Tel. 4-7935 - PR • Manaus - Rua Mal. Deodoro, 177 - sala 4 - AM • Belo Horizonte - Rua Curitiba, 656 - 12.º and. Cx. Postal 229 - Tel. 2-1087 - M G

# "Quem não luta contra os brancos não é homem."

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

conosco uma lavagem cerebral de trezentos anos. Fizeram nosso povo prêto e africano acreditar nos valôres cristãos-ocidentais. Mas agora nós estamos nos libertando e voltando para os padrões de nossa **Terra Mãe.**

O que está havendo, portanto, nos Estados Unidos é uma aproximação dos prêtos com a África e uma total troca de padrões. As organizações promovem cursos de línguas e cultura africana. Nos guetos começaram a surgir as lojas de artigos só africanos, onde brancos, em geral, não entram. Todos procuram só comprar em lojas e negócios de prêtos. Os jornais de partidos saem com anúncios das casas cujos donos são prêtos.

As crianças são um aspecto muito importante do **nacionalismo cultural.** Um historiador está procurando, na história dos EUA, todos os heróis **afro-americanos** (já descobriu até um cowboy), que já estão sendo ensinados para as crianças. O SNCC publicou um livro infantil sôbre vários heròis prêtos, onde há uma històrinha chamada **como Deus Criou as Borboletas.** Deus aparece no texto e nas ilustrações como um velhinho prêto, careca, que fuma um enorme charuto e fica sempre sentado numa cadeira de balanço.

E mais uma coisa. Os rapazes e môças prêtos descobriram que são mais bonitos se desprezarem os padrões ocidentais. Ficam mais bonitos se não alisarem o cabelo, se o deixarem crescer sem nenhum dos "cuidados ocidentais", se usarem roupas africanas. Nas grandes cidades americanas, hoje, os prêtos e pretas andam orgulhosos pelas ruas, com roupas coloridas e imensas cabeleiras pixains.

## A política complicada

Antigamente, quando se falava no problema racial dos Estados Unidos, pensava-se na **integração do negro na sociedade americana.** Hoje, as organizações absolutamente não querem saber de integração como ponto principal, nem querem mais saber da palavra **negro,** que resolveram trocar por **prêto.** As organizações mais avançadas consideram os prêtos uma nação africana que vive na América e acham que devem êles próprios controlar as instituições e a economia nos lugares onde moram.

Algumas organizações antigas, que sempre defenderam posições mais moderadas, enfrentam agora um sério problema de divergência interna: os dissidentes estão afirmando que elas não representam mais o movimento dos prêtos. A Liga Urbana, uma organização tradicionalmente conservadora, mudou alguns princípios e anunciou através de seu diretor que vai dirigir-se cada vez mais para "dentro dos prêtos, na construção de um verdadeiro poder prêto". Segundo o **New York Times,** o mais importante jornal dos EUA, o rompimento das bases jovens com a alta direção é apenas o reflexo de uma disputa mais geral entre o proletariado prêto e a burguesia negra (os prêtos usam a palavra **negro** para os prêtos ricos, apenas) que acredita numa negociação com a sociedade branca.

De modo geral, podem-se notar três tendências entre os prêtos americanos. A primeira, representada pelas entidades tradicionais e pela classe média, é a vontade de manter as coisas como estão, lembrando sempre a possibilidade de negociação com os brancos e a integração.

A duas seguintes estão ligadas ao Poder Prêto, ao "africanismo", e são de tendência, em geral, esquerdista. Poder Prêto, segundo o SNCC, significa, resumidamente, **poder para o povo prêto.** Todos raciocinam em têrmos de africanos vivendo na América e de uma nação separada dos EUA. E querem separar essa nação. Mas alguns acham que essa nação deve viver como sempre viveu, nos lugares onde sempre viveu, apenas com o contrôle das instituições, dos serviços públicos e da economia. Já uns terceiros, muito mais radicais, chegam a achar que os prêtos devem ser uma nação **geogràficamente** separada. Isto é, "os prêtos, que, com trabalho escravo, ajudaram a desenvolver a riqueza dos Estados Unidos, têm direito a alguns Estados, para onde se mudariam todos". Mas só uma minoria pensa assim.

Hermann Ferguson, prêto, ex-professor no Harlem, expulso por "agitação" e outras acusações, candidato a senador pelo partido Freedom and Peace (Liberdade e Paz), é um dos que acham que deve haver separação absoluta, outro Estado Geográfico. Diz êle que sua candidatura ao Senado é apenas para conseguir uma voz que chegue até a ONU. Isso porque a conclusão a que chegaram os ativistas prêtos é que é necessário, entre a população preta dos EUA, um plebiscito, fiscalizado pela ONU, que decida quais os caminhos a serem seguidos pelos **afro-americanos.** As principais organizações, como o SNCC e o Partido Pantera Preta, estão de acôrdo com o plebiscito e também lutam por êle.

Em matéria de luta, os homens do Partido Pantera Preta sabem que fôrça possuem:

— Antes de nós, neste século, só duas organizações alcançaram o povo com tanta fôrça e atração — a de Marcus Garvey e os Black Muslims.

Garvey falava em fundar um "império prêto na África" e os Muslims falavam em religião (islamismo). O Partido Pantera Preta fala de coisas bem próximas e concretas e parece exercer uma misteriosa atração sôbre os povos do gueto. Pode ser a vestimenta tôda preta, pode ser o blusão de couro, pode ser o ar marcial.

— Achamos que é um ponto de orgulho ser membro do Partido Pantera Preta. Olham-nos como homens, homens com vontade de ser homens, cumprir os deveres de homens.

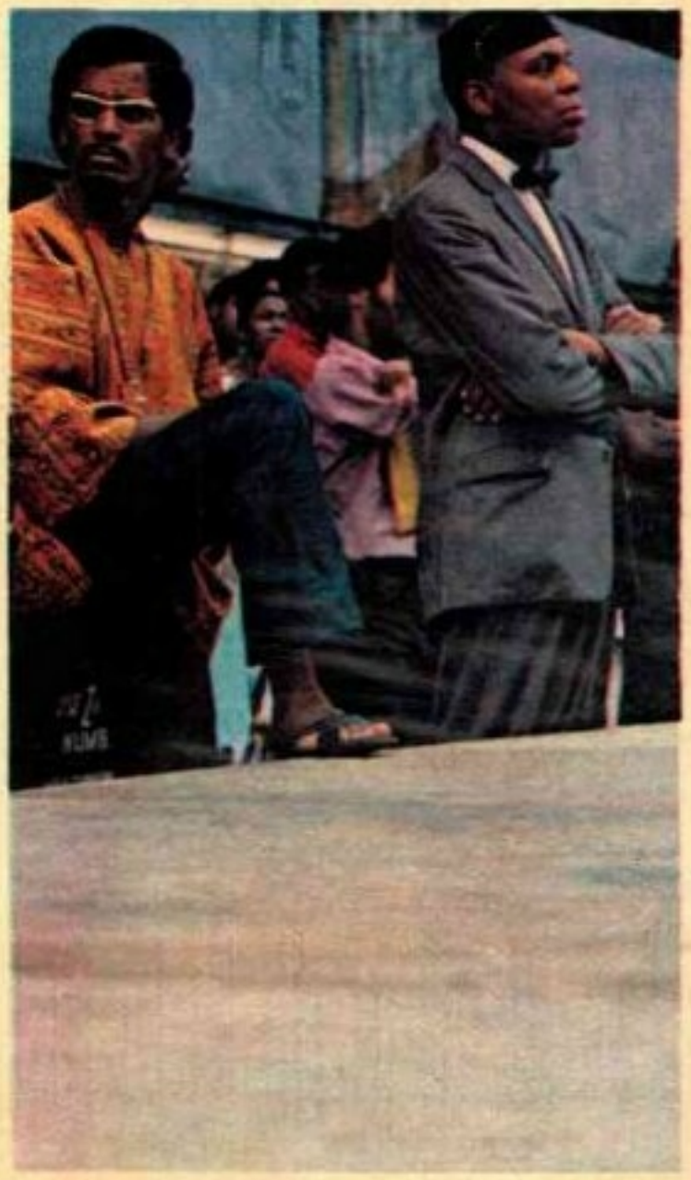
Sôbre as mulheres, os "panteras" exercem um fascínio especial.

— Há muitos prêtos hoje, neste país, que não querem lutar contra o homem branco, o opressor. Isso não é atitude de homem e as mulheres não gostam disso. Quando elas querem um homem, olham para o "pantera" como o ideal.

O môço de japona de couro fala isso e olha para a sua bota lustrosa que lembra as botas dos cowboys. Atrás dêle, na parede, há um cartaz com os "dez pontos" do Partido. Diz: "O que queremos agora: 1 — Queremos liberdade e poder para determinar o destino de nossas comunidades pretas; 2 — queremos empregos para todo o nosso povo; 3 — queremos que o homem branco pare de explorar nossas comunidades; 4 — queremos casas decentes, onde possam viver sêres humanos; 5 — queremos para o nosso povo uma educação que exponha claramente a natureza desta decadente sociedade americana, uma educação que nos ensine nossa verdadeira História e nosso papel atual na sociedade; 6 — queremos que todos os homens prêtos

SEGUE

*Não querem mostrar qualquer sinal da civilização branca. Roupas africanas são encontradas nos guetos.*



# "Queremos terra, escola, casa, pão, justiça e paz."

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

sejam isentados do serviço militar; 7 — queremos um fim **imediato** das brutalidades policiais e **assassínios** de nosso povo; 8 — queremos liberdade para todos os prêtos que estejam cumprindo pena em cadeias federais, estaduais, de condado e de cidades; 9 — queremos que todo prêto, quando levado a julgamento, seja julgado por um júri tirado do seu meio ou das comunidades pretas, como está definido pela Constituição dos Estados Unidos; 10 — queremos terra, pão, habitação, educação, roupa, justiça e paz."

## Dentro de uma organização

Num escritório pequeno, meio sujo, no oitavo andar do prédio número 100 da Quinta Avenida, em Nova York, existe um escritório só de prêtos. Tem algumas mesas velhas, poucas cadeiras, muita papelada, um ou outro mimeógrafo. As paredes são quase tôdas forradas de cartazes com frases relativas ao problema racial. É a sede do The Student Non-violent Coordinating Committee" — SNCC. Dessa organização surgiram Stokely Carmichael e H. Rap Brown, e alguns outros líderes ainda vão surgir. O SNCC foi fundado em abril de 1960 por um grupo de estudantes que não concordavam com as idéias de Martin King. Hoje, é dirigido por um secretário-executivo, dez deputados-dirigentes e um conselho central. A sede nacional é em Atlanta, Geórgia, mas os escritórios espalham-se por quase todo o país, onde há comunidades pretas. Sua renda, dizem, vem de donativos, venda de impressos ou entrevistas à imprensa, que, quase sempre, cobram. As despesas principais do SNCC são aluguéis, telefone e os salários de mais ou menos 130 militantes profissionais, que ganham 21 dólares por semana (cêrca de 67 cruzeiros novos).

Quando fundado, e até pouco tempo atrás, o SNCC lutava para o registro eleitoral dos prêtos, maior número de candidatos prêtos, grupos políticos independentes (rejeitando os dois partidos existentes nos EUA), organização urbana e, além disso, uma espécie de protestos econômicos, isto é, conseguir que os impostos pagos por prêtos fôssem gastos pelo Govêrno nas comunidades pretas.

Já desenvolviam também a **consciência preta,** tentando eliminar o "complexo de inferioridade" dos prêtos e atingir uma "igualdade psicológica" com os brancos.

Hoje, entretanto, êles falam num nôvo SNCC, que não abandonou os velhos objetivos, mas generalizou seus princípios. Irving Davis, diretor da Escola de Liberação de Brooklyn e dirigente do SNCC, diz:

— O SNCC hoje está dirigido contra três fôrças: o racismo, o imperialismo e o capitalismo. Em primeiro lugar, somos uma sociedade que luta por direitos humanos.

Em junho dêste ano, numa reunião de cúpula, decidiu-se estabelecer e divulgar os princípios e objetivos do **nôvo SNCC.** Foram lançados então dois documentos. Um dêles, assinado por tôda a organização, diz que considera os prêtos parte do continente africano, que são **africanos de além-mar,** e proclama a necessidade de libertação dos prêtos na América e na África.

O outro documento, lançado na mesma reunião, assinado individualmente por James Forman, é mais claro e objetivo. Diz que os quatro princípios do **nôvo SNCC** são: 1 — lutar contra o racismo, o capitalismo e o imperialismo; 2 — dar assistência à construção do Partido Pantera; 3 — ter dez deputados-dirigentes; 4 — eliminar os cargos de dirigente único e secretário-executivo.

Êsses quatro pontos significam a generalização da luta contra o que chamam de um inimigo mais geral, e a administração coletiva da organização.

Um dos pontos mais ambiciosos do programa do SNCC, atualmente, em todos os EUA, é a criação do que chamam de Escolas de Liberação. O objetivo dessas escolas é levar cultura ao povo prêto da maneira que os próprios prêtos acham que deve ser. "livre das influências cristãs-ocidentais".

Irving Davis dirige, no Brooklyn, na Universidade de Long Island, uma escola dêsse tipo. As dependências da Universidade foram tomadas pelos prêtos através do SOBU — Student Organization for Black Unity —, com alguns movimentos e conversações com as autoridades.

Existem hoje, funcionando no Brooklyn, mais de vinte salas de aula só para prêtos. E há, principalmente, os cursos de educação política, dados por membros do Partido Pantera Preta.

Numa aula de educação política, os alunos, todos segundo a nova moda africana, são obrigados a trazer sua **bíblia,** as citações de Mao Tsé-tung. A aula consiste na leitura de uma citação e em seguida debates sôbre a aplicação daquilo em relação aos prêtos americanos e sua luta dentro do país.

Numa aula a que assistimos, sôbre a **defesa da autodefesa,** foram pregadas "tôdas as formas de vingança contra agressão de brancos", foram apregoados de certo modo o terrorismo e coisas assim. No fim, cada aluno teve de repetir, para mostrar se tinha decorado, os dez mandamentos do Partido Pantera Preta.

## Conclusão: segregação?

"O racismo branco é o principal responsável pela composição explosiva que tem sido acumulada em nossas cidades desde o fim da II Guerra Mundial. E entre os ingredientes dessa composição estão: a arraigada discriminação e segregação no mercado de trabalho, educação e habitação."

Êsse é um parágrafo do "Relatório Kerner", elaborado por homens de confiança do Presidente Lyndon Johnson. É dramática a conclusão do relatório: "Nossa nação caminha para duas sociedades, uma branca e uma preta — separadas e desiguais".

Richard Nixon, o candidato do Partido Republicano à Presidência, não gostou: "A maior deficiência dêsse relatório é uma inequívoca tendência de colocar a culpa das manifestações **(riots)** em todo o mundo, exceto nos manifestantes **(rioters)**".

Hubert Humphrey, Vice-Presidente do país, tem outra opinião: "Ou os Estados Unidos resolvem o problema de 2 milhões de jovens desempregados ou, cidade após cidade, explodirão em revoltas, o que fará com que as violências que conhecemos em Watts e Newark venham a parecer um piquenique em fim de tarde. Se eu morasse no gueto, tenho certeza de que seria um líder revoltoso".

PIM

*James Forman, um dos fundadores do SNCC e ministro do "Pantera Negra", é hoje o maior teórico do "Black Power".*

# Sabe qual a velocidade do Telex? 300.000 km por segundo.

# Sabe como nós transferimos dinheiro de uma capital para outra? Pelo Telex.

## O Telex não é exclusividade nossa. Mas os homens que estão por trás dêle passaram pela Escola de Administração Bancária "Clemente de Faria". E isso é exclusividade nossa.

Em cada uma das 472* agências do Banco da Lavoura de Minas Gerais, você encontra um homem decidido a resolver todos os seus problemas do modo mais fácil e rápido possível. Todo tipo de problemas: cobrança, câmbio, pagamento de impostos, remessas, etc. O que podemos dar aos nossos clientes, êles encontram em outros lugares.

Sabemos disso. Todo banco que se preza possui telex, mas o telex é uma das maneiras que o Lavoura utiliza para transferir dinheiro. Mesmo porque não possuímos telex em tôdas as agências. O que nós temos em tôdas as agências são homens diplomados em bancologia. E isto, repetimos, é uma exclusividade do Banco da Lavoura de Minas Gerais.

*354 do Banco da Lavoura e mais 118 de dois Bancos associados - o Banco Bandeirantes do Comércio, S/A e o Banco Real de Investimento.

*Na casa da Senhora Smiley, o repórter Sérgio de Souza trabalhou, comeu, dormiu como um negro. E viu como a casa, a comida, a cama dos negros, são diferentes.*

Êste é o depoimento de um repórter que, junto com um fotógrafo negro, sofreu na própria pele a violenta discriminação racial numa cidade do Sul dos Estados Unidos. Morando com famílias de negros, sentiram o mesmo mêdo, o desprêzo, a miséria, a angústia da segregação. O que se passou com êles em Selma, Alabama, é o que acontece normalmente em muitas cidades norte-americanas onde o branco tem um lugar e o prêto tem outro, diferente.

# EU VIVI O RACISMO NOS EUA

Texto de Sérgio de Souza
Fotos de George Love
Enviados especiais

O avião que nos trouxe de Nova York deixou-nos em Atlanta, na Geórgia, e aqui apanharemos o que faz a conexão com o Alabama, onde está o nosso objetivo — a cidade de Selma.

Na sala de espera do aeroporto de Atlanta, há brancos e prêtos, sentados em silêncio, quase todos com uniforme do Exército e da Fôrça Aérea.

Enquanto se aguarda a chamada para o vôo, há tempo para um pulinho ao mictório. E é aqui que vão aparecer as primeiras marcas de uma realidade chocante para aquêles que nunca viveram nos Estados Unidos, especialmente nesta parte do Sul. Mas estas inscrições na parede do mictório do aeroporto serão pouco mais que uma brincadeira de mau gôsto diante do que presenciaremos nos próximos dias, embora digam coisas duras como: "Eu odeio os negros porque êles são sujos", ou "Todo negro é vagabundo", ou "Não conheci um negro que não fôsse homossexual".

O velho bimotor que faz a ligação Atlanta — Montgomery, capital do Alabama, é quase uma surprêsa, pois a gente se habitua aos DC-8, DC-9 e Boeings usados pelas companhias domésticas americanas.

Vamos aprender depressa, porém, que no Sul as coisas são bem diferentes das do Norte — a paisagem, as estradas, as casas, a comida, o povo, o racismo. Êste vai-se manifestar imediatamente, logo em nosso primeiro contato com o Alabama, quando eu (que sou branco no Brasil) e George Love, fotógrafo negro de REALIDADE, norte-americano, estávamos tomando o café da manhã no restaurante do aeroporto de Montgomery, antes de pegar o ônibus para Selma. Duas senhoras com o típico chapèuzinho de flôres e passarinhos, muito usado pelas velhinhas americanas, entram no restaurante. Ao passarem por nossa mesa, uma delas faz uma rápida careta e comenta com a outra: "Hum, êste lugar costuma ser mais limpo..."

Eu já lera bastante sôbre preconceito, discriminação, racismo, segregacionismo no Sul. Já estivera nos guetos do Norte em Nova York, em Illinois, na Califórnia, Nova Jérsei; já sentira a estranha sensação causada por aquilo que êles chamam de *comunidade preta*. Apesar disso, era difícil entrar na minha cabeça o comentário da velha senhora, como seria difícil aceitar uma hora depois a cena da estação de ônibus: nas cadeiras agrupadas do lado direito, só prêtos; nas do lado esquerdo, só brancos. E, em seguida, a do próprio ônibus para Selma: nos assentos da frente, só brancos; nos de trás, os prêtos.

Por um instante cheguei a pensar que aquilo fôsse coincidência, porque até ali as imagens de minha lembrança ainda eram as do Norte, onde me acostumara a ver prêtos e brancos misturados nos ônibus, metrôs, resturantes, cinemas, bares, boates, lojas, estações.

## Duas cidades

Selma é uma cidade pequena, sede do condado de Dallas, zona essencialmente rural e tradicionalmente algodoeira. Sua população é de 30 mil habitantes, dos quais aproximadamente 60% são prêtos. Fica a

SEGUE

Pegue uma boa fatia de mortadela Sadia. Mastigue devagarzinho, sentindo o gôsto todo, sem perder nada de nada. Ela é feita de carnes escolhidas. O tempêro é de pimenta branca. Coentro. Noz moscada. E outras especiarias importadas do Oriente. A mortadela Sadia é tão gostosa que seria até pecado servi-la sòmente em sanduíches. Ela torna simplesmente divina a mais modesta salada de batatas. Ela dá uma alma nova, uma personalidade especial, uma existência magnífica, ao mais prosaico de todos os omeletes. Mas como ter certeza de que você está comprando a legítima mortadela Sadia? Leve para casa uma peça inteira, tamanho família. Ou então diga ao seu fornecedor que você quer experimentar um pedacinho da mortadela que êle está tentando vender a você. Êle sabe que pode enganar os seus olhos. Mas não o seu paladar.

# Coma mortadela Sadia e entenda porque a felicidade está nas coisas mais simples da vida.

# Ouvi um pastor desejar a morte de outro homem

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

uns 75 quilômetros de Montgomery e tem um "slogan" que uma tabuleta mostra a quem chega: "Selma, uma cidade de igrejas". Não há sequer um prédio com mais de três andares; em Selma os carros são sempre os carros grandes de tôdas as cidades americanas, um pouco mais antigos, e as ruas são limpas, principalmente na *seção branca* (the white section). Sim, porque os 30 mil habitantes de Selma — quase 60% de prêtos — estão divididos social e geogràficamente em duas partes — a *branca* e a *preta*.

Vamos ficar numa casa da *seção preta*, a casa da Sra. Lucille, na Green Street, uma rua de terra a cinco minutos do centro da cidade.

A casa, em frente a uma igreja batista de paredes vermelhas, é de madeira e teto de zinco. A porta é de tábuas tortas, o fôrro de papelão e a janelinha, quando aberta, sustenta-se sôbre uma ripa. Têm três quartos e cozinha — nem água encanada, nem esgôto, nem banheiro. É um "shack" (barraco) ou o que chamam aqui de "gunshot" (tiro de revólver), porque da porta da rua se vê a porta dos fundos, entre uma e outra a passagem é uma linha reta, cortando pelo meio os quartos e a cozinha. A casa é um forno, no verão; certamente será uma geladeira, no inverno. Lá fora, nos fundos, estão a privada e a torneira coletivas. A Sra. Lucille pede que fiquemos à vontade e mostra onde está a tina para o banho e a bacia para lavar o rosto de manhã. No quarto abafado, sente-se o cheiro da miséria que o velho ventilador não consegue afastar. Achatada contra o fôrro de papelão sôbre a cama em que vamos dormir, exatamente na direção dos travesseiros, uma grande barata azulada balança, ameaçando cair. Baratas e ratos fazem parte da vida do prêto americano.

— Eu ainda acho que a vida aqui é melhor que nos guetos das grandes cidades. Pelo menos, há espaço.

A frase do prêto sulista não tem um pingo de regionalismo. Êle está falando a verdade. Apesar de tudo, êle tem quintal, tem o verde, pode ir à roça, aos enormes campos de algodão. Êle sabe que, no Norte, famílias inteiras moram em um quarto apertado nos famosos *conjuntos habitacionais*, os prédios que lá costumam chamar de "ratoeiras".

## "Segregação, sempre"

Em nossa primeira noite fomos convidados a jantar na casa do Reverendo Williams, um prêto de cara redonda, uns 45 anos, ombros largos, nem alto nem baixo, de sorriso fácil e simpático. O Reverendo Williams é o pastor protestante mais querido pelos negros da cidade e da zona rural. Tanto, que vem recebendo quase diàriamente ameaças anônimas pelo telefone.

— Já estou acostumado com os racistas, diz êle.

Talvez seja mesmo verdade que o pastor se tenha acostumado às ameaças de morte, pois neste país a violência faz parte da vida diária de cada um. E desde que se envolveu em assuntos políticos, o Reverendo Williams, que foi até candidato a prefeito, já deve saber que morrer, no seu caso, não é mais uma questão de velhice, doença ou acidente. Sabe também que seu Estado, o Alabama, é aquêle onde tem mais penetração a influência da incrível Ku-Klux-Klan.

Veja o Senador Kennedy — lembra o pastor. Veja o Dr. King.

"Doutor King" é como é chamado Martin Luther King por todos os prêtos americanos.

O Reverendo Williams fala um pouco sôbre King e sôbre a violência dos brancos. Lembro de lhe perguntar o que aconteceu a um homem chamado "Bull" Connor, ex-chefe de polícia de Birmingham, cujo nome foi além das fronteiras do Alabama e dos Estados Unidos, por seu ódio declarado aos prêtos, contra os quais soltava cães e policiais furiosos, durante as manifestações a favor dos direitos civis. Em 1963 prendeu King e vários de seus seguidores. Uma das atitudes que ajudaram Connor a ficar famoso foi a voz de prisão que deu a um senador branco dos Estados Unidos, quando êste entrou num recinto sem perceber o aviso "para prêtos", na porta.

— Connor está muito doente, talvez não escape, a coisa é grave. Espero que aconteça o mesmo a Wallace.

O pastor referia-se a George Wallace, ex-governador do Alabama e agora candidato à presidência dos Estados Unidos, um dos racistas mais conhecidos do país. Quando eleito para o Govêrno do Alabama, Wallace começou assim seu inflamado discurso de posse: "Traço uma linha no chão, atiro a luva aos pés da tirania e digo: segregação hoje, segregação amanhã, segregação para sempre".

As coisas do Sul não iam deixar de me surpreender nunca, embora ditas ou executadas com a maior naturalidade. Por exemplo, os votos dêste homem, um pastor desejando a morte de alguém, é coisa difícil de se entender ràpidamente. Da mesma maneira será difícil aceitar amanhã a notícia de que êle tenha sido assassinado a tiros no meio da rua, como aconteceu a outro pastor, o Reverendo James Reeb, um branco que defendia os prêtos, aqui mesmo em Selma, não faz muito tempo.

Pois isso é comum, diz êste povo. E nessa mesma noite, na casa do pastor, ouvimos uma história bastante conhecida dos norte-americanos, principalmente do Sul. O caso da Sra. Viola Liuzzo, uma mulher branca que trabalhava em favor dos prêtos. Foi há três anos, numa estrada do Alabama. Ela dirigia o seu carro, acompanhada por um jovem prêto, quando foi alcançada por outro automóvel, de onde abriram fogo. A Sra. Liuzzo morreu na hora, enquanto o carro, desgovernado, batia contra uma árvore. O jovem prêto que a acompanhava não levou nenhum tiro, mas ficou parcialmente coberto pelo sangue da mulher e por alguns arranhões. Isso salvou-o, pois êle fingiu-se morto quando os assassinos vieram olhar de perto o resultado do trabalho. Enquanto êles se afastavam, o jovem pôde reconhecer um dêles: era um homem da cidade. O mais grave da história, porém, não é o depoimento do rapaz, pois êle é prêto e aqui o testemunho de um prêto pràticamente nunca é levado em consideração, se a acusação recai sôbre um branco.

SEGUE

*O quarto da casa da Senhora Smiley é igual ao da maioria das famílias negras, sem nenhum confôrto.*

©Willys-Overland - 681342

# Os anúncios do Itamaraty pouco falam de qualidade. Para que falar do óbvio?

O Itamaraty será sempre o Itamaraty. Como o Rolls Royce será sempre o Rolls Royce.

Natural: o Itamaraty é construído para atender a um público exigente, muito exigente.

Que sabe o que é bom.

Que conhece profundamente os melhores carros do mundo e sabe o verdadeiro sentido da palavra qualidade.

Êsse público exige perfeição mecânica. Eficiência de desempenho.

Êle admira as linhas clássicas e a sobriedade dos grandes automóveis.

O Itamaraty conseguiu satisfazer êsse público. Pelas suas linhas. Pelo seu luxo sóbrio. Sobretudo, pela sua qualidade.

Que é o óbvio, quando se fala em Itamaraty. Redundante, até.

ITAMARATY WILLYS

**Adquira também o Itamaraty através do Consórcio Nacional.**

O Itamaraty possui motor de 6 cilindros e 3.000 cm3, potência de 132 HP, 4 marchas a frente, tôdas sincronizadas, rádio com dois auto-falantes, estofamento de couro legítimo, tapetes de veludo e diferencial auto-blocante (opcional).

# Na igreja de brancos me senti negro, um ser diferente

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

O mais grave foi o fato de um dos ocupantes do carro dos assassinos ser agente do FBI infiltrado entre os membros da Ku-Klux-Klan, até ali escondendo sua verdadeira identidade. Podia mesmo ter evitado a morte da Sra. Liuzzo, como declarou depois, mas isso representaria o fim de suas investigações. Logo após o crime, porém, o agente não resistiu e foi contar tudo o que sabia e tinha visto sôbre o caso Viola Liuzzo. Também não adiantou nada, ninguém foi condenado.

Neste ano, 1968, já foi assassinado um jovem prêto, nas ruas de Selma, "misteriosamente". E, na mesma semana em que chegamos, poucos dias antes, tinha sido incendiado completamente o prédio da estação de televisão. Não vinha agradando um nôvo programa matinal dedicado aos assuntos da *comunidade preta.*

## Uma estranha sensação

Deixando a casa do pastor, fomos ao Chicken Shack (Barraco da Galinha), um dos dois lugares de diversão exclusivamente de prêtos, em Selma. O outro é o Elks Club. O Elks é maior, tem pista de dança e até um conjunto de ié-ié-ié, mas o Chicken — apesar de pequeno e de ter música de "music-box" — é o mais concorrido. Talvez porque aí se gaste menos. Aqui um escritor branco norte-americano, que fazia um trabalho no Sul, levou uma surra, não faz muito tempo. Dizem que êle apanhou de alguns rapazes que moram na cidade mas vieram há pouco do Norte.

É de acreditar, porque os prêtos do Sul são completamente diferentes daqueles que conhecemos no Norte, onde os olhares são duros, a hostilidade está sempre presente e os sorrisos e apertos de mãos são raros, quando se trata de estranhos. Viver com uma família, numa casa no gueto, foi impossível. Aqui, há abraços e convites para almoços e jantares, e hospitalidade em tôdas as casas que visitamos. Lembra um pouco o Brasil, o interior, onde a melhor poltrona da sala é para a visita, a melhor comida, ainda que seja a última, é para a visita, a criançada some à chegada da visita, a dona da casa olha gostosamente para a visita que consegue comer a maior quantidade das coisas que estão à mesa. No Norte não se diz nem "até logo", pràticamente, para quem está indo embora. Aqui, se diz "foi um grande prazer conhecê-lo" e se pede que a visita volte.

No Norte, caminhando pelas ruas do gueto, cheguei a temer os prêtos. No Sul, na *seção branca*, tive mêdo dos brancos.

Foi num domingo de manhã.

Nesse domingo, vivi a mais estranha das sensações. Pela primeira vez na vida, me senti um homem diferente dos outros — um homem completamente desligado do lugar onde me encontrava. Tinha a sensação de que se um daqueles sêres à minha volta abrisse a bôca, seria para dizer algo que não tivesse nenhuma relação com as coisas humanas. Acho que me senti um ser inferior. Isso mesmo, me senti um ser ser inferior, e me pus, e me achei, no "meu lugar", sem coragem de olhar em volta, de levantar a cabeça.

Era uma missa, na igreja católica dos brancos. A igreja, de uns duzentos lugares, estava superlotada. Atrás de nós, ao nosso lado, em frente, não havia ninguém — homem, mulher ou criança — que não fôsse, nos traços, na pele, no cabelo, completamente branco, "puro".

À saída, não sabíamos bem para que lado caminhar. A experiência lá dentro e os olhares, agora, tinham-me atordoado. Por fim, quase pedindo desculpas aos homens e mulheres que nos olhavam de lado, escolhemos um rumo. E caminhamos pela *seção branca* de Selma. Primeiro, por uma rua onde se sucediam igrejas, uma depois da outra, limpinhas, clarinhas, como se alguém tivesse acabado de pintá-las. Saindo delas, ou chegando em grupos, os fiéis, todos bem arrumadinhos em suas roupas de domingo, todos com o olhar grave da consciência do dever cristão a cumprir ou já cumprido. Todos brancos.

As outras ruas por onde demos voltas eram tôdas parecidas. Asfaltadas, o gramado nas calçadas e nos jardins bem cuidados, os sobradões antigos do Sul, as casas modernas, as janelas fechadas, quase ninguém nas varandas. Eu continuava sentindo que estava do "lado errado" da cidade.

Voltamos finalmente para a Rua Green, para a *seção preta;* tínhamos que apanhar nossas coisas e nos despedir da Sra. Lucille, pois iríamos passar os outros dias numa casa da zona rural, a 10 quilômetros de Selma.

## "Isso vai acabar"

Quando nos anunciaram que havia lugar na casa da Sra. Smiley, e que ela nos receberia com prazer, dissemos que não queríamos nada melhor que a casa da Sra. Lucille. Como na cidade, nossa intenção era ficar numa casa que nos desse o quadro típico de uma família negra, desta vez da zona rural.

— Não se incomodem, podem ficar sossegados — foi a resposta.

De fato, podíamos "ficar sossegados". A casa das Smiley — duas velhas e duas meninas — não era um "gun-shot" como a da Sra. Lucille, mas era um "shack": não ficava devendo nada aos barracos de nossas favelas. Os três cômodos e a cozinha eram divididos de forma diferente, mas o telhado era de zinco, as paredes de tábuas. A água, de poço, e a privada igual a tôdas onde não existe rêde de esgôto. A única coisa que lembrava Estados Unidos, naquela casa, era a cozinha: quatro paredes forradas com páginas da revista "Life" e o fôrro, baixinho, com um catálogo da Sears. Era a vedação.

— Eu preferia ser velha — disse-me um dia Edna, a Smiley de quinze anos, quando estava sentado na cozinha esperando que o carro do Sr. Berry, um vizinho das Smiley, que se tornou nosso amigo, passasse para nos levar até a cidade.

— Por que?

— Porque assim não tinha que trabalhar. — Disse isso enquanto apanhava do armário um copo contendo uma dentadura. A avó, a Smiley de 86 anos, resmungava qualquer coisa lá dentro, e Edna ia dizendo, enquanto esfregava vigorosamente a dentadura com uma escôva: "Já vai, já vai".

Foi uma das poucas vêzes em que Edna falou comigo. Era uma menina de traços

SEGUE

*"Entrada para prêtos"*
*No consultório do*
*Dr. Kilpatrick, como*
*em outros, o negro*
*sabe por onde entrar.*

# No médico, vi duas salas de espera: uma pobre, outra luxuosa

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

bonitos, corpo de mulher, muito elegante — apesar das botinas maiores que os pés — mas já com os dentes estragados. Êsse detalhe dos dentes, íamos notar em quase todos os prêtos que conhecemos. Aproveitei para perguntar à menina o que achava do *homem branco*, da segregação.

— Não tenho nada contra êles. Tem até duas meninas brancas de quem eu gosto, na escola. Acho que um dia tudo isso vai acabar. Acho que sim, um dia vai acabar...

O carro do Sr. Berry buzinou lá fora.

O presidente Johnson deu uma gargalhada quando lhe disseram que estávamos pensando em ir jantar, no sábado à noite, num dos *restaurantes de brancos*. Johnson, como a maioria dos prêtos de certa idade, vê a segregação como um fato consumado. Êle é presidente da cooperativa de pequenos fazendeiros do condado de Dallas, e seus comentários sôbre brancos são curtos e cuidadosos. Johnson prefere rir, mostrando grandes dentes de ouro, quando, por exemplo, alguém conta as besteiras ditas pelo ex-Governador Wallace.

A cooperativa que Johnson dirige se chama de fazendeiros — que é o têrmo em inglês —, mas teríamos que chamá-la de sitiantes. Sitiantes, pobres e prêtos. São pequenos proprietários ou arrendatários de terra que viviam só de algodão, mas que com a cooperativa têm aprendido muita coisa, como cultivar produtos mais lucrativos. E, embora a renda de uma família rural ainda seja miserável — menos de 1000 dólares por ano, em média —, a situação vem melhorando e parece oferecer um futuro pelo menos razoável.

## Dedo de comunista

Se tudo der certo: pois, com os 2 mil sócios atuais e escritórios espalhados em dez condados, a cooperativa começa a representar fôrça econômica e política, e nada disso agrada aos grandes fazendeiros e aos comerciantes brancos. As ameaças têm sido cada vez mais freqüentes pelo telefone, e o jornal de Selma, mais de uma vez, já disse que "há dedo de comunista nessa cooperativa".

O presidente Johnson riu quando falamos em jantar no *restaurante de brancos*. Mas logo em seguida ficou sério. Disse que era realmente muito perigoso, pois nos fins de semana à noite se bebe bastante e um branco bêbado, vendo um prêto em *seu* restaurante, podia reagir da maneira mais violenta.

— E também — disse êle —, se não acontecer uma cena, é porque perceberam que vocês são estrangeiros e então vocês não vão provar nada. Eu e todos os prêtos daqui não iremos lá nunca, e sabemos por que.

Era o mesmo que nos tinham dito sôbre a missa na igreja católica. A verdade é que negro nenhum de Selma, a menos que esteja procurando uma surra ou até mesmo a morte, entrará numa igreja de brancos. Ou num restaurante. Ou em qualquer outro lugar. Aqui, o prêto já nasce sabendo que vai a uma escola só de prêtos. O mesmo quanto ao hospital, à loja, ao supermercado, ao clube, à igreja, ao cinema, ao médico, ao cemitério. Tudo é separado. E tudo é sempre inferior. A escola tem as piores instalações e os piores professôres, embora em Selma 60% das crianças em idade escolar sejam pretas. O supermercado de brancos o A & P, é mais farto em mercadorias e artigos de qualidade melhor que o B & P, para prêtos, a algumas quadras de distância. A loja de bebidas — "liquor store" — dos brancos está a menos de 200 metros da loja dos prêtos. Aquela tem champanha e vinhos estrangeiros, coisas que não se encontram nesta. Mas, se se pudesse dizer que existe uma coisa mais deprimente que as outras, essa coisa seria o consultório médico.

## "Entrada para prêtos"

Na Avenida Selma, 228, está o consultório do Dr. Kilpatrick, médico de clínica geral. O edifício, elegante, é térreo, de tijolinhos alaranjados, com um gramado verde impecàvelmente tratado na frente. Tínhamos sido avisados, mas só acreditei quando vi: lá estava, do lado direito do pequeno prédio, a tabuleta preta com letras brancas: *colored entrance* (entrada para prêtos). Fomos na direção que a seta debaixo das palavras indicava, abrimos a porta e demos numa saleta. Os oito prêtos que estavam sentados nos bancos de madeira olharam para nós e continuaram quietos. Eram quase todos velhos, homens e mulheres. O ar era quente, abafado. Além dos dois bancos de madeira havia uma mesinha, certamente onde uma recepcionista registraria os pedidos de consulta. Nas paredes nuas, um quadrinho com um barco a vela. O chão, maltratado e sujo. Olhei mais uma vez o rosto conformado de cada um daqueles prêtos e saí.

Fomos olhar a sala dos brancos: ampla, vidraças do chão ao teto, cortinas, tapêtes, poltronas estofadas, sofás, revistas, quadros, mesinhas de centro. E ar condicionado. Era difícil acreditar, porque naquela hora eu não estava pensando nas coisas que tinha lido, como o trecho do livro de um juiz de direito, adjunto da Suprema Côrte do Mississípi, um senhor chamado Thomas P. Brady, que dizia coisas assim: "O negro pretende educar sua inteligência inferior e clarear sua pele e "apagar a luz" no cérebro do homem branco e enlamear sua pele". (Isso foi escrito em 1954, há catorze anos, quando o Govêrno ordenou a integração nas escolas.) Ou no livro de um outro Thomas, êste com sobrenome Dixon, que em 1920 vendeu mais de 5 milhões de exemplares de suas novelas, e ia mais longe que Brady: "O negro, desde a África, só soube, sempre em sua História, roubar o que comia; explorava sua mulher, vendia os filhos, devorava o irmão, satisfazia-se em cantar, beber, dançar e se divertir como o macaco!"

Eu não pensava nesses livros, nem pensava nas fotos daquela menina chamada Dorothy Counts, uma negrinha de quinze anos que, em 1957, na Carolina do Norte, aqui no Sul, foi matricular-se numa escola *branca*. As fotos correram o mundo, mostrando a menina a caminhar de cabeça erguida entre duas alas de brancos que lhe atiravam bolas de papel, pedras e pedaços de pau, e lhe cuspiam em cima, os escarros escorrendo do rosto, do pescoço, e da

SEGUE

*Fôlhas de revistas
não deixam
o vento entrar
na cozinha
da Senhora Smiley.*

# Só a senhora tratará êste quarto com mais carinho que os homens que o fizeram.

Ninguém tem contato mais íntimo com os móveis da casa, que a senhora. Afinal, quem cuida dêles todos os dias, tirando o pó, arrumando as camas, escolhendo acessórios para que fiquem mais belos ainda?
Quando êles têm a qualidade de Móveis Cimo, merecem tudo isso. Porque durante tôda a construção, foram tratados carinhosamente.
Temos a coragem de dizer que os homens que fazem os Móveis Cimo têm mais amor por êles que a senhora!
Desde a escolha das madeiras, até os últimos retoques de acabamento, tudo é bom gôsto e carinho.
Por isso, quando escolher móveis, nunca deixe por menos: escolha a qualidade Cimo.

Modêlo 6220

MOVEIS CIMO CURITIBA

## MÓVEIS CIMO

Matriz: Caixa Postal, 13 - Av. São José, 770 - CURITIBA - PARANA

# Só então entendi o que é ser prêto numa cidade racista

**RACISMO**
CONTINUAÇÃO

*"Cedo as nuvens da inferioridade começam a formar-se no pequeno céu de sua inteligência."*
(MARTIN LUTHER KING.)

barra do vestido. Eu não pensava nisso, nem em assassínio e linchamento de prêtos, enquanto deixava o consultório do Dr. Kilpatrick e voltava para o carro. Isso eu lera ou vira impresso. Agora eu vivia. Pensava no absurdo que aquilo me parecia — separar gente de gente, como se separam porcos de crianças.

## Sala dos brancos

Fomos a um outro consultório médico, o do Dr. Grayson. Mas não havia ninguém, nem mesmo a recepcionista. Estava lá só uma velha mulher que limpava o chão. Nós íamos acompanhados de Rose, uma môça preta da cidade. Quando a velha nos viu, perguntou o que desejávamos.

— Eu queria marcar uma consulta — disse Rose.

— Não há ninguém aqui, agora — respondeu a mulher —, mas em dez minutos deve chegar a recepcionista.

Ficamos parados, sabíamos que ali era a *sala de espera dos brancos*. A mulher olhou-nos.

— Aqui é a sala dos brancos. Vocês podem acomodar-se na dos prêtos, ali nos fundos.

A velha falou aquilo com a maior naturalidade. E era uma preta.

— Êles não sabem pensar de outro jeito — disse-me mais tarde um jovem — E, mesmo que pensassem, não diriam, pois não podem perder o emprêgo. Têm que dizer o que o homem branco quer ouvir.

Eu ia escutar coisas parecidas de outra jovem, chamada Billie, no dia seguinte, depois de um almôço na casa dos Berry.

A casa dos Berry é a melhor entre a dos sitiantes que visitamos. Bem melhor que a do presidente Johnson. Pelo menos tem banheiro e caixa de água. A Sra. Berry nos convidara para o almôço, no dia de deixarmos Selma. Era uma mulher simpática, magra como a maior parte das donas de casa da zona rural e, como a maior parte, cheia de filhos. Tivera catorze. Fomos ao almôço eu, George Love, Shirley e Billie — duas môças que trabalham no escritório da cooperativa. Depois do almôço (feijão, arroz, carne de porco, frango, milho), na sala de visita dos Berry, onde estão os retratos dos dois Kennedy assassinados e o do Dr. King — o retrato de King está em quase tôdas as casas de prêtos, do Sul —, conversei demoradamente com Billie. Ela está com dezoito anos e, ao contrário de Edna Smiley, acha que nem os seus bisnetos chegarão a ver a integração no Sul.

Billie diz que percebeu tôda a dimensão do problema há menos de dois anos.

— Desde criança a gente se acostuma com isso. As aulas, as lojas, o trabalho, até as competições esportivas são de colégio prêto contra colégio prêto. E, do outro lado, colégio branco contra branco.

Ela falou da piscina pública de Selma, que o prefeito mandou fechar há mais de três anos, quando um tribunal disse que teria que ser integrada, isto é, receber também prêtos.

— A piscina não abriu nunca mais, e o prefeito diz que só depois que abrir uma do lado prêto é que reabre a do lado branco.

Billie sabia que vivia no mais pobre Estado norte-americano, que não tem boas bibliotecas nem museus; sabia que ali onde vivia, naquele condado com 56 mil habitantes, 52% das famílias eram pobres, e era onde se registrava a maior incidência de tuberculose em todo o país. Sabia que as mães pretas eram obrigadas a dar à luz nas mãos de parteiras, por falta de médicos ou de dinheiro. Billie sabia que o *hospital de brancos* era muito melhor que a *enfermaria de prêtos*.

— Se um prêto tem que sofrer uma operação, êle às vêzes consegue fazê-la no hospital. Mas assim que é operado volta para o seu lugar, isto é, a enfermaria de prêtos, na *seção preta* da cidade.

Sabia também que nas doze repartições do Govêrno Federal, em Selma, não havia um único funcionário prêto:

— Isso nos departamentos federais... Imagine nas secretarias estaduais: acho que nem faxineiro negro êles admitem.

## "Branco ou prêto?"

Já era hora de deixar a casa da família Berry e arrumar as coisas para voltar ao Brasil. Billie ainda teve tempo de me contar que Selma ficara também sem ônibus municipais há pouco tempo, quando um tribunal federal ordenou a integração nos ônibus da cidade. A história da piscina se repetia. Os proprietários preferiram extinguir a linha de ônibus a integrá-los.

Tôda a humilhação a que Billie parecia estar acostumada, e como Billie pràticamente todos os prêtos que conhecemos em Selma, fôra bem sintetizada por Martin Luther King: "...quando se contempla uma maioria de 20 milhões de negros asfixiados no círculo de uma pobreza celular, em meio de uma sociedade farta; quando repentinamente a língua fica prêsa e gaguejante para explicar a uma filha de seis anos porque não pode freqüentar o parque público de diversões que acaba de ser anunciado na televisão, as nuvens agourentas da inferioridade começando a formar-se no pequeno céu de sua inteligência; quando se tem de dar uma resposta a um filho de cinco anos que pergunta: "Papai, por que os brancos tratam os prêtos tão mal?": quando alguém é acossado de dia e perseguido de noite, pelo simples fato de ser negro; vivendo sempre de prontidão, sem saber o que esperar de tudo; importunado por apreensões interiores; lutando constantemente contra a humilhante condição de ser um jão-ninguém — então compreender-se-á..."

Antes de deixar Selma, ainda tinha uma última pergunta para Billie:

— Billie, qual foi ou é o maior líder do povo aqui em Selma?

Ela respondeu imediatamente, sem pensar, porque aquilo fazia parte de seu raciocínio:

— Do povo branco ou do povo prêto?

FIM

# Asahi Pentax tem tudo isso à sua disposição - seja V. amador ou profissional - a qualquer hora, aqui mesmo (sem esperar por demorada importação). Só Asahi Pentax. Fim.

IMAI - 34 005

Escolha aqui a sua câmara: Asahi Pentax Sla/ST 2.0/55 mm - Asahi Pentax: SV/ST 1.8/55 mm - Asahi Pentax SP/ST 1.8/55 mm - Asahi Pentax SP/ST 1.4/50 mm

Esta é a Asahi Pentax Spotmatic, de corpo inteiro. Visite o revendedor mais próximo para "namorá-la" à vontade. Mas vá disposto a dizer o "Sim", pois a Spotmatic costuma provocar violento amor à primeira vista.

Completo estoque de peças e acessórios.

A venda nas melhores lojas

**ASAHI PENTAX**

Mediante solicitação, remetemos, grátis, folhetos ilustrados.

**ASAHI OPTICAL BRASILEIRA IND. E COM. LTDA.** Avenida Paulista, 1009, 19.º andar, s/ 1904/6 - Cx. Postal 7839 - Fone: 31-2435 - São Paulo

# pele limpa rosto lindo

A famosa estrêla diz: "Lux deixa a minha pele realmente limpa. Você também vai adorar o delicado perfume e as 4 maravilhosas côres de Lux".

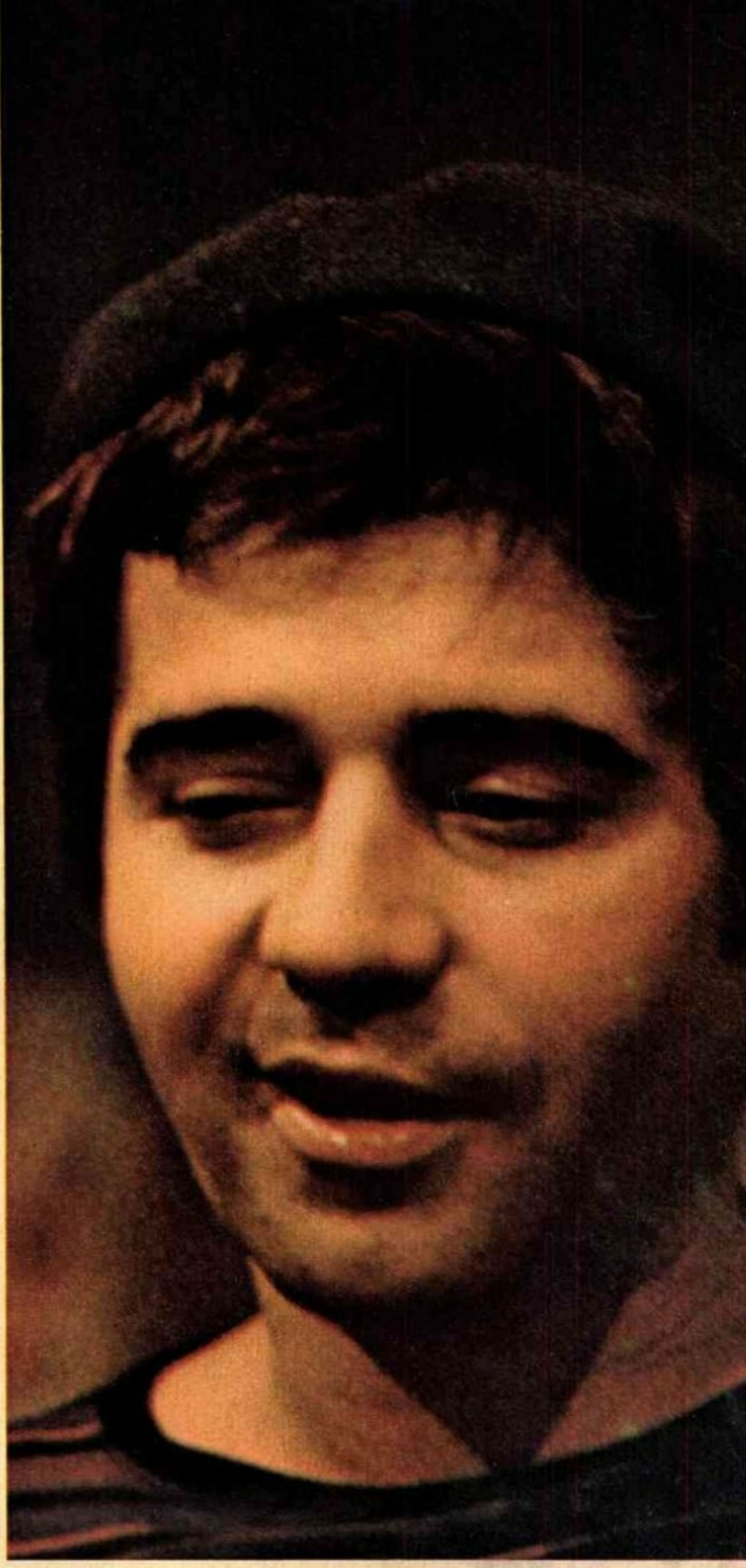
O que dá a Raquel Welch essa aparência tão adorável? A pele tão limpa, o rosto tão lindo? É Lux, Sabonete de Beleza. A espuma cremosa de Lux realça a sua beleza natural e deixa a pele sempre jovem e macia.

**Lux,** Sabonete de Beleza preferido por 9 entre 10 estrêlas de cinema.

E, após o banho com Sabonete Lux, use Talco Lux.

**Suas peças são aplaudidas pelo público e consideradas obras-primas pela crítica. Seus personagens são marginais, gente que briga para poder amar, que grita por socorro e luta desesperadamente para viver. Sua linguagem, cheia de gíria e palavrões, desagrada a Censura, e muitos dizem que êle não passa de um analfabeto. Roberto Freire mostra que Plínio Marcos não se ofende com isso:**

# SOU O ANALFABETO MAIS PREMIADO DO PAÍS



Fotos de José Antônio

Não havia razão alguma para que eu fôsse assistir à estréia daquela peça. Meu primeiro preconceito: ela seria levada no bar da livraria Ponto de Encontro, em São Paulo, e teatro fora de teatro eu não compreendia. Segundo preconceito: os atôres eram imaturos e não dariam bom espetáculo, imaginava. Terceiro preconceito: a direção da peça tinha sido confiada a Benjamim Cattan, que — até então — considerava mau diretor. E achava que não há peça, não há interpretação que resistam a um diretor incompetente. Diziam, ainda, que o autor era um tipo marginal e analfabeto. Quarto preconceito: desconfiava do valor de qualquer forma de primitivismo em arte. Mas acabei indo.

*Dois Perdidos numa Noite Suja:* o título me parecia de mau gôsto e me fazia esperar um texto pior ainda. Quando o espetáculo começou, havia apenas meia dúzia de pessoas na improvisada platéia. Gente de teatro, só três. E os convites tinham sido numerosos. As luzes se apagaram e em seguida se acenderam de nôvo, iluminando duas camas imundas e dois marginais a dialogar: Paco e Tonho. A linguagem dêles, logo

# Dizem que dêle só se pode esperar cenas de violência

de saída, chocou-me profundamente. Era uma gíria agressiva, misturada a palavrões. Conhecia de sobra êsse modo de comunicação entre os homens daquela classe. Mas o homem da minha classe — o burguês que sou — crispava-se ao ouvir tais palavras e, com isso, não conseguia entender seus significados profundos. Comecei a condenar a peça e a distanciar-me de seu conteúdo.

No entanto, de repente, aconteceu um estranho fenômeno: a peça começava a arrancar-me da platéia e jogava-me no meio da rua, onde eu não queria mas precisava viver, para vencer todos os meus preconceitos. Já não ouvia mais o som das palavras, mas sentia o que elas queriam significar como apêlo, como grito de socorro viril, urgente, desesperado, de gente que está com mêdo da morte e não da vida, de sêres humanos no limite extremo entre matar ou morrer. Assim, não eram mais as palavras que eu seguia dali em diante, mas os gestos de Tonho e Paco; não eram mais os dois atôres que importavam, nem como artistas ou gente. Eu era sacudido no que há de humanidade em mim, pelo que sou responsável ou cúmplice da marginalidade e seus atos de desespêro. Compreendia, à medida que a peça caminhava para o final, a própria condição marginal de meus bons sentimentos, a superficialidade de minha revolta pelos *humilhados* e *ofendidos*. E, quando a peça acabou, aplaudia de vergonha. Mas estava, por outro lado, muito feliz. Porque eu tinha tido a ventura de assistir ao surgimento de um grande autor e, com êle, aprendera duras lições de humanismo e coragem.

Então, fui conhecer o autor Plínio Marcos. E encontrei-o triste, deprimido, insatisfeito. Disse-lhe o que sentira. De que podia valer-lhe minha opinião e das outras cinco pessoas ali presentes? Até aquêle momento, sua vida artística havia sido uma série de fracassos. A estréia de *Dois Perdidos*, em certo sentido, representava um dos maiores. Talvez o maior: o da solidão, da indiferença e do desprêzo dos outros. Mas Plínio, apesar de tudo, não estava desanimado. Com o apoio de amigos saiu à procura de um palco para poder levar seu espetáculo aos críticos e ao público. E acabou conseguindo o Teatro de Arena, em São Paulo. Porém teve de aceitar uma condição inédita na história do teatro brasileiro: pagaria 70 por cento da arrecadação aos proprietários do Arena, quando o máximo que se cobra raramente chega a 25 por cento. Êle não tinha escolha: ou aceitava ou continuaria não existindo como autor. Plínio pediu-me para não revelar isso, mas é impossível deixar de fazê-lo. Sôbre Plínio, ou se conta tudo ou não se conta nada.

No Arena, *Dois Perdidos* foi vista pelos críticos e por um público razoável, e considerada obra-prima. Em pouco tempo, seu nome foi sendo conhecido e respeitado em todo o Brasil. De repente, Plínio tinha cinco peças em cartaz, em São Paulo e no Rio. Vieram os prêmios, começou a ganhar dinheiro. E virou gente importante, para muitos. Mas, para êle mesmo, continuava sendo um marginal. Um marginal de sucesso.

Além de Nélson Rodrigues, nenhum outro autor teatral contemporâneo conheceu tanta fama, e em tão pouco tempo. Sua gaveta estava cheia de peças, e tôdas preocupavam a Censura, agradavam ao público e encantavam a crítica. As obras refletiam o mundo da marginalidade social: carregadores do mercado, prostitutas, catadores de papel. A transcrição dêsse mundo tinha profunda autenticidade, porém tocada por um estranho e violento amor, apesar da crueldade dos conflitos que encerravam. Quem seria êsse homem de 32 anos? Qual teria sido sua vida, seus problemas, para possuir sensibilidade e conhecimentos humanos tão contrastantes? Todos sentiam sua obra cheia de amor, sem que pudessem encontrar nela uma só forma de amor comum, normal e belo. Como seria o amor de Plínio?

## "Jesus não me deve nada"

A peça *Navalha na Carne* estava censurada. Ela seria montada, ao mesmo tempo, em São Paulo e no Rio. E começou a luta. Tôda a classe teatral estava a seu lado. A Censura tinha argumento respeitável: os três únicos personagens da peça eram um explorador de mulheres, uma prostituta e um homossexual. Onde já se viu? O que se podia esperar? Claro: sexo, violência, linguagem de baixo calão, o diabo. Críticos, intelectuais, sacerdotes assistiram aos ensaios e a conclusão foi idêntica à da Censura: sexo, violência, linguagem de baixo calão, o diabo. Mas com um detalhe: outra obra-prima. E a Censura perdeu a parada. Aberta ao público adulto, a peça foi enorme sucesso nas duas capitais.

Nessa época, Plínio era um homem muito pobre, cheio de dívidas, com mulher e dois filhos. Pouco depois da liberação de *Navalha na Carne*, ocorre um triste acidente com um ator — Jesus Padilha — que trabalhava num espetáculo do grupo do Sesi. Em cena, o rapaz sofre derrame cerebral e fica paralítico. Internado num hospital, tinha mínimas esperanças de recuperação física para a profissão. Era, sobretudo, um problema financeiro, pois o tratamento nesses casos é caríssimo e longo. Sabendo do acidente e dos problemas de Jesus Padilha, Plínio Marcos vai à SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e doa ao colega doente os direitos autorais de *Navalha na Carne* em São Paulo. Quem contou isto foi o próprio Jesus, que encontrei na SBAT recebendo recentemente uma das parcelas dos direitos. Já estava pràticamente recuperado, graças ao tratamento especializado que vinha recebendo. Segundo posso avaliar, deve chegar a 15 000 cruzeiros novos o que lhe coube até hoje dêsses direitos. Plínio não era sequer amigo de Jesus. Êle comenta assim:

SEGUE

# Se V. tem um plano genial para ajudar o Nordeste, eis aqui a oportunidade de V. colocá-lo em prática.

# E ainda ganhar NCr$ 15.000,00 por êle.

A Comissão Administradora do PRÊMIO MIGUEL CALMON, constituída pelo Banco Econômico da Bahia S.A., conforme a Norma N-411.3 de sua Diretoria, no exercício da competência que lhe é atribuída nêsse mesmo Ato, baixa o seguinte REGULAMENTO GERAL para a concessão do referido Prêmio:

Art. 1. — O Prêmio Miguel Calmon, no valor de NCr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros novos), será atribuído mediante concurso anual de monografias inéditas sôbre resultados de estudos ou pesquisas que representem contribuição valiosa ao desenvolvimento do Nordeste.

Art. 2. — O concurso abrangerá, cada ano, mediante rodízio, uma das três áreas de conhecimentos seguintes:

I — Economia;
II — Tecnologia;
III — Administração.

Parágrafo Único — Na área tecnológica compreender-se-ão os setôres de Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Química e Agronomia.

Art. 3. — O concurso para o Prêmio Miguel Calmon será gerido pela Comissão Administradora, com as seguintes atribuições:

I — Elaborar e emendar o Regulamento Geral, bem como as normas do concurso para o Prêmio Miguel Calmon;

II — Constituir Comissão Julgadora e homologar o respectivo Parecer;

III — Promover, quando necessário, a edição do trabalho premiado;

IV — Propor à Diretoria do Banco Econômico da Bahia S.A., quando parecer oportuno, a atualização do valor monetário do Prêmio e outras providências para que o mesmo alcance o objetivo de estimular estudos e pesquisas com vistas ao desenvolvimento do Nordeste;

V — Deliberar sôbre casos omissos.

Art. 4. — O mandato de membro da Comissão Permanente cessará nos casos de renúncia ou impossibilidade de exercê-lo, ficando à deliberação da Diretoria do Banco Econômico da Bahia a substituição dos demissionários.

Art. 5. — A Comissão Permanente promoverá, anualmente, no mês de maio, a abertura do concurso, fixando a área em que o mesmo se realizará (art. 2.) e o prazo de encerramento das inscrições, que não poderá exceder de seis meses a partir da data de abertura.

Parágrafo Único — Caberá ao Banco Econômico da Bahia S.A., patrocinar ampla divulgação, no país, da abertura e encerramento das inscrições ao concurso e dos seus resultados.

Art. 6. — Poderão concorrer ao Prêmio Miguel Calmon candidatos de qualquer nacionalidade, desde que radicados no Brasil.

Art. 7. — Os trabalhos apresentados poderão ser individuais ou de equipe.

Art. 8. — A inscrição far-se-á mediante carta encaminhando à Comissão Permanente a monografia concorrente, através da Matriz e das Sucursais do Banco Econômico da Bahia S.A.

Art. 9. — A Comissão Permanente constituirá, para apreciação dos trabalhos inscritos, Comissão Julgadora, formada por, no mínimo, três e, no máximo, cinco especialistas de renome, sempre que possível indicados por entidades relacionadas com o desenvolvimento do Nordeste.

Art. 10. — Os nomes dos membros da Comissão Julgadora, deverão ser divulgados até três meses antes do prazo de encerramento das inscrições ao concurso.

Art. 11 — Os membros da Comissão Julgadora reunir-se-ão na Cidade do Salvador dentro de 30 dias após o encerramento das inscrições para conhecimento e distribuição, entre si, dos trabalhos concorrentes e, na primeira quinzena de abril, para a votação do parecer sôbre a classificação das monografias.

Art. 12 — A Comissão Julgadora, em sua primeira reunião, elegerá um Presidente e um Relator, o primeiro, responsável pelo ordenamento dos trabalhos e, o último, pelo Parecer Final.

Art. 13 — Os votos da Comissão Julgadora serão tomados por escrito, acompanhados das respectivas justificações, e remetidos, com o Parecer Final à Comissão Permanente.

Art. 14 — Os votos individuais serão mantidos em sigilo, divulgando-se, apenas, os resultados numéricos da votação.

Art. 15 — A Comissão Julgadora, se considerar imprescindível, poderá solicitar, através da Comissão Permanente, pareceres de especialistas cujas opiniões sejam essenciais para melhor avaliação de determinados trabalhos como contribuição ao desenvolvimento do Nordeste.

Art. 16 — Quando considerar de valor excepcional mais de uma das monografias apresentadas, a Comissão Julgadora poderá propor à Diretoria do Banco Econômico, por intermédio da Comissão Permanente, a atribuição de um segundo prêmio.

Art. 17 — No ano em que nenhum dos trabalhos concorrentes mereça o Prêmio, por não corresponder às exigências e ao nível científico do concurso, seu valor monetário será destinado à Universidade Federal da Bahia para contratação, durante período mínimo de seis meses, do professor ou pesquisador capaz de contribuir para o avanço do ensino e da pesquisa na área de conhecimentos que estiver sendo contemplada.

Art. 18 — O Banco Econômico da Bahia S. A. manterá, na Matriz, subordinada à Diretoria de Relações, uma Secretaria do Prêmio Miguel Calmon, que se responsabilizará pelas providências de ordem burocrática relacionadas com o concurso.

Salvador, 28 de junho de 1968

Em 1968 o Prêmio Miguel Calmon será sôbre Economia. As inscrições encerram-se em 7-1-1969.

A COMISSÃO PERMANENTE:

Prof. Roberto Santos — Presidente
Prof. Hernane Sobral
Prof. Jairo Simões
Prof. Hilton Rodrigues
Dr. Jayme Villas-Bôas Filho

**BANCO ECONÔMICO DA BAHIA S.A.**

Bons negócios, bons serviços, desde 1834 — 115 agências nos mercados-chave brasileiros

Denison - Ne

# "Eu apenas chateio quem acha que está tudo muito lindo"

**PERFIL**
CONTINUAÇÃO

— Eu precisava do dinheiro pra comer, êle pra viver. Comer, a gente sempre se vira. Eu devia à classe teatral a liberação de *Navalha na Carne*. Logo, foi uma colaboração da classe para com êle. Jesus não me deve nada, como não devo nada a êle também por ter lutado pela liberação da peça. O importante é êle ficar bom e a gente poder sempre dispor um do outro pra essas coisas, pôxa!

## "Marxista? Nunca li Marx"

Num avião, indo para o Rio, encontro Plínio Marcos. Durante uma hora, conversamos pela primeira vez depois da estréia de *Dois Perdidos*. A leitura dos jornais do dia nos levou a falar de política, dos acontecimentos nacionais e internacionais. Suas análises eram agudas, precisas. Aos poucos, ia descortinando sua visão do mundo. Uma comovente sinceridade despontava de suas palavras ao referir-se à grande parcela da população brasileira que vivia marginalizada, em condições sub-humanas, devido a erros de estrutura social. Mas suas observações não entravam nunca no plano filosófico. Então, não resisti e fiz a pergunta direta: se êle era marxista. Olhou-me sério e respondeu de estalo:

— Não. Sou bronqueado. Como posso ser marxista, se nunca li Marx?

Bronqueado: um revoltado contra tôda forma de injustiça e opressão. Talvez fôsse cristão. Fiz a pergunta.

— Não acredito em Deus. Acredito em tudo o que os cristãos dizem significar Deus: amor, verdade, justiça, liberdade. Os Evangelhos eu li. Bacana. Mas acho também que só a minoria dos cristãos e dos padres são bacanas como Jesus Cristo. Mas o problema é dêles. Deus não vê tudo? Se acreditam nêle, então que se cuidem.

Plínio ainda não escreveu peças que tratem pròpriamente de política. Numa entrevista, definiu sua posição a êsse respeito. Foi mais ou menos assim, resumidamente:

— Você acredita em teatro de politização?

— Não. A arte não modifica as opções políticas de ninguém. Isso é uma bruta pretensão de certos autores. Revelando, com sinceridade e honestidade, os problemas sociais que a gente conhece, o máximo que obtemos é uma abertura de consciência do público.

— Então, seu teatro não é de politização?

— Não. É de chateação. Eu chateio quem acha que está tudo lindo.

— Você, então, é um cara de briga?

— Sou é do amor.

— Não é isso o que aparece nas suas peças.

— Conto histórias de gente que não pode amar, que não deixam amar. Êles é que são de briga. Brigam para poder amar.

— Não há mesmo conteúdo ideológico em suas peças, Plínio?

— Êsse troço de ideologia é coisa de quem estudou. Se minha bronca contra as coisas erradas significa esta ou aquela ideologia, o que é que posso fazer?

Walderez é uma mulher bonita, serena, bastante culta e inteligente. Formou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Desde os tempos de faculdade, dedicou-se ao teatro. Hoje está casada, tem dois filhos: Tuco e Kiko, isto é, Leonardo e Ricardo. Filhos, também, de Plínio Marcos.

## "Eu queria aparecer"

— Plínio foi, é e será sempre um marginal.

Ela diz isso séria, com seu jeito de môça de classe alta, e acrescenta:

— Quando o conheci, pareceu-me apenas um cafajeste.

Isso aconteceu lá por 1960, num festival de estudantes, em Pôrto Alegre. Plínio atuava num grupo de Santos, cidade onde êle nasceu.

— Eu era *bicão*, entende? Não era universitário, nem nada. Mas queria duas coisas nesses festivais: aparecer como ator para arranjar bôlsa de estudos e, sobretudo, namorar as *minas* que facilitassem — diz Plínio.

— Não agradava nada como ator, mas fazia muito sucesso com as garôtas. Êle ia direto ao assunto e quem estava ali para *facilitar*, como Plínio diz, achava o jeito dêle muito prático. Como não era êsse o meu caso, dei-lhe um violento contra. E não podia compreender como é que as môças o suportavam. Eu só via o Plínio meio bêbado, usando linguagem grosseira, com roupas velhas e sujas, sem um tostão no bôlso, armando briga com todo mundo. Enfim, um cafajeste mesmo — completa Walderez.

Em 1962, Walderez participou do festival de estudantes que se realizava em Campinas. Plínio também estava lá:

— Eu acabava de mudar-me para São Paulo. Estava desempregado, *duro* feito côco. Pra viver, vendia cigarro americano sem sêlo, maconha, bugigangas estrangeiras que os contrabandistas de Santos me arranjavam pra *passar*. Lembro de umas canetinhas que me deram uma boa nota. Eram de plástico transparente, com um líquido dentro. Boiando no líquido, uma bonequinha que era uma garôta só de biquíni. Se a gente virava a caneta de cabeça pra baixo, o biquíni desaparecia e a boneca ficava peladi-

SEGUE

# Passou maconha, vendeu contrabando, era um marginal

nha... Legal né? Todo paspalho comprava. Mas a muamba acabava e eu não tinha nem onde dormir. Quebrava o galho nos bancos da estação rodoviária. Quando conseguia serrar um tutu de algum conhecido, ia dormir na Hospedaria do Povo. Nome bacana. Mas só vendo a sujeira, os percevejos e o fedor! A gente só podia dormir seis horas, pois tinha fila. Um dia descobri que ia ter festival de estudantes em Campinas. Consegui mais umas canetinhas e me mandei pra lá. As *minas* não iam me deixar sem dinheiro, eu sabia que agradava por causa do meu jeito autêntico...

Walderez explica o que Plínio quis dizer com o *autêntico*. Naquele tempo, a palavra estava na moda, sobretudo no ambiente universitário. Era o contrário de intelectual, burguês. E Plínio, que era autêntico mesmo, era também bastante *vivo* para utilizar-se disso e conseguir algum dinheiro, algumas garôtas e a tal bôlsa de estudos.

Na festa de abertura do festival, Walderez estava ao lado de Plínio, sem dar a menor atenção a êle. Outro *autêntico*, bêbado, a importunava com propostas *autênticas*. O salão estava repleto de gente e era-lhe difícil esquivar-se do rapaz. Vendo que não a convencia com palavras, êle partiu para um gesto *autêntico:* tentou abraçá-la à fôrça.

— Se meu irmão estivesse aqui, seu cafajeste, êle lhe quebrava a cara.

Foi o que Walderez pôde dizer, revoltada com a ousadia do rapaz. Plínio, vendo a indignação sincera da môça, enfureceu-se. Diante dêle, pendurado na parede, com faixa presidencial e tudo, havia um enorme retrato de Jânio Quadros. Arrancou-o da parede e enterrou-o na cabeça do outro.

— Quebrou o maior pau! Depois que dei aquela *janiada* na cabeça do cara, me mandei dali com a Walderez.

— Então comecei a entender o Plínio. Ficamos muito amigos. Êle não era um cafajeste como eu pensava, mas um marginal diferente. Mostrou-me o que escrevia e descobri seu enorme talento, apesar de serem coisas mal redigidas e com defeitos de construção dramática. Plínio era diferente dos jovens que conhecia, preocupados todos com cultura e política, mas sem sentirem realmente a verdade real dessas coisas. Meu amor por êle salvou-me dêsse perigoso equívoco. Tive de preparar-me para entrar em seu mundo, sem preconceito algum. Não foi fácil. Mas foi lindo.

Plínio resume assim o que Walderez representa para êle:

— É minha mulher de fé, meu velho soldado. Vencemos juntos.

Plínio cursou apenas o primário, tem redação insuficiente. Desconhece gramática. Mas possui um vocabulário riquíssimo, o popular, da tradição oral. Por isso, Walderez corrige apenas a grafia de seus textos.

— Já tentei ensinar-lhe gramática. Mas êle não se submete à disciplina que êsse tipo de estudo exige. Chegamos à conclusão de que é tarde demais. Mas não lhe faz a menor falta. Nem êle se envergonha disso. Conta comigo, como faria com qualquer outra pessoa amiga que respeitasse seu estilo.

O estilo de Plínio Marcos é espontâneo. Consegue escrever como fala. E fala bastante e depressa, tudo o que sente, sem nenhuma censura interior. Quando descobre um nôvo tema, escreve sem parar. *Dois Perdidos numa Noite Suja* foi escrito em 24 horas. *Navalha na Carne* em quatro dias.

## "Sou malandro no duro"

— Sou o analfabeto mais premiado do País, no momento. Aliás, quando querem me ofender me chamam de analfabeto, quando querem me badalar dizem que sou gênio. O que sou mesmo é um cara de sorte. Tenho boa estrêla e sei me virar. Aceito a regra do jôgo na porcaria da vida. Ninguém me passa pra trás e se bobearem passo na frente dos outros. Sou malandro, no duro.

Plínio faz distinção fundamental entre malandragem e desonestidade.

— Aprendi a viver na malandragem das docas de Santos. Ninguém é malandro por vocação, mas por necessidade. Se o cara não consegue estudar, se não arranja logo trabalho, tem de aprender a se virar para não morrer de fome. O certo era haver oportunidade para todos. Mas não é assim. Qual é o jeito? Tem gente que se envergonha de ser malandro, eu não. Quando vim para São Paulo, se não fôsse malandro, ia acabar sendo desonesto e me danaria todo. Vou te dar um exemplo...

Depois que começou o namôro com Walderez, êle conseguiu trabalho na TV Tupi. Era assistente de estúdio, ganhando muito pouco. E queria casar. Confiava muito em suas peças. Já havia escrito uma meia dúzia e vivia escrevendo outras para a televisão. Mas ninguém as queria. Já estava desesperando, quando apareceu na tevê um senhor do Recife, procurando peças para a televisão de lá. Plínio mostrou-lhe uma e o homem comprou-a imediatamente, combinando um sistema de envio mensal de outras. Durante meses, Plínio viveu disso. Um dia, contaram-lhe que o homem apresentava as peças como se fôssem suas, recebendo os direitos autorais. Não teve dúvida: arranjou uma porção de peças estrangeiras, mudava o nome dos personagens e mandava-as para o Recife, como se fôssem de Plínio Marcos. Mas, assim que conseguiu um aumento na televisão, deixou de mandar *suas* peças para o Recife.

— Aí já seria desonestidade, é ou não é?

Antes de conseguir o emprêgo na televisão, Plínio aproximou-se dos estudantes da extinta UEE — União Estadual dos Estudantes. Naquele tempo, a UEE possuía uma sede na Rua Santo Amaro, perto do Teatro Oficina. Plínio dirigia, sem receber nada, um grupo de atôres estudantes. Então, pediu em troca que o deixassem dormir na sede da entidade. E para lá mudou-se com tudo o que tinha: a calça, a camisa e os sapatos. Mas não foi o único a gozar dêsse privilégio. O porão era ocupado por mais dois desempregados e amigos dos estudantes, mais dois *autênticos*. Assim, como Plínio se dizia autor de teatro, Penteado dizia-se jornalista, e Pernambuco, estudante. Como nenhum trabalhava, nem estudava, viviam pedindo dinheiro e comida. Quando a fome apertava e não conseguiam comover os estudantes, dirigiram-se para um botequim na Praça Roosevelt que haviam apelidado de "Sujinho". Êsse bar vendia pratos feitos muito baratos. Era freqüentado por artistas de teatro e gente de cinema. Os três ficavam por ali, à espera dos artistas. Plínio levava uns livrinhos com descrições e desenhos obscenos que comprava no cais de Santos, e trocava por pratos feitos no Sujinho. Logo, os três tornaram-se figuras conhecidas, pelas histórias que sabiam e por êsse gênero de negócio.

— Pode contar tudo. Não me envergonho de nada. Precisava comer e conviver com artistas, para um dia conseguir minha oportunidade. Diga tudo: eu passava maconha, vendia livrinhos obscenos, cigarro americano, as tais canetinhas italianas. Mas o forte mesmo era a *onda*, o meu *papo*, o meu jeito marginal, todo mundo achava graça, bacana. Havia muito de verdade no que contava e fazia, mas eu representava, inventava que não era mole.

São muitas as histórias com seus companheiros de marginalidade, nos porões da UEE. Há um episódio que, certamente, deve ter ficado no subconsciente de Plínio e mais tarde inspirou-lhe uma passagem de *Dois Perdidos*. Além de Penteado e Pernambuco, veio morar com êles na UEE um rapaz prêto que, ao contrário dos outros, não tinha e não queria ter profissão alguma. Era o "Negrão".

Além da roupa do corpo, Plínio tinha um relógio de pulso. Um dia, empenhou-o, e com o dinheiro comprou um pão enorme e uma garrafa de cachaça. Foi um banquete com os companheiros. Mas o Negrão ficou desconfiado e quis

SEGUE

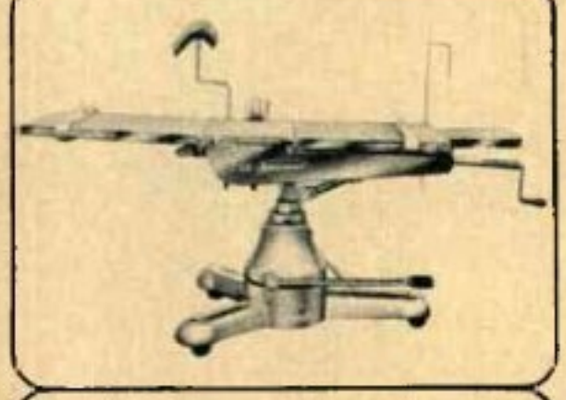
# SCOTS BARD, O REBELDE

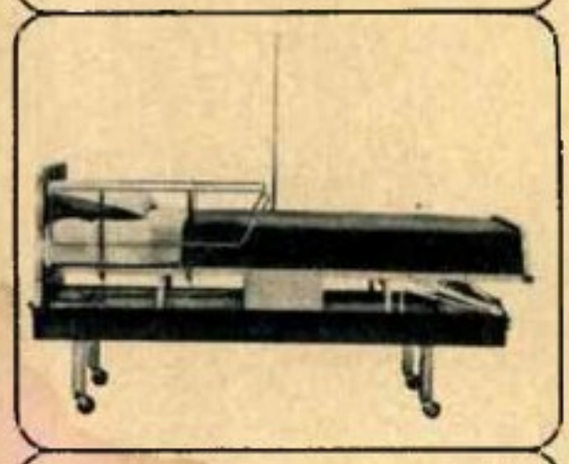
**Ninguém pode negar sua origem escocêsa. Êle é elaborado à base de cereais e nada de cana. Rebelde, quebrou a tradição dos velhos lordes e vestiu-se de côres vivas. Suas festas são as mais modernas. Seu gôsto é para os moços, é leve. Seus irmãos mais velhos, escocêses, acham-no meio impossível. Mas êle só se entende mesmo com essa "rebelde" juventude.**

baumer

Fabrica, planeja e financia 4.000 produtos para você montar m hospital.

- Centros cirúrgicos e esterilização
- Dormitórios e Maternidade
- Instrumental Cirúrgico e Fisioterapia
- Lavanderia e Cozinha





Entre em contato conosco, nestes endereços:
São Paulo - Rua Nicolau Ancona Lopes, 47
fones: 32-6448 e 32-1652
Rio: Rua Washington Luis, 77 - fone: 42-7284
Recife: Praça Independência - Edifício Brasília 12.º - sala 1206
P. Alegre: R. Vigário José Inácio, 153 - cj. 101/2
Brasília: Ed. Arnaldo Vilares, cj. 401/403 - Av. W-23
Fortaleza: Rua Floriano Peixoto, 814
Curitiba: Avenida Duque de Caxias, 255
Belo Horizonte: Rua Maria Inês, 15 (Floresta)
Belém: Avenida General Deodoro, 1352
Salvador: Avenida Estados Unidos, 14 - 6.º - s/604

baumer

EQUIPAMENTO MÉDICO HOSPITALAR S.A.



# "Fui malandro, e vi que na vida é preciso ter coragem"

saber onde Plínio conseguira o dinheiro:

— A Faculdade de Medicina está com falta de cadáveres para os estudantes dissecarem nas aulas de anatomia. Êles estão comprando os corpos de vivos mais pra lá que pra cá, entende? De gente doente ou que não tem o que comer e logo vai bater as botas. É só ir lá, dar o nome e o endereço, assinar uns papéis. Êles passam a grana adiantado.

— Pôxa, Plínio, você vendeu seu corpo?

— Não, o seu.

— O meu?

— É, êles preferem crioulo.

— Mas sem me consultar nem nada? Isso é sacanagem!

O Negrão foi na conversa. Nem quis comer o pão e beber a cachaça. Era como se estivesse comendo o próprio corpo. Mas a coisa não ficou aí. Plínio mandava conhecidos telefonarem para a UEE:

— É o Negrão?

— É...

— Aqui é da Faculdade de Medicina. Como vai de saúde?

Negrão xingava, ameaçava Plínio de denunciá-lo à polícia. E ficou doente, teve pneumonia. Chamaram um médico amigo, e o Negrão queria que o doutor lhe emprestasse *algum* para que Plínio devolvesse o que recebera da Faculdade. Foi o médico quem o convenceu de que era pura brincadeira. Plínio teve de passar uns tempos dormindo na rua, para evitar a ira do companheiro.

Quando foram despejados da UEE, fizeram uma despedida emocionante. Beberam muito, lembrando os bons momentos passados juntos. Quando acordaram no dia seguinte, o Negrão havia desaparecido. E levara tôdas as roupas do Penteado.

— Tive que ir buscar uma calça emprestada pra êle poder se mandar dali. Nunca mais soube do Negrão. Tôda vez que passo em frente à Faculdade de Medicina, me lembro dêle e começo a rir. Depois fico triste: vai ver, seu corpo já andou por lá e foi dissecado, de graça.

## "O velho não me entendia"

Todos se lembram de uma história em quadrinhos que aparecia na revista *Mindinho*. Ela contava as aventuras de um gato chamado Frajola, cujo grande sonho era comer um passarinho de nome Piupiu. A garotada da Ponta da Praia, em Santos, não perdia um número dessa revista. Entre êles, havia um menino com mania de passarinho, sobretudo mania de roubar passarinho dos outros. Por isso, o apelidaram de Frajola. O nome verdadeiro do garôto era Plínio Marcos de Barros, filho de um bancário, homem sério, trabalhador e bom, que sonhava formar os quatro filhos. Mas só conseguiu realizar êsse sonho com três, pois Plínio fugia da escola para jogar futebol, fazer molecagens e assaltar gaiolas. A grande tristeza de Plínio Marcos é que o pai — a quem deu tôda sorte de desgôsto e preocupações — morreu poucos meses antes que êle se revelasse como autor de teatro.

— Meu velho só conheceu meus fracassos, minhas vagabundagens. Se tivesse vivido um ano mais, teria compreendido a minha rebeldia e estaria satisfeito comigo, como minha mãe, hoje.

Frajola queria ser jogador de futebol. E foi treinar no infantil da Portuguêsa santista, mas era muito louco e irritava o técnico Papa, especializado em treinar crianças. Plínio contou-me suas histórias de candidato a futebolista durante uma viagem que fizemos a Santos, para visitar um de seus amigos de infância, hoje o cantor Luciano Fonseca. Nós o encontramos cantando no Samba-Danças Avenida, na região das docas.

— Eu era pivete do Luciano, que tinha o apelido de "Caveirinha". Cara de morte, mais velho do que a gente, ia nos ensinando as malandragens. Chegou a ser milico só pra andar armado. Quando a gente estava perdendo no futebol, de outro time qualquer, êle acabava o jôgo a bala, dando tiro na bola.

Os dois amigos se encontram. Não se viam há muito tempo, mas Luciano acompanhava o sucesso de Plínio. Luciano era o ídolo da turma da Ponta da Praia. Não só por ser o mais velho e mais forte, mas sobretudo por cantar bem.

Entre êles, havia um alagoano que tocava muito bem violão — o Ercílio Cruz —, que, como Luciano, trabalha hoje em casas de diversões noturnas, nas docas de Santos. Luciano e Ercílio achavam muita graça nas palhaçadas de Frajola, no jeito que tinha para contar piadas, mentir e fazer malandragens. Então, fizeram um *show* de violão, canto e números de humorismo. Plínio inventou um tipo de palhaço malandro e acabou sendo contratado para trabalhar nos circos que passavam por Santos. Mas os circos iam mal, deixavam a cidade e Plínio ficava períodos desempregado. O jeito era procurar os amigos de infância. A maior parte vivia na malandragem, alguns em plena criminalidade. Plínio acompanhava-os à noite pelas docas.

— Olha só os nomes dêles, os que a polícia matou: Jacaré, Xororó, Noné. Êstes outros eu queria muito bem, estão presos: Feijoada, Chininha. Tem alguns que não sei onde andam: Manequinho,

SEGUE

O Gálaxie tem ar condicionado instalado pela fábrica (opcional

# O silêncio do Gálaxie: causas e conseqüências.

O Gálaxie foi projetado para ser silencioso.

Acontece que êste compromisso com o siléncio conduz a um total compromisso com a qualidade.

Um sério compromisso.

Que acaba trazendo outros benefícios, além do siléncio.

Quer um exemplo?

Está no chassi.

Os engenheiros da Ford criaram um desenho nôvo, fora do comum, para o chassi do Gálaxie.

Com êste desenho, há uma distribuição uniforme de tensões e torções que são atenuadas pela flexibilidade e resistência do chassi. Isso concorre para a durabilidade de muitas peças.

E elimina ruídos e vibrações.

Outro bom exemplo?

Na montagem da carroceria, do motor, da suspensão e da transmissão no chassi, a

Ford utiliza coxins especiais criados em laboratório cuja função é absorver vibrações e ruídos.

Como você vê, causas e consequências do silêncio do Gálaxie estão muito ligadas.

Uma coisa leva à outra.

Muito bom, não é mesmo?

Você compra silêncio e ganha qualidade.

Você paga pela qualidade e o silêncio é a bonificação.

E viva o confôrto!

**GÁLAXIE** Ford

Você pode comprar o Gálaxie através do Consórcio Nacional.

**se você já acorda cansado**

com dôres nas costas, tornozelos inchados, seus rins talvez estejam reclamando atenção. As Pilulas Foster ajudam a normalizar as funções dos rins e da bexiga, devolvendo à Você a sua boa disposição ao acordar.

Tenha sempre em casa

PÍLULAS FOSTER

A SAÚDE DOS RINS

LIVRE-SE DOS CALOS!

Ràpidamente, sem qualquer dor ou esfôrço, e sem instrumentos, V. pode remover de vez os calos que tanto o atormentam. Bastam três gôtas de Gets-It. Calicida altamente concentrado, Gets-It age em profundidade, extraindo os calos pela raiz, ao fim de poucas aplicações.

USE

GETS-IT




# O que Plínio sempre quis foi escrever, amar, viver

Babá, Búfalo, Soneca... Gente boa, gente que podia ter sido outra coisa na vida, gente que considero irmãos, que respeito e de quem sinto saudade. É por êles, talvez, que escrevo.

Amanhecia quando deixamos Santos. Plínio havia vivido por uma noite seu melhor personagem: o Frajola. Depois de um longo silêncio em que pensei que estivesse dormindo, durante a viagem, êle me falou de Marilu, a personagem feminina mais importante dessa fase de sua vida.

## "A bala passou raspando"

Todos os namoros são parecidos na adolescência. O pai de Marilu era do exército. Conhecia de sobra, como todo mundo da vizinhança, o tipo de vida de Frajola, o pivete. Mas o homem não conseguiu convencer a filha de afastar-se do rapaz, apesar de contar-lhe tudo o que sabia a respeito dêle. Não a convenceu porque ela sabia de tudo e não se importava. Plínio conta, sério, como tudo terminou:

— Nós estávamos conversando perto da praia. O pai de Marilu apareceu de repente e mandou-a embora. Começou a me xingar, de tudo, de todo jeito. Eu ia reagir e, então, êle sacou de um revólver e apontou para mim. Estávamos a 2 metros de distância um do outro. Passou a exigir que eu prometesse nunca mais procurar sua filha. Eu estava com dezesseis anos, já havia enfrentado malandros armados, tinha lutado com a polícia, tinha sido prêso, espancado por marginais, tudo. Aprendera uma lei básica, desde menino, pra sobreviver na rua e na vida: não se desmoralizar nunca diante do inimigo, tentar sempre vencê-lo pela coragem. Eu disse-lhe que não gostava da menina, que ela gostava de mim e que só nós dois — eu e ela — podíamos decidir isso. Êle ficou fulo, xingou-me do pior nome e atirou. Um tiro só, que passou raspando à minha cabeça e furou a parede onde eu estava encostado. Fechei os olhos. Fiquei imobilizado. Quando tornei a abri-los, o homem tinha ido embora. O que sentia, não sei. Mas meu pensamento não funcionou por um tempão. Também não conseguia me mover. Será que era mêdo, susto? Não sei. Talvez tenha ficado ali uma hora, ou mais. Quando me movi, tinha certeza de que muita coisa havia morrido dentro de mim. Aquêle homem simbolizava bem o que passei a odiar. Jamais esquecerei aquêle momento, aquela cena. Como não esqueci Marilu, ou melhor, o amor que senti por ela.

Plínio recusou uma vida familiar sadia, tôda a formação escolar e moral que podia receber dos pais, como os irmãos receberam. Preferiu viver na marginalidade, arriscar um destino igual ao de Chininha e Feijoada numa cadeia, ou o de Jacaré, Xororó e Noné nas valas comuns dos cemitérios santistas. Parecia-lhe mais importante conquistar um lugar à custa apenas de seu talento pessoal. Era-lhe mais natural tomar do que pedir, conquistar do que receber. Atitude marginal, quase delinqüente. Eu o vi junto de seus companheiros de marginalidade; êles o tratam apenas por Frajola, Plínio continua sendo o mesmo Frajola dêles. Além disso, é com naturalidade (não orgulho) que nada nega de seu passado. Então, tentei encontrar uma interpretação e a expus a Plínio.

— Seus pais, sua família, sua casa, Marilu, a escola, tudo isso o desagradava. Era uma revolta inconsciente que o fazia sofrer, porque você os amava, apesar de tudo. Depois conheceu o mundo egoísta da pequena burguesia, do qual não escapa ninguém que vive nêle, como nossos pais, por exemplo. E escolheu não depender disso tudo para vencer na vida. E venceu, contra tudo e contra todos, como marginal e analfabeto, na arte, onde os valôres culturais e econômicos podem ocultar, combater, destruir tudo, menos os talentos verdadeiros. Sua obra, seu jeito de viver, refletem isso. O sucesso e o dinheiro que está ganhando poderão aburguesá-lo. Isso não destruiria minha interpretação, mas sim sua obra.

Plínio ouviu atentamente. Depois de um silêncio embaraçoso, comentou:

— Acho que está certo. Mas, se foi assim, foi tudo inconscientemente. Eu queria vencer na vida, ser um artista, só isso. Alguma coisa dentro de mim recusava o caminho da convivência familiar, do emprêgo puro e simples, da escola. E eu queria escrever! Sabe a coisa que mais me ofendeu na vida?

Estimulado por dois intelectuais que moravam em Santos — Patrícia Galvão e Maurício Lenjar —, escreveu e montou a peça *Barrela* (recentemente proibida). No dia seguinte, um jornal de Santos, referindo-se a Plínio e sua peça, estampa esta manchete: "O analfabeto sempre espera um milagre de circo".

— Me ofendeu porque era verdade. Nas coisas da cultura, o que pode esperar um analfabeto? Só mesmo um milagre de circo. Mas o diabo é que eu sou de circo, conheço os truques e o milagre aconteceu. Demorou um pouco porque era um truque difícil. Mas qualquer analfabeto poderá realizá-lo também, sobretudo se o fizerem juntos, unidos, todos os analfabetos do mundo. E podem contar comigo. Com o Frajola de sempre.

FIM

# faça do seu relógio o assunto da conversa

ref. 842.121/01
aço inoxidável
extra fino

ref. 842.106/06
aço inoxidável
extra fino
impermeável

Universal... o relógio com o qual todo bom relógio gostaria de se parecer! Universal sempre criou relógios diferentes. Eis porque se distinguem: cada um é único.

UNIVERSAL GENEVE

A partir de agora exist
três mulheres para ca
A culpa é de 'Co
'Co
fo
essas trê

em
la homem.
y Originals.

y Originals
z de você
s mulheres.

Coty Originals.
Nova linha de produtos de maquilagem
para você ser 3 mulheres diferentes.
E surpreender o homem que você ama.
Polished Look, Velvet Look e Jeweled Look.
Viva a aventura de ser uma mulher diferente
cada vez que a sua emoção pedir isso.
Até o mais fiel de todos
os homens detesta a monotonia.

Polished Look

Velvet Look

# Polished Look

Dá a você um arzinho discreto, inocente.
Passe Base Líquida.
Use o Iluminador do Contôrno Facial Cremoso, que ilumina o rosto, ajuda a afinar o nariz e a eliminar as marcas de olheiras.
Aplique o Sombreador, para aumentar as maçãs do rosto, e, se necessário, reduzir um queixinho meio pontudo.
Agora o creme de Maquillage para Realce (Blusher) para realçar suavemente o colorido natural do rosto.
Para os olhos:
Um dos tons de Sombra Compacta.
Um traço fino e firme com o Delineador Líquido.
Nos cílios inferiores use a Lapiseira/Delineadora.
E Máscara Automática para Cílios, para torná-los mais densos e alongados.
Pronto!
O mundo é seu.

# Velvet Look

Dá ao seu rosto um tom aveludado, romântico.
Comece com a Base Líquida.
Aplique Pó Facial Translúcido.
Agora, Maquillage para Realce (Blusher), para ser aplicada sôbre o Pó Facial.
Nos olhos:
Use a Lapiseira/Delineadora para acentuar mais os olhos.
Cílios postiços Coty Originals.
Você aperfeiçoa, em alguns minutos, tudo o que a natureza levou alguns anos para fazer.

# Jeweled Look

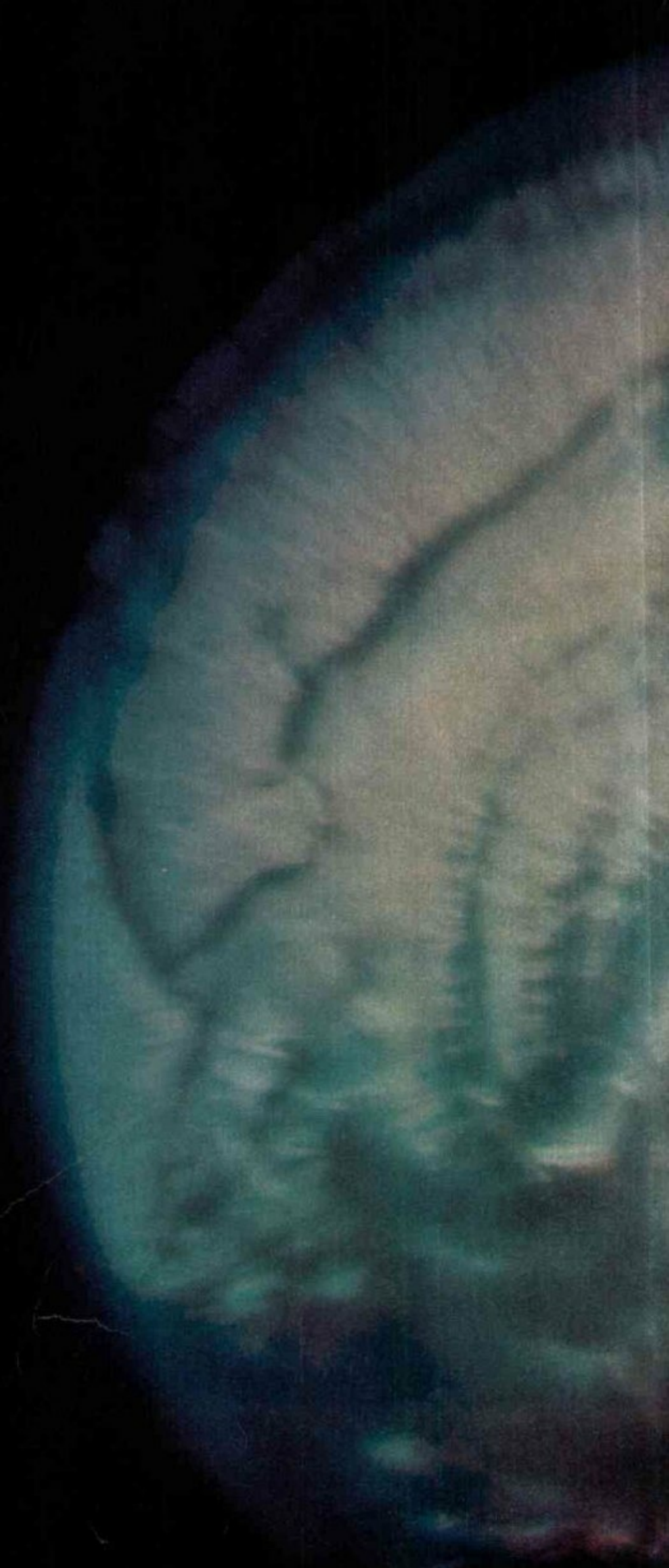
Para você ser sofisticada.
Comece com Base Líquida.
Agora, Pó Facial Translúcido e Cintilante, para fazer o rosto brilhar.
Creme Ruborizador de Maquillage para Realce (Blusher) para aumentar o brilho.
O Iluminador do Contôrno Facial Cremoso, para acentuar as linhas do rosto.
Para os olhos:
Um tom rosado da Sombra Compacta.
Delineador Líquido.
Cílios postiços. Um toque de Máscara Automática para os cílios.
Esta é a sua grande noite!
Aproveite-a como se fôsse a última.

COTY *Originals*

Jeweled Look

Os fatos descritos nesta reportagem são assombrosos e assustadores, mas rigorosamente baseados em dados reais. Parece ficção, no entanto pode acontecer agora mesmo, neste momento, por simples acidente. Porque o homem fala incansàvelmente na paz, mas não se cansa de se preparar para a guerra, mesmo sabendo que a próxima significará a destruição da própria Terra. E tudo não durará mais que alguns minutos.

# É O FIM!



Pesquisa de Roberto Pereira e
Raimundo Rodrigues Pereira

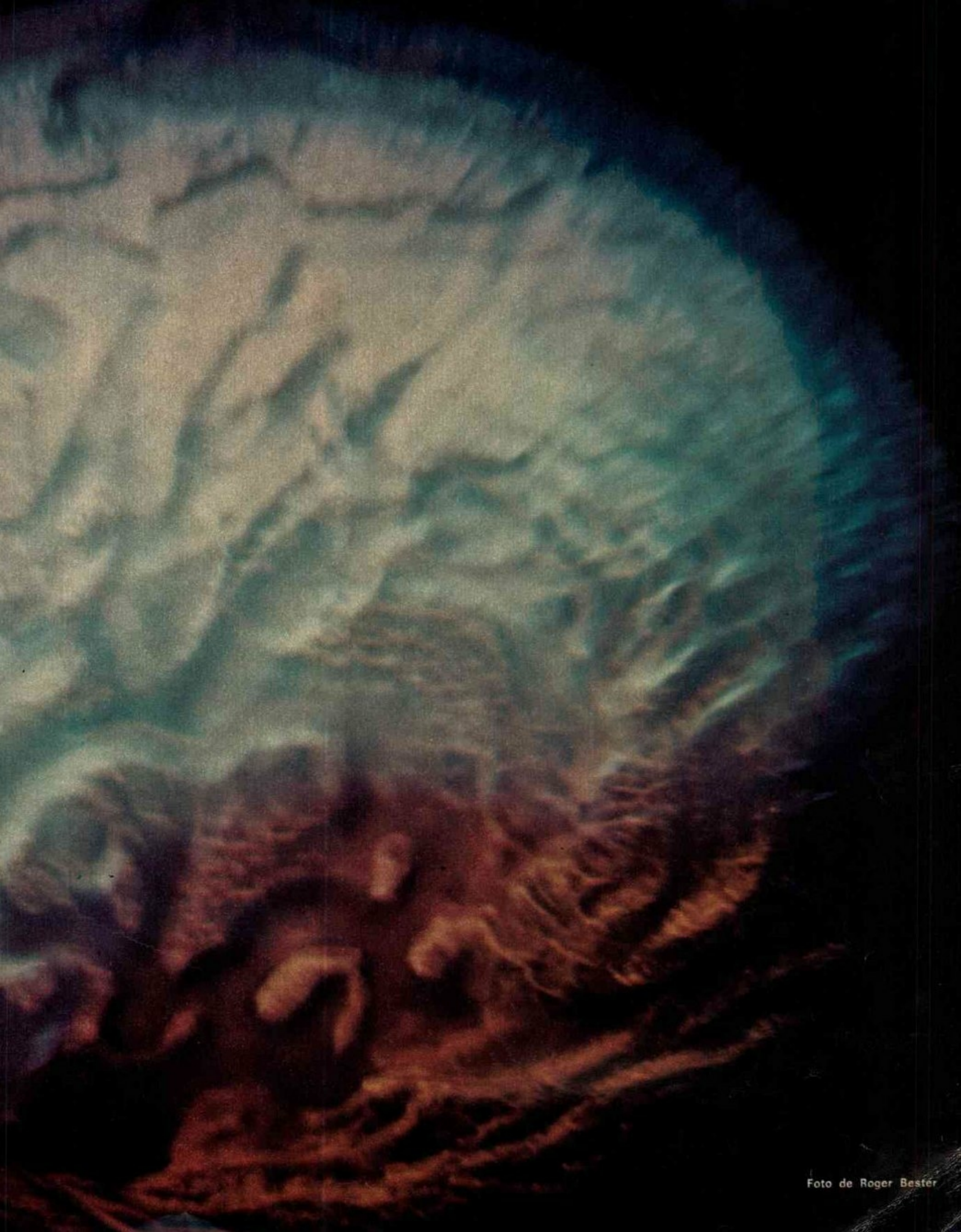


Foto de Roger Bester

# atelier parisiense

Rhodosa®

delta

Atelier Parisiense
Classe e elegância
em qualquer estação.
Prepare-se para
conhecer a nova
coleção.

Rua Major Diogo, 746
Fones 32-1854 - 35-8595 e 37-5387
São Paulo

Tibor Kertesz
Rua 7 de Setembro, 132
Fone 27-8908
Rio de Janeiro

# Um pontinho verde aparece na tela. Será foguete inimigo?

No jipe militar que o conduzia ao quartel do NORAD — North American Air Defense Command (Comando de Defesa Aérea Norte-Americano), Coronel Paul Tibbets viajava preocupado. Uma inquietação inexplicável levava seus pensamentos de um lado para outro, à medida que o carro passava ràpidamente por aquela paisagem sêca, uma paisagem que naquele momento lhe parecia sem esperanças. Tibbets recebera indiferente a nomeação para o NORAD, depois de dois anos como pilôto das B-52 estacionadas na pequena ilha de Guam, no Pacífico, arquipélago das Marianas. Sua missão hoje lhe parecia tão sem sentido como as duas anteriores.

Antes transportava bombas nucleares de dois a cinco megatons, dia e noite, muitas vêzes durante 48 horas seguidas, à espera de uma guerra que sabia impossível. Depois, transportava quinze toneladas de bombas de fósforo, três vêzes por semana, para lançar de 15 000 metros de altura sôbre o Vietnam, no Sul ou no Norte, sôbre um inimigo que nunca havia visto na vida, a não ser em fotografias. Agora, êle ia comandar as operações do imenso painel fosforescente que vigiava dia e noite todo o espaço aéreo dos Estados Unidos, através do mais complexo sistema de radares e computadores já construído pelo homem. Ali também não via o inimigo: apenas minúsculos pontos na tela. De acôrdo com as regras que aprendera, aquêles pontinhos poderiam ser objetos que ameaçavam a segurança de seu país. Neste caso, sua tarefa era ordenar que êles fôssem destruídos. Se não conseguisse, deveria avisar as bases americanas em todo o mundo, para um ataque de represália.

O carro acabara de deixar o deserto do Colorado e estava na entrada norte do Quartel Colorado Springs (Termas do Colorado). O nome lhe lembrava primavera **(spring).** A primavera lembrava a mulher e os filhos que ficaram em Nova York, muito longe. Passado um instante, êle penetrava numa espécie de corredor sombrio. "Isso parece uma catacumba", pensou.

No primeiro dia de serviço, Tibbets tinha a impressão de estar num cenário de filme de ficção científica. Depois acostumou-se à realidade. O comando americano havia construído uma sede onde podia funcionar mesmo no caso de guerra atômica. O quartel fôra feito embaixo de uma montanha, com paredes de 200 metros de espessura, entre rochas, concreto e aço. As construções apoiavam-se sôbre molas, por sua vez sustentadas num estrado flutuante sôbre lagos artificiais de 1m20 de profundidade, no fundo da montanha. Se os inimigos atirassem uma bomba nuclear sôbre a montanha, os edifícios nem se moveriam. E assim nada podia afetar o formidável conjunto de aparelhos eletrônicos, vital para as fôrças americanas.

Tibbets pára um momento, antes de entrar na sala de comando. O pesadelo da noite passada de repente torna-se real. Talvez aquela fôsse a causa da inquietação que o afligia. Via o rosto de um soldado japonês, que desaparecia numa grande bôlha colorida, meio azul, meio verde, meio amarela. A pele do rosto parecia destacar-se, negra. Uma cara terrível, para a qual não conseguia achar explicação.

Tibbets carregara bombas nucleares e não vira por quê. Também jogara bombas de fósforo sem ver o inimigo E agora acompanhava pontinhos verdes numa tela imensa, de 2 por 5 metros. Os pontinhos iam e vinham, e Tibbets pensava no seu sonho. Teria algo a ver com esta vida voltada para objetivos nunca definidos por êle mesmo? Por que matar um inimigo que não vê? Por que apertar botões nesta montanha desumana? Por um momento julgou que a rotina o fazia imaginar coisas. Coisas inúteis para a função que desempenhava.

## Algo estranho no céu

A atenção de Tibbets foi bruscamente despertada. Na tela, um pontinho verde comportava-se de forma estranha. Aparecera naquele momento, talvez há dez segundos. Tibbets olhou o relógio: 21 horas. Apertou o botão do computador para saber o que havia de misterioso naquele objeto. Ràpidamente, o cérebro eletrônico, capaz de 2 milhões de operações matemáticas por segundo, deu uma resposta. Velocidade do objeto: 31 000 quilômetros por hora; trajetória: sôbre o Pólo Norte, em direção aos Estados Unidos.

De onde teria vindo? Impossível dizer, no momento. Evidentemente, não era um avião muito veloz. Tibbets chama o auxiliar e pergunta se não é um dos satélites artificiais conhecidos, em queda sôbre o país. Em menos

SEGUE

**securit - qualidade máxima em móveis de aço, produz, agora, também com perfeição máxima móveis em jacarandá da bahia.**

nova e luxuosa linha, abrangendo série completa de mesas, cadeiras, poltronas, sofás, arquivos, armários e elementos auxiliares, com características exclusivas de construção e acabamento.

**TECNOGERAL S.A.** visite nossas exposições:
**s. paulo:** r. 24 de maio, 47, tel. 35-5187 - **brasília:** ed. jk, loja 3, tel. 2-6180 - **rio:** r. francisco serrador, 2 - 5.º, tel. 42-6178, e, nas principais cidades, nas 450 concessionárias autorizadas.

SECURIT
jacarandá da bahia

# O computador acusa: vai cair no centro do país. O que fazer?

**GUERRA** CONTINUAÇÃO

de um minuto, o tenente volta com a resposta: "Não". As órbitas e as finalidades de todos os satélites são perfeitamente conhecidas pelos computadores do NORAD. Então, será um meteoro? "Não tem velocidade para ser um meteoro lento", informa o computador. Tibbets fica em dúvida e logo sobressaltado com a informação seguinte: "A trajetória o fará descer no centro dos Estados Unidos, sôbre uma base militar, ou nas proximidades".

"Parece um exercício militar", pensa. Êle só não quer pensar em inimigos, embora tenha sido sempre preparado para ver inimigos nesta tela.

Tibbets aperta um botão e o pontinho passa de verde para vermelho. Sabe que o ponto vermelho significa a movimentação imediata de todos os quartéis e bases norte-americanos no país e no exterior. Colorado Springs, a sede, transmite um sinal de "alarma âmbar" e sirenas zunem em milhares de bases militares, colocando de prontidão todo o sistema ocidental de defesa e ataque. O alerta produz movimentação ordenada que Tibbets já conhece bem. Tão bem, que êle imagina milhares de soldados encaminhando-se para os aviões, para os abrigos, alguns até fazendo piadas nervosas sôbre a guerra improvável. E, ao perceber que a causa de tudo fôra seu simples gesto de apertar um botão, tem uma breve sensação de alegria. Depois, num relance, reaparece em sua memória o rosto do soldado japonês. Tibbets olha para a mão direita e não sente nada, frio, atônito, como a peça de uma máquina.

## A máquina da guerra

No dia 30 de setembro de 1968, quatro países que cultivavam armas nucleares haviam acumulado em seus arsenais um fantástico potencial atômico. Russos e americanos, seguidos por inglêses e franceses haviam começado — anos antes — a preparar-se para destruírem-se uns aos outros. Satisfeito êste objetivo, menos de dez anos após a destruição de Hiroxima, passaram a juntar bombas capazes de acabar, também, com todos os habitantes do planêta. Agora, a soma de suas bombas era de 30 000 megatons, igual a 10 toneladas de dinamite para cada habitante do planêta. Da carga nuclear destinada pelas grandes potências a cada pessoa da Terra, o equivalente a quatro toneladas e meia de dinamite era a contribuição dos americanos; quatro dos russos; uma tonelada dos inglêses; meia dos franceses. Na ocasião, a China de Mao Tsé-tung esforçava-se para, brevemente, dar também a sua parte.

Para controlar dia e noite êstes 30 000 megatons, e a fim de mantê-los sempre prontos para executar seu serviço sinistro em poucos minutos, a máquina da guerra havia criado uma máquina de segurança. Era preciso evitar que o homem disparasse o mecanismo por acidente. O sistema de segurança tornou o complexo militar ainda mais complexo, delicado e imenso, quase auto-suficiente. Para o homem sobrara a tarefa de apertar botões. A possibilidade de êrro humano fôra pràticamente eliminada. Mas ficou a possibilidade de a máquina cometer seus próprios erros. Ela já mostrara não ser perfeita.

Há seis anos, em 1962, durante a crise dos mísseis russos em Cuba, num dos agitados dias do bloqueio americano à ilha de Fidel, os radares dos Estados Unidos denunciaram um conjunto de corpos aéreos vindo da União Soviética em direção à América do Norte. Vinham à velocidade de 9 quilômetros por segundo e foram identificados inicialmente como balísticos intercontinentais: um ataque de surprêsa. Mas não passavam de pedaços de uma sonda soviética. Por pouco a terceira guerra mundial foi evitada; a engrenagem militar parou quase no limite fatal. Isso deu aos homens uma confiança ainda mais cega na máquina que haviam criado. Os dirigentes das grandes potências estavam satisfeitos com a situação.

Evidentemente, diziam os estrategistas, a guerra é uma continuação da política. E como a política, a guerra, mesmo nuclear, tinha aspectos que para a maioria das pessoas pareciam absurdos. Por que prepará-la a tal ponto, se ela não pode ser deflagrada, por representar o fim da civilização? Era preciso realmente compreender a guerra para não ver nisso um absurdo. E os que a compreendiam ensaiavam e repetiam o treinamento para a terceira guerra mundial, certamente a última. Já se conhecia o comêço: um país enviaria cargas nucleares através de mísseis que, vistos numa tela como a do Coronel Tibbets, a princípio seriam simples pontinhos verdes.

## Rápida, a defesa

Já faz cinco minutos que Tibbets acompanha na tela o pontinho verde. Os computadores fornecem outras informações sôbre o objeto no céu. Não é uma sonda que os russos estejam para lançar, de um satélite em órbita. Poderia ser uma bomba orbital. Esta temível arma russa fôra anunciada no fim de 1967 e tem uma carga de 50 megatons, disparada de um satélite. Seria? O computador não responde. No mapa luminoso, o objeto não identificado já sobrevoou o Norte do Canadá e agora caminha em direção ao centro dos Estados Unidos.

SEGUE

**PODER AÉREO**
**(com capacidade nuclear)**

| ESTADOS UNIDOS | | UNIÃO SOVIÉTICA | |
|---|---|---|---|
| Bombardeiros estratégicos supersônicos | 80 | 0 | Bombardeiros estratégicos supersônicos |
| Bombardeiros estratégicos subsônicos — Bombas de 1, 2 ou 5 megatons mísseis de 2 megatons | 650 | 200 | Bombardeiros estratégicos subsônicos — Bombas de 2 ou 5 megatons ou mísseis de 1 megaton |
| Bombardeiros táticos e médios — Bombas tipo quiloton | 250 | 350 | Bombardeiros táticos e médios — Bombas tipo quiloton |
| Caça-bombardeiros — Bombas tipo quiloton | 800 | 600 | Caça-bombardeiros — Bombas tipo quiloton |

# É um míssil. As bases já sabem. Deve-se apertar o botão?



Faz seis minutos. Os soldados executam operações várias vêzes repetidas, sem nunca ir até o fim, como uma brincadeira. Em diferentes lugares, os homens comandados pelo "alarma âmbar" vão apertar os botões de outras máquinas. Em trinta bases, nas cidades americanas, terminou o ensaio para a partida de 250 aviões tipo B-52, de oito motores, levando bombas de 10 a 20 megatons. Êles voam 8 000 quilômetros sem reabastecimento, mais 8 000 com reabastecimento em pleno ar por aviões-tanque. Estão prontos, também para a decolagem, oitenta supersônicos B-58, que voam a 2 500 quilômetros por hora, conduzindo ogivas de 20 megatons para bombardeios de baixa altura.

Em 825 bases subterrâneas blindadas, encerra-se a verificação eletrônica de oitocentos balísticos intercontinentais **Minuteman** e de 25 **Titan II.** Potência das ogivas: 2 a 5 megatons; alcance: 20 000 quilômetros, capazes de atingir qualquer ponto na superfície da Terra. O "alarma âmbar" em cada base faz com que um homem destrave a primeira fechadura de segurança do foguete, com uma chave que traz em volta do pescoço e da qual não se separa nunca.

Falta apenas a ordem de Colorado Springs. Em trinta segundos, os **Minuteman** e os **Titan II** estarão no ar, com objetivos definidos: pontos estratégicos da URSS e países aliados dos russos.

## Está próximo, é um foguete

Soldados preparam mísseis e aviões. Ágeis, mas calmos. Ninguém pensa ainda numa guerra que possa acabar com tudo. Êles sabem que pode ser apenas um exercício. Também sabem que pode não ser. Foram educados para essa tragédia, como se um dia ela fôsse realmente acontecer.

A 380 quilômetros de altura, o objeto continua avançando em território americano. Agora, seguido também pelos radares russos. Tinham-no visto numa trajetória desconhecida e souberam fàcilmente onde seria seu ponto de impacto.

Faz sete minutos que apareceu. Neste momento, diante do painel do NORAD, Tibbets sofre um choque: o ponto verde se desvia, faz curvas. Êle tem certeza: "Não é meteoro, não é avião e possui contrôle remoto. É um míssil". Agora, os computadores conhecem o objeto matemàticamente: rumo, 16 573; velocidade, 38 430 km/h; tempo para o impacto sôbre território americano: 6 minutos e 24 segundos.

O coronel começa a suar, fica tenso. As dúvidas aumentam: qual seria o objetivo do ponto verde? Não seria inofensivo? Pela primeira vez chega a pensar que os computadores nada sabem. É preciso tomar depressa uma iniciativa e Tibbets decide: aperta o último alarma. Os sinais são transmitidos para diversos radares. Dêstes, para os satélites da rêde de defesa norte-americana. Daqui, para 45 submarinos nucleares da frota ocidental (oitenta por cento americanos) espalhados por todos os oceanos. Cada submarino custou tanto quanto a construção de Brasília. Êles vão lançar sôbre o inimigo os foguetes **Polaris** e **Poseidon,** com cargas de 1 a 2 megatons. Têm antenas que em quinze segundos recebem instruções para o tiro. Mais alguns segundos e os computadores de bordo transformam as instruções em ordem de comando para dezesseis mísseis, com alcance de 3 000 quilômetros.

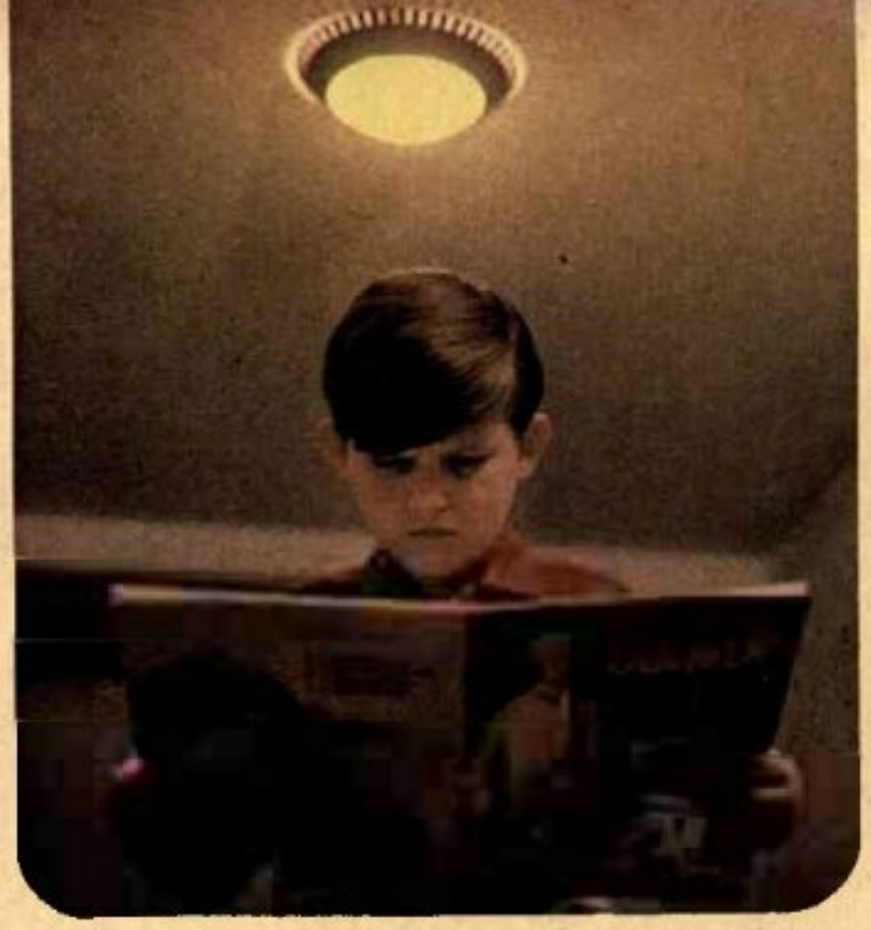
O ponto verde apareceu há nove minutos, e já os aviões B-52 e B-58 decolam. Nos armazéns de mísseis, portas de 240 toneladas, à prova de bombas atômicas, abrem-se deixando ver foguetes de 30 metros de altura e 3 de diâmetro. Nas bases americanas situadas em países e áreas em tôrno da URSS e da China — Turquia, Espanha, Groenlândia, Formosa, Japão, ilhas Marianas, Filipinas —, estão 2 mil foguetes táticos, alcance de 200 a 1 500 quilômetros, cargas atômicas duas vêzes maiores que as de Hiroxima, e acertam-se detalhes do contra-ataque.

Na União Soviética e nos países aliados — Tchecoslováquia, Polônia, Hungria, Romênia — as manobras são idênticas. Um sistema nuclear muito semelhante ao dos americanos é colocado em ação. Os russos precisam de seis minutos para disparar 380 mísseis intercontinentais, também abrigados em armazéns à prova de bombas atômicas e dotados de ogivas de 8 a 50 megatons. Ao mesmo tempo, preparam suas armas mais temidas: quinze foguetes de alcance global, que serão disparados em trajetórias suborbitais sem a mínima possibilidade de defesa. No mar, sessenta submarinos, trinta nucleares, armados com mísseis de cargas de 1 a 3 megatons, também apontam os foguetes.

## Tudo pronto: é agora?

Dos dois lados, separados por 12 000 quilômetros, tenta-se ainda a última forma de impedir a guerra. O telefone vermelho, uma linha direta entre o Kremlin e a Casa Branca, é a esperança para o esclarecimento do mistério do pontinho verde. Êle foi instalado exatamente para isso. Mas, hoje, não funciona. Um simples defeito de

SEGUE



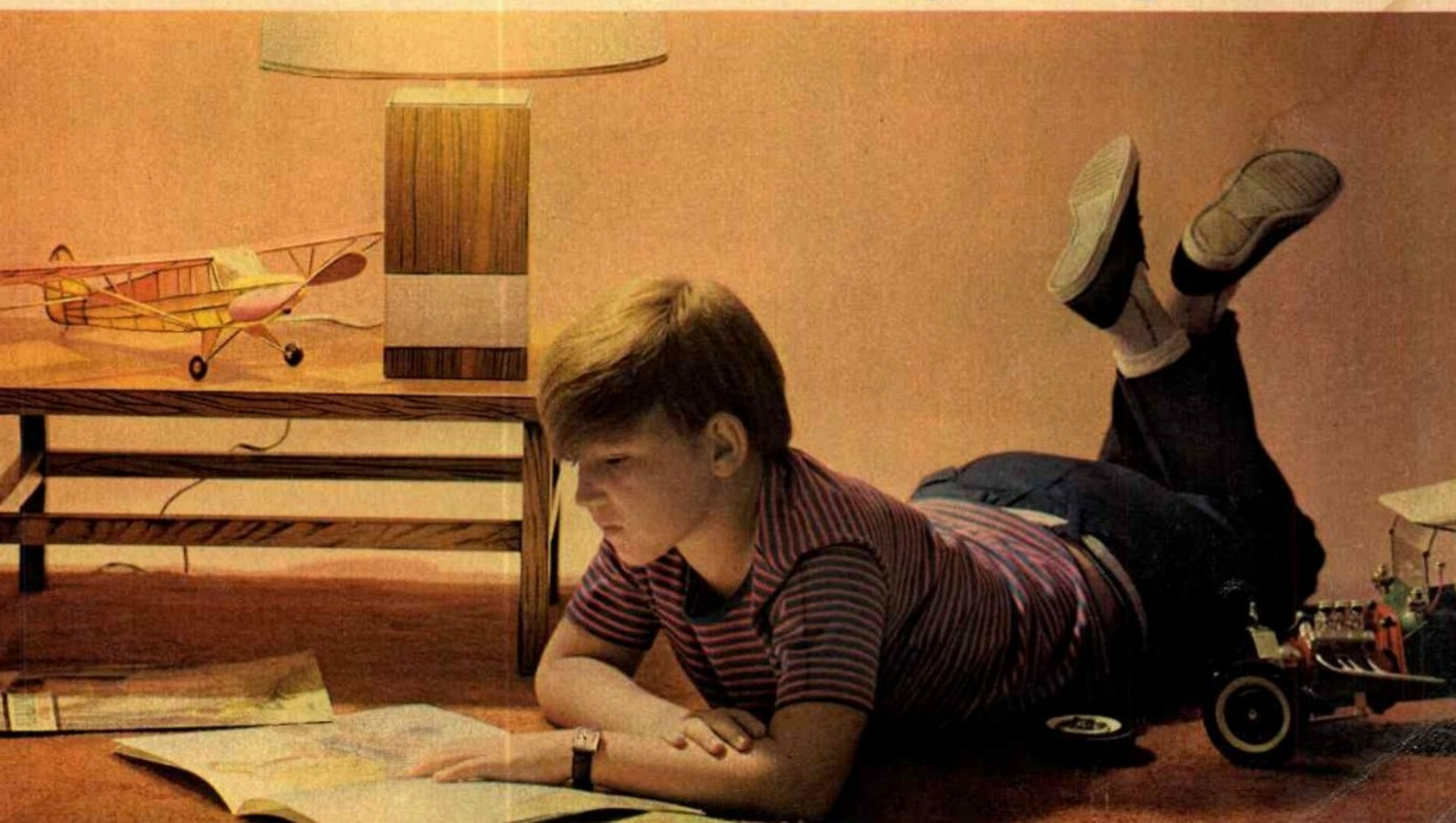
# Trocar de lugar não adianta: o desconfôrto continua.

É uma questão de luz. Por que não iluminação correta só para o menino estudar, ler, brincar?

Êle tem pela frente uma vida inteira, precisa ver sempre tudo bem claro. Dê ao menino um ponto-de-luz exclusivo, com uma lâmpada GE.

## Luz é vida, luz é GE

LÍDER MUNDIAL NA FABRICAÇÃO DE LÂMPADAS

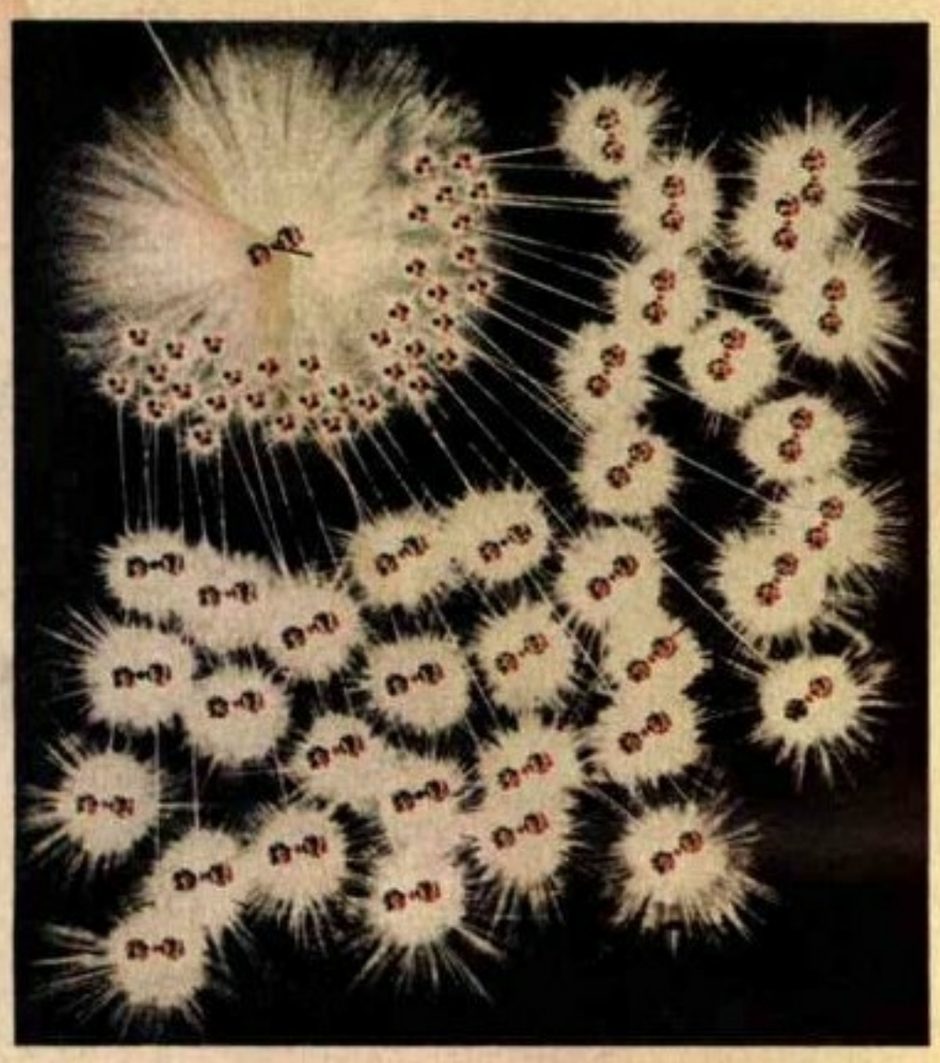


# Agora é tarde. A guerra começou. O mundo vai acabar?

transmissão? Não se sabe. Não é a primeira vez que o sistema falha. Em 1965, um lavrador norueguês passou com um trator sôbre o cabo telefônico e o arrebentou. O lavrador não sabia da existência do cabo secreto no subsolo da fazenda, nem conhecia o seu significado para o mundo. Teria havido outro corte dêste tipo, na linha onde agora estavam depositadas as esperanças do mundo? Era tarde demais para procurar alguma resposta útil. A humanidade havia concebido formas caríssimas e infalíveis para começar a guerra, e dedicara à paz tão-sòmente um tênue fio telefônico.

Faltando dois minutos para a queda do objeto desconhecido no centro dos Estados Unidos, os computadores sob a montanha de granito preparam a defesa violenta. O Coronel Tibbets, agora, apenas espera. Não é mais com êle. Ordens da rádio do NORAD abrem tôdas as caixas pretas que contêm as instruções finais para o lançamento das cargas nucleares, a bordo dos submarinos, dos aviões, em tôdas as bases terrestres. Dirigentes, comandantes, oficiais, soldados, técnicos e cientistas que construíram pacientemente tôda a engrenagem da guerra, sentem que serão tragados por ela.

Na União Soviética, os radares descobrem os primeiros balísticos americanos. A resposta maciça, há muito tempo preparada, sai dos botões. Os foguetes se elevam dos depósitos subterrâneos, também espalhados em todo território russo. Os bombardeiros estão no ar. Os submarinos têm as ordens. Nas órbitas, quinze ogivas de 50 megatons mergulham em direção à Terra.



*Aqui se mostra como a fôrça da explosão físio-fúsio-fissionária aumenta a cada etapa. A fissão ocasiona a fusão e núcleos de hidrogênio que se convertem em núcleos de hélio. Cada fusão libera um nêutron que provoca outra fissão ao dividir os núcleos de urânio 238.*



## É agora: vamos morrer

A humanidade soube que a morte estava no ar vinte minutos antes que ela chegasse ao solo. Os primeiros mísseis levaram êsse tempo entre o disparo e a queda no país inimigo. Ainda houve uma pequena esperança de evitar a guerra. Dez minutos antes, o telefone vermelho fôra religado; o primeiro-ministro russo e o presidente americano juraram que não tiveram a iniciativa da guerra. Um não acreditou no outro. E, mesmo que acreditassem, seria tarde. Apenas os aviões de bombardeio poderiam ser chamados de volta, ainda assim com muita dificuldade. Muitos já desligaram os contatos com a base, conforme instruções, para impedir a interferência do inimigo. Os foguetes, de qualquer forma, não poderiam retornar. Foram feitos para chegar ao objetivo.

Os homens que se conservaram lúcidos nos últimos minutos lembraram o aviso repetido em Hiroxima todos os anos, desde a destruição da cidade por uma pequenina bomba atômica de 20 quilotons: "Hiroxima chora seus mortos. O êrro não deve ser repetido". Os historiadores militares haviam insistido durante muito tempo em que a bomba lançada sôbre a cidade japonêsa, em 6 de agôsto de 1945, teve uma missão pacifista: ela teria sido usada para apressar o fim da guerra, para trazer a paz mais rápido. Diziam que as fôrças disponíveis do Japão permitiriam uma defesa prolongada. Quatro milhões de soldados e civis morreriam nesses combates: três milhões de japonêses e o restante de americanos e europeus. A matemática daria às duas bombas — Hiroxima e Nagasáqui — um saldo positivo de 3 710 000 pessoas, já que mataram apenas 290 mil.

Hoje era diferente: as bombas nucleares, 2 500 vêzes mais potentes que as lançadas sôbre o Japão, desciam implacàvelmente sôbre o mundo. O que vão dizer os que cultivaram a guerra e a fazem explodir?

## Estamos morrendo, é assim

"O mundo à minha volta transformou-se sùbitamente numa imensa bôlha multicolorida, cegante, meio azul, meio branca, meio amarelada. Tão rápida, que ainda hoje não sei se ela pode ser real. Eu a senti, mais do que a vi. Levei as mãos ao rosto, ao ser atingido por um tremendo sôpro quente. A terrível fornalha do inferno abriu as portas sôbre mim. Em seguida, veio o cataclismo, que homem algum poderá jamais descrever. Não era nenhuma explosão, nem um estrondo, nem um tremor. Era a mistura de tudo isso, e mais alguma coisa, ao mesmo tempo. As fôrças fantásticas dos terremotos, das avalanchas, dos furacões e das enchentes. Num instante, a natureza em fúria investia contra a Terra. E a Terra tremia. Fui jogado contra o solo, senti dores atrozes, ou talvez nunca as tenha sentido. Depois, a sensação de ser jogado para cima, e mais nada."

Ninguém soube explicar por que uma das bombas, de 2 megatons, caiu sôbre São Paulo. Quando a notícia da guerra foi dada pelo rádio (tudo aconteceu tão de repente,

SEGUE

# *Se saúde traz felicidade esta é uma criança feliz*

Leite Ninho é verdadeira proteção para crianças e adultos. Rico em vitaminas, proteínas e sais minerais, Leite Ninho contém todos os elementos nutritivos indispensáveis ao organismo e à boa disposição. Leite Ninho é puro leite integral, gostoso como nenhum outro.

NH - RV - 3/68

## *Fique em paz com sua consciência... exija Leite Ninho!*

# Imensa bola de fogo destruindo tudo. Por que uma bomba aqui?

em menos de vinte minutos), muitos saíram às ruas, incrédulos. Pessoas choravam, sem saber por quê. Muitos se reuniam com a família, para rezar. Na Praça da República, no momento em que a bomba caiu, bem no centro da cidade, havia considerável multidão. Supõe-se que a explosão ocorreu a 300 metros de altura, sôbre a praça. A princípio era um pequeno ponto branco no céu. Depois, um ponto prateado descendo e crescendo ràpidamente. E o inferno.

Num raio de 500 metros em volta da praça, numa área que incluiu a Rua Santa Ifigênia, o Largo do Arouche, metade da Rua Major Sertório, a Igreja da Consolação, a Biblioteca Municipal e o Largo do Paiçandu, pedras, aço, concreto e gente viraram uma coisa só, uma imensa bola de fogo e radiação que foi correndo à velocidade de vários quilômetros por segundo, para cima e para os lados. No lugar exato do impacto da bomba, a temperatura chegou a 50 milhões de graus centígrados, igual à do choque de duas galáxias, oito vêzes maior que a da superfície do Sol. Depois, a onda de calor varreu a cidade.

Antônio Alves, pedreiro de 35 anos, que estava a 6 quilômetros do local da explosão, foi salvo: o sôpro da bomba deslocou uma enorme caixa d'água de um edifício, que caiu a seu lado, protegendo-o dos efeitos térmicos, nem êle sabe como. Acordou horas depois, queimado, nu, quase sem cabelos, no meio de uma cidade arrasada. Viu a morte em tudo:

**GUERRA**
CONTINUAÇÃO

"À minha frente, do Parque do Ibirapuera ao centro, a maioria dos prédios estava por terra, esmigalhados como caixas de frutas. Apenas o Hospital dos Servidores Públicos e a cúpula do Planetário, construção circular de cimento armado, estavam de pé, como negros esqueletos retorcidos. Milhares de corpos disformes jaziam pelas ruas e os incêndios lavravam por tôda parte. Algumas pessoas vagavam, gemendo, gritando. A pele era negra e destacava-se em tiras e pedaços, mostrando a carne viva. Todos estavam nus e ninguém reparava na nudez."

Numa das alas dos jardins do Ibirapuera brincava um grupo de meninas de uma excursão de colégio, umas duzentas. Antônio Alves as tinha visto pouco antes da explosão.

"Depois, quando passei pelo jardim, não existiam mais. Seus restos cobriam uma vasta área. As formas haviam desaparecido. O cheiro de queimado virou meu estômago."

Antônio continuou andando sem rumo, chegando à esquina da Avenida 9 de Julho com a Avenida Brasil, algumas centenas de metros mais para o centro:

"De todos os lugares, agora, surgiam homens e mulheres queimados, como insetos feridos. Apertavam a cabeça com as mãos. Eu também comecei a correr, em pânico, como todo mundo."

Num raio de 3 quilômetros em tôrno da bôlha que volatilizou a Praça da República e áreas vizinhas, todos os prédios foram derrubados pelo deslocamento de ar, tôdas

SEGUE

*Estas explosões, que se mostram sobrepostas, demonstram como as diversas armas atômicas foram aumentando de poder. A bomba A, lançada sôbre Hiroxima (semicírculo menor), tinha potência equivalente a 20 000 toneladas de dinamite. A bomba A moderna (centro) equivale a 500 000. E a físio-fúsio-fissionária (semicírculo maior), a 20 milhões de toneladas.*

# ENCICLOPÉDIA DOS Pais Modernos

## Seu filho espera muito de você. Não o decepcione. Prepare-se para êle.

Antes, isso talvez não fôsse fácil.
Mas agora é.
Agora você tem a Enciclopédia dos Pais Modernos.
Traduzida e adaptada do original francês "L'Encyclopédie des Parents Modernes", por uma equipe altamente especializada.
É uma obra completa que lhe dá - em pálavras simples e objetivas - uma análise profunda de tôdas as fases do crescimento de seu filho.
Desde a sua chegada até a adolescência.
E que - sempre à luz da moderna psicologia educacional - estuda os diversos problemas que surgem nessas fases, bem como os meios mais convenientes de solucioná-los ou, mesmo, evitá-los.

Prepare seu filho para a geração 2.000 lendo a

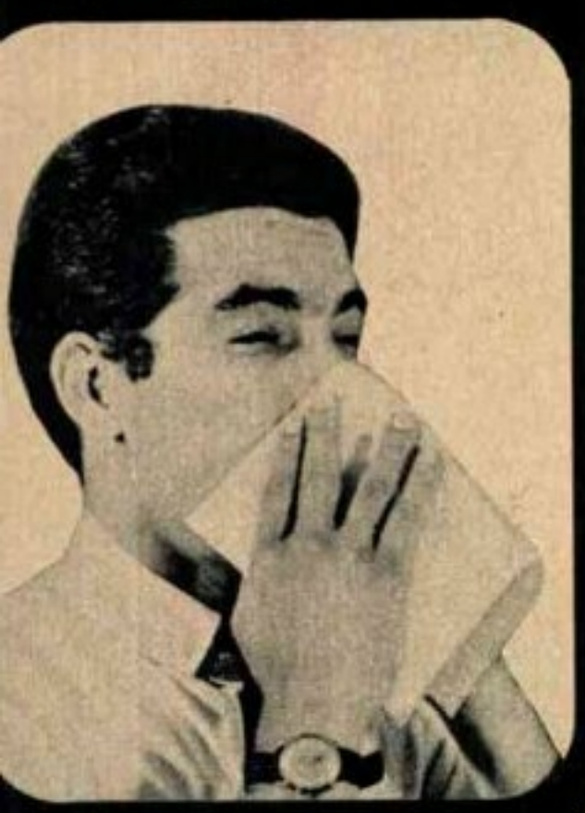
**ENCICLOPÉDIA DOS PAIS MODERNOS**

à venda semanalmente em tôdas as bancas, a partir de 6 de setembro
INÉDITO: uma obra completa em apenas 12 FASCÍCULOS
Um lançamento da

**Editôra Expressão e Cultura**
Rua Pres. Carlos de Campos, 332 - GB

Yes para limpar óculos...

Yes para o uso das crianças...



Yes para resfriados...

Yes para remover a maquilagem...

...por isso, é sempre bom ter à mão lenço-papel yes*

*Macio e absorvente *Prático e moderno
*Higiênico: V. usa e joga fora, não é preciso lavar

Côres: branca e rosa. Caixas de 100, 200 e 300 fôlhas.

Johnson & Johnson

*Marca Reg.


# Bilhões de mortos. Ainda haverá vida?

**GUERRA** CONTINUAÇÃO

as pessoas mortas pelo ar quente de mais de 1 000 graus centígrados, pela radiação, pelos desabamentos. A 9 quilômetros do ponto da explosão, porém, só as paredes mais fracas ruíram. Mas a bomba era a chamada "bomba suja", com muita precipitação radiativa. Por isso, além dos 2 milhões que morreram no primeiro instante, muitos ficaram condenados a uma vida breve e dolorosa, para morrer depois sob efeitos da radiação.

Onde era a Praça da República e seus arredores, restou uma cratera de 1 quilômetro de diâmetro e 150 metros de profundidade. Ali nada sobrou, nem vestígio das 300 mil pessoas que viviam nos prédios de apartamentos e trabalhavam nos escritórios. Foram transformadas em moléculas.

## Acabou, um silêncio

Estados Unidos e União Soviética foram até o fim. Os americanos possuíam munição suficiente para arrasar os russos 22 vêzes; êstes responderiam destruindo os americanos 18 vêzes. E os dois esgotaram seus arsenais. A luta dos antimísseis foi curta. O cinturão de antimísseis russos, em tôrno de Moscou, Leningrado e mais quatro grandes cidades militares e industriais, mostrou-se uma defesa precária. Êles funcionaram apenas para a primeira carga de mísseis, neutralizando a metade. Mas o segundo grupo de ogivas chegou ao destino. A não ser vinte ou trinta por cento da população que conseguiu chegar aos abrigos, todos os habitantes das grandes cidades morreram. Nos Estados Unidos também.

Ao contrário da crença geral, a guerra não durou apenas poucos minutos, e não se resumiu a uma briga de foguetes, computadores e botões. No hemisfério norte, depois dos primeiros dias do conflito, exércitos de soldados vestidos à prova de radiação lutaram pelos restos mortais da humanidade. Um bilhão de pessoas estavam mortas; outro bilhão de pessoas condenadas a morrer por terem ficado expostas à radiação. Os soldados continuaram brigando durante dias por colinas calcinadas, pelos restos das cidades. No comêço, nas fronteiras dos países socialistas, os aliados da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — e os do Pacto de Varsóvia combateram com canhões atômicos, fazendo disparos táticos, de 8 a 10 quilômetros, com ogivas pequenas, de um quiloton. Algumas bombas haviam sido miniaturizadas a tal ponto que explodiram em apartamentos, onde foram colocadas por espiões que as transportaram em simples valises, ou as receberam pelo correio. Eram do tipo "arrasa-quarteirão", de menos de um quiloton.

Na Europa, todos os países estavam condenados: ficaram entre os dois fogos. A radiatividade, intensa, pairava no ar. Entretanto, nos países nórdicos — Noruega, Dinamarca, Suécia — passava-se alguma coisa há muito tempo prevista. Êles esperavam esta guerra, já tinham abrigos antiatômicos para metade dos habitantes. A Suécia, prin-

SEGUE

mpm propaganda

# Quando você pinta com Coral a primavera dura 12 meses

Durante os 12 meses do ano,
há variações no tempo. Chove,
venta, faz aquêle sol terrível.
É por isto que a Coral mantém os
mais aperfeiçoados laboratórios
de testes, e utiliza todos os
recursos da tecnologia moderna
na fabricação de seus produtos.
E faz tintas que resistem,
duram, embelezam e protegem
durante todo o ano, por muitos anos.
Eis porque, para quem pinta com
Coral, a primavera dura 12 meses...
Pois é...

**tinta é Coral**
**-o que faz a diferença é a qualidade**

**Tintas Coral s.a./Tintas Coral do nordeste s.a.**
um empreendimento apoiado pela SUDENE

# Sobraram alguns homens. Êles vão começar tudo de nôvo?

**GUERRA** CONTINUAÇÃO

cipalmente, estava dividida em duas partes: uma à superfície, outra embaixo da terra. Abrigos cavados na rocha, entre 200 e 100 metros sob o nível do solo, protegiam sessenta por cento dos suecos. No interior do país, abrigos familiares acomodavam vinte por cento da população rural.

Muito adiantados na expectativa da destruição total, os suecos possuíam até algumas indústrias sob a terra, e os operários há muito estavam acostumados a trabalhar assim. Para distrair imediatamente as pessoas e aliviar o nervosismo no momento da mudança para os abrigos, êles colocaram logo em funcionamento um circuito subterrâneo de televisão a côres. Passaram filmes de cenas bucólicas e paisagens reconfortantes, ao som de suave música. Depois, mais calmos, êles poderiam recomeçar, refazendo a vida a partir de sementes de vegetais e casais de bichos.

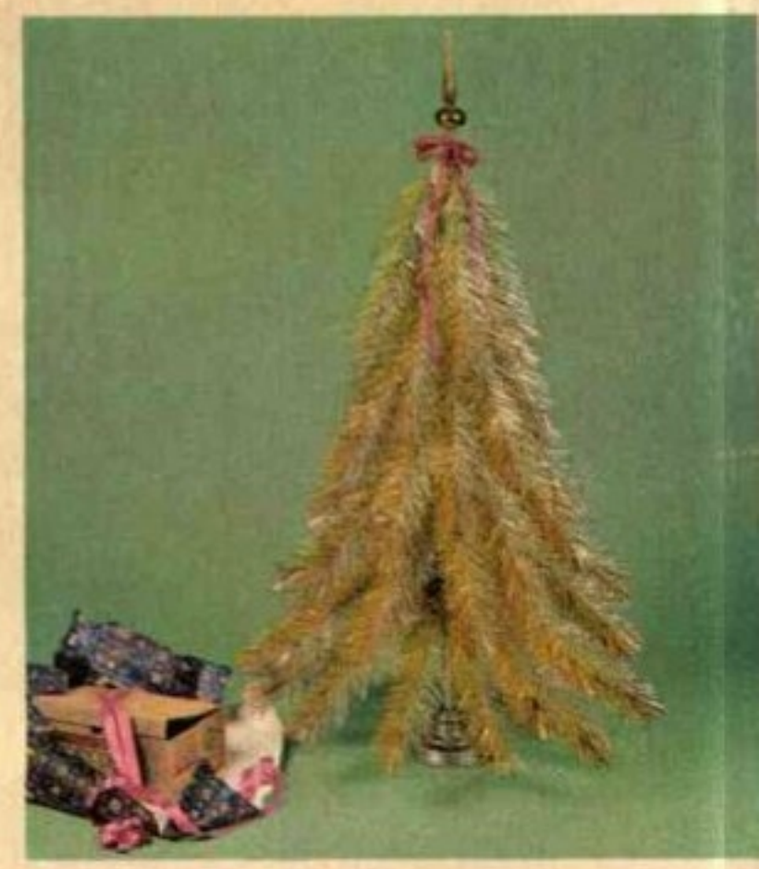
O mundo poderia ser o mesmo de antes, em todos os aspectos, já que alguns militares suecos não esqueceram de levar para os abrigos o exército organizado, vários aviões e navios, grande estoque de armas, farta munição convencional.

Em Colorado Springs, dentro da montanha à prova da batalha nuclear, na sala de comando, o Coronel Tibbets está vivo. Não pode sair; lá fora, os Estados Unidos não existem. O formidável conjunto de aparelhos eletrônicos continua operando, mesmo sem ter o que fazer. Mas a imensa tela, onde Tibbets viu o comêço de tudo, um pontinho verde, apagou-se completamente. Tibbets olha os computadores e não tem nada mais para perguntar. FIM

**Fontes consultadas:** Military Review, **da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército americano;** Missiles and Rockets, **revista especializada americana:** TRW Space Log, **boletim das indústrias TRW, um dos maiores fabricantes de material espacial nos EUA;** Revue Internationale de la Defense, **francesa;** Interavia, **revista sôbre aviação e espaço, francesa;** Institute for Strategic Studies, **grupo de análise econômica e militar, consultado pelo Govêrno inglês;** Truppendiens, **publicação militar austríaca;** Soldat und Technik, **publicação militar alemã;** Armor, **revista especializada em blindados;** Flying Review, **órgão semanal oficioso inglês, sôbre aviação militar. A narração do sobrevivente da explosão em São Paulo reproduz trechos do depoimento do cabo Yasuo Kuwahara, testemunha da tragédia de Hiroxima, em seu livro** Kamikase. **O nome do personagem Paul Tibbets, que aciona o botão em Colorado Springs, é o mesmo do pilôto do avião que bombardeou Hiroxima.**

Há sempre quem diga "falta muito tempo para o Natal"

Depois é que surgem os problemas. Lojas superlotadas, falta de artigos, prêços mais altos etc. Assim, escolha com calma, **antes dos outros**, sua árvore de Natal Lyderna. A qualidade você já conhece: é Lyderna. E você poderá guardá-la "naquêle cantinho" até a hora de usá-la. A árvore de natal Lyderna é inalterável por longo tempo em seu brilho e beleza. Lyderna também fabrica lameta, festões, guirlandas e muitos outros artigos de natal.



Procure sempre pela marca.

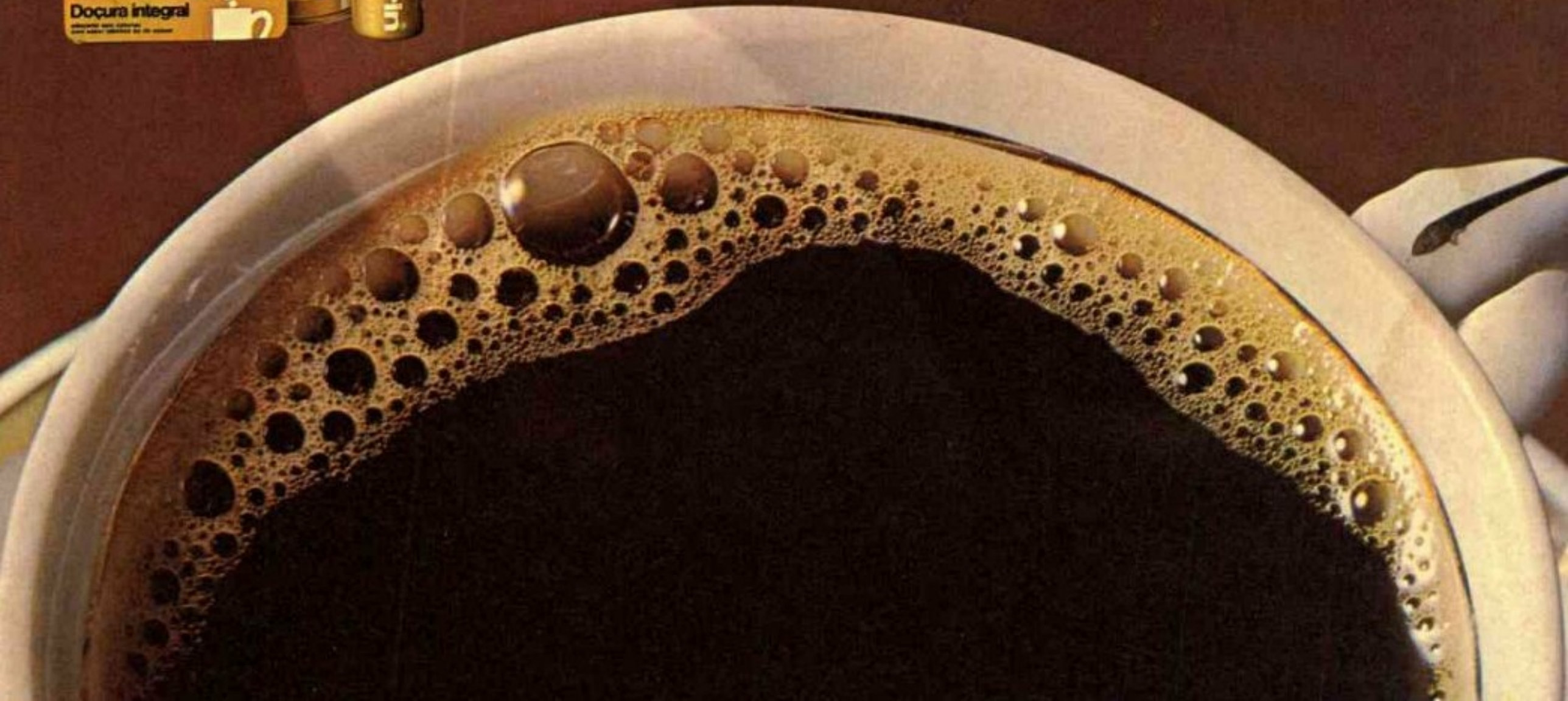
FÁBRICA LYDERNA

Rua Barão de Ladário, 876 • Fones: 93-2670 e 93-7981 C.P. 2700 • End. Teleg. "LYDERNA" • Brás • S. Paulo

# Campanha em defesa do cafèzinho com gôsto de cafèzinho.

Em cubinhos (latinhas com 100 unidades) e em gôtas (frascos de 2 tamanhos)

Assugrin tem tudo o que os outros adoçantes têm, menos aquêle gôsto que fica na bôca. Não custa nada saber até onde isso é verdade! Use esta amostra de Assugrin para adoçar seu próximo cafèzinho. Experimente já...



# 4 receitas para você usar Assugrin líquido e preparar sobremesa com gôsto de sobremesa:

Assugrin líquido é extremamente versátil. Com Assugrin você pode adoçar sucos e refrescos, inclusive gelados, e preparar as mais deliciosas sobremesas. Assugrin líquido está à venda em dois tamanhos — individual e familiar.

COUPE PRINCESA
(para 4 pessoas)
4 gemas de ôvo
20 gôtas de Assugrin
5 colheres de sopa de vinho branco
3 colheres de sopa de sumo de limão e um pouco de raspa de casca de limão
4 fôlhas de gelatina
2 claras batidas em neve
1 lata de creme de leite
4 pêssegos (frescos ou em conserva)
Bata as gemas de ôvo com as gôtas de Assugrin, junte o vinho, o sumo de limão e a raspa. Lave a gelatina num pouco de água e faça-a ferver em uma xícara das de chá, de água, mexendo bem até que dissolva. Deite a gelatina dissolvida na mistura das gemas e deixe arrefecer até começar a solidificar. Corte os pêssegos em cubos iguais e deite-os no pudim. Bata as claras em neve, bem firme e misture pouco a pouco o creme de leite, ficando a seu critério adoçar ou não. Se o fizer, utilizar gôtas de Assugrin a gôsto. Verta em taças ou copos apropriados. Decore as taças com êsse creme.

DELÍCIAS DE BATATA
(para 4 pessoas)
400 gramas de batatas
1 pitada de sal
200 gramas de requeijão
3 ovos
20 gôtas de Assugrin
50 gramas de uvas passas
1 colher de sopa de farinha
Bater bem os ovos, o requeijão e o Assugrin até formar uma massa homogênea, adicionar as batatas cozidas e passadas em peneira; adicionando as uvas passas e a farinha, mexer bem a massa.
Fazer pequenos bolinhos e fritar em manteiga ou óleo.

OMELETA NORMANDA
(2 porções)
3 colheres de sopa de farinha
1 gema de ôvo
3 colheres de sopa de leite
20 gôtas de Assugrin
1 pitada de canela
2 maçãs
1 clara de ôvo batida em neve
Deite a farinha num prato dos de sopa, e desfaça a gema com o auxílio duma colher de madeira. Adicione depois o leite, as 20 gôtas de Assugrin, uma pequena pitada de sal e canela. Corte as maçãs descascadas em rodelas finas e misture-as com a massa. Junte por último, cuidadosamente, a clara de ôvo batida em neve.
Aqueça agora, numa frigideira, uma colher de sopa de azeite, deite a massa dentro e deixe cozer tapada, em fogo brando. Decorridos 10 minutos pode voltar a omeleta. Sirva quente.

BANANAS FRITAS AO CREME
(para 4 pessoas)
4 bananas
15 gôtas de Assugrin diluídas em meio copo de água
1 pitada de manteiga fresca
sumo de duas laranjas
1 pitada de canela
4 colheres de sopa de rum
4 colheres de sopa de amendoim picado
1 vidro de creme de leite
Descascar as bananas, passar pela água de Assugrin e fritar na manteiga, dos dois lados, até estarem bem douradas.
Servir num prato.
Depois de fritas as bananas, misturar o sumo de laranja e a canela com a água de Assugrin e o rum, aquecer em fogo forte, aferventando e deixando cozinhar o môlho alguns minutos. Cobrir as bananas com êste môlho, servir o resto do môlho numa molheira. As bananas devem ser guarnecidas com os amendoins picados; bater o creme de leite até obter boa consistência, e utilizá-lo na decoração do prato.

# TUDO O QUE EU FIZ FOI PERGUNTAR À BRANIFF SE ÊLES TINHAM ALGUMA EXCURSÃO PARA OS ESTADOS UNIDOS OU PARA A AMÉRICA LATINA...

Logo de saída me ofereceram quatro: uma para Miami, outra para Los Angeles (Hollywood e a Disneylandia), uma outra de sete dias em Nova Iorque - com tudo incluído - e mais outra que pràticamente faz a volta das Américas.

Depois foi êste caudal de excursões pela América Latina e pelos Estados Unidos.

Têm de tudo: excursões para quem quer aprender inglês (passa-se a viver em uma Universidade!), para quem quer "estudar" bikinis ou ver igrejas, monumentos e antiguidades, para quem gosta de corridas de cavalos ou cassinos, caçadas ou danças, compras ou automóveis.

Se Você sonha com a viagem de sua vida, faça como eu: Escreva para:

**Departamento de Excursões**
**Braniff International Airways**
**Av. Pres. Wilson, 123-A - Rio de Janeiro, ou**
**Av. São Luiz, 116 - São Paulo**

e peça folhetos e informações. E prepare-se para uma gratificação extra ao carteiro. Êle vai trazer um bocado de coisas boas para a sua casa.

**BRANIFF INTERNATIONAL**

AMÉRICA DO SUL MÉXICO ESTADOS UNIDOS

Carlos Kleber Nabuco Teixeira Jr.

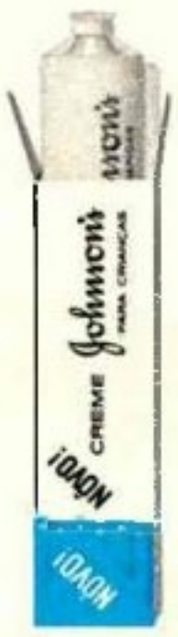
SERGIPE

# BEBÊ JOHNSON 67

Bebê Johnson é bebê feliz porque conta
com o carinho, o cuidado e a
experiência de quase um século de trabalho.

Johnson & Johnson

Contém Neutrin - formulação cientifica para proteger a pele delicada do bebé.




Com vitaminas A e D, cicatriza e fortalece os tecidos da pele. Camada protetora das partes intimas e das dobras da pele.

A base de óleos vegetais, protege a pele contra irritações, evitando a proliferação dos germes, causada pelo suor, urina e fezes. Deixa a pele macia e aveludada.

Puro, neutro, com suave perfume antialérgico. Não contém substâncias químicas que irritam a pele.

Para a limpeza da pele. Elimina a coceira, a dor e os focos de infecção, curando as irritações.

Hastes com pontas de algodão antigerme, mantendo-o puro, livre da proliferação de germes. Ideal na limpeza do nariz, dos ouvidos e para aplicar pomada e antissépticos.

Forma pelicula impermeável que impede contato da pele com suor, urina e fezes. Evita e remove as crostas da cabeça.

Duram anos a fio. Macias, absorventes, feitas de tecido especial de pano duplo, sem costuras. Rápidas de secar.

Depois do banho ou troca das fraldas, envolve a pele num aroma delicado, deixando uma agradável sensação de limpeza.

# A Chapa Decorativa Duraplac não cura a dor de dente de ninguém.

Pode ser que o senhor nem seja dentista. Seja advogado, médico ou engenheiro. O resultado é o mesmo. Seus clientes terão certeza de estar lidando com alguém de categoria, bom gôsto e bem sucedido na profissão. Que sabe escolher e conhece o valor do detalhe. DURAPLAC não cura dores nem resolve pendências. Mas uma sala de espera com aplicações de DURAPLAC prepara, favoràvelmente, o espirito de quem está esperando. O senhor sabe que temos DURAPLAC em 10 côres lisas e 8 padrões-madeira? São 18 maneiras que lhe oferecemos para proporcionar aquêle clima de confiança. Vamos tentar?

## Mas que seu cliente vai entrar no consultório mais confiante, isso vai...

(a melhor divisão - o melhor lambris)

**DURAPLAC**

orgulho e produto da **DURATEX S.A.**

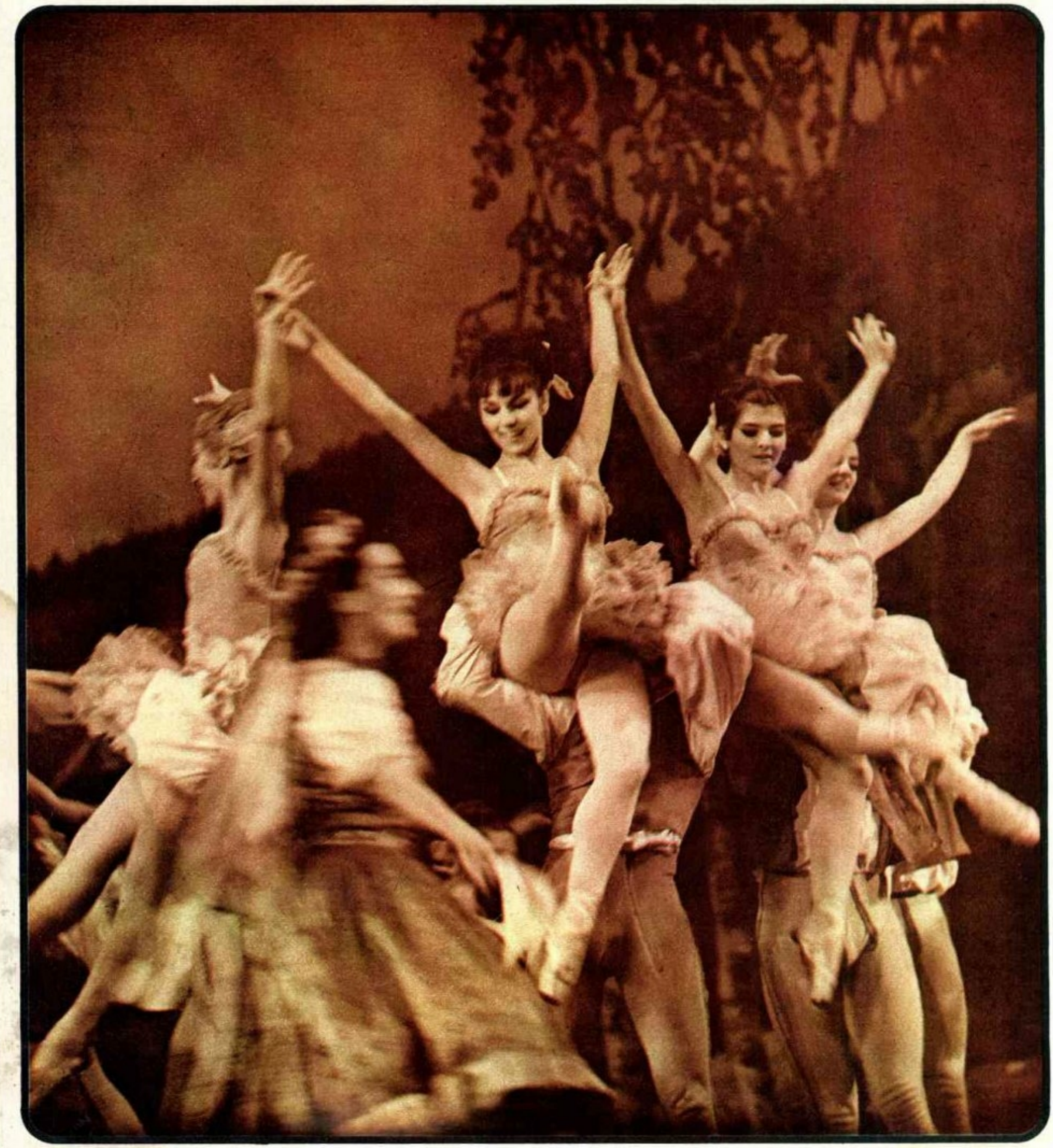
MBRI DURAPLAC PERISBINHA (218)

# UM ESPETÁCULO DE ESPORTE

Entre o esporte e o balé existe um ponto em comum, a arte. O que é improviso num lance de futebol, graça num ataque de esgrima, espontaneidade numa jogada de tênis, se confunde muitas vêzes com a disciplina de um corpo de baile, o movimento bem estudado de um minueto, o autocontrôle de um bailarino em pleno ar. É o que mostra êste ensaio fotográfico.

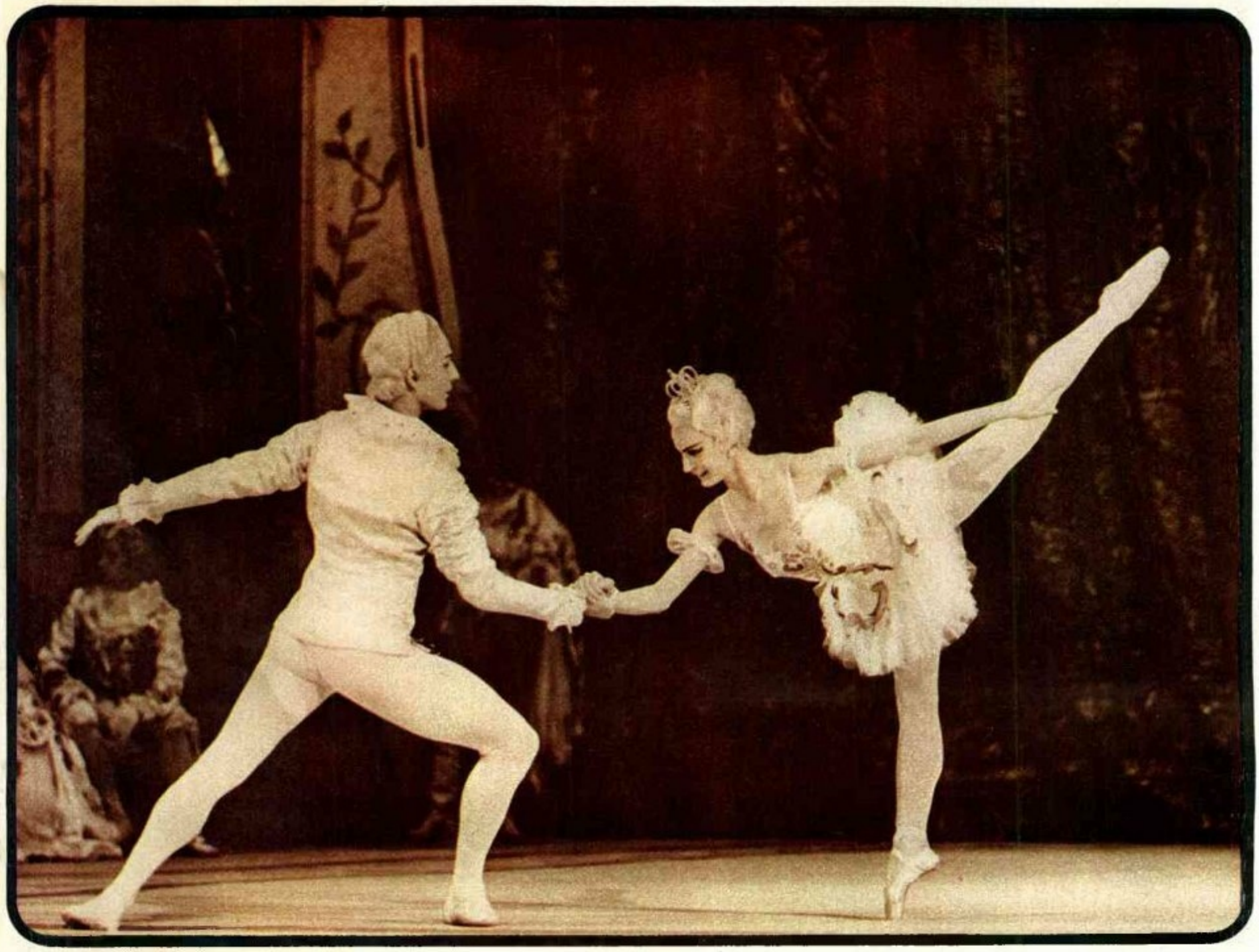
FOTOS CAMERA PRESS

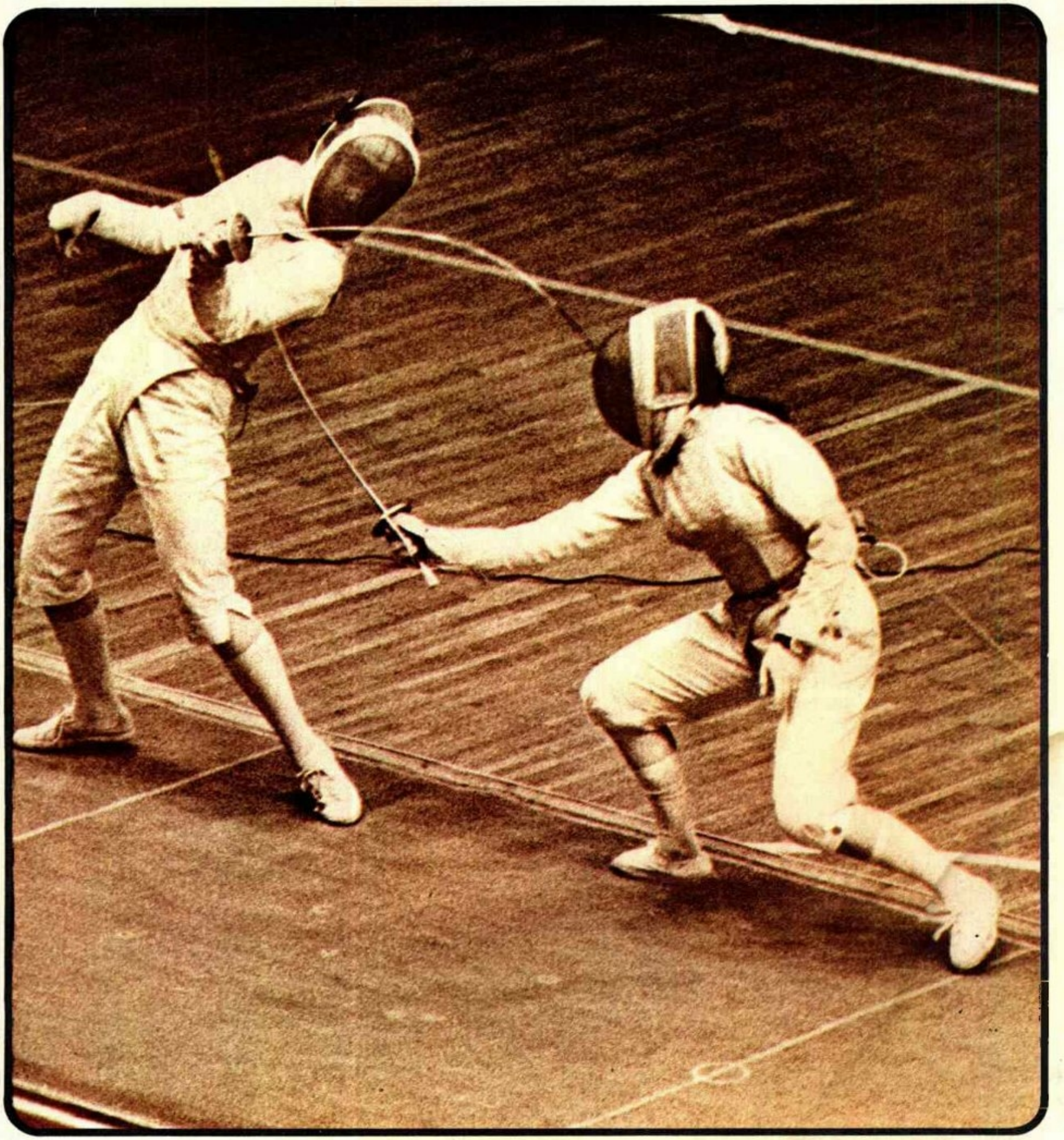
# Há mais movimento no palco que no campo?



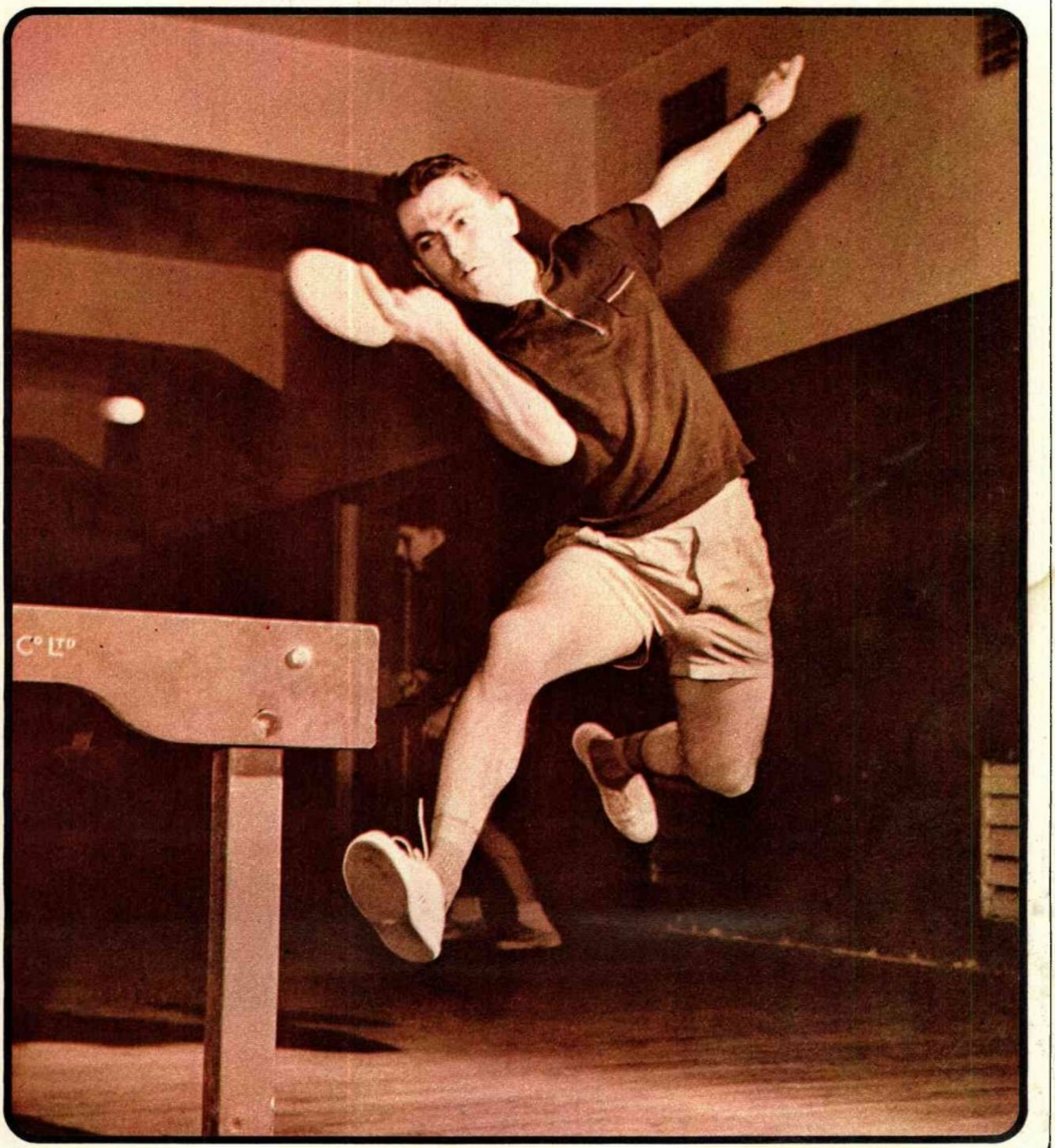
PAR
Mâ Vâ

# Mais r'tmo nos passos de balé que nos gestos precisos do espadachim?

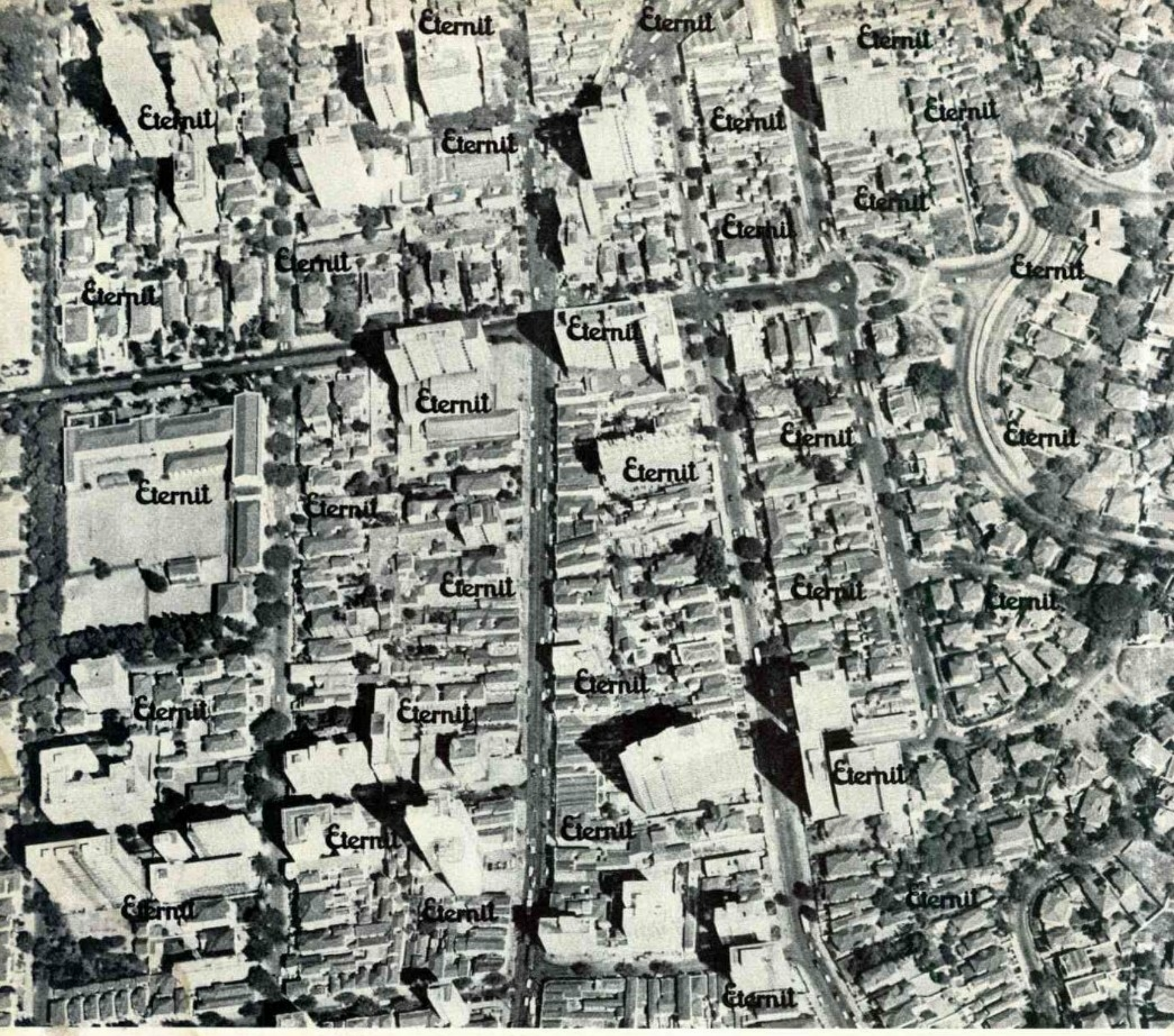




# Mais leveza num salto que numa cortada?


C° LTD

# Há mais beleza na agilidade da patinadora que nas acrobacias do goleiro?




# No Brasil há cada vez mais telhados Eternit.

O telhado Eternit é bonito demais.
É prático demais.
É resistente demais.
O telhado Eternit é de cimento-amianto e combina com tudo que é moderno, de bom gôsto.

telhado Eternit®
experiência mundial em cimento-amianto.

proeme

se você ainda
está pensando
em viajar noutro
avião, veja aqui
os tempos de vôo
do One-Eleven e depois
compare com os outros.

**ENTRE RIO E BELÉM:**
**3 HORAS**
**ENTRE BRASÍLIA E SÃO PAULO:**
**1 HORA E 5 MINUTOS**
**ENTRE RIO E SÃO PAULO:**
**30 MINUTOS**
**ENTRE RIO E RECIFE:**
**2 HORAS E 17 MINUTOS**
**ENTRE RIO E SALVADOR:**
**1 HORA E 32 MINUTOS**
**ENTRE FORTALEZA E RECIFE:**
**51 MINUTOS**
**ENTRE SÃO PAULO E PÔRTO ALEGRE:**
**1 HORA E 5 MINUTOS**

Agora você vai entender melhor porquerqús estamos dizendo que o One-Eleven é o mais veloz e moderno jato nas linhas aéreas nacionais.

VIAJE BEM... VIAJE
VASP

RESTAURANTE
PASTELARIA
BAR RESTAURANTE
PAVÃO de OURO
TEL 2-9680
BAR
SERVED BY
ZANZIBAR
SERVED BY GIRLS

Armazéns, guindastes, navios imensos, bondes, caminhões. Bares, boates, hotéis, vozerio nas calçadas. A zona do cais de Santos, um dos maiores portos do mundo. Nesse cenário, em que marinheiros, crianças, mulheres, se agitam dia e noite, João Antônio viveu um mês. E trouxe, de lá, êste conto-reportagem.

# UM DIA NO CAIS

Fotos de Jorge Butsuem

# O menino equilibra a sacola na bicicleta

De longe em longe, uma locomotiva a óleo diesel apita, modorrenta, e vem furando para as luzes na zona do cais.

— Êpa!

Um menino branco se esforça, sobe do selim para o cano, mete os peitos contra o guidão, se enverga, equilibra a sacola na bicicleta e corta de fininho o cais. Vai que vai embora. Está quase sòzinho com as luzes no comprimento de paralelepípedos, gozando nas curvas. O menino mais o seu calção e a sua japona, seu cabelo cortado rente, sua campainha, *trim-trim* nas esquinas que atravessa.

Cinco da manhã. As vassouras de piaçava correm nas mãos dos dois garçãos, peitos de fora, calças arregaçadas, tamancos. Batem, esfregam o chão da calçada do Bar Café Restaurante Chave de Ouro.

A cidade, os prédios e os morros dormem de todo. Cais não dorme. Não se apaga. Lá pelos cantões, um que outro ôlho aceso fica no rabo da manhã. E fica.

O botequim é xexelento, velho encardido. E teima que teima plantado. Agüenta suas luzes, esperto, junta mulheres da vida que não foram dormir, atura marinheiros, bêbados que perturbam, gringos, algum cachorro sonolento arriado à porta de entrada. Recolhe cantores cabeludos dos cabarés, gente da polícia doqueira, marítima ou à paisana. E mistura viradores, safados, exploradores de mulheres, pedintes, vendedores de gasparinos, ladrões, malandros magros e sonados.

O boteco é mais. Agasalha traficâncias e briga. Gente encosta o umbigo ao mármore do balcão e queima o pé com bebidas. Fuá, tenderepá, pau comendo quente. Quizumbas.

— Vai lavar roupa, sua fedorenta!

Rita Pavuna e Odete Cadilaque se pegam. Duas das que zanzam batalhando na noite, conluiadas nos trampos, nas arrumações para surrupiar fregueses e levantar a grana, ainda que devam aturá-los. É lei — malandra que é malandra, no cais, não deve ir com trouxa. Toma-lhe o milho no jeito, debaixo de picardia e manha. Carne é carne e peixe é peixe.

Mas por umas ou por outras, de ordinário, se enfarruscam num desentendimento. E as duas acabam se encarando. Como inimigas. Salta um desacato:

— Vai lavar roupa, sua nojenta!

Seis e meia e somem as luzes dos trilhos dos bondes. Últimos músicos cabeludos, guitarras elétricas a tiracolo, passam em grupo, devagar. Entram no botequim, se chegam para o balcão. Pedem média, pãozinho, manteiga. E é como se não houvesse frege. Briga de mulher pode ir quente, gente do cais não faz fé.

— Nem vem louca, que não tem. Vai cuidar da tua vida! Desguia. Sai da minha avenida.

Canalhas, cínicas igualmente e ligadas, mancomunadas na catança dos otários. Mas Rita Pavuna e Odete Cadilaque se apartam num dêsses tempos quentes. Uma querendo comer a outra pela perna, pela grana de algum freguês. E se afastam. Horas, horas. Cada uma para o seu canto e uma não quer nem ver a cara da outra. Piranha não come piranha.

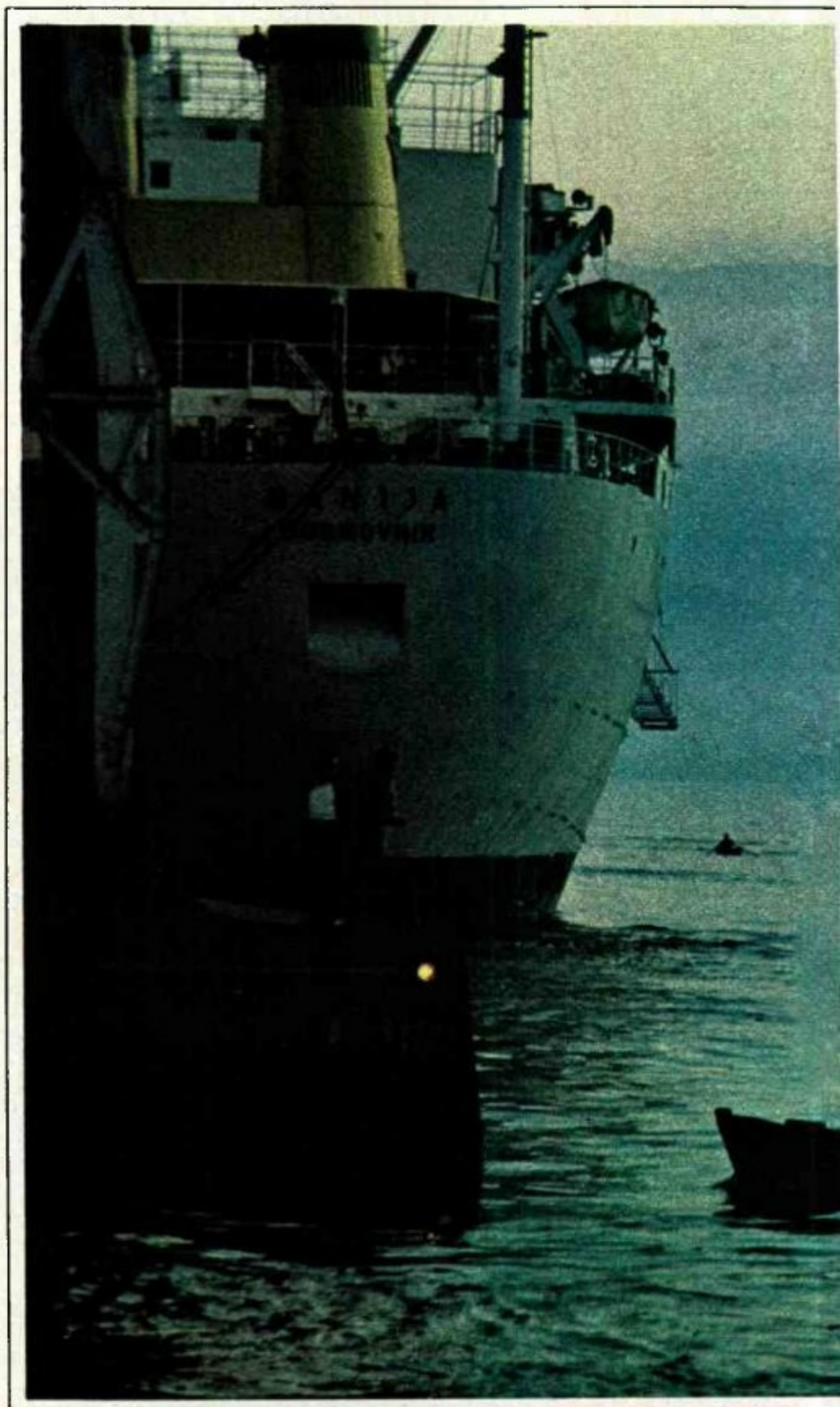
— Me deixa. Qu'eu não sou parente nem da sua lavadeira. Vê lá. Ih, *Manoel*, como você tá por fora...

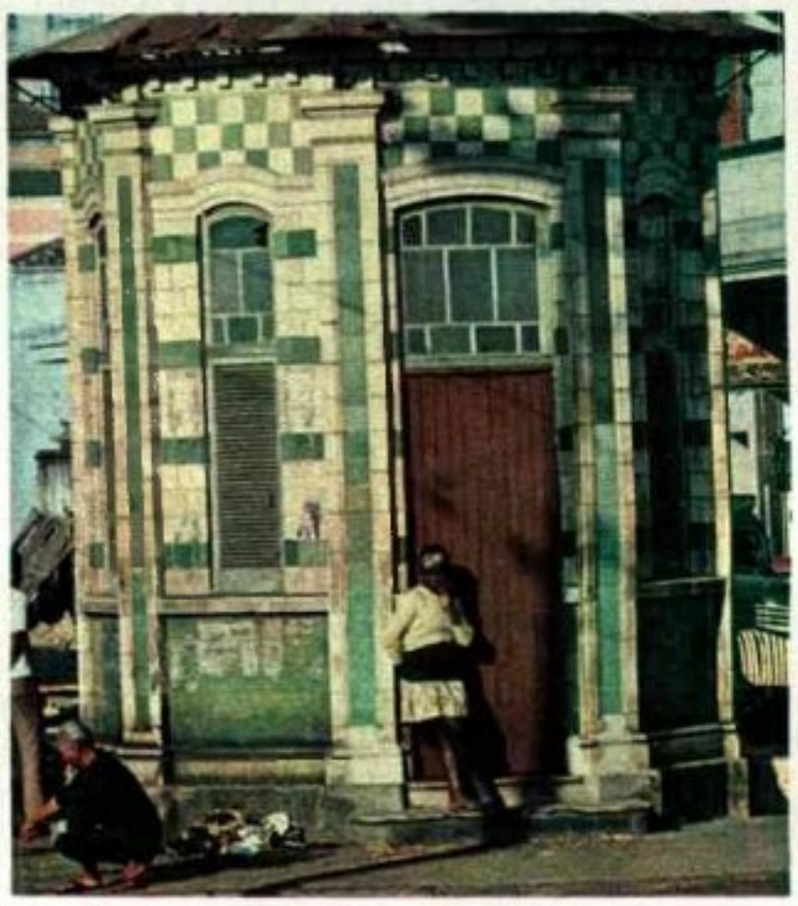
Chamar de Manoel é descaso. Xingo, menosprêzo, deboche. É desconsiderar.

Abandona a turra. Rita, culpada, se larga para outros lados. Deixa a parceirinha falando sòzinha. Mais tarde, na virada dos ponteiros, as duas se voltarão, se entenderão depressinha. É aparecer um bom gringo, prêsa da boa, e irão em cima juntas, juntinhas. Aí irmãs, outra vez. Jogarão açúcar ao freguês e lhe morderão até os últimos.

Beirando sete horas. Os trabalhadores do cais se apressam, caras de sono, chegados de casa. O apito, às sete, é o do batente. Antecipa distraídos, empurra atrasados, bota interessados de orelha em pé. Prolongado, manhoso, não

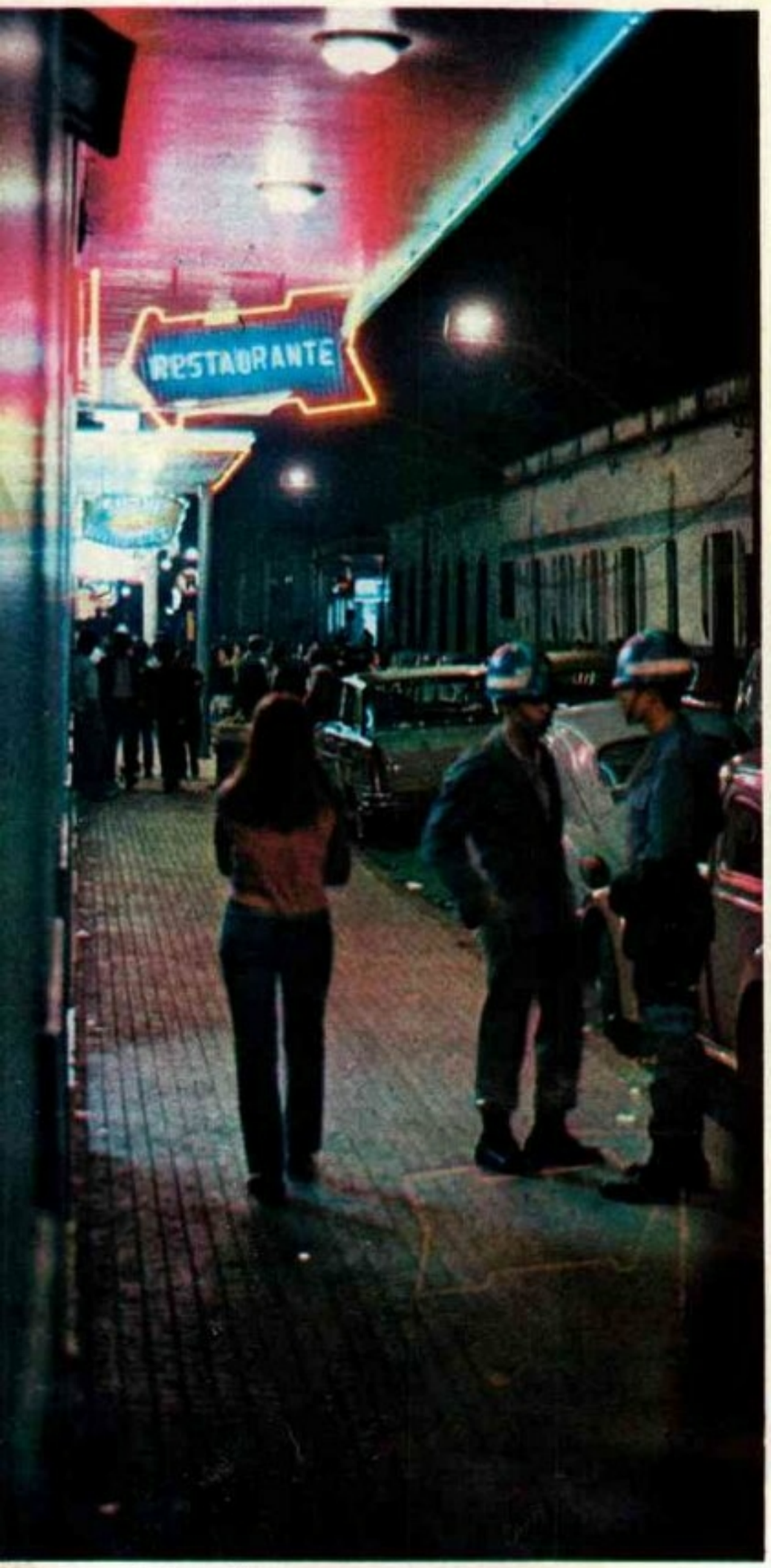
SEGUE

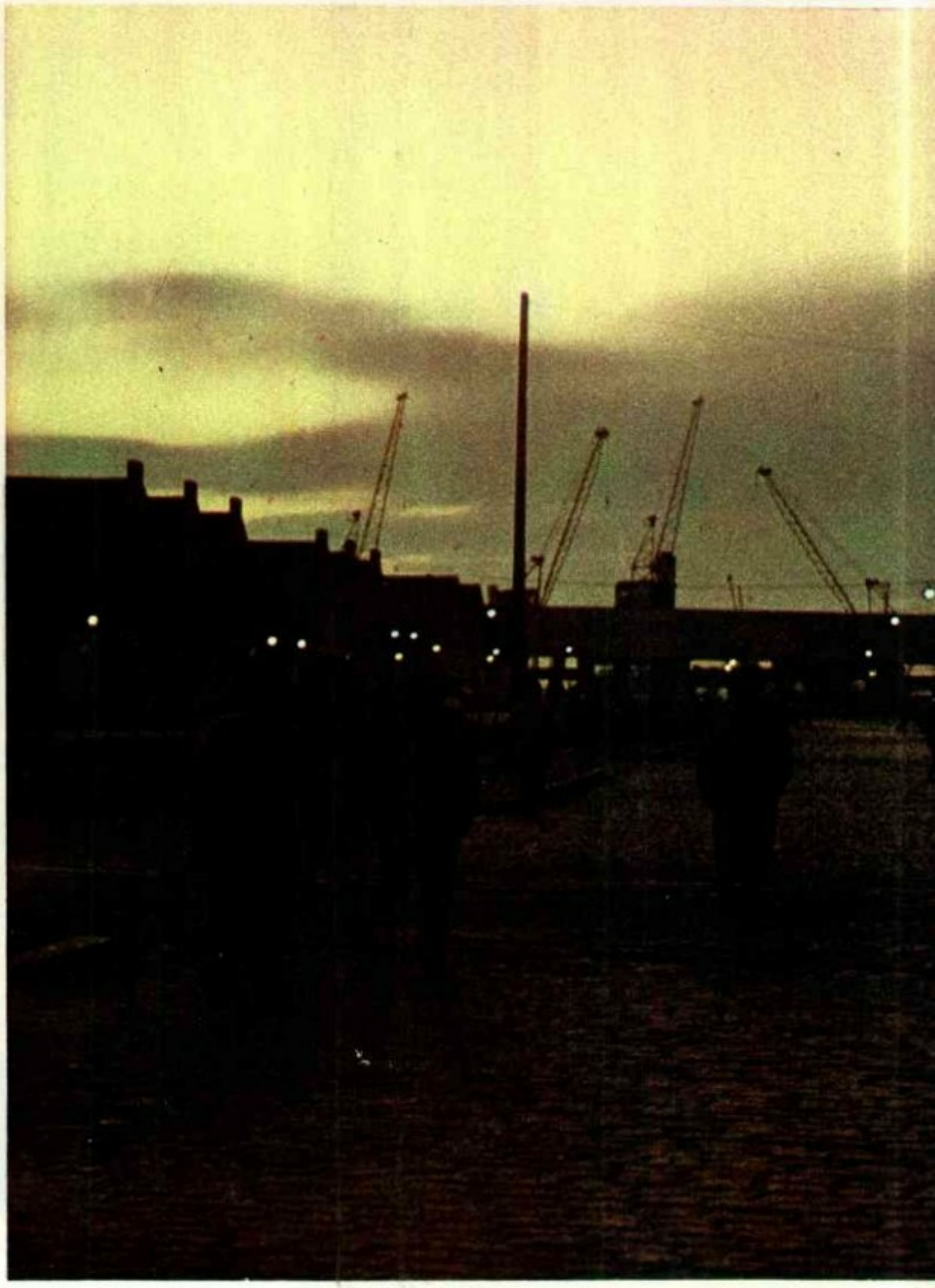




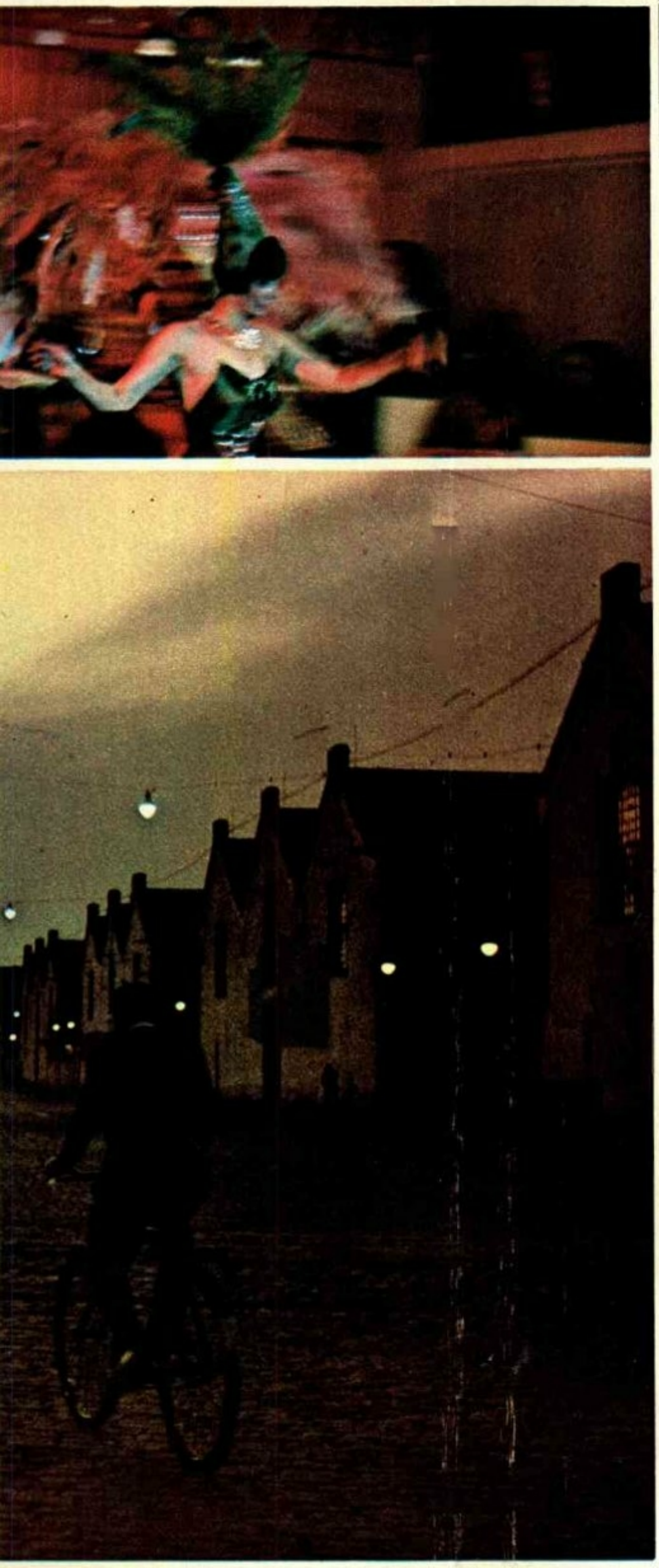
**Manhã cedo.**
**A rua**
**é doméstica.**

**Noitão.**
**O trabalho**
**continua duro.**



# Os trabalhadores chegam com sono



grita. Traiçoeiro. Parece querer apitar despercebido aos mais sonolentos da estiva.

Um gordo correndo para a entrada do armazém 12, sacudindo banhas, abrindo caminho. Homens da estiva chegam de bicicleta, uma e outra motoneta. Caminhões carregados de gente descarregam. O cais até parece uma fábrica.

Rita Pavuna se manda. Tocando para os lados lá do armazém 5—6, um pedaço pesado dos cantões do cais. Bôca do inferno. Morte certa no pôrto — conforme se diz. Ali, até polícia à paisana mede distância, não esconde o mêdo. Ou respeita ou cai do cavalo. Rita se indo. Lá anda cabra traquejado. Otário, fariseu, mocorongo, *Manoel* e *Zé Mané* não têm o que fazer lá. É o que se diz. Rita andando.

Lá com os trabalhadores das docas começa a muita gíria dos gestos. A mímica é jeito inventado dos homens de estiva nos porões dos navios. Assim falam aos portuários e aos homens do guindaste, plantados lá em cima, nas cabinas. Os da estiva lá dobrados, patoludos, trabalhando. Sacos amarrados à cabeça, bermudas esburacadas, sapatos com meias e pernas peladas. Mãos enluvadas para o batente. Gramam.

Quase não se fala, no trabalho do cais. Só o conferente apontando o quanto disso e o quanto daquilo, braços para trás, feito soldado, segurando a prancheta das marcações. Abre o bico, quando em quando, a uma carga pronta para o guindaste.

Rita se raspou. Odete Cadilaque ao deus dará. Bebida, estropiada da noite. Uns olhos raiados de sangue, trapo, caricatura. Trapão. Capionga, lenta, cabeça baixa, se arrasta do botequim para a rua. Coça a coxa, enverga o espinhaço, a mão esfrega a barriga das pernas. Soltando pragas:

— Isso não dá pé. Quê o quê! Tou dura, lêsa e ainda apitada. Me atrasaram a vida.

Lá, o ponto dos bondes. A casinha verde, hexagonal, bomba dos esgotos do cais. Os marinheiros, viajados, dizem que aquilo se parece com as bancas de jornal, na França. De frente para a rua dos inferninhos, onde Odete Cadilaque, negrinha de bordô encardido, lenço verde à cabeça tapeando o pixaim, se encosta, senta. Pernas, joelhos e uma nesga das coxas aparecem. Odete se ajeita, se encolhe.

No meio das misérias, há gente que passa montado, desfila seu luxo de carro.

Odete Cadilaque. Está aí — dezesseis anos. Diz, de bôca, que tem vinte. Mas êsses vinte se parecem com vinte e cinco. A neguitinha anda engolida. Marcada de pau, corte, noites, fomes, soneira. Na soleira da casinha verde vai se aninhando, como uma criança. O corpo caindo na madorna, quentando. E dorme com o dedo na bôca.

Acordará, quando se acordar, com o sol na cara. Quebrada, faminta. A bôca sêca estará uma pasta. Aí, apanha o primeiro que aparecer. (É apostar e ganhar.) Corre ao boteco comer um sanduíche.

Uma carroça. Sacos de carvão, cavalo e homem, lentos. As rodas cantam nos paralelepípedos, o homem de bigode vai de cara fechada, e o animal de cabeça baixa. Não se ouve outro barulho.

A rua vazia, calada, parada, quieta de cabarés. As mulheres se sumiram na poeira e o sol dá de chapa no chão. Os guindastes já começaram. Dançam, lentos, do porão dos navios para a terra firme. Do pôrto para o navio, do navio para o pôrto, do pôrto para o navio.

— Mãe...

Sem barulho, briga ou música, sem confusão e zoeira, sem o vaivém das mulheres, fica diferente a rua. Agora, doméstica, deu para outros jeitos.

— Mãe...

Molecada miúda se escarrapacha jogando bola. Gente. Gente magra, muita, suja, escurecida, andrajosa, mora apertada com

SEGUE

I.C.A. ELIMINA BATIDA DE PINOS

I.C.A. IMPEDE FALHA NAS VELAS

I.C.A. EVITA DESPERDÍCIO DE GASOLINA

CARRO VAI MUITO MAIS LONGE COM I.C.A.

I.C.A. o aditivo exclusivo positivo que só a Shell lhe dá.

VOCÊ PODE CONFIAR NA SHELL

I.C.A.

I.C.A.

2001 VEM AÍ E VAMOS LÁ COM I.C.A.

CARRO PRÁ FRENTE VAI DE SHELL

# Odete Cadilaque dorme no chão, na rua

**CAIS** CONTINUAÇÃO

crianças, cães, velhos, gatos quizilentos, nos escondidos de porões escuros, buracos que furam os casarões antigos, entre ratos, fartum de urina e mato abandonado. É a rua diferente, sem a zoada da noite. E crianças saem para brincar.

A rua é agora dos armazéns gerais. De pardieiros centenários, ancestrais, pulam crianças que se confundem com cachorros, mendigos, bêbados, gente de perna entrapada, caras de fome, pescoços de galinha, esbranquiçados ou encardidos. Gente sentada, quentando sol nas soleiras urinadas. Esmoleiros. Lôdo preteja o meio-fio.

Odete Cadilaque ronca no chão, polegar na bôca. Que nem criança, batida de canseira.

Uma mãe, mais duas filhas. Metem o menor na sacola e o vão levando de gostoso. Como uma coisa comprada na feira. O menino contente como um passarinho. Vai sorrindo na manhã, tem um ano e meio no cais.

Foi quando a garrafa de óleo, que o irmão maior carregava, escorregou, escapuliu, caiu e se espatifou. É que êle foi chutar uma laranja no chão. O moleque está fulo. Um palavrão.

A mãe já ia bater, pela garrafa quebrada. Agora boqueja com vontade:

— Olha essa língua, desgraçado! Satanás!

O sol bate e rebate. E o cais mistura pombas, bondes que correm, varrem até a ponta da praia ou seguem para os lados de lá da cidade. Porões infectos, crianças peladas serelepando na rua ou brincando sôbre sacos vazios, sujos. Portões enferrujados, que a brisa do mar come. A esta hora, dez da manhã, lá no embarque de passageiros haverá portuguêses, japonêses ou espanhóis de roupa endomingada, chegando ao país. Gente dura, bruta, os pescoços desacostumados às gravatas, os miolos aturdidos. É um nôvo país, onde conhecem nada. Provàvelmente suas mulheres estarão desenxabidas, descoroçoadas com as complicações alfandegárias. Mulheres rudes e fortes.

No caminho de Rita Pavuna para o armazém 5—6 há cães perebentos enfiados na sujeira, no trânsito de bicicletas, automóveis. O Moinho Santista vizinhando velhos muros e quintais que parecem chácaras sem função. O apito da locomotiva da Companhia Docas de Santos. Vagões e cheiro sufocante de cereais. Homens de boina, bermudas esburacadas. Botecos sem mulheres. Mais água empoçada no meio-fio. Carros-tanque. Caminhões envergados de banana, café, milho, soja. Nas transversais, caminhões de todo o Brasil aguardando carga. Toras passam nos vagões abertos. Caixotes. Bananas. Milho esparramado entre os paralelepípedos, viaturas de socorro, rebocadores. Começa a pintar um e outro cabaré decadente, quinta categoria. Teria havido, noutro tempo, algum esplendor — Bar Athenas, served by girls. Banca de frutas. Gente, mulheres machucadas. Barris. Falhas na calçada, onde um moleque tropeça.

Rita Pavuna pára, procura um café. A seu lado, um tipo musculoso cujo indicador, enorme, não entra na asa da xícara de média. Rita ri.

Portas, algumas, demonstram rasgadamente que não são o que parecem, com as inscrições "casa de família". Letras a carvão ou vermelhas, quase ofensivas, mal e mal arranjadas nas entradas, onde às vêzes se lê família com *lh*: familha.

Rita Pavuna vaga por seis cabarés mambembes num quarteirão. Mulheres estropiadas, soltando palavrões. Viventes desengonçados e mais fedor de lôdo. Grãos de café tipo quatro, entre os paralelepípedos. Um, dois, três, quatro tratores, motoniveladoras em exportação para a Argentina. Caixas de frutas.

A área dos armazéns 5—6 se chama ponta de faca. Caras ficam mais fechadas, tipos vagabundeiam, basbaques, curiosos, desconfiados, de ordinário desbocados. Rita ouve um lero abusado. Mas segue. Não está a fim de confusão. Não vai

SEGUE

**Noite. Chegou a hora de expandir.**

# Um pouquinho de Miss France
# Nem céu, nem montanhas, nem mar, nada mudará a vontade dêle rever você.

## A jovem coleção Miss France recém-lançada por Atkinsons.

Colônia, Gel-Colônia, Loção,
Loção Cremosa, Talco e Sabonete.
Em tudo o mesmo perfume:
romântico, atrevido.
Junte ao seu encanto
um pouquinho de Miss France.

Unitas

# Rita Pavuna vaga pelas boates do quarteirão

**CAIS** CONTINUAÇÃO

pra grupo. Procura ganhar uma grana, dormir em hotel — isso é que é. Os cabarés vão ficando mais imundos, infestados de música de rádio no último volume. Barbearia de uma cadeira só, ensebada, se espreme entre um inferninho e um armazém.

Restaurante Flor do Cais, armazém 7. Está escrito na porta que é proibido pentear o cabelo no recinto.

Há gaiolas e há pássaros numa delas. Rita passa por casas de peças e acessórios de automóveis. Depois, cães magros, pedintes, velhos sujos e cabeludos, prostitutas. Maçã, muita — producción argentina.

Como quem toca para a Rua Tiro Onze, em três quarteirões, onze cabarés, muquinfos, com mulheres estragadas, arruinadas. E dez bares.

— Vamos lá?

Manda mais do que convida. Rita Pavuna e um freguês. Está ansiosa; mas com tolerância, manha, trabalha o bandido.

Tomam os rumos de um hoteleco da Rua Amador Bueno. Ela segue como se conduzisse o tipo. Já arrumou um. Então Rita poderá, sossegada, dormir o dia.

Um, dois, três. Muitos. Os navios somem no comprimento do cais; grandes, atracados em fila. Japonês, italiano, norueguês, argentino, dinamarquês, grego. Seus homens estrangeiros, a bordo, a gente conhece pela côr ou só pelo jeito de olhar. A lida dos trabalhadores vai com os guindastes arreganhando os dentes, agüentando cargas de lá para cá, um e outro apito navioso. Na estiva, lá nos porões, homens taludos mourejam, suando, os bíceps enormes, as caras caladas. Nenhuma afobação. Pouco se fala, só os movimentos dos braços no ar.

Milho, café, banana, máquinas, sal, sulfa, arroz. O chão de hexágonos de cimento e de trilhos — onde vagões transitam, e empilhadoras e tratores, arrastando pesos, não têm sossêgo — cheira farelo, soja, água salgada do mar.

O cais dá carros importados para alguns e sapeca calombo e canseira no lombo da maioria.

Os homens da sacaria, os pescadores do entreposto, os estivadores, os portuários, os arrumadores, os doqueiros, os limpadores dos navios, os fiéis de armazém, os conferentes, os guardas doqueiros, os policiais particulares, os privilegiados da Guardamoria. Milhares.

Na marca das cinco horas o pessoal vai saindo. E se toca para as casas, noutros cantos da cidade. Zé Menino, Gonzaga, Marapé, Macuco. Ou Itapema, atravessando o mar. Que o trabalho do pôrto recebe gente por cima, nos armazéns: e por baixo, pelo mar — os vindos do outro lado das águas.

Saídos da lida, uns que outros se esquecem zanzando, procurando bebida, mulher, farra. Essas coisas de homem trabalhador, quando chega a noite.

O que se chama noite não vem da luz elétrica. Nem das lâmpadas dos trilhos dos bondes se atirando sôbre os paralelepípedos. Nem vem da lua ou das estrêlas no céu, depois do lusco-fusco, hora muito fanada que pinta de prêto casas, homens, mulheres e viventes do cais. Noite, noitão — aquela acesa, que se abre para a vida, arrebenta, é quando se acendem os luminosos dos cabarés. E a rua fica acordada.

O cais muda de côr e de tom num lance. Há uma lei nas ruas. Uma danação: a rua está tocada. Sopra uma alegria. Um sentimento feroz vai varrendo. Viver.

Para as mulheres essa é hora dura de batalhar, arranjar a grana. E para os homens é a farra. Só.

Variedades. Após os trilhos dos bondes, hotéis, lojas de lembranças, a fila dos táxis, a perua policial — os cabarés. E os botecos, com indicações em inglês ou alemão para os gringos.

SEGUE

**Na rua, o futebol da garotada.**

Você
encontra esta
etiquêta nas
blusas que vestem
as coisinhas mais
tentadoras dêste mundo.

(E nas camisas
idem, idem,
idem).

RHODIANYL®
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Você lava as blusas e as camisas Rhodianyl hoje à noite e veste-as amanhã cêdo — sem precisar passar a ferro. As blusas e camisas Rhodianyl continuam impecáveis mesmo depois de um dia inteiro de trabalho, passeios, carinhos (tudo junto ou separado). Como você vê, a humanidade continua progredindo.

Para informações sobre a utilização das marcas de qualidade da Rhodia Indústrias Químicas e Têxteis S.A. setor Textil, dirija-se ao Serviço de Promoção de Vendas, rua José Bonifácio, 372 - Telefones: 37-9913 e 37-8496 - São Paulo

# Marinheiros aparecem falando estrangeiro

**CAIS**
CONTINUAÇÃO

Bar Restaurante Paquetá, Bar Churrascaria Pan-American. Pastelaria Pavão de Ouro. Night and Day (danças-shows). Oslo Bar. Zanzibar (served by girls). Bergen Bar. American Star Bar. Hotel dos Navegantes. Bataan Bar (served by girls). Top Set — Churrascaria — Barbecue. Gold and Silver. Moby Dick Bar. Galeria Florida — Butterfly Shop.

A menina, míni-saia branca, não tem mais de quinze anos. Mas teima e firma, enfrenta a rua. Chama:

— Vamos?

Sopra uma alegria meio cínica, meio cansada. Mas assanha, morde, envolve. Bota o gringo de cara cheia e as mulheres requebrando. Good drinks — kurt and gerd — good music — welcome. O ié-ié-ié grita e as guitarras elétricas esparramam-se pela rua, convidando a entrar. O cabaré come as horas, atraca corpos, prolifera copos.

Os meninos engraxates e os meninos vendedores de amendoim, ativos. Chamam o gringo. Engrolam a língua estrangeira, fazem micagens para apanhar um. As perninhas se mexem nas calças rampeiras, curtas:

— Amigo. My friend. Come back!

Vivem nos porões imundos com gente carcomida, enfiada lá. Carregam a caixa de engraxar nos ombros e enfrentam a rua como as mulheres. Chamando, catando pelo braço, uma estripulia de gestos. Podendo, surrupiam os gringos, como fazem as prostitutas. Devem comer. Dez-doze anos, mas naquelas bôcas do inferno já traquejaram, à custa de safanões e fome. Caras velhas, judiadas, um cansaço nos olhos, lá no fundo. Atentos. Chamam o navegante, teimam, correm a escôva no sapato, ainda sem permissão. Insistem.

Descarregar, desoprimir, extravasar. Ali é lugar de expandir.

— Chegou a grana. Tem navio dinamarquês.

A nova varre o cais, corre cabarés, aguça mulheres distraídas e tira gente da cama, atiça os donos das lojas de lembranças e de embelecos coloridos, folclóricos, assanha engraxates, vendedores de flechas e sujeitos que vivem da venda de quinquilharias e penduricalhos. A arraia miúda do cais se apronta. Os hotelecos estão esperando, ansiosos.

Odete Cadilaque e Rita Pavuna, de nôvo estão de bem. Estiram-se camaradagens, acesas da vida. Outra vez unidas, que é como o trampo dá resultado. Uma precisa da outra para engambelar os marinheiros.

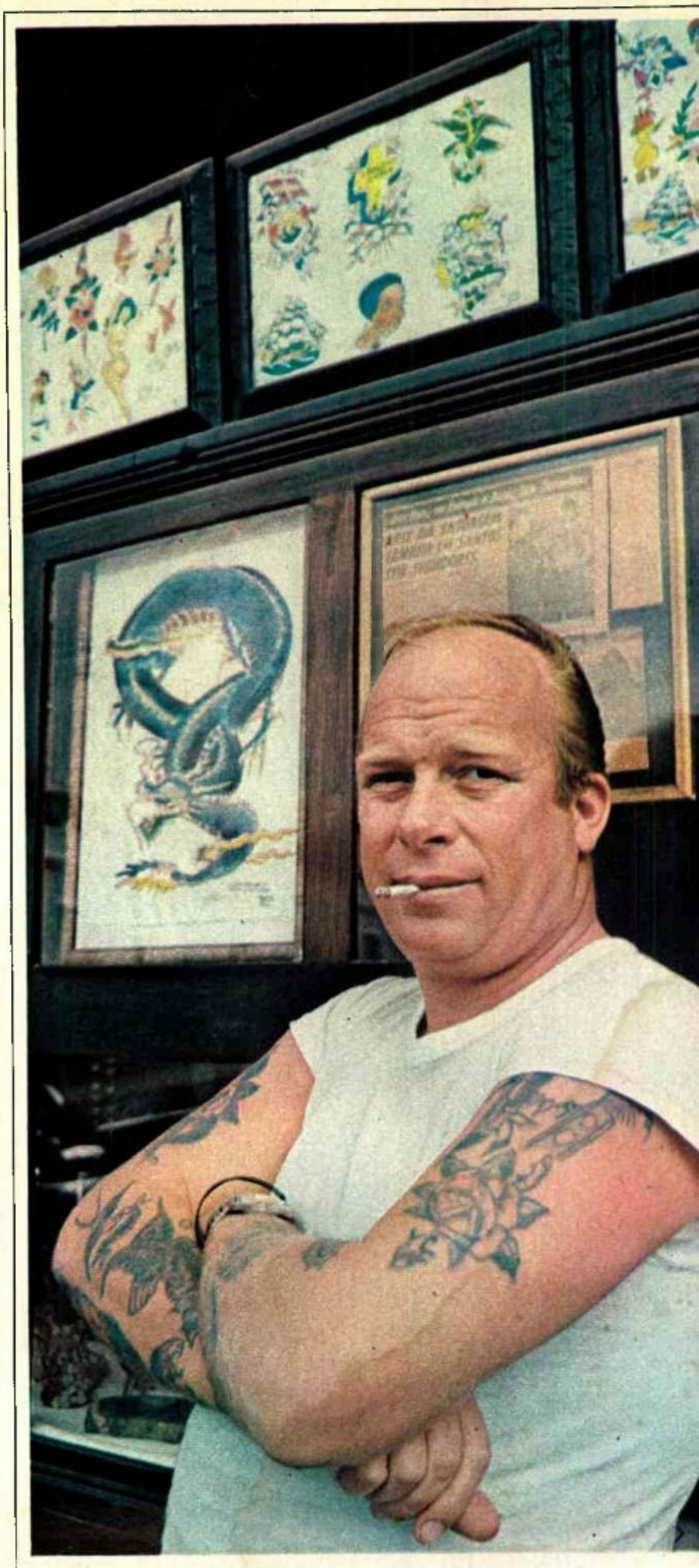
Juntaram-se, espevitadas, lambidas. Na casa de tatuagens, atracaram-se à dupla de marinheiros loiros, jovens, vermelhos do mar. Riem, bebem, e não entendem uma palavra dinamarquesa. O cabelo de um marujo é tão loiro que parece branco.

O maior tatuador da América do Sul, marinheiro de anos, dos que andejam duas vintenas de países, já tatuou príncipes. Luck's — Souvenir and Tathoing Shop. Tem um mostruário de 20 mil e mais desenhos, pintas artificiais, navios coloridos, emblemas de companhias marítimas. Faz tatuagens, vende folclore. E reconhece, pelo estilo, trabalhos gravados em Rotterdam, Liverpool, San Francisco ou Havaí. Os navegantes deixam-se tatuar e compram-lhe tapêtes, rêdes para enfeitar o navio nas viagens longas ou dar de presente aos parentes distantes.

Fora, aproveitando a folga na noite, homens do trânsito estão zebrando faixas nos paralelepípedos. Um guindaste trabalha, lento, pesadão, e uma locomotiva diesel avança, renitente. Um que outro bonde cantando nos trilhos.

A máquina de marcar tatuagem corre, vermelha, no braço do marinheiro dinamarquês. Que entorna o cuba-libre e ganha beijo de Rita Pavuna. Os gringos têm seus cortes de cabelo e roupas diferentes. A maioria é ridícula, no entender das mulheres ali. Como o homem não a entende, Rita trabalha, agrada, falando para a outra:

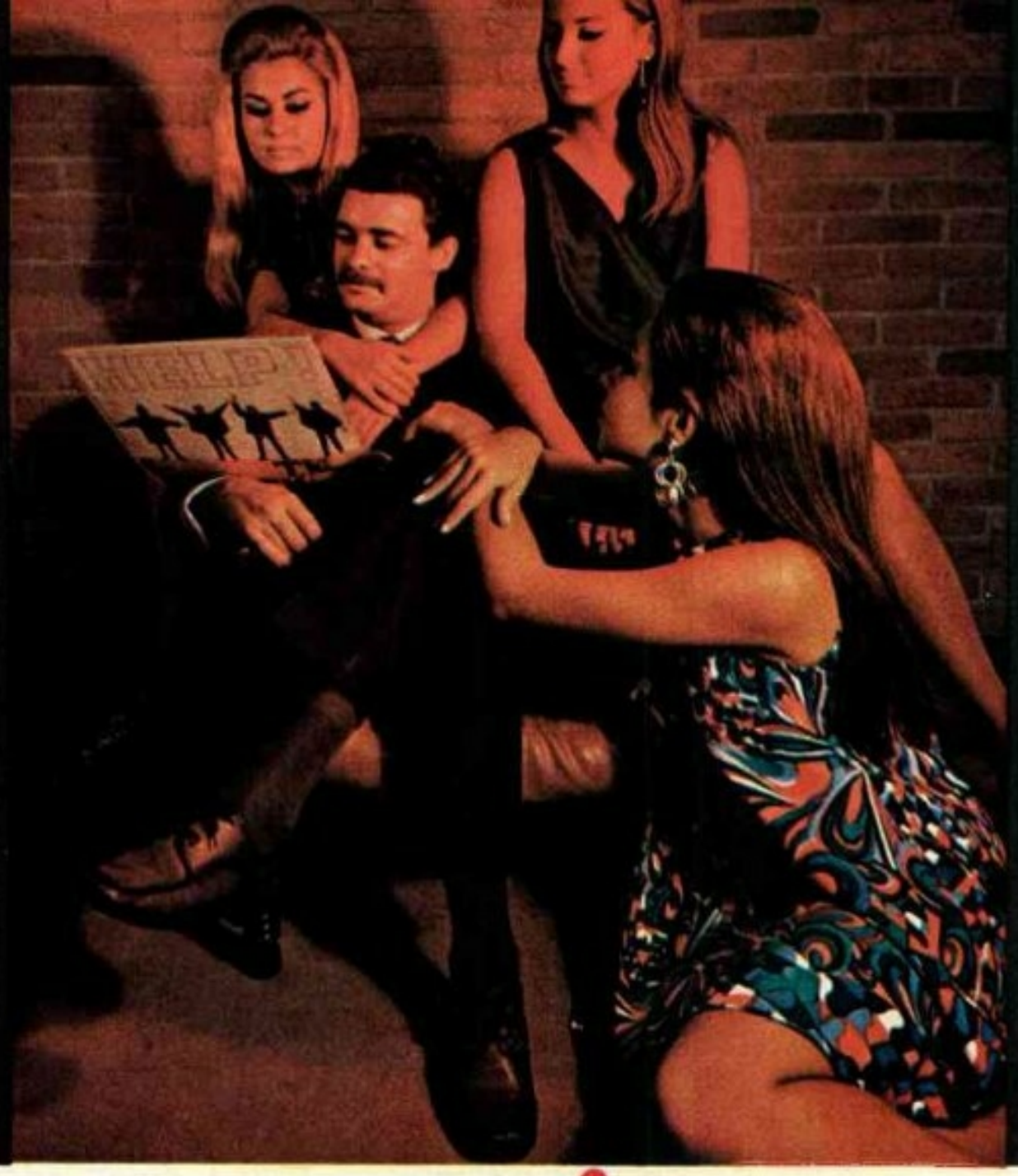
SEGUE



**Tatoo Lucky, o tatuador.**

# Algumas mulheres vão lhe perguntar a marca do seu sapato.

Disfarce. O segrêdo é a alma do negócio.



Samello
certeza do melhor

Claro que vão logo sentir que se trata de um Saméllo: as linhas elegantes, o couro macio, o acabamento esmerado. (Cada Saméllo tem um quê inconfundível: a presença do bom-gôsto do estilista Vadin, o melhor do Brasil.) Mas, deixe um pouco de intriga em tôrno daquilo que tanto colabora para o seu sucesso. (Até nos negócios.) V. nem imagina como dá certo essa técnica...

# SAMÉLLO

propaganda

# Nos bares iluminados há brigas, confusão

**CAIS**
CONTINUAÇÃO

— Eu tomei chá de bruxa da Bahia. Mas quê nada. Fui parar no pronto-socorro. A menina está lá em casa, espertinha como só ela.

Sarará, Rita é mulata, cabelo ruim. Na cara de índia, tem o nariz quebrado, como os lutadores de boxe. Arremeda espanhol, alemão, inglês. Arranja-se com a marinheiragem. Nasceu num vilarejo baiano. Maconhada, dá para falar muito, arrota uns rompantes de mãe de família por causa dos quatro filhos que sustenta. Cada um, um pai. Esconde, nas conversas, o filho mais velho, o negro, que anda pelos dezesseis anos de idade. Ela, trinta e um.

Odete Cadilaque, negrinha. Nova, na vida, e sabe pouca palavra inglêsa. Mora (dorme, às vêzes) no morro do Macuco onde sustenta um homem. Fica no cais até arrumar dinheiro. Baixando lá no morro de bôlsa vazia leva pancada. E como gosta do homem...

Marinheiro é viajado, andou quatro cantos no mundo. E, se diz, não há homem mais desconfiado que um do mar. E esbanjam com mulher, bebem, queimam o que têm. Mas descem ao pôrto vindos de muitos dias no mar. Navegando e trabalhando. Sem bebida e sem mulher. Pegam terra firme e não querem nem saber se estão certos ou errados.

Capengas, já deixam a casa de tatuagem e ganham a rua. Os marujos avançam com o andar gingado. Odete Cadilaque e Rita Pavuna fingem mais do que beberam.

Sweden Bar. Hamburg Bar. El Congo Bar Restaurante. Miomatsolen Bar. Scandinavia (welcome to) foreign music — moderate prices. Old Kopenhague. Cassino Night Club. Amsterdam Bar. Suomi Bar (served by girls). Há um cabaré que anda por cima, novinho, pedras na entrada de legítimo quartzo, e a decoração é hippie, recomenda o amor em vez da guerra. Bar e Café Chave de Ouro se anuncia Golden Key.

— Give me one.

Rita Pavuna quer um espetinho. A rua está cheia dêles, firmes e pacienciosos, ali, como a venda de flechas, frutas, comilanças, café du Brésil. É a hora em que a rua é de todos, expõe de um tudo. Vendedores de acarajé, abará, baianices. O de flechas meteu seu tabuleiro no chão, entre os mendigos.

Os quatro entram no cabaré. Luz pouca. Há beijos, atrações, copos. Rita e Odete e seus marinheiros dançando o ié-ié-ié.

Na entrada do cabaré baixa um tipo alto, negro, vendendo flôres, verdes, amarelas, vermelhas, de papel crepom. Penetra, oferece, mesa em mesa. O mulherio insiste com seus otários. Querem as flôres.

Em dois lances, sem esta nem aquela, está ferrada uma briga. Vendedor de flôres e um crioulo baixinho, que é bom de briga. O alto vai melhor. Seus corpos magros rodopiam para fora do cabaré, os dois dão com o lombo na calçada. Gente chega para apartar. A Fôrça Pública invade o cabaré aos supetões, não querendo prosa fiada.

— Documento.

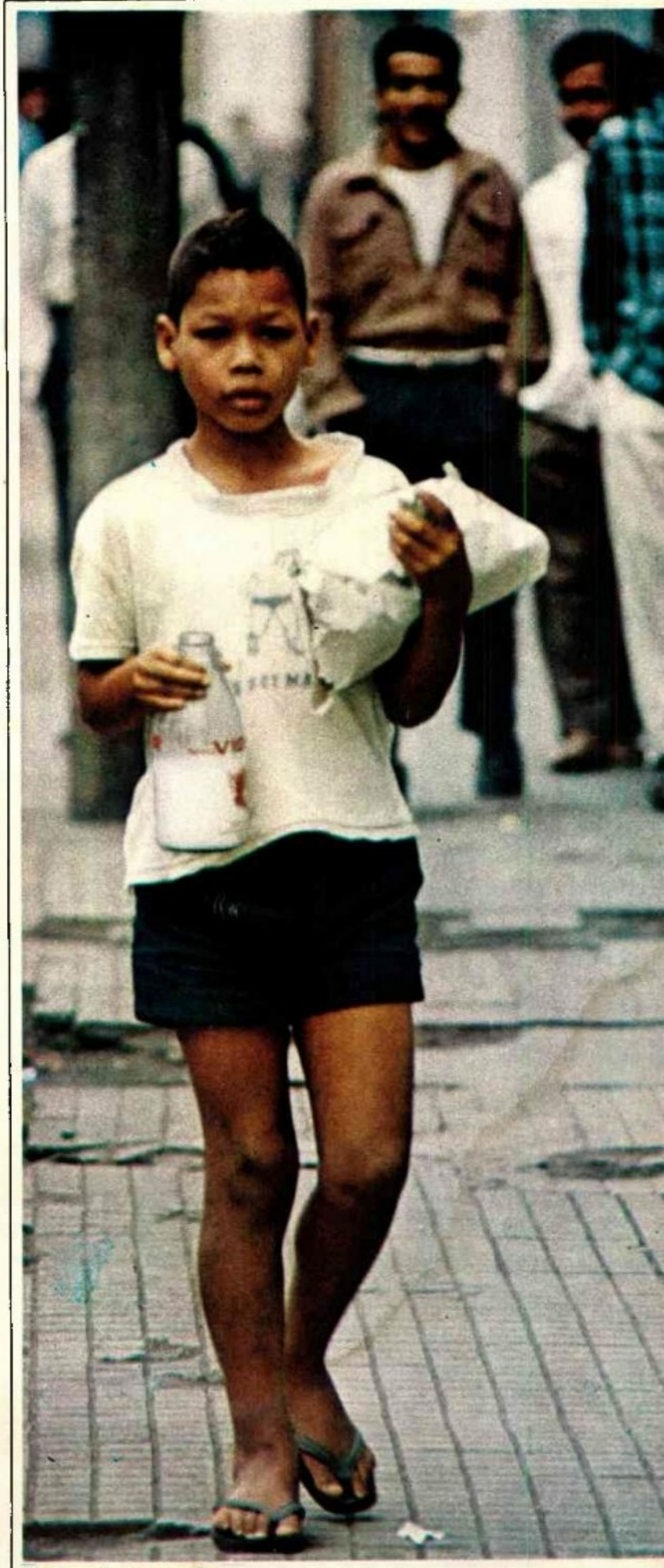
A briga acabou. Rita Pavuna, Odete Cadilaque e os marinheiros dinamarqueses desguiam do cabaré, procuram um restaurante. Dão ao diabo o show musical e o strip-tease que se anuncia para as três da manhã. A fome bateu nos quatro.

Cooperativas dos portuários. Casas para turistas. Botequins, adegas sem nome. Armazéns e vendolas. Akropolis Bar (served by girls). Restaurante Tai Ping. Hotéis. Hotelecos. Padaria Ribatejo. Barbearias infamantes, dois cruzeiros novos o corte de cabelo. Bazares improvisados. Vende-se fogos. Farmácias e açougues. Morning Star Bar.

Os homens da Fôrça Pública plantados nas esquinas. Ou varejando o interior dos cabarés, grudados ao ponto de táxi, saída natural dos fregueses dos inferninhos.

Canto do Galo. Bergen Hotel. Vagalume Night Club. Tivoli

SEGUE



**Manhãzinha.
O cais recebe
os homens
da estiva.**

# Chegam estivadores; é outro dia no cais

Bar. Odete, Rita e os dois marinheiros entram no restaurante.

Chegam três motoristas de caminhão. Arrancam os bonés das cabeças, atiram nas cadeiras e sentam em cima. Pedem risoto de camarão, uma sopa e pressa. Retiram direto da panela que fumega, fazem pratos parecendo montes para comer, usam talher só na mão direita. Quando em quando, à vontade, metem as mãos na comida. Falam alto. Sopram a comida quente, no garfo, antes de levar à bôca. Aquêles comem como quem tem fome.

Do restaurante se ouve a rua. Voa um xingamento:

— Vai lavar a roupa, velho!

Gíria passeando na calçada:

— Ih, Manoel, como vai?

Cadilaque cumprimenta:

— Ô, Janete, qual é o pó?

— Estamos a bordo. Não tem babado.

Aquela é carioca. E as cariocas são as mulheres mais alegres. Defendem-se em espanhol, inglês e alemão. Chamam:

— Shotime. Faive dólar. Ten táuse.

Tratam o gringo com classe. São educadas, carinham.

— Filhinho, meu filhinho.

Aquela Janete é conhecida pela venda que fêz de uma raridade: periquito em lugar de papagaio. O gringo se intrigou com o tamanho do bicho. Mas ela jurava por Deus. O periquito, com o tempo, cresceria, teria o tamanho de um papagaio. Assim levantou trinta dólares.

Odete Cadilaque, Rita Pavuna e os dois marinheiros procuram hotel. Apenas êles caiam, quebrados de sono, elas colherão as carteiras. E voltarão para a gandaia. Seguem enlaçando a cintura dos homens. Ainda não os abocanharam, precisam aturá-los, cautelosamente. Mas aquela grana é imperdível. Ganharam a noite.

Na rua, mais um luminoso, de roupas e modas. Ladies & Gentlemen. Shoes Working, Cloes, Pens, Shorts & Allkring of Sadya Dresses. Dresses Juarize. Rita Pavuna e Odete Cadilaque, com os marujos, passam por cabarés onde se ataca de ié-ié-ié gritado na guitarra elétrica ou se geme bolericados e dores de amor dos sambões famosos.

Um americano é chamado por uma mulher, tira o Lucky Strike da meia, dá o cigarro e engrola. Não tem fósforos. Outra mulher briga com um gringo. E outras passam abraçadas, quase carregadas, dissimuladamente bêbadas, fazendo dengues e enganando seus otários. O Night and Day está levando o show *No Tempo da Viúva Alegre*. Entre a gringalhada caminham crioulos dobrados, gingando.

A esta hora os ônibus estarão rolando sossegados, no asfalto de ruas vazias, noutros cantos da cidade. Na praça, os cobradores e os motoristas olharão para os músicos carregando seus instrumentos e provàvelmente menearão as cabeças, perguntando como será aquela gente de vida estranha.

Um depois do outro. Os cabarés vão fechando o ôlho da noite. A zona do cais começa a se despovoar. Gente não dormiu, busca uma condução para casa. É êsse o momento em que as mulheres da rua, fanadas, dinheiro na bolsinha ou no seio, vão procurar, longe, seus homens, para lhes entregar a grana. É como também compram um pouco de amor.

A madrugada desfiou e vai se indo. Chega, aos poucos, um sôpro frio da beira do mar. O céu está que é um breu e vai ganhando, devagar, um toque azul.

Os rádios ressoam as primeiras músicas caipiras.

Um tom azul, chumbado. Há, no entanto, alguma coisa precisa, forte, meio avermelhada num ponto ali no horizonte. Sanguíneo, já violento, um ponto querendo rasgar, vermelho, no céu. Explodir. E gritar de côr ali.

Mas a hora ainda é neutra. A noite acaba. O dia acaba. A lua sumiu.

Os primeiros homens da estiva começam a chegar. FIM

**Manhãzinha. Os homens chegam outra vez.**

# você que ama...

**a tocata**
**o iê iê iê**
**a ópera**
**o samba**
**a valsa**
**o jazz**
**a bossa nova**

**vai amá-los**
**muito mais**
**na sonoridade**
**dos radiofones**
**PHILIPS**

Radiofone estereofônico com F.M. (modêlo FR880-A). Recepção em 6 faixas de ondas, 4 alto-falantes, cambiador automático.

Radiofone tipo apartamento (Modêlo F4RO6-A). Cambiador automático. Recepção em 3 faixas de onda.

Radiofone Estereofônico com F.M. (Modêlo F6R81-A). Cambiador automático. Luxuoso móvel de grande aparência. Alta qualidade sonora.

Radiofone Estereofônico com F.M. (Modêlo FR781-A). Recepção em 6 faixas de onda. 6 alto-falantes. Cambiador automático. Grande potência. Luxuoso móvel em jacarandá ou caviúna.

Radiofone Estereofônico com F.M. e reverbeo (Modêlo F7R82-A). Recepção em 6 faixas de onda. 6 alto-falantes. 5 contrôles de tonalidade. Unidade de reverberação. Cambiador automático. Luxuoso móvel em jacarandá

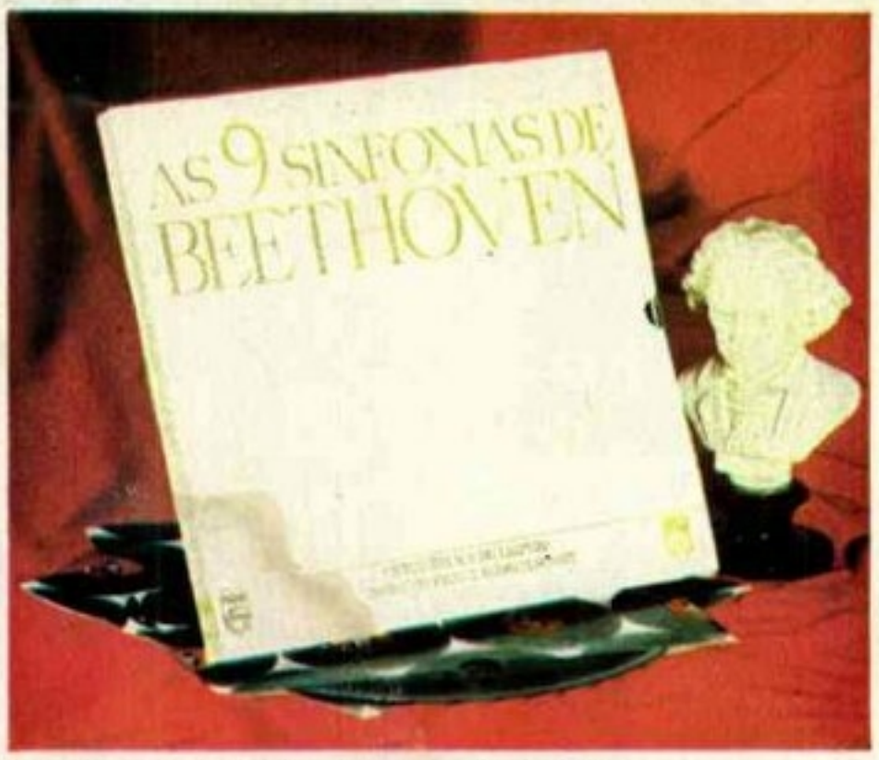
Radiofone Estereofônico com F.M. e reverbeo com gravador de fita estereofônica (Modêlo FR880-A). Recepção em 6 faixas de onda. 10 alto-falantes. Contrôle de equilíbrio acústico. Luxuoso móvel em jacarandá.

radiofones **PHILIPS**

# FOOM!

# Esqueça êste instrumento quando V. chega em casa. Ouça Beethoven.

V. pode pensar que isso é difícil, que vai tomar o seu tempo, que V. vai ter que ouvir as opiniões mais desencontradas sôbre orquestras, intérpretes, gravações, até poder chegar um dia em casa e substituir o irritante ruído da buzina pela música imortal de Beethoven. Então saiba que a Abril Cultural já fêz todo êsse trabalho para você. Escolheu as obras-primas de Beethoven, selecionou a melhor orquestra do mundo, o melhor regente e cuidou de todos os detalhes para que a gravação fôsse a melhor possível. E quis evitar também muito aborrecimento: por exemplo, que V. estacionasse em local proibido para percorrer as lojas de discos. V. pode resolver o problema sem sair de casa. Veja como é fácil: basta preencher à máquina ou com caneta esferográfica o cartão-pedido, e mandar hoje mesmo à Abril Cultural.




AS 9 SINFONIAS DE BEETHOVEN, interpretadas pela Orquestra Gewandhaus, côro e cantores da Rádio de Leipzig, sob a regência de Franz Konwitschny
6 LP = **NCr$ 43,20** (mono) - **NCr$ 45,40** (stereo).

PREENCHA À MÁQUINA OU COM CANETA ESFEROGRÁFICA, E MANDE-NOS, AINDA HOJE, SEU CARTÃO-PEDIDO.

E se V. se interessa realmente pela música, por um tipo de música que não é sucesso passageiro, então a Abril Cultural tem mais duas ofertas:

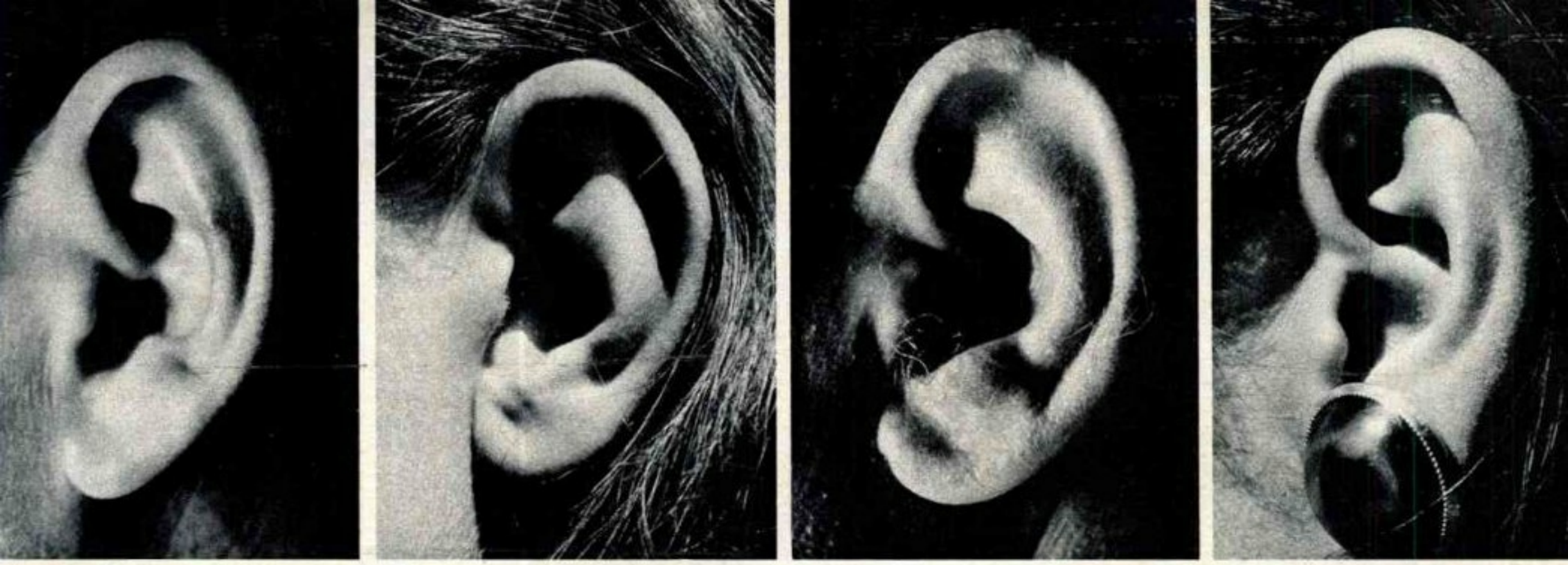
GÊNIOS DA MÚSICA
6 LP - 10 peças clássicas completas - Berlioz - Chopin - Liszt - Boccherini - Haydn - Mozart - Beethoven - Bach.
Preço = **NCr$ 38,90**

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS
10 LP - 47 obras-primas - Vivaldi - Rimsky Korsakov - Tchaikovsky - Dvorak - Giordani - Verdi - Rossini Paganini - Donizetti... e outros grandes mestres!
Preço = **NCr$ 47,50**

TÔDAS AS COLEÇÕES SÃO PROTEGIDAS POR LUXUOSO ESTÔJO-DISCOTECA E ACOMPANHADAS DE UM MAGNÍFICO FOLHETO EXPLICATIVO. LENDO-O, VOCÊ SABERÁ TUDO SÔBRE AS OBRAS E SEUS AUTORES.

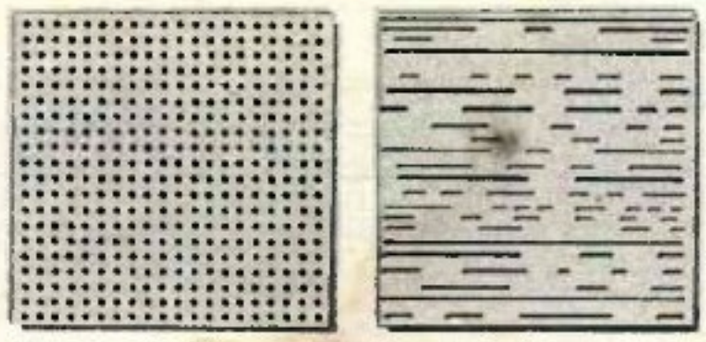
Exclusividade no Brasil para a **DISCOTECA ABRIL CULTURAL**

mpm propaganda



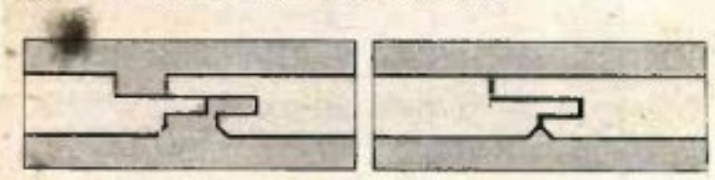
# Há gente ficando surda sem perceber.

A lenta e progressiva destruição da sensibilidade auditiva é um dos maiores males da atualidade. Que conduz a outros. "O homem que é exposto aos ruídos por longos períodos fica com depressão nervosa e pode apresentar lesões orgânicas" (Prof. Dr. Vendramini). "O ruído seria uma das causas, entre as mais importantes, da arterioesclerose" (Dr. Carrel). "Ruídos intensos provocam diminuição do rendimento profissional, hipotensão, perda do apetite, aerofagia, astenia e irritabilidade nervosa, cefaléia, distúrbios do sono" (Dr. Bugard). Por isso é que existem materiais que constroem o silêncio, como as chapas Eucatex. No fôrro, dividindo ambientes ou revestindo paredes, as chapas Eucatex chegam a absorver até 93% do ruído ambiental. Você está sempre bem protegido com Eucatex: repousando, trabalhando, vivendo.



Acústico "A" Ranhurado

NÔVO SISTEMA DE COLOCAÇÃO DAS CHAPAS EUCATEX T&G — Cada chapa tem uma lingueta e uma ranhura. A lingueta é pregada ou grampeada no tarugamento de madeira. Depois, outra chapa se encaixa na primeira através da ranhura. A colocação é feita com muito mais rapidez, pois as linguetas e ranhuras servem como "guia". Qualquer imperfeição de pregagem ou grampeamento é totalmente encoberta. O que você vê é um fôrro contínuo, perfeito, uniforme.



## Fôrro é eucatex

**Padrão de exportação, Eucatex é vendido e aplicado nos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, França, Bélgica, México, Líbano, Portugal, Argentina e outros países.**

Eucatex S.A. — São Paulo: Av. Fr. Matarazzo, 530 - Fone: 51-9108 - Caixa Postal 1683 • B. Horizonte: Av. Amazonas, 311 s/802-803 - Fone: 2-5170 • Brasília: Ed. "Arnaldo D. Villares" - Q. 17 - Lote 17 S.C.S. - Cj. 221 - Fone: 3-1662 D.F. • Pôrto Alegre: Ed. "Annes Dias" - Av. Prof. Annes Dias, 154 - Cj. 1701 - Fone: 4-2145 • Rio de Janeiro: R. 7 de Setembro, 124 - 7.º and. - Fone: 43-2754 • Recife: Ed. "Igarassu" - Praça do Carmo, 30 - 13.º - Gr. 1304 - Fone: 4-3205 • Curitiba: Av. Getúlio Vargas, 915 - Fone: 4-7768 • Salvador: Edifício Cervantes - Av. Estados Unidos, 1 - Sala 515 - Fone: 2-3181.

# O QUE QUEREM ÊSTES PADRES?

**Padres falam em viver com os pobres, freiras e estudantes saem em passeatas, organizações leigas vão às ruas em defesa das tradições cristãs, bispos publicam manifestos, grupos de católicos tomam posição diante de problemas sociais e políticos. Durante os últimos anos, a Igreja brasileira, como em todo o mundo, vem-se preocupando com algumas alas de religiosos que resumem seus objetivos numa palavra: renovação.**

---

Texto de Gabriel Romeiro
Fotos de Francisco Nélson

Foi apenas a partir do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962 e terminado em 1965, que as diferenças de opinião dentro da Igreja Católica se tornaram notícia no Brasil. De uma hora para outra, através da palavra dos bispos presentes, no Concílio, manifestaram-se várias correntes de pensamento numa instituição que dava impressão de uniformidade absoluta em todos os seus membros. No entanto, mesmo antes do Concílio, a Igreja vinha sendo sacudida, no mundo inteiro, por uma série de debates.

No Brasil, coube antes de tudo aos leigos a tarefa de criar as primeiras situações que acabaram por desencadear a renovação da Igreja, aprovada pelo Concílio.

Em 1922, o Papa Pio XI lançara a idéia de criar uma organização leiga que colaborasse com os bispos no trabalho da evangelização. Essa organização recebeu o nome de Ação Católica. Criada oficialmente no Brasil em 1935, foi a sua ala universitária, a Juventude Universitária Católica (JUC), que mais se destacou, sobretudo por sua atuação no campo social e político.

Em seus primeiros anos de existência, porém, sua grande tarefa fôra promover a Páscoa coletiva dos universitários do Rio "com regular sucesso", como relata o órgão oficial da Ação Católica, enumerando as

SEGUE

BANCO NACIONAL DO NORTE, DENTRO DE SEU ESPÍRITO DE SERVIÇO, INFORMA:

abaeté

# v. pode instalar uma indústria no nordeste investindo apenas 15% ou menos do capital. veja como, nestes 6 itens.

O Nordeste oferece hoje perspectivas extraordinárias para homens de emprêsa e capitalistas. Dispõe de recursos de energia elétrica mais abundantes do que qualquer outra região do país. Novas estradas asfaltadas cruzam a região em todos os sentidos, ligando os seus centros de produção e consumo. Mão-de-obra abundante, facilmente adaptável mesmo a operações industriais mais complexas. Somam-se a êsses fatôres um mercado consumidor local em franco desenvolvimento, decorrente do crescente aumento da renda per-capita, oriundo, justamente, dos novos investimentos que se fazem diàriamente na região (média, hoje, de uma nova indústria por dia!).
Sòmente em dezembro do ano findo, as aplicações da SUDENE foram de 26 bilhões de cruzeiros novos.
As informações a seguir dão apenas uma idéia geral de como, com um capital razoàvelmente reduzido, o empresário pode realizar um grande projeto nesse novo, florescente e próspero Nordeste.

**1** Tomemos por exemplo, que o sr. pretenda realizar no Nordeste, um projeto industrial no valor de NCr$ 100.000,00 (cem milhões de cruzeiros antigos). Utilizando-se dos recursos da SUDENE e financiamentos do Banco do Nordeste do Brasil, o empresário disporá de financiamento para 75% do investimento, assim distribuido:
Financiamento do BNB, 50%; SUDENE (artigo 34/18), 25% e recursos próprios, 25%.

**2** Para êsses recursos próprios que, no exemplo, seriam de NCr$ 25.000,00, o investidor poderá obter o financiamento através da participação societária de fundos e companhias estaduais de desenvolvimento até a metade dêsse total. Isto é, o empresário usaria como recursos realmente próprios, tão sòmente NCr$ 12.500,00 para um investimento total de NCr$ 100.000,00. Em outras palavras, 12,5% de um projeto, seja modesto ou até de vários bilhões de cruzeiros.

**3** De acôrdo com a natureza do projeto, o investidor, além dêsses financiamentos, ainda gozará de grandes incentivos fiscais federais, estaduais e municipais que lhe dão ótimas condições de competição. Êsses incentivos vão desde isenção total de impôsto de renda até 15 anos, ausência de taxas e impostos alfandegários para importação de maquinaria, até isenção de impostos territoriais, etc.

**4** O primeiro passo para se conseguir êsse financiamento e essas vantagens é a elaboração de um projeto, isto é, definir o que se vai produzir, como, onde, com que recursos. De acôrdo com o projeto é que a SUDENE vai decidir sôbre a concessão de financiamentos, isenções, etc.

**5** Os projetos prioritários (aquêles que podem obter o máximo de financiamento, incentivos e vantagens e que são mais ràpidamente aprovados) devem obedecer aos seguintes critérios:

a) instalação de indústrias básicas e germinativas; por exemplo, siderurgia, cimento, fertilizantes, de máquinas operatrizes, implementos agrícolas, motores, industrialização de alimentos, etc.

b) modernização, complementação ou ampliação de indústria ou atividade agrícola já existente, com elevação da respectiva rentabilidade. Assim, emprêsas já atuando no local, poderão obter financiamento, como, por exemplo, usinas de açúcar, fábricas de tecido, fazendas de atividade agrícola ou pecuária, etc.

c) indústrias que se destinem a substituir importação do exterior ou de outra parte do país ou que visem a produzir para exportação ao exterior ou outras partes do país.

d) aproveitamento de matérias-primas agrícolas e minerais produzidas no Nordeste (utilização, por exemplo, de cacau, côco, babaçu, carnaúba, algodão, mamona, amendoim, frutas locais ou minerais como sal, salgema, fosfato, mármore, xelita, berilo, etc.).

e) empreendimentos que promovam grande absorção de mão-de-obra ou que se localizem em zonas de fraco desenvolvimento industrial e agrícola.

f) produtos alimentícios de primeira necessidade (frigoríficos, pesca, granjas avícolas, suínos); extração e industrialização de matérias-primas básicas para a região.

**6** Os projetos devem obedecer a uma sistemática especial que envolvem estudos econômicos, sendo um documento técnico que deve ser correta e criteriosamente elaborado por especialistas. O tempo de aprovação de um projeto pela SUDENE é, em média, de três meses.

***O Banco Nacional do Norte dispõe de uma Divisão de Projetos e Assessoria Econômica com grande experiência na elaboração de projetos e encaminhamento de seus investimentos no Nordeste. Consulte-a através de nossa agência mais próxima.***

**BNN BANCO NACIONAL DO NORTE S. A.**
um amigo na praça

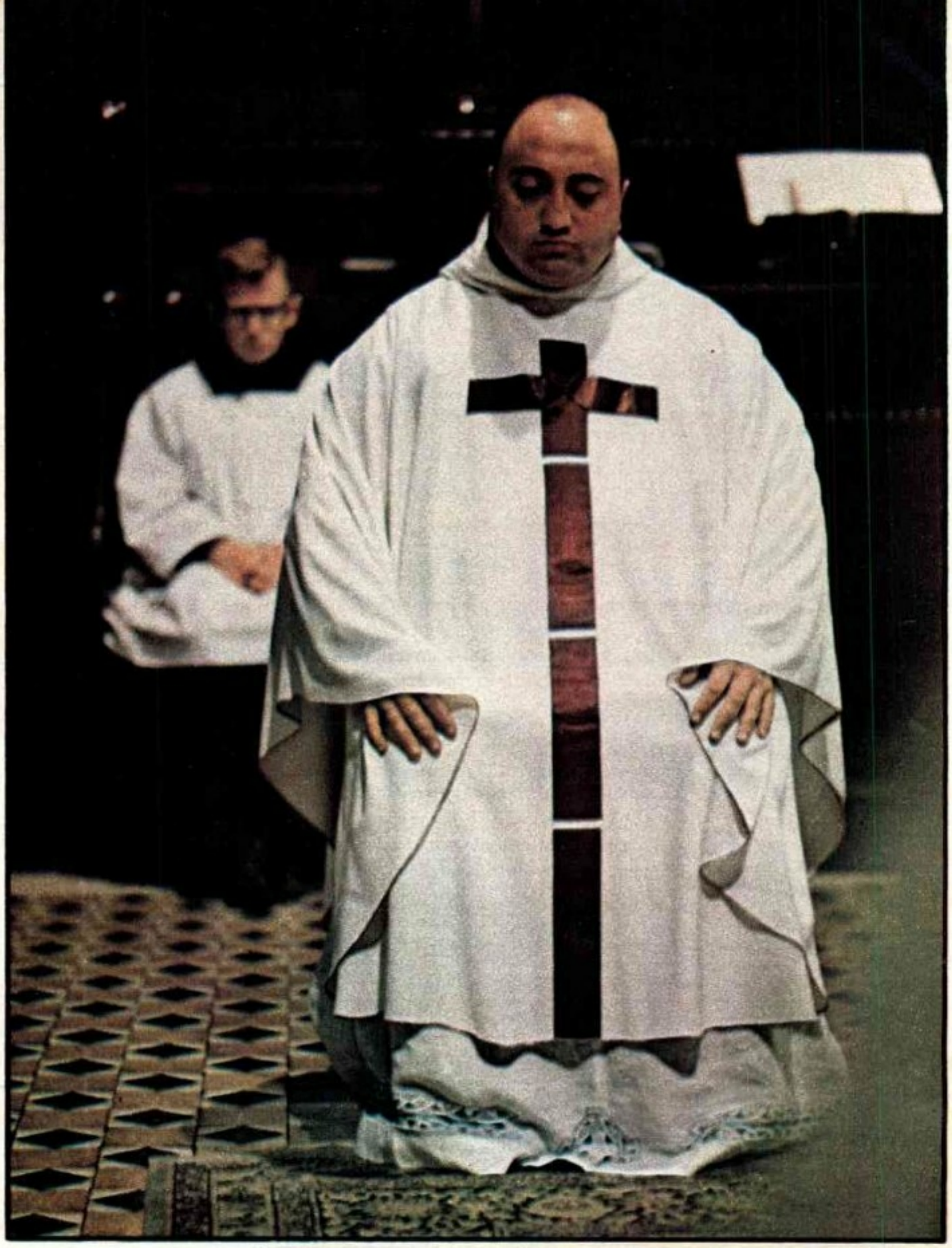
MATRIZ: Recife - DEPARTAMENTOS: Aracaju, Arcoverde, Belém, Belo Horizonte, Campina Grande, Caruaru, Curitiba, Fortaleza, Garanhuns, João Pessoa, Limoeiro, Maceió, Manaus, Natal, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina, Timbaúba, Vitória e mais 13 agências urbanas.

# Criticam os esquerdistas

atividades do ano de 1939. Foi só a partir de 1950 que, aos poucos, a JUC começou a tomar posição diante dos problemas sociais. Em 1950, seu temário de estudos já versava sôbre a situação econômica, humana e religiosa do estudante e sua responsabilidade na Igreja. Era um ponto de partida, cujo desenvolvimento resultou na decisão tomada no Congresso Nacional de 1960, dez anos depois, de fazer seus membros participarem ativamente da política estudantil na extinta UNE. Com essa atitude e suas conseqüências, iniciaram-se os atritos entre a JUC e outros setores católicos, tanto do episcopado quanto do clero e de grupos leigos.

A Revolução de 1964 atingiu em cheio a JUC. No fim de maio daquele ano, em documento no qual apreciavam os fatos recentes, os bispos brasileiros tomavam a posição de defender os movimentos católicos, reconhecendo entretanto que alguns dos seus membros pudessem ser "culpados". As organizações eram defendidas, enquanto seus membros eram desamparados: "Reconhecemos e lamentamos que, até mesmo em movimentos de orientação católica, tenha havido facilidades e abusos por parte de um ou outro elemento que burlou nossa vigilância, ou de outros que foram vítimas de seu próprio idealismo, da falta de malícia ou de inadequada apreciação dos fatos. Mas, na medida em que essas falhas chegaram ao nosso conhecimento, antes mesmo da Revolução, jamais nos omitimos no sentido de advertir e corrigir os culpados, fôssem leigos ou sacerdotes. Por outro lado, não aceitamos, nem jamais poderemos aceitar, a acusação injuriosa, generalizada ou gratuita, velada ou explícita, de que bispos, sacerdotes e fiéis ou organizações, como, por exemplo, a Ação Católica e o Movimento de Educação de Base (MEB) sejam comunistas ou comunizantes".

SEGUE



**A suntuosidade e os enfeites são uma herança da Igreja da Idade Média, quando os próprios bispos eram considerados senhores feudais.**

# Ponha aquêle seu disco favorito num estereofono TELEFUNKEN e prepare-se para uma surprêsa e tanto!

Você vai descobrir coisas novas na sua música.
E só vai querer ouví-la de nôvo no seu Telefunken.

No Mattinata, por exemplo. Um Telefunken para pequenos ambientes, com a simplicidade requintada a que pode chegar um estereofono para dar a você a pureza de som que você exige para ouvir os seus discos.

Amplie estas qualidades (se o ambiente em que você planeja colocar seu Telefunken é maior) e você vai preferir o Melodia. Sua música soa surpreendentemente nova. Mais rica. Não parece vir do disco, mas do ar. Mas vem mesmo é do seu Telefunken Melodia.

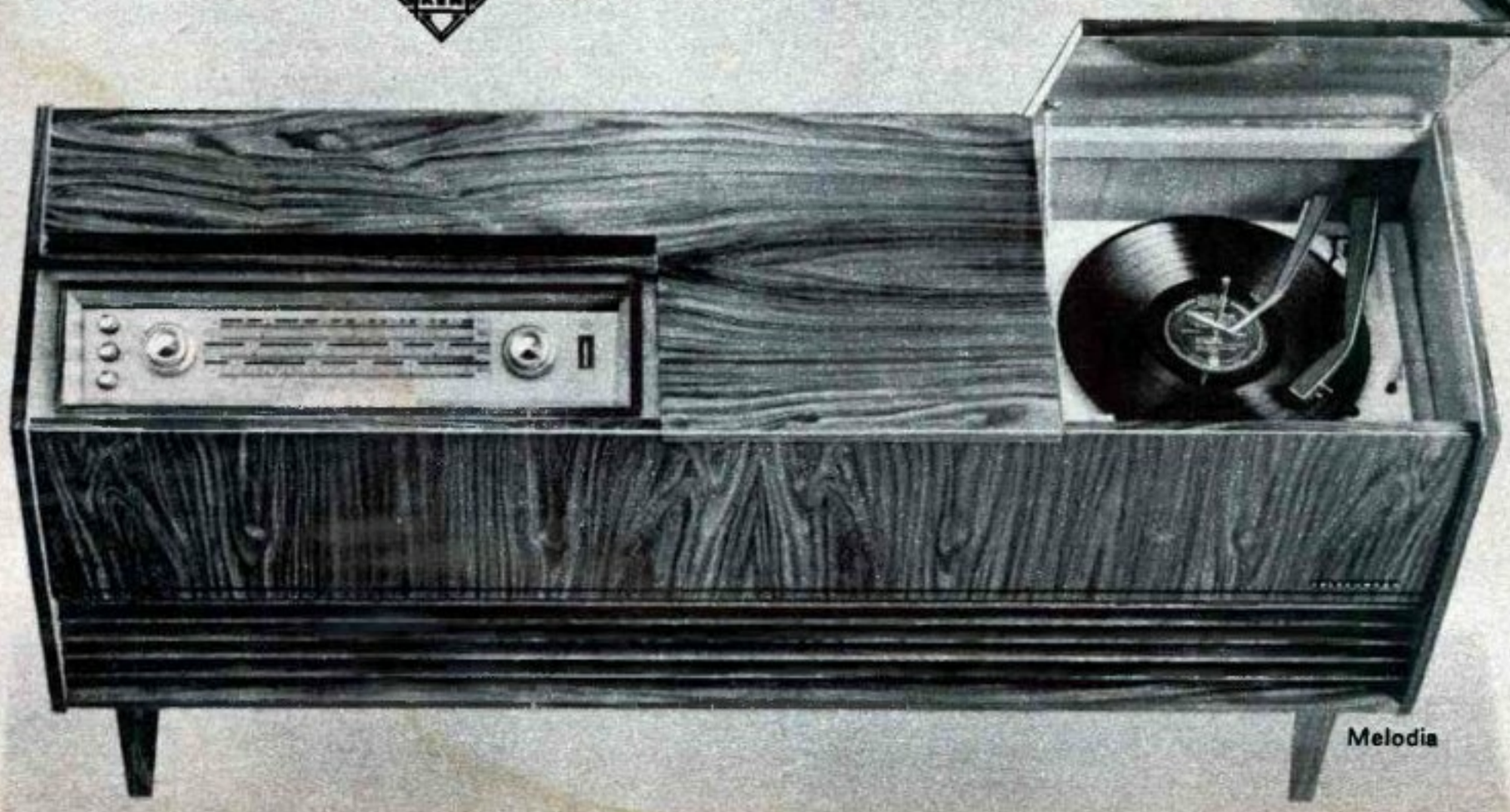
Num Dominante então, sua música até parece outra, nascida de uma orquestra ao redor de você. Ou de dentro de você. E é natural que isto aconteça, pois o Telefunken Dominante é um estereofono de qualidade fora de série. Para ambientes amplos.

Não se decida por um estereofono antes de ouvir o que êle pode fazer por sua música. Não se decida antes de ouvir um Telefunken.

é outra categoria.

Mattinata

Dominante



Melodia

IGREJA CONTINUAÇÃO

# Apóiam os operários

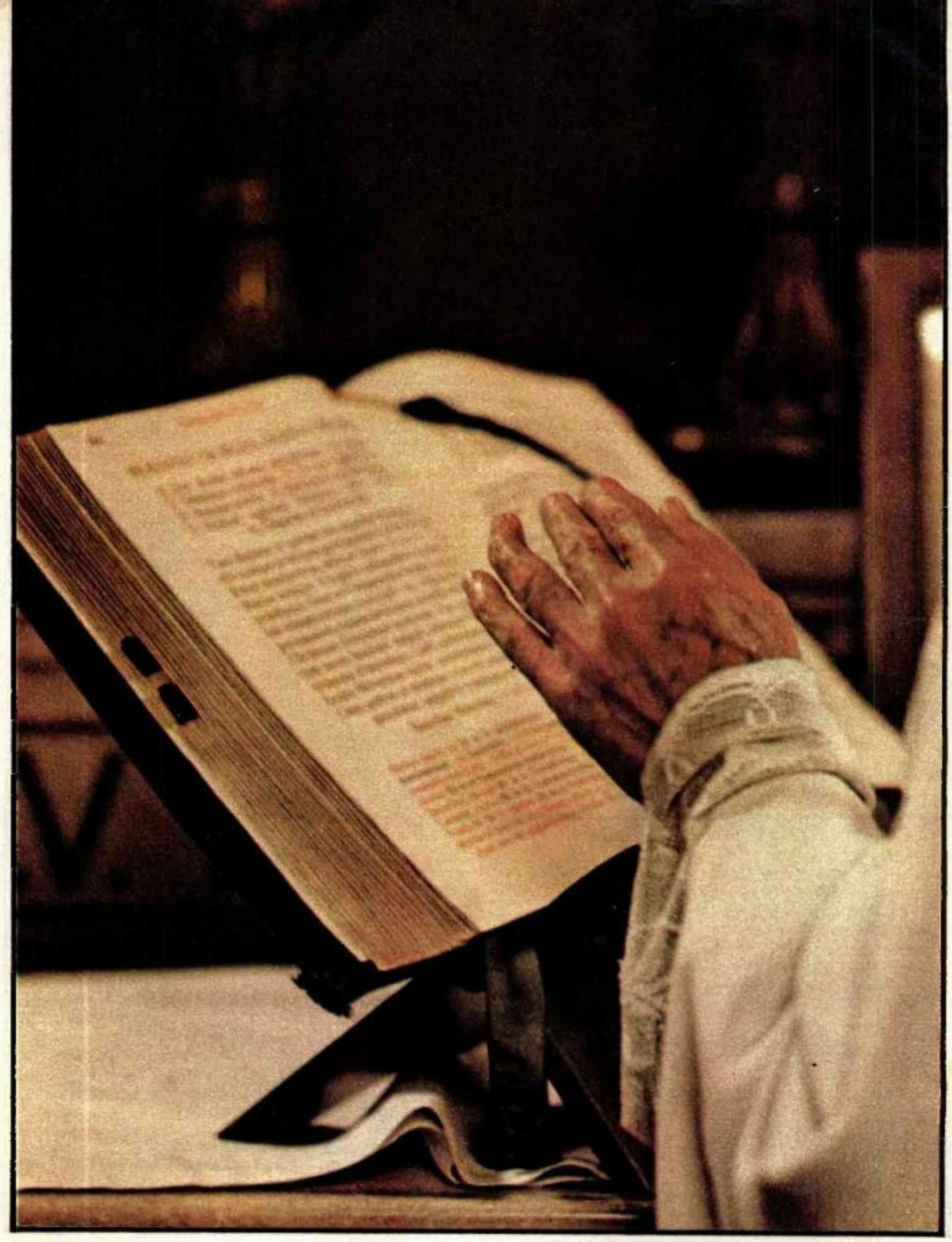
Muitos militantes continuaram atuando na política estudantil, desvinculando-se da JUC, enquanto outros se confinavam num trabalho de evangelização restrito a contatos pessoais ou promoções assistenciais. A JUC só veio a ser notícia novamente quando, no fim do ano passado, publicou um manifesto de apoio a uma carta que trezentos padres dirigiram aos bispos do Brasil, propondo uma série de reformas na vida da Igreja. Mas tratava-se apenas de um manifesto de apoio.

## Falam os padres do Nordeste

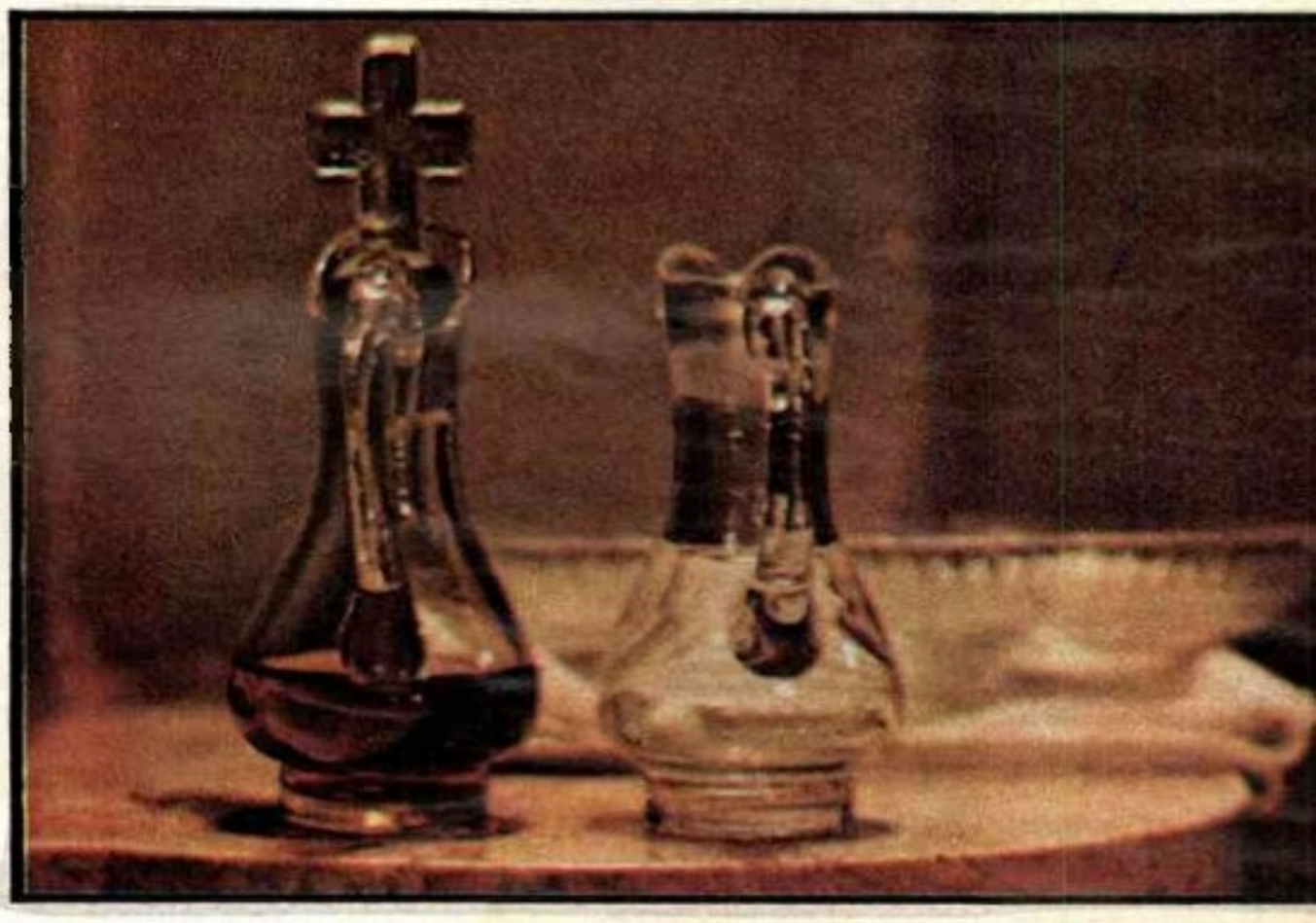
Em março de 1966, a Ação Católica Operária do Nordeste publicou um manifesto, no qual declarava que "a situação da classe operária no Nordeste é marcada, sobretudo, pelo desprêzo ao homem", desprêzo que "se traduz num clima de perseguição de todo tipo: nas sonegações salariais; na facilidade das demissões; na lentidão da Justiça do Trabalho; na tomada de decisões que afetam gravemente a vida dos trabalhadores, sem que êstes sejam ao menos consultados; na exploração do trabalho dos menores; nos trabalhos pesados que vão além da capacidade física dos operários". Em julho do mesmo ano, a Ação Católica Rural afirmava em manifesto que "não resta nenhuma dúvida sôbre as intenções da velha estrutura colonial, que teima em querer ficar de pé, as quais se têm manifestado sôbre os mais vários aspectos: desprêzo ao homem, insegurança no emprêgo, favorecimento (pela Sudene, por exemplo) dos grandes proprietários, injustiça, uso fréqüente das ameaças que geram o mêdo policial, falta de ensino".

Êsses dois documentos foram as primeiras manifestações mais agressivas do laicato católico chamado progressista, depois de 1964. Entretanto, só vieram a ter repercussão depois que os

SEGUE



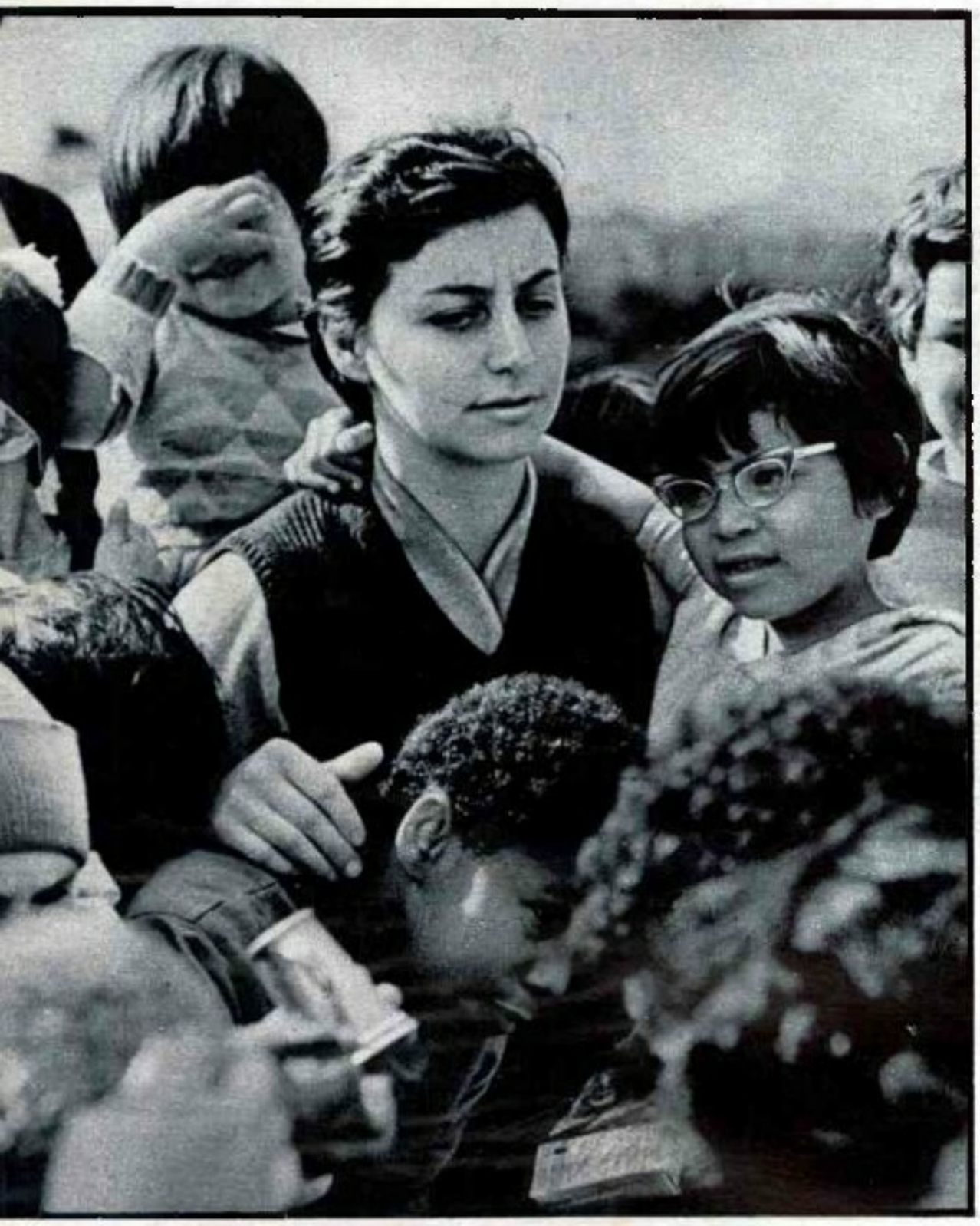
**É na liturgia, nas cerimônias e nos símbolos que a Igreja mais avança, depois do último Concílio. Mas até nisso há os que estão, ainda agora, pedindo mais pressa.**



# Dizem que o conflito religioso-militar não existe

bispos do Nordeste declararam, em carta, que êsses documentos, assim como "outros informes que nos chegam de diversas regiões do Nordeste, dão conta de uma situação vexatória a que se acham submetidos operários urbanos e trabalhadores rurais". As autoridades de Recife proibiram a publicação dessa carta, enquanto enviavam circulares aos párocos denunciando Dom Helder como "agitador" e declarando que "a análise das organizações comunistas no balanço das fôrças que se opõem à tomada do poder já considera a Igreja Católica desorganizada e em condições maduras para a infiltração em Pernambuco".

Os bispos do Nordeste receberam apoio de grande parte do episcopado e do clero brasileiro. A única voz discordante, entre os que se pronunciaram, foi a de Dom Antônio Castro Mayer, bispo de Campos, declarando que a linguagem da carta favorecia, "de algum modo, a criação de mentalidade materialista e igualitária, preconizada pelo socialismo marxista". Em meio à crise surgida então, entre autoridades de Recife e o episcopado do Nordeste, duas palavras conciliadoras se levantaram. Dom Agnelo Rossi, cardeal-arcebispo de São Paulo, deplorou que se jogasse "a Igreja contra o Govêrno", enquanto Dom Sebastião Baggio, o núncio apostólico, representante diplomático do Estado do Vaticano no Brasil, declarava: "O conflito religioso-militar no Nordeste é o resultado de equívocos que estamos procurando dissipar".



**Renovação entre freiras: muitas ordens já abandonaram as vestes tradicionais.**

Em 1967, a Ação Católica Operária do Nordeste voltou a lançar documento no mesmo sentido, assim como a Ação Católica Operária de São Paulo. Mas êsses não tiveram a mesma repercussão que os do ano anterior.

## Ataque aos "esquerdistas"

Também não têm faltado manifestações ditas conservadoras de leigos católicos. Quando, em julho de 1966, a polícia impediu que os hotéis de Belo Horizonte recebessem estudantes que se dirigiam para o congresso da extinta UNE, os franciscanos, as monjas beneditinas e os dominicanos daquela cidade abriram as portas dos conventos para recebê-los. Embora o arcebispo de Belo Horizonte, Dom João Resende Costa, tenha declarado que nenhuma casa religiosa serviria de sede para o congresso, êste foi realizado no porão da igreja dos franciscanos. Tal atitude dos religiosos mereceu a reprovação de duzentos católicos mineiros que, em carta aberta, protestaram: "Não podemos deixar de ver, em tal gesto, mais uma tomada de atitude do tristemente famoso **esquerdismo católico**. Êste último é, em nosso País, profundamente religioso, o fator mais ponderável e dinâmico da investida esquerdista, inspirada e promovida pelo comunismo internacional para a vitória final de seus sinistros planos".

Em dezembro do mesmo ano, 54 leigos católicos de São Paulo lançaram manifesto, fazendo sentir a sua "inquietação em face da situação do mundo, refletida em nossa Pátria com os mesmos efeitos de uma quase incoercível dissolução das inteligências e dos caracteres". O primeiro ponto atacado pelo manifesto era a reportagem aparecida em REALIDADE n.º 7, sob o título "Revolução na Igreja", feita no convento dos dominicanos, em São Paulo. Ao título da reportagem os manifestantes retrucaram que "a Igreja não é, nunca foi revolucionária". E continuavam: " Na encíclica **Pacem in Terris**, João XXIII recordava estas palavras de Pio XII: **Não é na revolução que residem a salvação e a justiça, mas sim na evolução bem orientada**. De revolucionária pode ser qualificada a ação daqueles que, dentro da Igreja, fazem demagogia e deturpam maldosamente os ensinamentos do Santo Padre e do Concílio Ecumênico, do qual pretendem ser os mais fiéis intérpretes". Outro ataque era dirigido contra o livro **Os 7 Pecados da Juventude sem Amor**, publicado pela Editôra Vozes, de Petrópolis, dirigida pelos franciscanos: "Um livro de pornografia e perversidade disfarçadas em inquéritos sociológicos, no dizer de ilustre escritor católico, em artigo publicado num matutino do Rio de Janeiro, onde também nos informa que o mesmo livro foi recomendado em sermão dominical na Igreja de Ipanema". Finalmente, o manifesto atacava a participação do clero no movimento estudantil.

Em 1967, 283 pessoas da sociedade mineira assinaram uma carta, enviada a todos os cardeais, arcebispos e bispos do Brasil, na qual acusavam os padres de "afrouxamento da disciplina" e de "se insinuarem nas organizações dos fiéis com o intuito de disseminar a confusão, enquanto grande parte do episcopado se omite".

## Resposta ao "infeliz manifesto"

Em reação, 21 bispos da Bahia, do Espírito Santo e de Minas enviaram mensagem de solidariedade ao arcebispo de Belo Horizonte, definindo a carta dos leigos como "infeliz manifesto". O único bispo mineiro que não assinou esta mensagem de solidariedade foi o de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud. Ao mesmo tempo, dezoito entidades ligadas à arquidiocese de Belo Horizonte lançaram manifesto de apoio ao seu arcebispo, enquanto o Secretariado de Opinião Pública da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) reconhecia o direito, e até o dever, de os leigos se manifestarem

SEGUE

*Illum ante coctori minoris esse videntur atque rubescant:*

**Diante dêle qualquer whisky sente complexo de inferioridade**

NATU NOBILIS não é um whisky qualquer. Não se admire se não o encontrar em qualquer casa. Compreenda: são os privilégios da nobreza.

# NATU NOBILIS
## -o whisky!

Em cada letra de sua marca nobre - um ano de envelhecimento 12 anos!

Benson

# Atacam os conservadores que são contra as mudanças

a respeito das coisas da Igreja, mas censurava o negativismo da carta, perguntando se os seus signatários "chegaram efetivamente a tomar consciência das exigências de atualização de que o Concílio foi portador".

No chamado meio leigo conservador, merece destaque a atuação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Trata-se de uma sociedade civil, independente do episcopado portanto, mas que faz profissão de defender "as tradições da civilização cristã ocidental". A TFP se manifesta pùblicamente com bastante freqüência a respeito de fatos políticos e religiosos.

Em 1966 lançou uma grande campanha contra o divórcio, na qual recolheu 1 milhão de assinaturas de apoio, mas que mereceu uma exortação da Comissão Central da CNBB. Em nota publicada por esta, declarava-se que as posições da TFP "envol-

SEGUE

## COMO A IGREJA É GOVERNADA

O chefe supremo da Igreja Católica é o papa, que a governa através de um organismo complexo chamado **Cúria Romana**. A Cúria Romana entrou em reforma no dia 1.º de janeiro de 1968, passando a ser constituída por uma Secretaria de Estado, um Conselho para os Negócios Públicos da Igreja, nove Sagradas Congregações, três Secretariados, um Conselho de Leigos, uma Comissão Pontifícia de Estudos "Justiça e Paz", três tribunais, além de seis outros departamentos.

A **Secretaria de Estado** tem por função assessorar o papa em tôdas as questões da Igreja e nas suas relações com os vários departamentos da Cúria. É também ela que se encarrega de reunir e classificar as informações a serem transmitidas ao papa.

O **Conselho para os Negócios Públicos da Igreja** ocupa-se das relações entre o Estado do Vaticano e os outros governos civis do mundo.

As **Sagradas Congregações** são as seguintes: 1 — para a Doutrina da Fé, a qual tem por função preservar a doutrina da fé e dos costumes em todo o mundo católico, assim como julgar os erros relativos a essa doutrina; 2 — para as Igrejas Orientais, que se ocupa de tudo o que se refere às pessoas, à disciplina e aos ritos das Igrejas Orientais não separadas de Roma; 3 — dos Bispos, que está encarregada de criar novas dioceses, dividir as que já existem, assim como tratar da nomeação dos bispos; 4 — da Disciplina dos Sacramentos, que entre outras coisas tem o poder de dispensar os fiéis do jejum eucarístico, declarar oficialmente a não-consumação de um matrimônio, ou seja, a inexistência do ato sexual completo entre os cônjuges depois de realizado o ato religioso, e julgar a validez das ordenações sacerdotais; 5 — dos Ritos, que organiza a liturgia na Igreja e se ocupa com os processos de canonização; 6 — para o Clero, que tem por função incentivar o clero no plano espiritual, auxiliá-lo no seu trabalho e protegê-lo no plano material; 7 — dos Religiosos e dos Institutos Seculares, que se ocupa de tudo o que diz respeito às ordens e congregações religiosas e aos institutos seculares; 8 — do Ensino Católico, que trata de tudo o que se refere aos seminários, universidades, faculdades e colégios católicos; 9 — para a Evangelização dos Povos, que se ocupa das missões.

Os **Secretariados** são os seguintes: 1 — para a União dos Cristãos, que tem por função promover a unidade dos cristãos, tratando também das questões relativas aos judeus, sob o aspecto religioso; 2 — para os Não-Cristãos, o qual promove contatos com aquêles que, não sendo cristãos, professam alguma religião; 3 — para os Não-Crentes, que se consagra ao estudo do ateísmo e procura estabelecer o diálogo com aquêles que não crêem.

O **Conselho dos Leigos** constitui a assessoria leiga do papa.

A **Comissão Pontifícia de Estudos "Justiça e Paz"** tem por finalidade estudar problemas sociais. Dela faz parte o líder católico brasileiro Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).

Os **Tribunais** são os seguintes: 1 — da Assinatura Apostólica, que é o tribunal supremo da Cúria Romana, tendo por função julgar inclusive as questões que surgirem entre os diversos departamentos da Cúria; 2 — a Rota Romana, que julga as causas relativas à nulidade de casamento; 3 — a Penitenciária Apostólica, que entre outros podêres tem o de suspender excomunhões e de conceder indulgências.

Os outros departamentos são os seguintes:

— A Chancelaria Apostólica, que tem por função publicar determinados documentos que lhe são confiados pelo papa ou por outros departamentos da Cúria Romana.

— A Prefeitura das Questões Econômicas da Santa Sé supervisiona a administração dos bens do Vaticano.

— A Câmara Apostólica administra os bens do Vaticano nos períodos em que o trono de São Pedro está vago.

— A Administração do Patrimônio da Sé Apostólica administra os bens do Vaticano.

— A Prefeitura do Palácio Apostólico marca as audiências papais, prepara as cerimônias nas quais o papa deve estar presente e organiza suas saídas do Vaticano, tanto para a cidade de Roma como para qualquer outra parte do mundo.

— O Escritório Geral da Estatística da Igreja reúne e organiza as informações necessárias ou úteis para melhor se conhecer a situação da Igreja e ajudar os que governam em todo o mundo.

### América Latina

Ao nível do continente latino-americano, a Igreja tem três grandes organismos:

— A Comissão Pontifícia para a América Latina (CAL), criada em 1958, com sede no Vaticano, tem por finalidade estudar os problemas fundamentais do catolicismo latino-americano e favorecer a cooperação entre a Cúria Romana e a Igreja da América Latina.

— O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), criado em 1955, com sede em Bogotá (Colômbia), é o órgão que estabelece o contato entre as conferências de bispos dos vários países do continente.

— A Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), criada em 1958, com sede em Bogotá (Colômbia), promove a colaboração das ordens e congregações religiosas com os bispos.

### No Brasil

Ao nível nacional, a Igreja tem dois grandes organismos:

— A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, tem por finalidade estudar os problemas da Igreja do Brasil e coordenar o trabalho dos bispos brasileiros.

— A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), criada em 1954, tem por finalidade coordenar o trabalho das ordens e congregações religiosas e estudar os seus problemas particulares.

Os organismos da Igreja ao nível continental e nacional são organismos de coordenação e não de govêrno. Para o Govêrno da Igreja, o Brasil está dividido em 31 **províncias eclesiásticas**, que se subdividem em 193 circunscrições ou territórios de govêrno absolutamente autônomos entre si. Contudo, apesar de autônomas, há uma hierarquia de importância entre as circunscrições.

As mais importantes, as **arquidioceses**, são as capitais das províncias eclesiásticas, em número de 31 no Brasil. São governadas por arcebispos. O arcebispo, apesar de governar a capital de uma província eclesiástica, não pode normalmente intervir no govêrno das outras circunscrições pertencentes à sua província. Além de Brasília e das capitais dos Estados, com exceção de Rio Branco (Acre), são arquidioceses no Brasil: Diamantina, Juiz de Fora, Mariana, Pouso Alegre e Uberaba, no Estado de Minas Gerais; e Aparecida, Botucatu, Campinas e Ribeirão Prêto, no Estado de São Paulo.

As outras circunscrições nas quais se subdivide uma província eclesiástica podem ser **dioceses, prelazias**, ou **abadias "nullius"**.

As dioceses são governadas por bispos. Há 120 delas no País.

As prelazias são circunscrições próprias das regiões de missão, onde não há condições para se estabelecerem dioceses. São governadas por prelados, que não precisam ser necessàriamente bispos. No Brasil há quarenta prelazias nos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Goiás, e nos Territórios de Roraima, Rondônia e Amapá.

As abadias **nullius** são circunscrições governadas por prelados-abades.

As únicas abadias **nullius** no Brasil são o Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, e a Abadia Cisterciense de Claraval, no Sul de Minas.

Assim como o papa é assessorado pela Cúria Romana, cada circunscrição tem uma cúria, cuja organização é tanto mais simples ou tanto mais complexa quanto o exigirem as necessidades locais.

Algumas circunscrições, além do prelado que as governa, têm prelados auxiliares. É o caso da arquidiocese de São Paulo, que, além do arcebispo, Cardeal Rossi, tem outros cinco bispos auxiliares. Isso faz com que o Brasil tenha 243 arcebispos, bispos e prelados, apesar de não ter mais do que 193 circunscrições.

Os bispos brasileiros são auxiliados por 12 371 padres, 3 498 religiosos não-sacerdotes e 41 309 freiras. Dos 12 371 padres, 4 917 pertencem ao clero secular e 7 454 são religiosos, ou seja, pertencem a alguma ordem ou congregação.

### Quantos são católicos

Cêrca de 93% dos brasileiros se declaram católicos. Segundo os cálculos do IBGE no ano de 1966, a população do Brasil seria de 83 267 200 habitantes, dentre os quais cêrca de 77,5 milhões de católicos. Não há porém coincidência entre o número dos que se declaram católicos no Brasil e daqueles que vivem como católicos. Não existe um levantamento que estabeleça exatamente até onde vai essa não coincidência em todo o Brasil. Existem, porém, levantamentos parciais.

É o caso da paróquia de Nossa Senhora Mãe da Igreja, situada na Alamêda Franca, 889, em São Paulo, que em 1967 fêz uma pesquisa abrangendo 7 700 pessoas, cêrca da metade da população do seu território. Trata-se de uma população de classe alta e média, na sua maioria. Das pessoas interrogadas sôbre sua religião, 77,7% se declararam católicas. Oitenta por cento declararam já ter feito a primeira comunhão. Mas muitos que fizeram primeira comunhão não mais se declaram católicos.

É grande a diferença entre o número dos que se declaram católicos e dos que freqüentam o culto habitualmente. Das 7 353 pessoas interrogadas, apenas 2 823 (38,39%) responderam que vão à igreja sempre. Entretanto, maior do que essa é a proporção dos que fizeram a comunhão pascal no último ano: 2 779 (46,02%) entre 6 038 respostas. Isso significa que há uma camada de católicos que mantém certa prática religiosa, embora não freqüente o culto habitualmente.

**Os dados estatísticos gerais sôbre a Igreja do Brasil foram obtidos no CERIS, Regional Sul-I.**

# –Ainda tem lugar no ônibus das quatro?

# –Tem.

# –Ótimo.

# É monobloco?

# –Não.

# –Oh, que pena!

***Olha como o ônibus das quatro seria bonito, se fôsse monobloco...***

É, pena mesmo.

Quem sabe o que é monobloco faz questão de viajar nêle.

Porque o monobloco Mercedes-Benz só leva os passageiros dentro: o motor vai fora, lá atrás, junto com o barulho, o calor e o cheiro de óleo. Por isso, v. pode bater papo à vontade, durante a viagem.

Ou tirar uma soneca se quiser.

E se v. não quiser conversar, nem dormir, pode ler: porque monobloco não trepida, mesmo quando a estrada não é lá essas coisas...

Afinal, a suspensão por molas espirais dêle é igual à dos automóveis modernos.

E os bancos reclináveis são macios e de desenho anatômico. (Isso melhora qualquer estrada.)

Depois, o ônibus monobloco "Mercedes", é construído com uma estrutura integral de uma peça só, que absorve os choques e as vibrações da estrada. Por isso se chama Monobloco.

Nos outros ônibus, essas vibrações são absorvidas pelos passageiros.

Agora, tem coisas que os outros ônibus têm, e o monobloco não: aquêles nhec, nhec, nhec, por exemplo, que irritam v. a viagem tôda.

Mas não é só.

Talvez v. tenha a impressão de que a viagem foi mais curta, viajando nêle.

Nesse caso, é muito provável que não tenha sido só impressão.

Porque êle é mais leve, e por isso usa melhor a potência do motor.

Então, é mais fácil êle chegar adiantado do que atrasado.

Essa é outra vantagem de ser monobloco. (Viu só por que tanta gente prefere viajar em ônibus da "Mercedes"?)

E olhe, se v. não conseguir passagem no monobloco das quatro, não se aborreça.

Tantas emprêsas de ônibus estão substituindo suas frotas por monoblocos "Mercedes", que logo logo quase todos os ônibus na estrada serão monobloco. E aí, quando v. comprar passagem, nem precisará perguntar se é monobloco. É só entrar nêle e fazer boa viagem. Votos da Mercedes-Benz do Brasil S.A.

DEW HILL BLENDING CO - GLASGOW, SCOTLAND

QUADRANT.

# Sendo Mansion House, é sempre a penúltima dose.

A Dreher cuida de Mansion House com especial carinho, para dar a Você mais prazer em cada dose de whisky. Na sua elaboração só emprega o mais fino malte destilado na própria Escócia por Dew Hill Blending Company, de Glasgow. Por isso, quando se trata de Mansion House, a dose que se está tomando não é a última. Todos querem e podem repetir à vontade. Sendo Mansion House, é sempre a penúltima dose.

QUALIDADE DREHER

DREHER - DE PAI PARA FILHO DESDE 1910

# Defendem a nova liturgia

vem diretamente a doutrina e a disciplina da Igreja e não representam o pensamento da Comissão Central do Episcopado Brasileiro". Mas em Campos, Estado do Rio, o secretário do bispado declarou que, "tendo em vista o acêrto da ação da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, quer pela natureza de suas reivindicações em favor da família, quer pela eficácia de sua ação, o Senhor Bispo oficializou em sua diocese a campanha antidivorcista da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade".

Em julho de 1968, a TFP lançou outra campanha, visando recolher assinaturas para uma mensagem ao papa, pedindo-lhe que "adote medidas para conter a ação de uma minoria de eclesiásticos e leigos progressistas, da qual vem tirando considerável proveito o comunismo". Tal campanha provocou uma nota de repúdio do Secretário da Região Sul-2 da CNBB, que corresponde ao Paraná: "Não reconhecemos nenhuma autoridade moral e pública à referida sociedade para atacar a Igreja e membros do clero, como o vem fazendo habitualmente, cada dia com maior ferocidade. Servem-se, inclusive, os referidos senhores, das portas de nossas igrejas para a difusão de suas idéias, contrariando não raro as determinações dos párocos e vigários".

Criticada também pelo secretário geral da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider, foi defendida pelo presidente do Conselho Nacional da entidade, Professor Plínio Correa de Oliveira, o qual declarou que a "TFP saiu a campo em defesa das instituições: Fôrças Armadas, poder civil, clero e autoridades judiciárias".

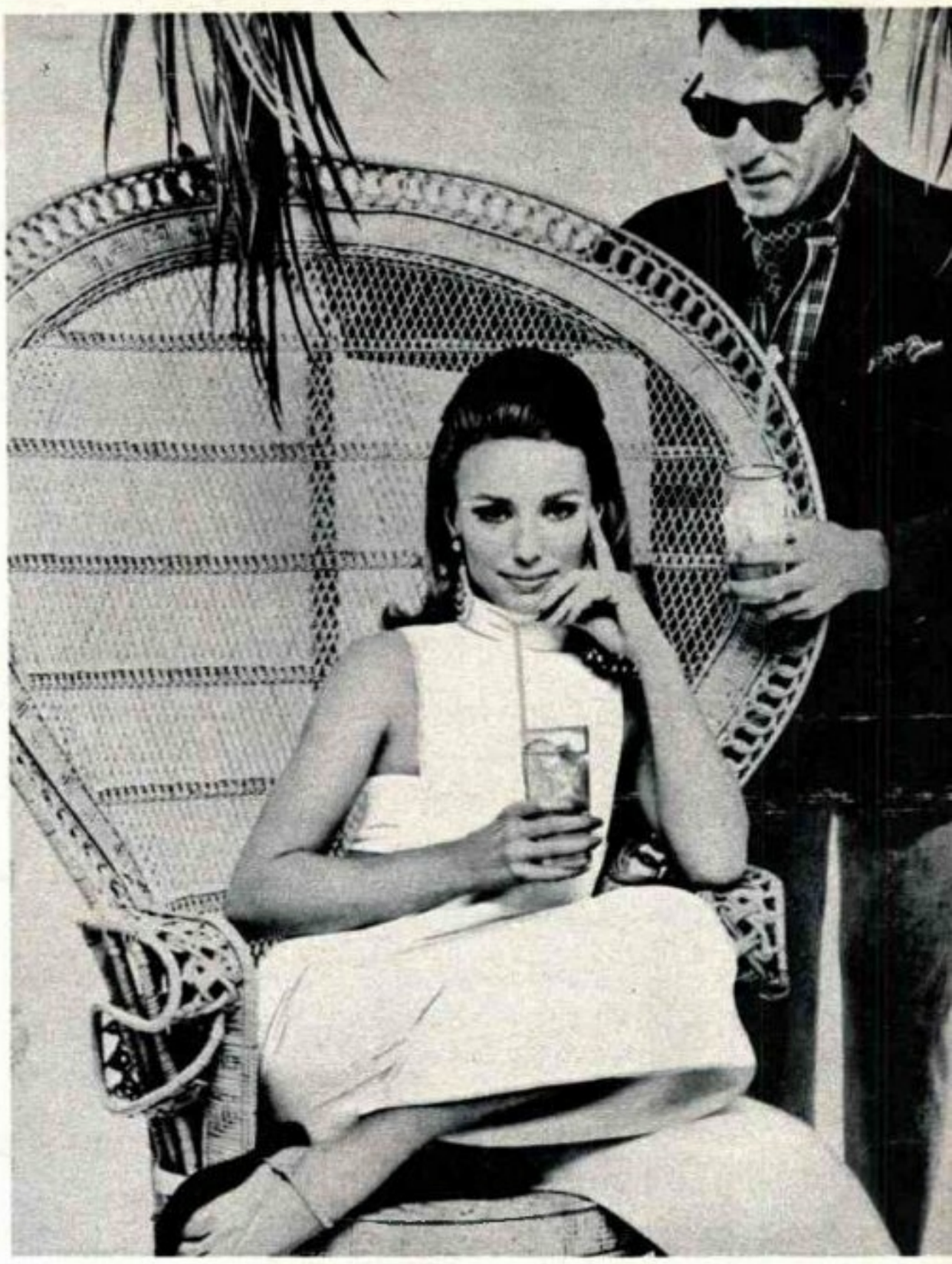
A Ação Católica proporcionou certa elevação de nível nas exigências cristãs dos seus militantes. Tal elevação cedo se fêz sentir na liturgia. Era inaceitável para êsse cristão que descobria as suas responsabilidades na Igreja permanecer em uma posição de pura passividade no culto: um padre celebrando a missa de costas para o público, numa língua incompreensível, o latim. Era comum, então, os fiéis se ocuparem durante a missa com a oração do rosário, de ladainhas e novenas, estabelecendo assim duas atividades: a do padre e do coroinha de um lado, a dos fiéis do outro.

Esta situação foi superada lentâmente. No início, alguns leigos começaram a usar o missal, livro no qual podiam acompanhar em português o que o padre dizia em latim. Era o primeiro rompimento, pois quem lia o missal não participava do rosário ou das ladainhas, quando estas eram recitadas em comum por todos os presentes. Com o tempo, alguns leigos começaram a pressionar o clero: queriam responder certas partes da missa, tarefa até então monopolizada pelos coroinhas. Uma parte do clero respondeu positivamente à pressão, e uma série de experiências litúrgicas foram feitas na década de 50, para aumentar o grau de participação dos fiéis no culto. Ao lado disso, progressivamente, algumas intervenções de Roma vinham incentivar a reforma litúrgica que se iniciava.

Apesar de ter sido o primeiro ponto atacado pela renovação conciliar, a reforma litúrgica não chegou a satisfazer plenamente, no primeiro momento, os desejos dos grupos mais avançados da Igreja do Brasil. No que dizia respeito à língua litúrgica, por exemplo, o Concílio mantinha o latim como principal, embora concedesse o uso do vernáculo dentro de condições que lhes pareciam muito limitadas: "nas leituras, admoestações, em algumas orações e cânticos". Entretanto, desde cedo a prática da Igreja ultrapassou estas determinações, e da própria Roma vinham permissões para renovações litúrgicas não contidas expressamente no documento do Concílio sôbre a liturgia.

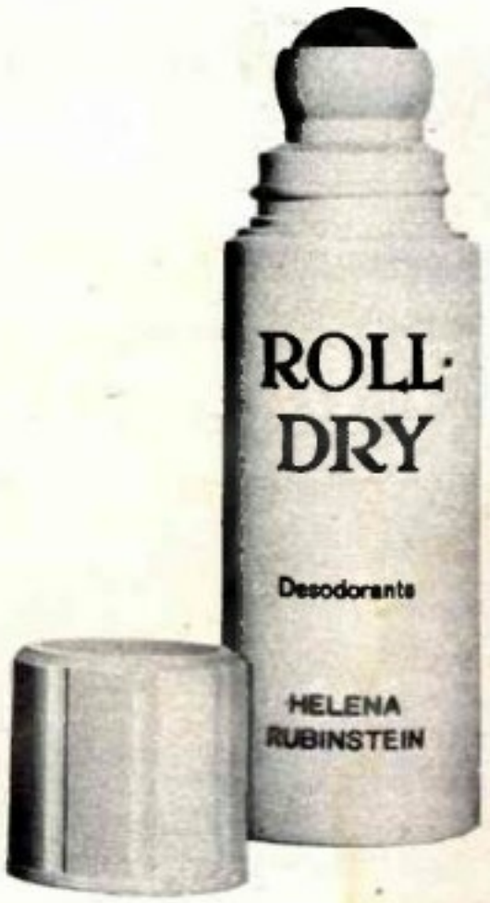
No ano passado, o órgão do Vaticano encarregado de executar a reforma litúrgica mandou um inquérito a 189 bispos do Brasil. Dos 64 que responderam, apenas um disse que a reforma litúrgica trouxe mais desvantagens que vantagens. Não falta, porém, quem ache

SEGUE



Assegure uma presença fragrante e atraente o dia inteiro com

Roll-Dry




**Você terá a deliciosa sensação de frescor e confôrto... a fragrância inconfundível da limpeza e absoluta higiene... com o desodorante Roll-Dry! Aplique-o deslisando sua "esfera mágica" sôbre as áreas do corpo que deseja proteger. Roll-Dry seca num instante, é isento de gordura, não adere ao tecido nem irrita. Conserva a pele suave e permite que os poros respirem livremente. Experimente!**

Helena Rubinstein

# A estante MC para coleções da Abril Cultura enriquece muito a sua sala Mas você não precisa ser r co para comprá-la.




A Estante MC para coleções da Abril Cultural custa NCr$ 96,00.

Ela foi criada pela equipe de arquitetos da Mobília Contemporânea.

É construída em imbuia maciça, com laterais de jacarandá.

Imagine-a na sua sala. Ela vai bem com todo tipo de ambiente, do mais simples ao mais luxuoso.

As medidas são estas: 83 cm (altura), 85 cm (largura), 31 cm (profundidade). Perfeitas para tôdas as coleções de fascículos da Abril Cultural.

Você leva só 3 minutos para montar a sua estante, sem pregos, sem parafusos, só com encaixes. A altura da prateleira é regulável. Quando as suas coleções forem aumentando, você aumenta também a sua estante MC. Para cima, ou para os lados.

Aumentando para os lados, você economiza uma das laterais de jacarandá e paga NCr$ 9,00 menos pela caixa 2.

Por NCr$ 96,00 a estante MC para coleções da Abril Cultural é uma excelente oferta.

À venda em todo o Brasil, exclusivamente nas Lojas da Mobília Contemporânea e em seus revendedores:

São Paulo: Pça. Roosevelt, 134 e Av. Vieira de Carvalho, 191; Rio: R. dos Jangadeiros, 6-A (Ipanema); B. Horizonte: R. da Bahia, 1182 e R. São Paulo, 810; Curitiba: Trav. J. Marcondes, 40; Belém: Av. José Malcher, 1693; Salvador: R. Costa Pinto, 51; Santos: Pça. J. Bonifácio, 53; Pôrto Alegre, Pelotas e Sta. Maria: Lojas Imcosul. (Se V. reside em outra cidade do RS, queira dirigir-se à Imcosul de P. Alegre). Ribeirão Prêto, Bauru, Araçatuba, Marília, Lins, Tupã, Botucatu, Penápolis, Andradina e Três Lagoas: Super Lojas Arapuã; Jundiaí: A Líder dos Móveis - R. da Padroeira, 500; Piracicaba: Móveis Paulo Nardin: R. Governador, 826; São Carlos: Crediolândia Ranciaro: R. Gal. Osório, 754: Uberlândia: Móveis Testa - Av. Afonso Pena, 527; Uberaba: Móveis Progresso - R. João Pinheiro, 92; Araraquara: Móveis Negrini - R. Itália, 1073; Sorocaba: Casa Gutierres - R. João Soares, 308; S. José dos Campos: Carlo Bacchiocchi - Pça. Afonso Pena, 109; Anápolis GO: Móveis Bonanza - R. D'Abadia, 145; Londrina PR: Móveis Bolelli - Galeria Angélica, loja 1; Florianópolis: A Modelar - R. Trajano, 33; Blumenau SC: Móveis Ideal - R. Euclides Castro, 142; Campinas: Dimovex - Av. Fco. Glicério, 1325; Goiânia: Móveis Itapoan - Av. Araguaia, 49: Brasília DF: Mainlino Móveis - Galeria Hotel Nacional, loja 50-51; Joinville SC: Móveis Pereira - R. Santos, 100.

ABRIL CULTURAL

MOBILIA CONTEMPORANEA
ABRIL CULTURAL

Standard Propaganda

# Discordam dos estudantes

que ela está longe de ter chegado ao fim. Em carta recente dirigida aos bispos do Brasil, trezentos padres do Paraná, São Paulo, Estado do Rio e Guanabara declararam que, "do ponto de vista litúrgico, torna-se evidente a tendência de não mais esperar reformas". Entretanto, outro grupo não menor de padres declarou no ano passado que, embora a renovação atinja bem a liturgia, toma muito tempo, que deveria ser utilizado no trabalho de evangelização, tarefa principal da Igreja no Brasil.

Para os peritos que redigiram os documentos de base para a II Conferência Geral do Episcopado da América Latina, "a liturgia atual, inclusive a liturgia renovada pelo Concílio, é ainda uma liturgia que revela uma cultura subjacente, anacrônica e inexpressiva dos sentimentos religiosos do homem latino-americano".

## D. Helder não celebrou a missa

No fim de maio de 1964, os bispos brasileiros declararam que "logo após o movimento vitorioso da Revolução verificou-se uma sensação de alívio e de esperança, sobretudo porque, em face do clima de insegurança e quase desespêro em que se encontravam as diferentes classes ou grupos sociais, a Proteção Divina se fêz sentir, de maneira sensível e insofismável". Essa declaração foi assinada tanto por Dom Helder Câmara, hoje líder dos chamados progressistas no episcopado, quanto por Dom Geraldo de Proença Sigaud, líder dos conservadores.

Foi sobretudo de 1966 em diante que voltaram a se definir as divergências do episcopado e do clero diante do problema político e social brasileiro, divergências que pareciam haver desaparecido com a revolução. No dia 31 de março de 1966, missas comemorativas do segundo aniversário da Revolução foram celebradas em todo o Brasil. A única negativa partiu de Dom Helder. Êle declarou que tal celebração não se trataria "de uma cerimônia religiosa, e sim de uma reunião cívico-militar com tonalidades políticas".

O mês de setembro do mesmo ano foi agitado por passeatas estudantis em todo o País. O bispo de Piracicaba, Dom Aniger Melillo, apoiou os estudantes da sua diocese. Dom Jorge Marcos, bispo de Santo André, participou de assembléias estudantis. Dom Pedro Paulo Koop, bispo de Lins (São Paulo), e Dom Helder protestaram contra a violência da repressão. Seminaristas de São Paulo solidarizaram-se com os manifestantes. Dom Agnelo Rossi, cardeal-arcebispo de São Paulo, aprovou o "idealismo da juventude universitária", reconhecendo porém que "muitas vêzes êsse idealismo é explorado por elementos de intenções inconfessáveis".

Em agôsto de 1967, novamente o Congresso Nacional da UNE levava bispos e padres a assumir posições discordantes diante de fatos. No dia 2, os onze padres do convento beneditino de Vinhedo (SP), onde se realizara o congresso, foram presos, o mesmo acontecendo com o prior dos dominicanos de São Paulo, Frei Francisco Araújo. No dia 3, o jornal **O Estado de S. Paulo**, em editorial, sugeriu ao Govêrno que expulsasse do País as ordens religiosas "solidárias com aquêles que se decidiram a declarar guerra aberta aos regimes alicerçados nas liberdades individuais que continuam a ser a razão e a essência da civilização ocidental". No dia 4, Dom Agnelo Rossi protestou contra êsse editorial, pelo que recebeu manifestações de solidariedade. No dia 7, Dom Agnelo agradeceu aos que lhe haviam manifestado solidariedade, mas ressalvou:

"Não posso, em consciência, aceitar manifestações que envolvam uma solidariedade que visasse atrelar-me a questões pessoais, a interêsses partidários, ou julgamentos precipitados e generalizações injustas e violentas, que fui o primeiro a denunciar quando se tratou das ordens religiosas".

No mesmo dia, o arcebispo

SEGUE


v. já reparou
como quem tem cadeiras
de alumínio Rochedo
é sentimental?

é só falar de cadeiras
Rochedo e êles se
lembram logo de férias.
ah, aquelas férias!

as cadeiras de
alumínio Rochedo
são leves, coloridas,
não enferrujam,
são fáceis de
guardar e têm
a marca Rochedo
gravada
no braço. esta é
a sua segurança.

Rochedo
aluminio para tôda a vida
UM PRODUTO DE QUALIDADE DA
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A.

# nós não sabemos o que acontece nas 22 horas do dia de uma mulher.

ELA ESTÁ COM AS NOVELAS:

**A PEQUENA ORFÃ**
**LEGIÃO DOS ESQUECIDOS**
**A MURALHA**
**O DIREITO DOS FILHOS**

TVT

# rêde excelsior de televisão

# Justificam a luta armada

de Pôrto Alegre, Dom Vicente Scherer, reprovava pùblicamente "a atitude assumida pelos sacerdotes que favoreceram de qualquer maneira o congresso clandestino da UNE". No dia 10, Dom Jorge Marcos e dezesseis padres de São Paulo enviaram a Dom Scherer uma carta, na qual se defenderam: "Profundamente feridos em nossa consciência sacerdotal, lamentamos os têrmos usados por V. Exa. e a não compreensão de nossos esforços em testemunhar o Evangelho. Temos certeza de que, quando V. Exa. tomar contato com a realidade do seu povo e, frente a esta realidade, quiser proclamar as exigências do Evangelho, sofrerá as mesmas represálias".

Diante dessas divergências, Dom José Távora, arcebispo de Aracaju, declarou-se "contra as prisões dos sacerdotes, em São Paulo" e "desfavorável a manifestações em que irmãos se ferem em meio à pluralidade de opiniões". No mesmo sentido, Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia, declarava que "é de se desejar que bispos, sacerdotes, religiosos ou leigos deixem de perder o seu tempo em interpretações parciais ou mesquinhas a respeito dos outros". E acrescentava: "Sobretudo quando todos nós sabemos que as circunstâncias peculiares de cada região do País são diferentes e marcadas por condicionamentos peculiares. É tempo de nos respeitarmos mùtuamente, porque todos queremos acima de tudo o bem da Pátria e a melhor aplicação dos princípios do Evangelho".

Em junho de 1968, um documento de caráter provisório, sôbre a situação social e religiosa do Brasil, elaborado por um assessor de Dom Helder, o padre belga Joseph Comblin, chegou às mãos da imprensa. O documento do Padre Comblin indicava a necessidade de uma reforma urgente das estruturas sociais do Brasil, para cuja execução se deveria contar com o uso da fôrça, quer do povo, quer das Fôrças Armadas, segundo exigirem as circunstâncias. O documento acusava ainda o "clericalismo da Igreja" como responsável pela sua pouca participação no processo de transformação das estruturas sociais do Brasil. As reações nos meios políticos diante do documento foram as mais variadas. Do seio do episcopado partiram várias manifestações de solidariedade, tanto a Dom Helder quanto ao Padre Comblin, a quem a Câmara Municipal de Recife tinha dado um voto de repúdio. Duas vozes se levantaram contra êles inicialmente: as do arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, e a do bispo de Campos, Dom Antônio Mayer. Em carta dirigida ao presidente da CNBB, Cardeal Rossi, os dois prelados afirmaram que o documento do Padre Comblin "pretende desmoralizar a hierarquia e o clero, com o fim de atingir a própria estrutura da Igreja, no intuito de favorecer a subversão da ordem para a instalação de um regime comunista no País".

## Uns a favor, outros contra

Um mês depois reunia-se no Rio a 9.ª Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro. No fim dessa reunião, cinco documentos foram divulgados pela imprensa. O primeiro dêles, manifesto oficial da assembléia ao povo, afirma que "a situação brasileira está a exigir urgentes e corajosas reformas de mentalidade e de estruturas, que assegurem a todo o povo, sem discriminação, a participação consciente, livre e solidária no processo de desenvolvimento nacional". Além dêsse manifesto, foi divulgado um documento-base, que só terá valor oficial dentro de dois anos, depois de corrigido e emendado. Trata-se de uma tentativa de análise profunda da situação social e religiosa do Brasil. Sôbre a Revolução de 1964, sua posição é bem diferente da que se encontra na declaração dos bispos naquela época:

"O movimento empreendido pelas Fôrças Armadas, com o apoio das classes dirigentes e de grande parte da classe média, instaurou no País um nôvo regime, deixando perplexas as

SEGUE

AS REVOLUÇÕES,
O MISTICISMO
E A ARTE CRIAM

HERÓIS DO POVO

**O autor de «Dez Dias que Abalaram o Mundo» nos oferece mais êsse palpitante painel do povo insurgente, empenhado nas jornadas de libertação nacional.**
**Lado a lado com os legendários heróis mexicanos, temos o desfile das multidões esfarrapadas em tôda sua pujança de agente construtor da História.**

**MÉXICO REBELDE**
de John Reed

Onde termina o mito e começa a realidade? Que representa o fenômeno padre Cicero no contexto social e cultural de coletividades que ocupam vastissima área do pais?
Pesquisa minuciosa e extensa mostra como uma figura simples, humilde, pôde transformar-se em mito de gigantesca expressão histórica e social.

**PADRE CÍCERO:**
MITO E REALIDADE
de Otacílio Anselmo

Reparação de uma falta em relação a um dos maiores autores da música popular brasileira, êste nôvo lançamento pôe o leitor em contato com o Rio pitoresco do inicio do século. O ambiente festivo do teatro de revista e as disputas entre compositores servem de pano de fundo para essa revalorização da obra de Sinhô

**NOSSO SINHÔ DO SAMBA**
de Edigar de Alencar

lançamentos da
**CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**
Rua 7 de Setembro, 97 - Rio - GB
Atende-se pelo reembôlso postal




# Combatem o uso da fôrça

massas trabalhadoras. O temor da ameaça comunista levou as classes dirigentes e parte da classe média a abdicar de sua participação no poder decisório, entregando-o quase exclusivamente às Fôrças Armadas".

Além dêsses dois documentos — o primeiro, expressão do pensamento da assembléia, e o segundo, objeto de estudo para os bispos brasileiros — surgiram ainda outros três: 1 — O primeiro dêles, assinado por 32 bispos liderados por Dom Helder Câmara, é um pacto que lança um nôvo movimento, denominado Pressão Moral Libertadora. Seu programa inicial consiste em exigir a "concretização dos direitos fundamentais do homem, com ênfase na libertação de qualquer escravatura ou escravidão, e nos direitos à vida, à liberdade, à segurança pessoal e ao trabalho". 2 — O segundo documento, assinado por dezenove bispos liderados por Dom Geraldo Sigaud, é uma carta ao Presidente Costa e Silva, na qual os signatários expressam sua posição sôbre certos pronunciamentos que, tomados no seu conjunto, "causam a impressão de que as tendências esquerdistas e subversivas, que visam precipitar o nosso País no caos, na revolução social, e por fim sujeitá-lo a uma situação idêntica ou semelhante à que o tirano Fidel Castro impôs a Cuba, constituem uma opinião generalizada entre bispos, sacerdotes e leigos". Adiante, os bispos declaram que, embora reconhecendo a gravidade de muitos dos problemas do Brasil, contestam "que êles tenham o caráter catastrófico com que são apresentados por críticos apaixonados e interessados na subversão". 3 — O último documento é um manifesto lançado ao povo brasileiro por Dom Antônio de Almeida Morais, arcebispo de Niterói, Dom Geraldo Sigaud, arcebispo de Diamantina, e Dom Antônio Mayer, bispo de Campos, contra o documento do Padre Comblin.

Essas manifestações deixam entrever como se divide hoje o episcopado brasileiro e qual é a posição de cada grupo. A maioria moderada reconhece a necessidade de reformas sociais urgentes no Brasil, mas ainda não julga oportuna uma tomada de posição mais agressiva. Esta estaria consubstanciada no documento-base, o qual só terá valor oficial dentro de dois anos, depois de corrigido. Já a facção dita progressista se organiza em grupo de pressão para exigir a concretização dos direitos do homem, enquanto a facção conservadora procura desvincular-se de qualquer compromisso com as proclamações dos progressistas condenando-os como "subversivos".

## A carta dos trezentos padres

Em agôsto do ano passado, trezentos padres de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Estado do Rio, Minas, Pará, Pernambuco e Bahia enviaram uma carta a todos os bispos brasileiros. Nessa carta, iniciada com uma denúncia das injustiças sociais no Brasil, os padres acusavam a exploração comercial de "certas devoções populares, envolvendo inclusive, é triste dizê-lo, a Padroeira do Brasil", criticavam os excessivos gastos da Igreja em construções e o modo de vida e de trabalho do clero. No fim da carta, os padres manifestavam os seus compromissos, a saber: não só distribuir sacramentos, mas denunciar o pecado que há nas injustiças sociais e adotar para si um estilo de vida pobre.

O fato era então absolutamente nôvo. Antes dessa carta, virase já o clero lançar manifestos de solidariedade com menor número de assinaturas, mas nunca um documento com tal conteúdo fôra assinado por tantos padres. As reações foram diversas. Alguns bispos criticaram o fato de a carta ter chegado à imprensa antes de ter chegado às suas mãos. Porém, o arcebispo de Vitória, Dom João Batista Mota e Albuquerque, lamentou apenas não ver a assinatura de nenhum padre da sua arquidiocese no documento, pois "a assinatura nesse documento é um compromisso sério com a reforma que o Divino Espírito está suscitando na Igreja". Enquanto isso,

SEGUE

© Chrysler do Brasil

# Cada carro tem a garantia que merece.

# O Nôvo Esplanada tem a maior do Brasil.

As fábricas de automóveis têm os pés na terra.
Quando dão uma garantia é porque sabem que o carro rodará durante o prazo sem problemas. Por isso, além do nôvo Regente, só o nôvo Esplanada tem garantia de 2 anos ou 36.000 km.
Os testes de Detroit provaram sua resistência.
E os novos aperfeiçoamentos a aumentaram ainda mais.
A nova garantia já seria motivo bastante para V. comprar o nôvo Esplanada.
Há, porém, outros: nova grade, novos faróis duplos, novos frisos e lanternas, interior totalmente modificado e o mais possante e moderno motor de sua classe. Vá dirigir o nôvo Esplanada no seu Revendedor Autorizado Chrysler.

**Os novos Esplanada e Regente têm a maior garantia do Brasil: 2 anos ou 36.000 km.**

O NOVO ESPLANADA ESTÁ AÍ PARA CONQUISTÁ-LO

CHRYSLER do BRASIL S.A.

Denison

Endoten surgiu como resposta a êste desafio!

**Endoten é tratamento completo: seis fórmulas diferentes atacam especìficamente as causas da queda de cabelos, estimulando a nutrição e crescimento natural**

**Frasco n.º 1 - ação de "choque"** - dissolve a camada de gordura sub-cutânea que impede a nutrição do bulbo capilar. Essa gordura provoca a queda dos cabelos. Endoten n.º 1 prepara-os para uma fácil absorção do tratamento e favorece a circulação.

**Frasco n.º 2 - ação equilibrada e antisséptica** - elimina o problema da escamação e caspa. Equilibra a secreção das glândulas sebáceas. O cabelo se torna facil de pentear e não embaraça.

**Frascos n.ºs 3 e 4 - ação tônica e vitalizadora** - restabelece o equilíbrio dos aminoácidos e proteínas do cabelo, estimulando seu crescimento. Os cabelos crescem sadios e resistentes.

**Frascos n.ºs 5 e 6 - ação vitaminica e nutriente** - elimina as enfermidades do cabelo e couro cabeludo (avitaminose, queda). Nutre o bulbo com grande quantidade de vitaminas. Reativa as raizes e acelera o crescimento dos cabelos. Normaliza a função das glândulas sebáceas e evita moléstias do couro cabeludo.

**ATENÇÃO - Depois de lavar a cabeça, aplique o conteúdo do frasco semanal diretamente no couro cabeludo, fazendo ligeira massagem. O produto deve permanecer na cabeça, para homens, por, no mínimo dois dias. Para o cabelo feminino, o tempo entre uma "mise-en-plis" e outra (aproximadamente uma semana).**

**ENDOTEN é o resultado de anos de pesquisas nos Laboratórios Helene Curtis de Chicago, U.S.A. — à venda em farmácias, drogarias, cabeleireiros e barbeiros.**

Helene Curtis — um produto NIASI




# Querem uma Igreja forte

Dom Alberto Ramos, arcebispo de Belém do Pará, depois de fazer várias críticas à carta, formulou uma estranha hipótese que nenhuma personalidade, em todo o clero, endossou: "Suponhamos que os graves problemas, por vós apontados, graças a um passe de mágica ou à nossa pregação, obtivessem rápida solução. Cessasse ou baixasse bruscamente a mortalidade infantil, por exemplo. Que aconteceria? Milhares ou milhões de crianças, batizadas, perderiam a oportunidade de ir para o céu ainda inocentes, para permanecerem na luta desta vida terrena a ofenderem a Deus e a tornarem bem problemática a sua salvação eterna. Imediatamente, haveria necessidade de ampliar as creches, as escolas, os campos esportivos, etc., etc. Seria uma verdadeira explosão demográfica. Cresceriam os problemas das famílias operárias, do salário, da manutenção, mesmo que o custo de vida se estabilizasse e os salários se multiplicassem por cinco ou por dez".

No começo de 1968, um grupo de padres enviou uma carta ao episcopado do Amazonas, na qual os bispos são censurados como "inibidos e indecisos: mais inclinados a marcar passo do que a progredir; apegados a moldes e métodos ultrapassados, caducos e ineficientes; mais interessados em vigiar seus sacerdotes do que em incentivá-los". O documento prossegue com outras críticas, e sugestões para instaurar um clima de diálogo entre os padres e os bispos. A carta foi bem acatada pelo episcopado que, na resposta, declarou: "O conteúdo de vossa missiva é tão válido que, a nosso ver, mereceria a assinatura de todo o nosso clero e, como alguém de nós salientou, até a nossa mesmo!"

No começo do último mês de junho, nova manifestação do clero veio chamar a atenção de todo o Brasil. Vinte e três padres da arquidiocese de Botucatu negaram-se a aceitar o nôvo arcebispo, Dom Vicente Zioni, nomeado pelo papa. Declararam que, embora reconhecessem as qualidades morais do nôvo arcebispo, não acreditavam que êle pudesse resolver os problemas da arquidiocese e que julgavam impossível trabalhar com êle. Por isso, resolviam retirar-se das suas paróquias, caso a posse de Dom Zioni se efetivasse. Criticados e apoiados por todos os lados, os padres se mantiveram nos seus propósitos, até a nomeação, por Paulo VI, de outro bispo, Dom Romeu Alberti, para exercer o cargo de administrador apostólico.

Ao se iniciar a 9.ª Assembléia dos Bispos do Brasil, no último mês de julho, novamente os padres fizeram ouvir sua voz em duas cartas: uma assinada por 110 padres cariocas, e outra por trezentos de São Paulo, Paraná, Estado do Rio e Guanabara, contendo críticas e sugestões. Aos padres, a assembléia respondeu: "Não podemos deixar de nos alegrar vivamente com a vossa abertura e manifestar, logo, a nossa atenção por aquilo que vossas cartas contêm de colaboração sincera conosco, no esfôrço do exercício do ministério sacerdotal".

Assim, a partir do ano passado, os padres brasileiros iniciam um nôvo modo de atuação na Igreja, quando se trata de estabelecer diálogo franco com o episcopado.

## E depois de tudo isso?

Os leigos chamados progressistas só têm conseguido repercussão para as suas manifestações quando apoiados por alguma parcela do episcopado. Quanto aos tidos como conservadores, têm sido algumas vêzes criticados em público pelos bispos. No episcopado, a maioria moderada continuará a constituir o pêso principal nas decisões da Igreja do Brasil. Entretanto, é preciso salientar duas coisas: a crescente influência do clero nas decisões e o fato de que os padres que se vêm manifestando desde 1967, cada vez em maior número, são acentuadamente "renovadores". Poderão êles fazer aumentar a influência dos poucos bispos chamados progressistas? Uma coisa é certa: todos querem uma Igreja mais forte.

FIM

# Quando dizemos que Brasilit é o que há de melhor em cimento-amianto apenas esperamos de você esta reação:

# por que?

Porque os produtos Brasilit são sempre especificados, quando a obra é de responsabilidade. Quando não se desejam dores de cabeça futuras, com tubulações que vazam, exigindo custosos reparos, multas contratuais, ou até indenizações. Os tubos e outros produtos Brasilit, de legítimo cimento-amianto, concreto e PVC, trazem todos uma vantagem insuperável, seja para o instalador, seja para o utilizador: a garantia de qualidade Brasilit, que se apóia no rigoroso contrôle de qualidade. O que quer dizer: desempenho perfeito, extrema durabilidade. Há 30 anos vimos firmando a qualidade Brasilit em obras públicas. Por que não preferir o melhor?

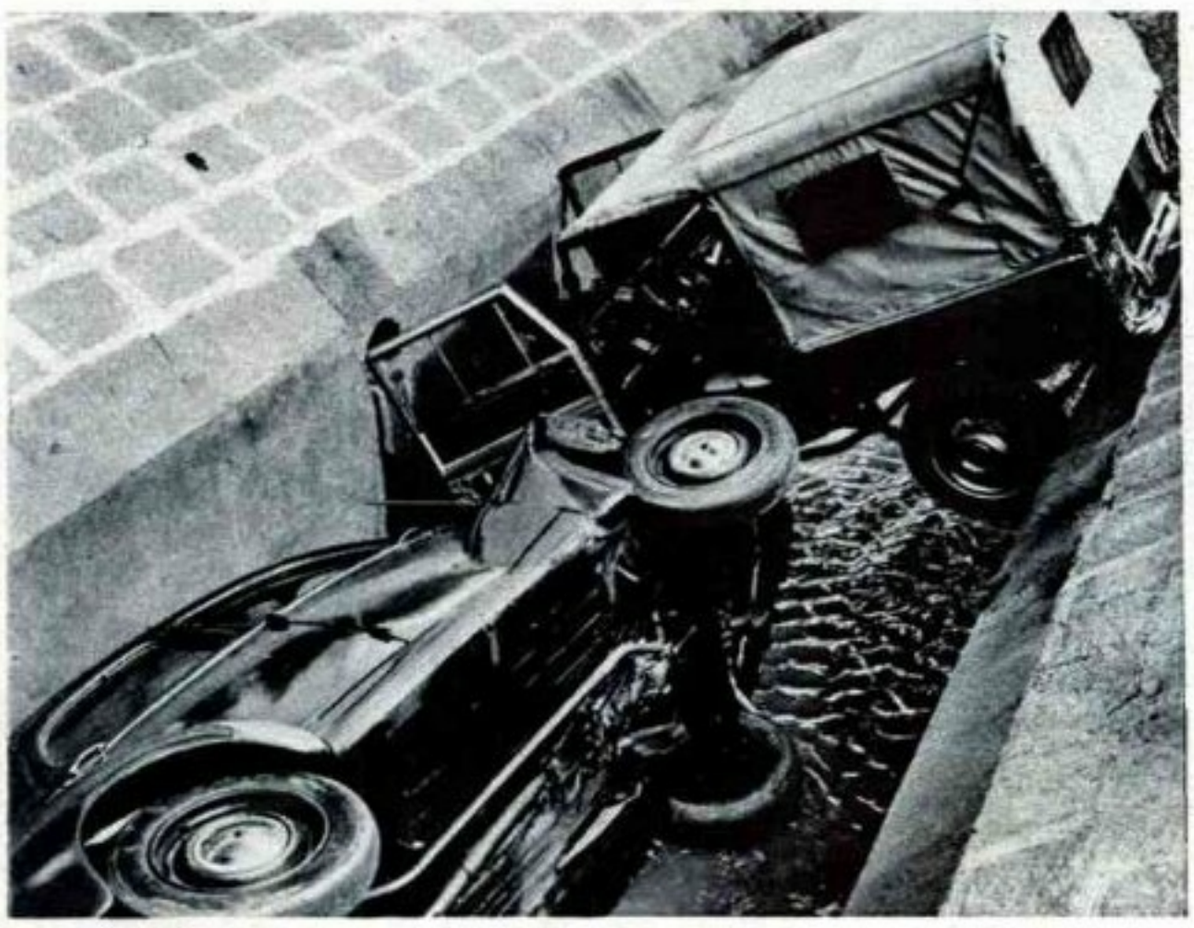
Nacional 30.435

BRASILIT

**S. A. TUBOS BRASILIT**

**6 fábricas e 16 agências em todo o Brasil**

# lamentàvelmente
# não podemos impedir
# colisões
# o que fazemos é evitar
# algumas das suas
# conseqüências
# (aquelas que pesam mais no seu bolso)



Depois da batida, o susto. Depois do susto, outro susto; a oficina e suas despesas. Desamassa daqui, desamassa dali; troca uma peça, outra, e o consêrto fica num dinheirão. Que importância tem isso, quando quem paga mesmo é a Planalto?
Quem segura o seu carro na Planalto tem uma vantagem extra: na Planalto o atendimento é mais rápido, sem burocracias ou entraves; a cobertura é mais completa e a atenção especial dispensada é sempre a mesma de quando você preencheu sua apólice. Não é bom saber que a sua ccmpanhia de seguros é de fato a mais eficiente? Por isso confie o seu patrimônio à Planalto. Pode haver momentos em que nem você cuidará do seu carro melhor do que a Planalto, aquela companhia de seguros que paga mesmo.

Prestigie o seu agente de seguros. Êle está zelando pelos seus interésses.

**PLANALTO**
CIA. DE SEGUROS GERAIS

Rio: Av. Presidente Vargas, 446 - grupo 2006/7 - tel.: 43-8761
S. Paulo: Rua 24 de Maio, 53 - 1.º andar - tel.: 239-0043 — Rua Líbero Badaró, 182 - 6.º andar - tels.: 32-1843 - 34-4360

INCÊNDIO - AUTOMÓVEIS - LUCROS CESSANTES - ROUBO - QUEBRA DE VIDROS - TRANSPORTES MARÍTIMOS E TERRESTRES - CASCOS - CRÉDITO INTERNO - RESPONSABILIDADE CIVIL - RESPONSABILIDADE CIVIL OBRIGATÓRIO - ACIDENTES PESSOAIS - FIDELIDADE - RISCOS DIVERSOS - TUMULTOS E MOTINS

# DIÁRIO DE UM MÉDICO

Êstes são trechos dramáticos extraídos das anotações diárias de um médico de hospital de São Paulo, durante os últimos doze meses. Seu nome não é revelado, bem como os nomes dos clientes foram trocados, por uma questão de ética. Apesar de médico de clínica geral, êle não se limita ao exame físico dos pacientes; vai sempre além, procurando, através do relato de tragédias, registrar experiências, denunciar erros e anormalidades e, acima de tudo, retratar a sociedade em que vive. As particularidades de cada caso muitas vêzes o obrigaram a "imitar um psiquiatra", como êle mesmo diz. E agindo assim chegou a uma conclusão impressionante: setenta por cento das pessoas que o consultam, queixando-se dos mais diversos sintomas, são fìsicamente saudáveis. Suas dores, indisposições, mal-estares vêm de outra doença, cada vez mais comum em nossa época: a neurose, que para êle "está transformando o mundo num vasto hospício".

Yasutaka Tanaka, Prof. da Kobu-Kan-Rio

# Se você duvida que as Chapas Onduladas Sano são as mais resistentes que existem faça o teste do karatê

A menos que você seja muito desconfiado, não vale a pena machucar sua mão. Pergunte e confie na experiência dos engenheiros. Casa Sano fabrica seus produtos para resistirem às mais duras provas. Chapas onduladas e Sanocalhas estruturais, caixas d'água e de descarga, postes, muros e moirões, drenos e tubos são testados na fábrica e no uso, há mais de 50 anos! Os engenheiros sabem disso. E agora você sabe também.

Casa Sano fabrica 1.000 diferentes produtos para construção. Escreva pedindo o catálogo.

**CASA SANO S.A.**
indústria e comércio

Rua Marcilio Dias, 26 - Tel.: 23-1966 - Rio - GB • Fábrica: Rod. Pres. Dutra, 2251
Filiais: B. Horizonte: Av. Paraná, 173 - Tel: 2-3902 - Brasília : S.I.A. - Lote 1290/1300 - Trecho 3 - Tel: 2-0513
S. Paulo: Rua Marquês de Itú, 88 - 6.º and. - Tels.: 35-2351 - 35-3660 - 37-2470

# D. Rute vive só, com a mãe. É bonita e me disse que quer casar, mas se acha velha.

10 de março — Fêz muito frio esta manhã. Houve uma retração de clientes. Dos doze com hora marcada vieram sòmente quatro, e eu pude, felizmente, dispor de mais tempo para cada um. Veio uma paciente com quem mantive uma conversa muito agradável. Uma mulher de quarenta anos, alta, morena, bonita, solteira, demonstrando ótimo nível cultural e com uma viagem pela Europa. É a segunda vez que me consulta. Na primeira, há um mês, ela se queixava de sofrer uma "colite nervosa". Foram suas próprias palavras. Então realizei diversos exames de laboratório e, hoje, os resultados me autorizam a dizer que o que ela tem é uma "enterocolopatia crônica de origem psíquica". É uma moléstia localizada na parte do intestino grosso chamada *cólon*. Já na primeira consulta eu a encaminhara à psiquiatria, sem entrar em pormenores por falta de tempo. Agora ela me trouxe a conclusão do relatório do psiquiatra: neurose de ansiedade.

Invadindo um pouco o terreno da psiquiatria, perguntei se ela estava com algum problema muito íntimo. Calou-se momentâneamente. Talvez se espantasse com a pergunta, talvez lhe parecesse muita xeretice da minha parte. Mesmo assim, ostentando absoluta indiferença, fui perguntando. Ainda solteira, ela vive com a mãe de 67 anos numa enorme casa onde o silêncio é insuportável. As duas, sòzinhas. Para piorar, a mãe, vítima de um desgôsto real ou imaginário, tem o hábito de enclausurar-se, trancando-se dentro do quarto, incomunicável, por quinze—trinta dias. Minha cliente é martirizada por uma grande solidão. Fica deprimida. E não tem outra saída senão interiorizar êsse sentimento, tornando-se melancólica. Ela me disse:

"Doutor, uma vez o psiquiatra apontou o meio de me libertar dessa melancolia: deixar minha casa. Concordo com a opinião dêle, cheguei a pensar sèriamente em sair de lá. Tenho uma irmã de 46 anos, casada, que não quer ficar com mamãe. Ela tem três filhos e acha que eu sou a pessoa apropriada para isso, por ser solteira. E, realmente, contra êsse argumento eu me sinto desarmada."

A palavra "solteira" soou, para mim, dolorosamente. Deve ser uma condição pavorosa, para uma mulher de 40 anos que vive uma situação assim. Foi êsse o ponto que me pareceu a causa de todos os conflitos, de modo que insisti no assunto.

"A senhora é bonita, culta, inteligente. Não entendo por que ainda não se casou. Certamente não quis."

Ela riu pela primeira vez. Enfim, eu conseguira afrouxar aquela feição rígida, que se atenuou um pouco mais quando ela começou a contar:

"Eu tinha 21 anos, namorei e cheguei a ficar noiva. Mas um desastre de automóvel matou-o, horrìvelmente. Fui tomada pela idéia fixa de que o desastre se repetiria com outro homem que viesse a amar. Nos anos seguintes, tive várias oportunidades. Mas comecei a entender que o casamento não era um fim necessário a tôda mulher. O aperfeiçoamento no magistério, a viagem à Europa, cursos de férias, enfim, o idealismo, tudo isso sufocava a idéia do casamento. Quem sabe, no fundo, tivesse ocorrido um contrôle emocional inconsciente, relacionado com a minha neurose.

"Passaram-se os anos. Há cinco, perdi meu pai e pela primeira vez senti mesmo a falta de um marido. A morte de meu pai, se tivesse um marido, não teria produzido tanta dor. Foi uma época tão abominável, que passei meses sem saber o que fazer, negando-me a aceitar os fatos. Pois o que me restava, o que me esperava, senão abismo e solidão? Baixou aquêle silêncio mortal dentro de casa. Embora os irmãos, compreendendo o nosso problema, procurassem ajudar-nos, pouco adiantava. Estavam sobrecarregados com seus afazeres, tudo não passava de pura formalidade. E eu tinha o direito de pedir mais?

"Então, a idéia de um casamento, de um marido, de encher aquêle casarão de crianças, pareceu-me uma maravilha, um sonho. Mas eu já estava com 36 anos, uma "velhinha" portanto. Esta idéia era uma fantasia. E o meu orgulho não me permitia aceitar a situação como aflitiva, fazendo-me aparentar uma certa conformação. Fui incapaz de confessar a alguém que tivesse, no fundo, o desejo ardente de casar. Quis me convencer de que continuaria solteira por idealismo, como uma forma de vida. Êsse fato aniquilava minhas últimas esperanças, porque, sòzinha, eu jamais seria capaz de tomar a iniciativa de procurar um namorado.

"Minha mãe, morto meu pai, emudeceu. Parece cultivar o silêncio e a solidão. Meu Deus do céu, não pode pensar um pouco em mim? Aliás, meus pais nunca falaram sôbre o meu casamento, mantiveram-se sempre neutros. Chego mesmo a perguntar-me: será que inconscientemente não desejavam que eu me mantivesse solteira, para cuidar dêles na sua velhice? Sei que não devo pensar dessa maneira; mas por que as minhas irmãs êles incentivaram, ajudaram tanto a se casar, e a mim, a mais nova, nunca disseram nada? Aflijo-me ao pensar no futuro. Aflijo-me, vendo minha mãe naquela fuga comodista. Vou fazer 41 anos, sou definitivamente uma "titia". Se fôsse por falta de oportunidade, por falta de sorte, como acontece com muitas mulheres, eu ainda me conformava, era capaz de aceitar esta situação de cabeça erguida. Entretanto, tudo aconteceu em conseqüência de uma determinação baseada em princípios falsos, absurdos, desumanos: não posso me conformar. Que me resta fazer?"

A pergunta de minha paciente ficou no ar. Como hei de responder-lhe? Eu não sou de nada. Não conheço uma resposta mágica que lhe agrade. Arrisco:

"A senhora ainda tem vontade de casar?"

E já me arrependo. Que grosseiro eu fui perguntando isso. Mas ela é franca, e diz sem a menor inibição:

"Eu, com essa idade?"

Ri. Eu continuo:

"Dona Rute, tenho o desejo sincero de ajudá-la. A senhora ainda é bela, mas isso é o de menos. O que importa é que, numa briga, perder lutando bastante é melhor que perder sem lutar, não é verdade? Foi o que a senhora mesma acabou de me dizer, em outros têrmos. Então, vamos pelo menos lutar."

Ela ria, ainda. Não sei se por alegria, por ironia, ou por incredulidade.

"A senhora acha que há pouca esperança? Eu acho que não. Sabe por quê? Como médico, pude conhecer muitos homens, solteiros pelas mesmas razões, todos êles à procura de uma companheira, esperando que compartilhe a sua solidão. Ou a senhora não acredita no que eu digo?"

"Claro que acredito, doutor. Essas palavras me confortam, até me animam. Mas como vou encontrar êsse companheiro perdido dentro da multidão?"

Não tive a menor dúvida de que essa mulher tem uma vontade frenética de casar. Mas tenho certeza absoluta de que, vivendo como vive, ela jamais poderá mudar a sua sorte. Ou ela reagirá? É possível. Depois de conversarmos uma hora, ela me pareceu mais alegre, mais jovial até, o que ressaltava sua formosura. Sorria, ao despedir-se:

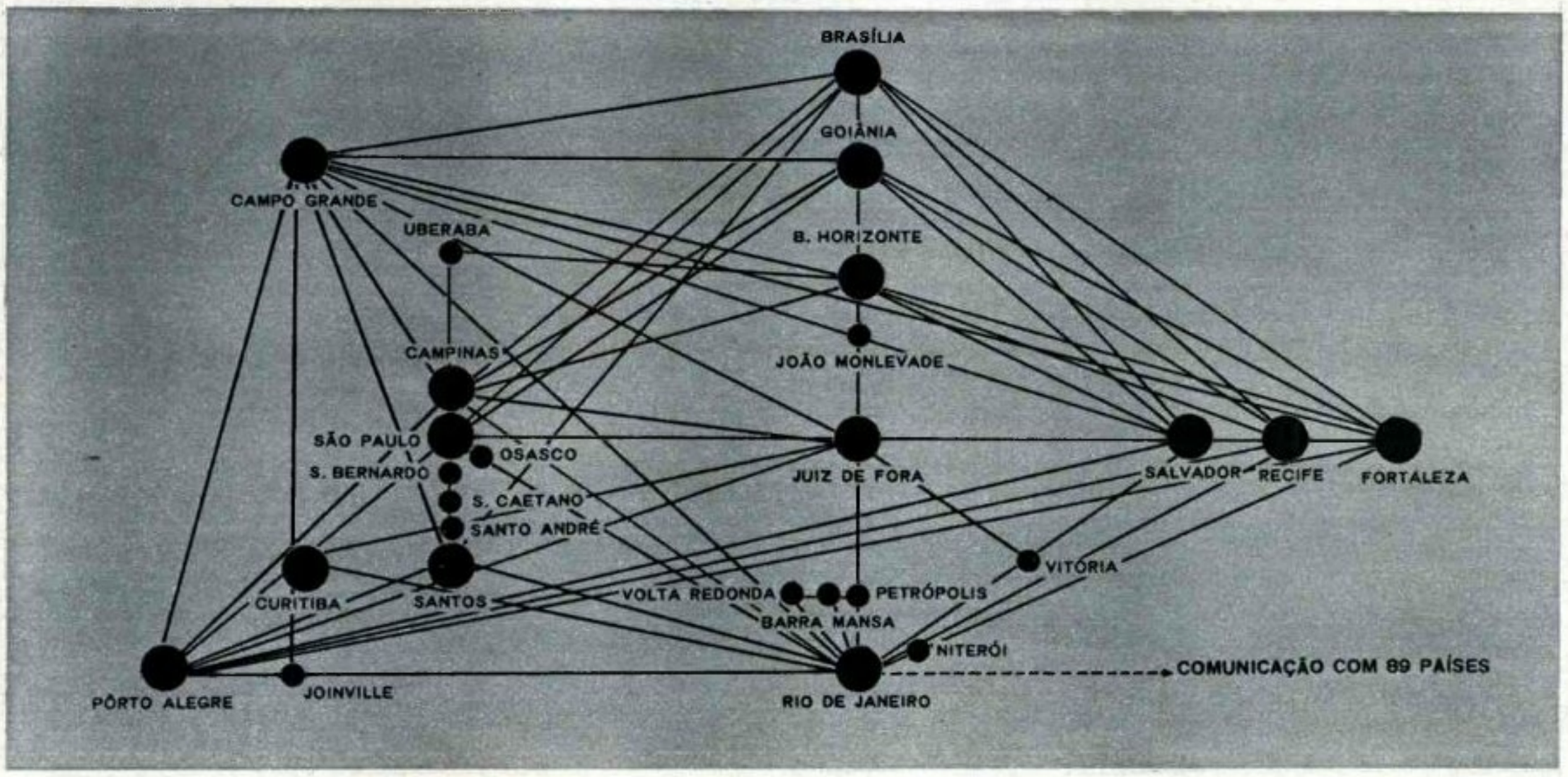
"O senhor me fêz tirar a máscara. Restituiu-me a mulher que sou. Não posso mesmo continuar falsamente convencida e satisfeita com a vida que levo, apenas para manter o meu orgulho. Isso deveria ter acontecido mais cedo. Mas ainda tenho esperança."

O que foi que acabei de fazer? Não estou certo. Uma cliente com quem procedi dessa maneira criticou-me, chamando-me de sonhador, filósofo, etc. Acredito que ao falar tanto assim, sem nenhum preparo, sem nenhum conhecimen-

SEGUE

SIEMENS

# Se V. ainda afirma que o Brasil está atrasado em comunicações rápidas,




R

# é porque não conhece a Rêde Nacional de Telex.

Hoje, qualquer emprêsa assinante da Rêde Nacional de Telex pode comunicar-se, instantâneamente e por escrito, a qualquer hora dò dia ou da noite, com outro assinante localizado em qualquer das 26 cidades brasileiras atendidas pelo Serviço de Telex e com mais 89 países de todo o mundo, sem depender de nada além do seu próprio teleimpressor. A pujança da Rêde Nacional de Telex, alcançando hoje um total de 3.660 assinantes, é resultado do esfôrço do Ministério das Comunicações e do Departamento dos Correios e Telégrafos em colocar as comunicações em dia com o desenvolvimento do País. Orgulhamo-nos de ter contribuído para êsse esfôrço, fornecendo e instalando tôdas as centrais da Rêde Nacional de Telex.

## SIEMENS DO BRASIL S.A.

São Paulo - Brasília - Rio de Janeiro - Pôrto Alegre - Recife - Belo Horizonte - Curitiba - Salvador.

# Dona Teresa tem mania de doença. Fêz até uma lista com quase 50 sintomas.

**DIÁRIO** CONTINUAÇÃO

to, cometo muitos erros, digo certos absurdos, faço condenações injustas. E mais me entristeço quando as pacientes anotam ou lembram sòmente minhas falhas. Êsse fato me aborrece. Apesar de tudo, venho agindo assim há muito tempo, gastando horas e horas em que devia estar clinicando, e sem lucrar nada. Por quê? Não sei. Talvez porque eu seja outro grande neurótico.

### 30 de maio: marido ou mulher?

Talvez porque tivesse recebido ontem o salário hoje eu vim para o hospital pensando nos meus seis filhos. Me senti bem. Talvez por isso, chego ao fim do dia sem o mínimo cansaço, embora trabalhasse muito.

Pela manhã atendi a quinze pessoas, a maioria com gripe. A receita era pràticamente a mesma. À tarde, porém, entrou no consultório uma cliente nova. Demorei-me com ela um pouco mais do que costumo demorar. Chama-se Nair, tem 36 anos. Há um ano vem sofrendo no estômago, nas costas, tem mal-estar após as refeições e dores ao urinar. Mas só agora resolveu consultar um médico. Como êsse descuido me deixasse surprêso, ela começou a falar, parecendo desculpar-se.

"Doutor, eu queria tratar-me bem antes, mas não podia porque vivemos sempre na maior miséria, na maior pobreza. Meu marido, até pouco tempo, trabalhava por conta própria, não tínhamos direito aos institutos. O pouco que recebia mal dava para o que comer e o que vestir. Procurar um médico para nós ou para os nossos filhos, sòmente em último caso. O problema é que nós temos oito filhos, o último uma menina com apenas quatro meses. Há tempos, comecei a achar horrível a gravidez, pensando no filho que iria crescer abandonado. Então passei a controlar as coisas, com mêdo de engravidar, mas o meu marido não queria saber disso. Eu não podia recorrer a nenhum método que fôsse eficiente, porque exatamente ia ficar muito caro. Assim, às vêzes criava coragem para pedir a meu marido que, por favor, fizesse alguma coisa para evitar. Êle se recusava, aos berros. Assim nós fomos tendo um filho atrás do outro.

"Meu marido, longe de me compreender, achava que ter muitas crianças era até bom, pois no futuro elas poderiam trabalhar para a família. Êle é um bom trabalhador e sei que está fazendo o máximo para ganhar algum dinheiro, mas não ganha. Portanto, eu desejava que tivéssemos filhos de acôrdo com o que êle recebe, na mesma proporção, pois dessa forma poderíamos alimentá-los, tratar dêles, educá-los.

"Todos os meus filhos são meio doentes. Também são analfabetos. E agora que mudamos para um lugar onde há escola de graça, quero matriculá-los, mas êles já se acostumaram a molecar na rua e fogem do estudo. Meu marido não dá a mínima importância à educação dos filhos. Para êle esta função é exclusivamente minha — e costuma dizer que é uma "moleza". Êle espera apenas que as crianças cresçam e sejam, mais tarde, empregados nossos. Eu, pelo contrário, me pergunto se não sairão delinqüentes, vagabundos, e se em lugar de servir-nos não nos darão sérios aborrecimentos.

"Eu preferia ter poucos filhos, e criá-los bem, prepará-los para o trabalho, enviá-los a escolas especializadas. Penso que só assim nós os ajudaríamos. Meu marido não compreende as minhas intenções, e o resultado aí está: oito filhos, ignorantes e passando fome.

"Doutor, mesmo que seja tarde demais, será que o senhor tem amostra grátis dêsses remédios modernos para impedir a gravidez?"

É tarde demais. Mas fico pensando no caso de dona Nair. Sem conhecimentos, como me parece ser, foi a experiência que lhe ensinou tantas verdades sôbre a vida. Mas para mim é um exemplo a estudar. Quanto às suas queixas, pedi-lhe que fizesse vários exames de laboratório.

### 21 de junho: dona Teresa e sua lista

Fêz um tempo bonito, hoje. Trabalhei bastante. Pela manhã, atendi a uma senhora de 48 anos, sôbre quem vale a pena escrever algumas linhas. Chama-se Teresa, é muito gorda e parece mais velha. Ela foi entrando às pressas junto com a filha, e, mal sentou-se, já tirou da bôlsa um rôlo de papel, dizendo:

"Doutor, sabe, a gente tem memória fraca, e para não deixar passar nenhum sintoma, trouxe tudo escrito."

E começou a ler, entre uma salva de suspiros:

"Doutor, tenho dor no baço, aqui (aponta e aperta o lado esquerdo do abdome). Sinto dor nos rins quando lavo a roupa, como se fôssem agulhadas. Há um mês não durmo direito, ou melhor, quando vou pegando no sono acordo assustada. Tenho tosse sêca. Tenho dor de cabeça, desde môça, forte, forte mesmo, parece que vai rachar. Se fico contrariada, perco a voz, começo a tremer, e vem aquela dor de cabeça. Meu intestino é preguiçoso, só funciona quando tomo laxantes, e ronca muito a ponto de me deixar envergonhada diante dos outros. Não tenho vontade de comer nada, mas estou engordando, não há roupa que chegue. Tenho a barriga crescida demais, se pudesse faria uma plástica. Tenho zoeira no ouvido, ora em um, ora no outro, passando quando eu dou tapas nas orelhas. Tenho tanta tontura que preciso me apoiar para não cair, há muitos anos, acho que é a pressão. Tenho sangue grosso, porque os pés esfriam muito. Tenho sangue sujo, aliás foi um médico que me disse há dois anos, depois dum exame. Às vêzes, percebo uma bola andando na barriga, de um lado para outro, e justo hoje, não encontro (ela fica passando a mão na barriga, com uma expressão de certo desespêro e desencanto por não perceber nada). Às vêzes me preocupo pensando se não estou evacuando pedaços de intestinos, porque tenho inflamação na barriga. Minha urina é bem amarelada, com mau cheiro. Tenho uma dor apertada aqui no peito, quando fico contrariada. Tenho saliva grossa e às vêzes com gôsto esquisito, deve ser diabete, pois minha avó se queixava disso e era diabética. Quando como um pouco a mais o meu estômago incha, como se tivesse comido um boi inteiro; parece que é do fígado. De vez em quando o leite me faz mal, me azeda no estômago, principalmente quando cismo que não vai fazer bem. Tenho bronquite desde criança. Tenho dor nas costas, no pescoço, até na nuca: tenho mêdo, pode ser uma ferida no cérebro."

Eu estava ouvindo pacientemente, em silêncio, para verificar até onde ia a lista de queixas de dona Teresa. Mas nessa altura não agüentei mais. E enquanto ela se demorava para ordenar a papelada, aproveitei e interrompi:

"Falta muito, dona Teresa? Olhe, estou com muita pressa, hoje. Diga-me o que sente agora, o que a incomoda."

"Doutor, o senhor tem mãe? Então, em nome dela, tenha paciência comigo. Ainda não cheguei à parte mais importante. Seja paciente. Qual é o sintoma do câncer? Tudo isso que sinto não pode ser câncer? Doutor, não precisa esconder. Eu sou uma mulher corajosa."

Comecei a perder a calma, levantei a voz:

"O que a senhora sente, agora?"

"Agora, doutor? Deixa pensar... ah, sinto dor nas pernas, nas juntas e nas barrigas das pernas, como se fôsse formiga picando. Acho que é reumatismo no sangue. Doem também as costas, uma vez um médico disse que era vértebra fora do lugar: por isso eu até ando com uma faixa."

Interrompi de nôvo:

SEGUE

A vaquinha mococa está sugerindo:

*Na foto, Vera Lúcia Cleto, Campeã Sul-Americana Juvenil de Tênis e Campeã Paulista de Adultos, que mantém a linha e protege o seu encanto juvenil tomando o Leite em Pó Desnatado Mococa.*

# a idéia gostosa e nutritiva para manter a linha

(ou chegar até ela!)

**O Leite Em Pó Mococa Desnatado representa mais alimento (25,6% mais proteínas do que o leite integral!) e menos quilinhos para você (teor de gordura 9% inferior!)**

**Você está interessada em perder uns quilinhos continuando a alimentar-se bem? Então? Já falou com seu médico?**

LEITE EM PÓ MOCOCA

# Elza, 26 anos, tem problema: não quer mais filhos, mas não evita por ser religiosa.

**DIÁRIO** CONTINUAÇÃO

"Dona, eu queria fazer um exame geral na senhora."

Meu Deus, onde ia parar essa mulher? Tratei de não fazer o interrogatório, senão ela falaria dia e noite. Se eu soubesse disso desde o início, teria pedido para me contar o que ela não sentia. Estou certo de que essa fôlha ainda estaria em branco e eu teria simplificado muito o meu trabalho. No exame geral constatei, apenas, obesidade discreta e varizes nas pernas. Pedi vários exames complementares — urina, glicemia, sangue, fezes, etc. Essas análises, certamente, não vão alterar muito o que penso. Ela não tem nada. Mas acredito sinceramente que não esteja inventando um sintoma sequer. Há uma acentuada influência psíquica na causa dessas "moléstias". Coisa que eu tenho percebido em grande parte de minhas pacientes, aumentando dia a dia. De onde virá essa influência? Não estaríamos errando ao perseguir aquilo que as pessoas mais querem, que é a felicidade? Êsse progresso que a humanidade tanto apregoa não estará conduzindo nossos sentimentos à falência total? Esta mulher e tantas outras criaturas não estariam denunciando um determinado estado de coisas característico de nossa época?

"Algum problema familiar, dona Teresa? A senhora é nervosa?"

"Não, doutor, até que sou calma. Eu me controlo muito bem. Portanto, de nervo é que não devem ser minhas doenças. E sabe que sinto raiva quando alguém diz que sou nervosa?"

Estou acostumado a ouvir respostas assim. Apenas confirmam a hipótese de uma neurose. Paciente dêsse tipo dificulta a própria cura, pois se protege com negações, fecha-se completamente, e é possível que rejeite um calmante se o médico resolve receitar.

Aponto para a menina de quinze anos, filha de dona Teresa, e pergunto se ela dá muito trabalho. Minha paciente demonstra euforia:

"Graças a Deus, não, doutor. Ela é estudiosa, não gosta de cabeludos, é obediente. Nós sabemos educar bem os nossos filhos. Êles são iguais a nós."

A frase "êles são iguais a nós" sai a todo volume e cheia de satisfação. Olho para a menina e sinto muita pena. Ela está condenada a herdar os conflitos e desajustes da mãe. Que posso fazer: desmascará-la? Ela vai berrar, vai me xingar, será incapaz de admitir que todos os seus males vêm da sua neurose. No entanto, pretendo reexaminá-la ainda uma vez e tentar obter uma solução. Mas não acredito.

## 29 de agôsto: os filhos de dona Elza

Dona Elza tem apenas 26 anos e o aspecto de mulher acabada. É branca, alta, extremamente magra e parece mais velha, com o rosto cheio de rugas e os cabelos desalinhados. Ela pensa que está grávida de dois meses. Já é mãe de quatro filhos, o mais nôvo de um ano e três meses, e nunca usou anticoncepcionais:

"Não, doutor, nunca evitei. O meu marido queria; êle acha que quatro filhos já eram demais em relação ao pouco dinheiro que ganha no emprêgo. Nisso estou de acôrdo, pois estamos vivendo na maior pobreza. Mas não posso evitar os filhos, porque minha religião proíbe. Agora a gravidez está até me fazendo mal. Doutor, tenha dó de mim, me arrume amostras de remédios para cortar êsse enjôo. Não adianta receitar, porque estamos devendo na farmácia. Deus é bondoso, um dia fará com que eu não engravide mais."

Essa mulher segue, com rigor, um preceito religioso. Porém, abertamente, confessa que o fardo está pesado demais. Parece que ela se curva mais às promessas de castigo do seu pastor — não-católico — do que aos mandamentos da sua igreja. A pessoa perde a liberdade, que é a condição fundamental para professar uma religião. A Deus é agradável que nos sacrifiquemos, contanto que seja espontâneamente e por amor a Êle. Nunca por temor. Dona Elza, pobre e doente, dignificou a sua existência tendo quatro filhos e recusando-se a evitar mais? Ou apenas aceita tudo como um castigo? Quantas faces tem o problema do contrôle da natalidade!

## 4 de outubro: um desquite de mentira

O dia terminava sem novidade, até que apareceu a última cliente: dona Cleonice, 46 anos. Possui uma beleza mais ou menos conservada no rosto oval, que reflete também alguns sinais de cansaço. Disse-me que há vários anos sofre de colite, com dor abdominal difusa, em cólicas. Também queixou-se de dores lombares e nas articulações, a meu ver sem nenhuma importância. Realizei um exame físico geral minucioso: tudo absolutamente normal. Quando lhe comuniquei essas conclusões e mais os dados de análise de laboratório, ela exclamou decepcionada:

"Mas doutor, e a minha colite?"

Logo depois ela me confessa ser uma mulher nervosa, com um problema seríssimo. Eu não desejava entrar novamente nesse campo, nem tinha tempo, mas procurei ouvi-la ao máximo, porque minha intenção era transferi-la à psiquiatria.

"O problema é com o marido?", perguntei.

"Pràticamente", respondeu, um pouco espantada. Mas continuou:

"Doutor, eu nunca falei disso com ninguém. Vou falar com o senhor. Vivo nervosa, sim, e por causa do meu marido. Nós estamos desquitados já faz dois anos, mas continuamos vivendo na mesma casa, dormindo no mesmo quarto e na mesma cama. Por quê? Por meus três filhos. Queríamos que êles não soubessem dos nossos desajustes e de nossas infelicidades conjugais, pois isso poderia repercutir na formação dêles. Eu quero muito que as crianças não sejam infelizes como nós.

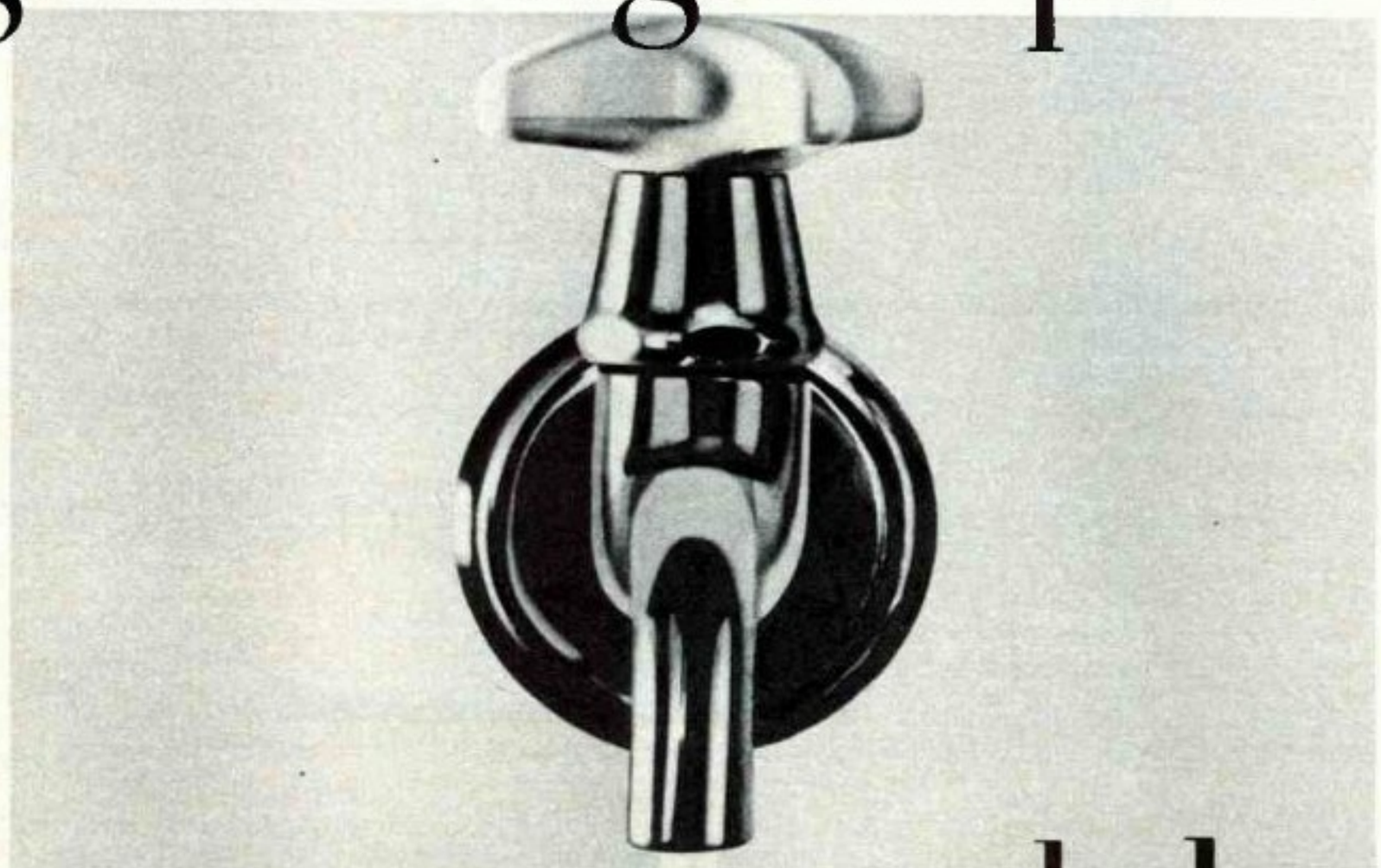
"Há dois anos não converso intimamente com meu marido, a não ser diante das crianças, quando simulamos, inclusive, palestras agradáveis. Então parecemos dois atôres no papel de um casal. Foi nisso que deu um casamento errado desde o comêço. Nós éramos completamente diferentes. Fui criada e educada sob um regime rigoroso; êle, ao contrário, sempre foi livre e quase abandonado. Logo percebi nossas diferenças, nossos erros graves e fundamentais. Mas julguei que com o tempo tudo melhorasse, que nos acomodássemos um com o outro. No entanto os dias passaram e a convivência era impossível. Concluí que o casamento estava definitivamente arruinado. E eu, grávida do terceiro filho.

"Meu marido é uma pessoa que não liga para nada: é grosseiro, bruto, bêbado. Além disso é um maníaco descarado, vivia fazendo propostas para tôdas as empregadas que passavam por casa, mesmo na minha presença e perto das crianças! Quantas vêzes apanhei-o em flagrante. E quantas vêzes êle se envolveu com prostitutas, criando escândalos familiares que me submetiam a enormes vexames. E ainda se sentia orgulhoso com essas atitudes, me falava que preferia se ver livre de nós, com a mulher que bem entendesse, jogando e bebendo. 'Viver a vida', repetia-me.

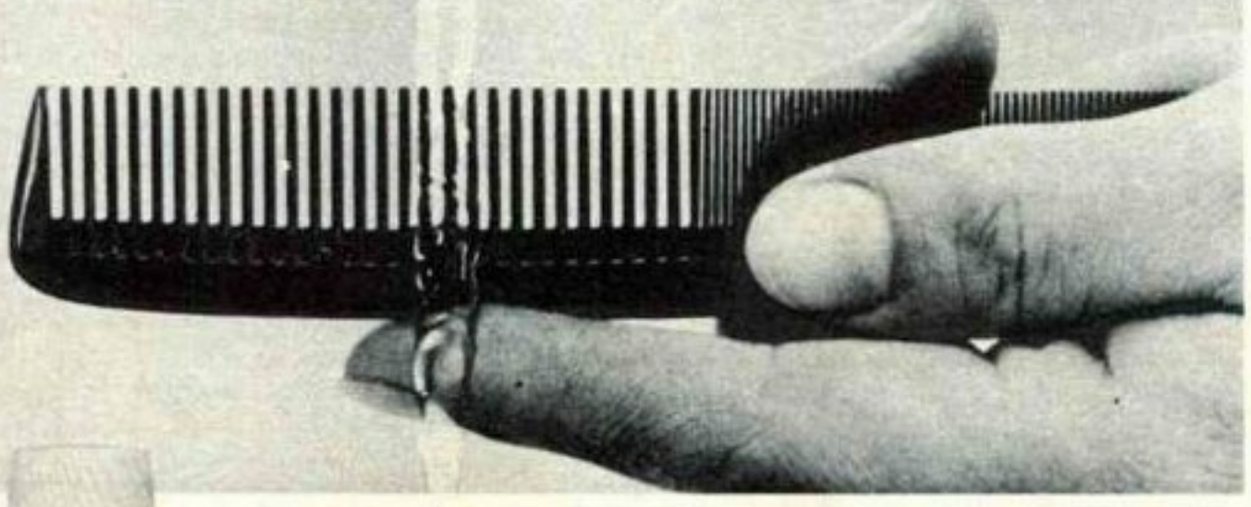
"Quando me vinha a idéia de separar-me dêle, pensava nos filhos, que seriam as vítimas. Os pais não seriam egoístas e comodistas ao tomar uma medida dessas? A dúvida me impedia de decidir. E a decisão estava em minhas mãos, pois para meu marido era indiferente. Se eu me sacrificasse, suportando-o, seria sempre como se nada tivesse acontecido, mas eu estava certa de que acaba-

SEGUE

# De água só ninguém pode viver



# nem os seus cabelos



Você sabe. Wellaform faz de cada homem um homem realmente elegante. Wellaform é o único creme que não só garante um penteado naturalmente assentado como, também, não engordura e não empasta. Usar Wellaform é despreocupar-se o dia inteiro com a "forma" do penteado.

Por isso, a WELLA tem uma linha completa de produtos bem masculinos para cuidar e tratar o cabelo. Veja ao lado! E se você fôr um homem diferente, vai gostar do creme para pentear WELLAFORM. Êle também é. De fato, Wellaform é um fixador di-fe-ren-te. Com Wellaform tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Para que você se convença, basta usá-lo... depois você o recomendará aos seus amigos com prazer. Como o recomendamos a você, agora. E tem mais: Você pode escolher! Wellaform em bisnaga, ou Wellaform em pote. A qualidade é WELLA.

**Da linha original de produtos Wella já estão à sua espera nas boas casas do ramo:**

**KOLESTRAL S:** É uma loção bactericida que faz a caspa desaparecer em pouco tempo. O seu perfume discreto agrada a todos.

**WELLA-MED A-S:** É um tratamento intenso contra a caspa, de alto poder de ação. Os micróbios danosos são combatidos eficientemente e a caspa - seja gordurosa ou sêca - desaparece.

**WELLA-MED A-F:** Combate a excessiva secreção das glândulas sebáceas. Atua com êxito contra a seborréia e cabelo oleoso em demasia.

**WELLA** **SÍMBOLO MUNDIAL DO BOM TRATO DOS CABELOS**

**clivia**

**DIÁRIO** CONTINUAÇÃO

va enlouquecendo. Sem ver outra saída, optei pelo sistema de vida que estamos levando. Prática e moralmente, somos desquitados; diante dos filhos e da sociedade fingimos ser um casal perfeito. Dentro de casa, não nos permitimos nenhuma relação de afeto. Juramos agir dessa forma, por proposta minha que êle aceitou com grande desprêzo.

"No princípio, eu sofria porque não tolerava vê-lo no mesmo quarto. Êle vinha da rua cheirando a pinga e perfume barato. Minha raiva aumentava, tinha nojo dêle, se pudesse estrangulava-o. Foram meses e meses de tormentos que agüentei com firmeza, até que, recentemente, êle diminuiu um pouco as provocações. Eu também, pouco a pouco, fui me neutralizando, e hoje consigo encará-lo não como o inimigo que êle era antes, mas como um simples estranho.

"Continuamos parecendo, para todos, um casal normal. Mas só agora, doutor, eu estou percebendo que todo êste sacrifício não vinha adiantando nada para os filhos. Êles, de certo, andavam pressentindo a farsa e nos últimos tempos tornaram-se revoltados. Todos, principalmente, a môça, a caçula, declaram abertamente que nós somos dois impostores. Ela pergunta por que não nos separamos de uma vez, abandonando essa forma absurda de convívio. 'Pensam que basta sòmente a presença física dos pais?', gritou-me um dia. 'Minha casa é um gêlo', disse ainda. E eu não soube como responder, porque ela conhecia a verdade."

Confesso que ouvi a história dessa cliente com certa incredulidade. Pode ser que ela esteja exagerando, mas de qualquer maneira muita coisa deve realmente existir em tudo isso. Ou até mesmo tôdas as coisas. Tive a impressão de que só uma mulher neurótica, e muito desequilibrada, seria capaz de idealizar aquela forma de convívio com o marido e suportá-la por tanto tempo. Eu, por exemplo, estaria louco no terceiro dia. E como ela percebeu tarde que os filhos sofriam as influências da sua camuflagem conjugal! É evidente que o mais perfeito disfarce não esconderia jamais a desunião íntima dos pais. Acho que ela tem um pouco de culpa, mas minha função nesse momento é aliviá-la quanto puder. De modo que a elogiei por ter suportado uma tragédia tão imensa, e sugeri que continuasse o tratamento na psiquiatria, onde já estivera antes de procurar-me.

## 3 de novembro: uma triste história

Dona Maria, loira de 37 anos, de lindos cabelos, um rosto oval e bonito, parece mais velha e deixa entrever algumas rugas. Entre tôdas as clientes, sua presença se destaca devido a uma certa expressão fisionômica, e porque procura se afastar das pessoas. É a quinta vez que me consulta, sempre com queixas vagas, incaracterísticas, traduzindo um acentuado componente psíquico na provocação dos sintomas. De modo que, hoje, em lugar de receitar-lhe os habituais tranqüilizantes, resolvi atuar de forma diferente. Quem sabe, assim, a aliviaria um pouco. Ela tem o tique de piscar ràpidamente, nas ocasiões em que se emociona.

# Maria sofreu tudo: expulsa de casa, foi prostituta e hoje o marido a maltrata.

"Doutor, a minha vida foi um drama", começou a falar, piscando. "Nasci no interior, de família muito pobre. Não tive nenhuma instrução. Aos dezessete anos gostei de um rapaz de vinte. Quis casar com êle, mas os meus pais foram contra, porque êle era um peão. Não me importei, continuei o namôro, pois o rapaz era trabalhador, sem vício nenhum, educado. Cada vez mais apaixonada, passei a aceitar os beijos dêle, que se repetiam. Êle prometia casar-se comigo custasse o que custasse. Então, amei-o inteiramente. Nem éramos ainda noivos, mas não me sentia arrependida. Se eu o amava e íamos casar, o que havia de mais em nos conhecermos desde já? Fiquei grávida. Mal êle percebeu, mudou bruscamente de atitude. Antes, dizia que era capaz de enfrentar a oposição de meus pais ao nosso casamento; agora começava a falar que tinha mêdo dêles. Percebi o grande mentiroso e covarde que era. Passaram-se dois meses e meio, e eu naquele estado precisei lhe pedir por favor para que não me abandonasse, não me fizesse ter um filho sem pai. Uma madrugada êle desapareceu.

"Meus pais, quando souberam, sentiram-se envergonhados e humilhados, achando que eu sujara o nome da família. Falaram em moral e me tocaram de casa, sem roupa e sem dinheiro. Na última hora, como prova de carinho, minha mãe ainda botou um cobertor velho dentro de um saco de estôpa que era minha bagagem.

"Lá em casa a vida não era grande coisa, mas na estrada fazia frio demais. Andei até cansar, passei fome e tomei chuva. Então encontrei uma pequena fazenda, onde consegui me empregar como doméstica. Ganhava muito pouco mas não me importei, só me bastava poder dormir e comer. Trabalhei feito uma bêsta para agradar, porque a minha gravidez adiantava e eu me sentia insegura, com um mêdo tremendo de ficar só. Nos últimos meses, quando eu já notava um pouco de cólica na barriga, a patroa me deu uma pequena gorjeta e me despediu. Eu chorei e implorei, mas êles pegaram uma charrete e foram para a cidade. Fiquei aterrorizada por causa do parto, sem ninguém para ajudar-me. Juntei as bugigangas e peguei uma estrada até achar uma fazenda, que era bem arrumada e bonita. Eu não via nenhuma pessoa por ali a quem pudesse dizer alguma coisa. De repente, me deu uma tontura, parecia que eu ia cair, ao mesmo tempo uma dor profunda aqui embaixo. Meu Deus, vai nascer! Olhei instintivamente em volta: havia um paiol de milho. Comecei a andar para o paiol, gemendo, me arrastando. Deitei e me acomodei. O chôro do nenê atraiu alguns homens e mulheres que se aglomeraram na porta. Uma senhora, sem vacilar, correu para me socorrer. Era minha futura patroa. Seu marido, um advogado, só vinha à fazenda de vez em quando. Êles moravam na cidade.

"Mais tarde, já íntima da família, meu patrão passou a me tratar de um jeito diferente. Das cortesias à proposta amorosa não demorou. Ficamos amantes, eu recebia dêle muitos favores, tudo escondido da mulher. Logo êle deu um jeito de me transferir para um serviço no escritório, na cidade. Aí fomos vivendo como um casal normal, eu muito feliz, até a patroa desconfiar. Para evitar maiores problemas, arrumei minhas coisas e mudei para outra cidade, com o filho que já estava andando. Bati em várias casas à procura de emprêgo, mas acho que todos me julgavam uma vagabunda.

"Bem, acabei aceitando como principiante numa boate. Me achavam apropriada e formidável. Para mim foi uma desilusão, mas tinha que aceitar pois o menino e eu precisávamos comer. Fui com o espírito preparado nas primeiras noites, mas era tudo simplesmente indescritível. Coisas que ainda não me obrigavam a fazer, pois estava em fase de experiência, mas eu teria de fazer mais tarde. A princípio era repugnante pensar nisso, mas à medida que os dias passavam eu ia me acostumando por fôrça de tanto assistir àquilo. Parecia normal, para todos. Ficou sendo para mim.

"Agora eu tenho êste rosto cheio de rugas, meio sêco, grosso, áspero. Mas naquele tempo todos me procuravam, era a mais linda da casa, e como ganhasse muito dinheiro podia ser também a mais elegante. Conheci um homem, modos de bom rapaz, rico, de ótima família, que me propôs casamento. Para uma mulher solitária e insegura, como eu, na época, aquilo significava muito. Deixei a boate, casamo-nos, tornei-me espôsa.

SEGUE

# Uma camisa com esta etiquêta pode ser comprada de olhos fechados

Os 3 patinhos simbolizam a mais alta qualidade. Tecido superior, os melhores aviamentos e acabamento de primeira.

Isto quer dizer que a sua camisa está por dentro da moda, no corte e nas côres.

Você já sabe: não encolhe mesmo.

Claro, Ramenzoni é um dos orgulhos da indústria nacional.

Há 74 anos esta marca identifica, do chapéu ao pijama, a confecção masculina da melhor categoria.

# Antônio se faz de doente para não contrariar a mãe. Aos 12 anos já é um neurótico.

**DIÁRIO** CONTINUAÇÃO

"A felicidade durou apenas alguns meses. Meu marido era outro: bêbado, vagabundo, briguento e mulherengo. Fiquei desapontada, mas me mantive digna e séria, como havia jurado a mim mesma ao me casar. Êle, porém, me tratava como se eu fôsse ainda aquela mulher antiga. Espancava-me. Maltratava-me demais, minha vida se transformou num inferno pior que o da casa onde o conheci.

"Há quatro anos mudamos para a capital, onde êle conseguiu, numa fábrica, um emprêgo decente. No entanto, êsse fato não o modificou. Continua bebendo, judiando de mim, envolvendo-se em encrencas nas boates por onde anda. Não sei quando o nosso casamento vai melhorar, doutor. Devo ser culpada de muitos erros, admito, mas não posso me responsabilizar totalmente pela situação.

"Até hoje odeio meus pais. Não sei onde se encontram, nem se vivem. O amor que dediquei a meu filho, a renúncia de que fui capaz para tentar fazê-lo feliz, me autorizam a deduzir que o amor pelo filho não é assim tão formal que possa ser abalado em nome de uma moral familiar. Mas são acontecimentos passados, esforço-me para esquecê-los."

Vejo, agora, esta mulher respirar mais tranqüila; está menos angustiada, pisca menos. Nas passagens excessivamente tristes da história, eu vi lágrimas confirmando seu sofrimento. Quero tê-la como modêlo de coragem, se tudo o que me disse fôr verdade. Penso que só lhe fêz bem repartir comigo as mágoas que guardava. Se alguém quiser condenar-me por proceder assim com meus clientes, que me condene. A nítida melhora que obtenho com isso é absolutamente compensadora.

## 21 de dezembro: começam cedo

Após ter atendido a uns quinze pacientes, recebo Antônio, de 12 anos. Já o examinara no dia 7 dêste mês, quando êle veio com uma forte inflamação na garganta e quase 40 graus de febre. Foi tratado adequadamente com antibiótico e antitérmicos. Hoje, entrou acompanhado da mãe, a quem perguntei como ia indo o menino.

"Ah, cada vez pior", respondeu. Mas não acreditei que êle estivesse pior: Antônio me parece lépido, bem diferente da primeira consulta. Resolvo fazer a pergunta a êle.

"Como vai, garôto?"

"Ah, cada vez pior", repetiu a frase da mãe usando a mesma inflexão, a mesma tonalidade de voz. Agora já fico em dúvida: pode estar realmente mal.

"O que está sentindo?"

Êle vacila um pouco:

"Tontura... falta de apetite..."

"Desde quando?"

"Faz tempo, quase um ano."

"E a garganta, dói?"

"Não."

"Tosse?"

"Não tenho mais, passou com aquêles remédios."

Fui fazendo perguntas assim, de propósito, para verificar as contradições do menino. A mãe, decerto, percebendo minhas intenções, intrometeu-se:

"Ah, doutor, êle teve febre sim."

"Quando e quanto?"

"Há dias; e eu reparei porque a cabeça estava quente."

Em todo caso, tirei a temperatura: 36,4 graus. Que febre? Eu já estava cansado nesse fim de dia, aborreço-me ainda mais diante de clientes dêsse tipo. Não sou vaidoso, dispenso elogios, mas que me digam a verdade. Sendo verdade, aceito serenamente as queixas em têrmos de "cada vez pior". Então, ponho em jôgo a minha responsabilidade, reanaliso o caso e traço nova orientação terapêutica.

Mas vamos ver até onde vai o garôto:

"E a urina?"

"Vai mal."

"Por quê?"

"Está amarela."

"E o intestino?"

"Também vai mal."

Não soube explicar a razão. Insisti:

"Tem dor ao evacuar?"

"Não."

"Tem diarréia?"

"Não."

"Então, o que tem de mal?"

O menino hesita, a mãe ràpidamente o socorre:

"Não, doutor, de intestino êle vai bem sim."

Pronto. Cheguei à conclusão de que êste menino é um neuròticozinho. É uma pena.

Deve ser a própria imagem da mãe. De qualquer modo, peço um exame parasitológico.

## 31 de janeiro: um caso, doze tiros

"Doutor, a minha doença é crônica", começou a falar Fernando, de 46 anos, alto, bonitão, culto, rico, bem vestido, que havia chegado ao hospital num carro estrangeiro último tipo.

"Estou assim há quase quinze anos, já fiz diversos tratamentos e uma infinidade de análises que nunca registraram nenhuma anormalidade. O que eu tenho é má digestão, empachamento abdominal e muitos gases."

Examinei-o minuciosamente, principalmente no aparelho digestivo, e não descobri nada de anormal.

"Como é o senhor, psìquicamente?"

"Muito nervoso, doutor. Aliás, já me tratei com um psiquiatra famoso durante três anos, sem resultado. Êle só receitava calmantes e mais calmantes, já estava ficando cheio quando um clínico me recomendou um mês de férias, que eu passasse caçando e pescando, e com isso pràticamente me curei por um bom tempo. Não pretendo voltar a qualquer psiquiatra."

"Senhor Fernando, nossos psiquiatras são competentes."

"Acredito, mas eu não tenho fé no método, nunca vai dar certo. Confio mais num clínico como o senhor, mesmo que me receite calmantes. Por favor, vamos parar de falar em psiquiatras."

Achei conveniente ouvi-lo, em vez de tentar convencê-lo a procurar um psiquiatra, contra o qual êle parecia demonstrar resistência.

"Doutor, falando francamente, eu sou um assassino."

"Como?", perguntei mecânicamente, muito surprêso.

"Vou contar tudo, doutor, desde o comêço."

E contou que há muitos anos possuía uma bela fazenda no interior de São Paulo e vivia feliz com a mulher e duas filhas pequeninas. Sentia-se um homem realizado em todos os aspectos.

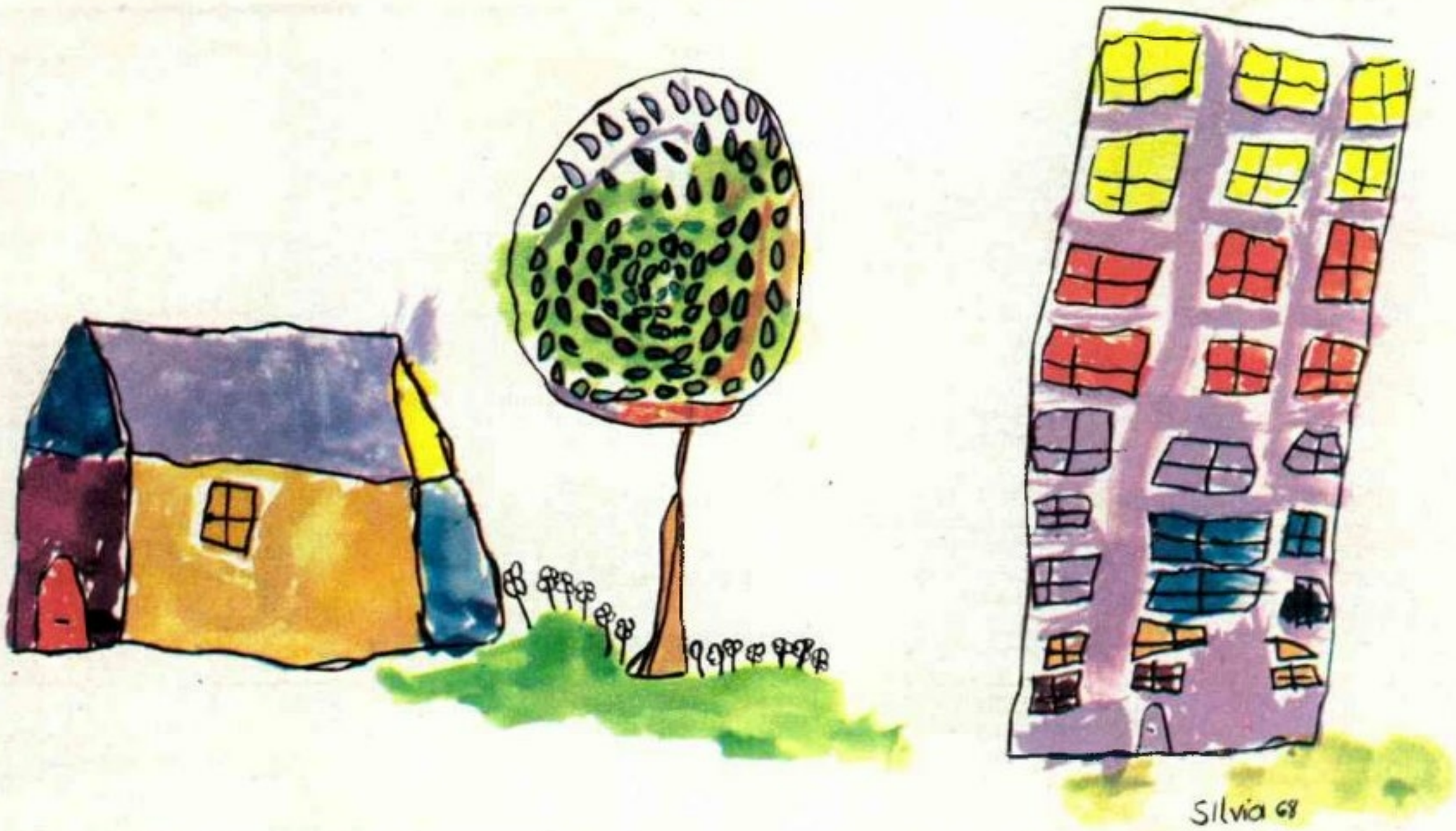
"A fazenda ficava a uns quarenta quilômetros de casa, e eu ia lá apenas para cuidar de detalhes da administração, algumas vêzes por mês. Nessas ocasiões, era obrigado a ficar por dois ou três dias, conforme o estado da estrada.

"Uma vez, ao chegar à fazenda, notei que esquecera uma ferramenta, e decidi retornar logo no dia seguinte. Cheguei em casa à noite, o portão estava aberto, não entendi.

"Não devia estar, àquela hora, enquanto eu estivesse ausente. Olhei pela frente, a luz do quarto e a do banheiro acesas. Encontrei a porta lateral aberta e, desconfiado, entrei sem o menor ruído. Subi a escada e diante do quarto, através da porta, escutei minha mulher e um homem. Abri devagar e encontrei-os, abraçados. O revólver que eu sempre levava à fazenda já estava na minha mão.

"Descarreguei-o, seis tiros, sôbre os dois que ainda não me haviam percebido. Quando minha mulher olhou-me, assustada, o seu amante não vivia mais. Ela não podia mover-se. Recarreguei

SEGUE




# mesmo que você só consiga desenhar assim, será muito fáci decorar sua casa: use o seu bom gôsto e claudia decoração.

DECORAR A PRÓPRIA CASA É MUITO FÁCIL. BASTA TER BOM GÔSTO E SENSIBILIDADE. E ALGUM DINHEIRO PARA GASTAR. CLAUDIA DECORAÇÃO VAI ENSINAR A VOCÊ COMO SUPERAR A BARREIRA DOS GASTOS. AS SUGESTÕES QUE ELA APRESENTA SÃO SIMPLES, PRÁTICAS, E QUASE SEMPRE DE COISAS BRASILEIRAS, QUE PODEM SER ENCONTRADAS A PREÇOS ACESSÍVEIS. MÓVEIS, TAPETES, QUADROS, LUSTRES, LÂMPADAS E UMA INFINIDADE DOS MAIS MODERNOS E ANTIGOS OBJETOS DE BOM GÔSTO SERÃO MOSTRADOS EM CLÁUDIA DECORAÇÃO. QUE AINDA ENSINARÁ COMO FAZER TAPETES, ALMOFADAS, QUADROS, COMO INICIAR UMA DECORAÇÃO, E MUITA COISA MAIS. TUDO AMPLAMENTE ILUSTRADO COM FOTOS E PLANTAS DETALHADAS. LEIA CLÁUDIA DECORAÇÃO E VEJA COMO NÃO HÁ LIMITES PARA O SEU BOM GÔSTO.

**CLAUDIA**
**DECORAÇÃO**
em todas as bancas

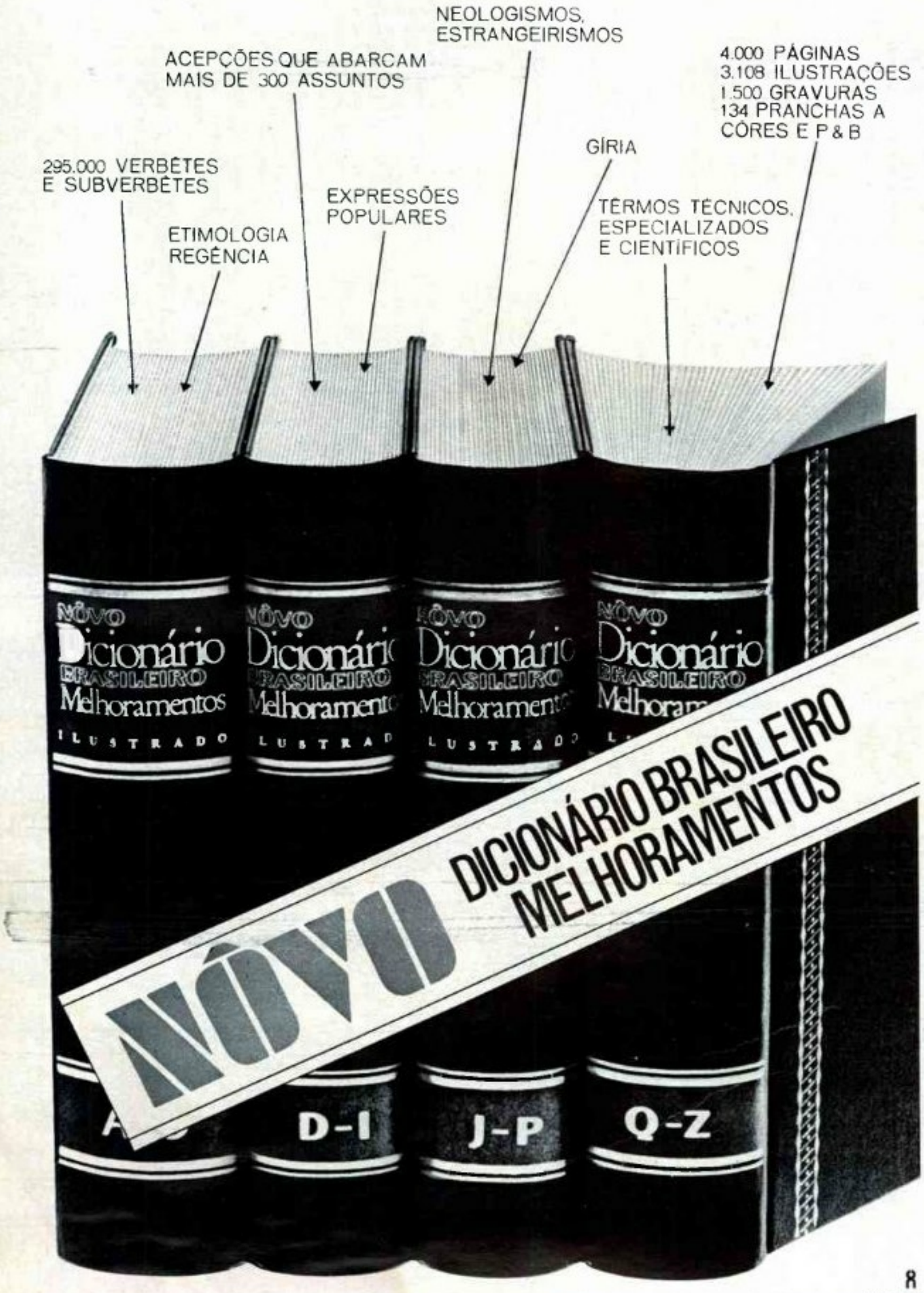
# JÁ FAZ TEMPO QUE O NORTE DO PARANÁ CONHECE O MUNDO

A TV-Coroados Canal 3 há cinco anos vem contribuindo para colocar o norte do Paraná em dia com tudo o que acontece, em qualquer parte. Sua programação rigorosamente planejada, reunindo o que se faz de melhor em televisão no Brasil, e o avanço técnico de seu equipamento, acompanhando as mais recentes conquistas da ciência, lhe asseguram essa condição. Não apenas pelo fato de ser a única emissora na região, mas sobretudo pela influência progressista que sempre exerceu, a TV-Coroados está identificada com o norte do Paraná, conhece a pujança de seu mercado.
E lhe transmite uma renovada imagem de otimismo.
Aliás, a recíproca é verdadeira.

**TV-COROADOS**
**Canal 3/ Londrina**

A EMISSORA DE TELEVISÃO DOS PIONEIROS DO NORTE DO PARANÁ.

# Colocamos muitas atraçōes extras no dicionário mais completo do Brasil.




À EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 8120-São Paulo
Peço enviá-lo, gratuitamente a:

Apreciaria conhecer o folheto a côres sôbre o NÔVO DICIONÁRIO BRASILEIRO MELHORAMENTOS.

Nome _____
Rua _____ n.º _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____

R


# Por que mostro tanta tragédia? Porque é o que vejo: ainda não sabemos amar.

**DIÁRIO** CONTINUAÇÃO

com certa calma a arma e dei mais seis tiros, no rosto dela."

No julgamento, meu cliente foi absolvido por unanimidade. Na cidade, todos o apoiaram e confortaram. Compreenderam o seu gesto.

"Mas nunca pude esquecer a expressão de minha mulher no momento de sua agonia, não sei se de ódio ou arrependimento. E agora, sem saber se devo odiá-la ou perdoar, continuo vivendo tôda a tragédia. Com isso, foram surgindo em mim vários sintomas que os médicos disseram ser de origem psíquica. Vivi de calmantes que me aliviavam temporàriamente. O senhor também acha que meus males venham dêsse drama?"

Fiquei de responder-lhe depois de conhecer os resultados dos exames que lhe pedi. Não tive coragem, naquele momento, de dizer que eu também achava. Vi-o, de passo lento, dirigir-se ao carro de luxo, carregando para a sua nova vida de industrial a tragédia que agora eu conheço.

**6 de março:**
**por que tudo isso?**

Por que faço desfilar neste caderno apenas aberrações, tristezas, misérias e animalidades? Talvez eu seja pessimista demais. Entretanto, é quase tudo o que vejo. Pego uma revista, um jornal: sangue no Vietnam e na África; soldados perplexos diante de colegas que se estouram aos pedaços, pilhas de cadáveres e uma menina chorando diante da mãe morta. Logo adiante vejo as fotografias dos grandes maiorais, responsáveis pela carnificina, sorridentes, em pose de herói.

Depois, notícias sôbre um transplante de coração: exalta-se e glorifica-se um homem pela façanha, quando antes outros foram exaltados e glorificados porque fizeram matar milhares de homens.

Não, não consegui encontrar razões para otimismo até agora. Enquanto um médico se consagra a salvar uma vida anônima, não muito longe milhares de vidas são exterminadas sob os mais falsos pretextos. Há séculos nos ensinam a amar uns aos outros. Mas não aprendemos nada.

FIM

## ÇÃO ARTIFICIAL

do método HÖLGER-NIELSEN

tima de bruços
para um
sôbre uma
lo de mante

a o peso do só
esticados, até q
ição vertical, ex
sôbre o tórax.

m o corpo pa
ãos escorregaren
na até um pouco
elos; segure-os c
ue jogando o corp
os braços da vitim
tência: abaixe
primitiva, co

**RA DOS OS**
nova sapatoe
se fôr precis
bem acolch
pé, desde o
ouco além d
também imo
r meio de u

**RA DA CLAVÍCULA**
uma almofada sob a
onha o braço numa
marre-o depois, firme-
e encontro ao corpo.

**FRATURA DAS COSTELAS**
Enrole ataduras bem largas ou tiras de pano ou de esparadrapo em volta do peito, fazendo um colête de sustentação. Deite a vítima na posição em que sinta menos dor, com a cabeça e o peito ligeiramente erguidos.

sível. Havendo dificuldade de transportar a vítima em boas condições, procurar comunicar-se com a FAB Serviço de Busca e Salvamento, dando ponto

cobra que picou é jararaca, urutu, jararacuçu, cotiara, caiçara etc. (gênero Bothrops), aplicar o sôro antibotrópico; tratando-se da cascavel (gênero Crotalus tem guizo), aplicar o sôro anticrotálico; antibotrópico monovalente, nos casos de picada por ão se reconhecendo o sôro

erência para melhor locagreja, ponte etc.) ou fazer ângulo luminoso com foendendo do local ar a vítima. Par tratamento f quado é feito specífico. As o, também, t reconhecendo-

ou outro qualquer; c trapos limpos, estão de papel, espum lon", mata-borrã elo, toalh

de gra-
écharpe",
po, fita adesiva
mbros, pode-se aind
ovisar tipó com lenç
fraldas, le écharpe
fralda cami
ando

saco e sustentando o braço, a própria manga do paletó, entre os botões; gravatas, cintos, triângulos de qualquer tecido etc. (fig 34). Após a sua aplicação, verificar se ficou bem ajustada, sem contudo impedir a circulação normal. Observar a côr dos dedos das mãos ou pés. Estando muito apertada, provocará dificuldade circulatória e os dedos ficarão frios e azulados.

**FRATURA DA COXA** Sequ

**FRATURA DO COTOVÊLO**
Se o braço ofendido está estendido, coloque uma tala bem acolchoada na parte interna do braço e fixe-a com ataduras ou tiras de esparadrapo. Se o cotovêlo estiver dobrado, não estenda o braço nem aplique tala; ponha o cotovêlo numa tipóia e prenda o braço ao corpo.

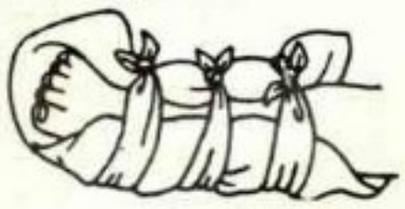
**FRATURA DO ANTEBRAÇO**
NHO Aplique duas talas parte in-

**OU**
ma
nte-
dos.
não.
onha

**NHA**
Chame
urgên-
a, a não
ente ne-
ça-o com
procurando
corpo em po-
horizontal. Coloque uma
a porta ou outro qual-

perna. A
r mais com
da axila ao
Prenda as
ou tiras de
quadris, na
a do joelho
colchoado

**FRAT**
que o memb
damente, como ac
duas talas, uma de ca
da perna, desde acima do joe
até abaixo do calcanhar. Ate as
talas em vários pontos e amarre depois a perna ofendida à outra. Na falta de talas de madeira, pode ser improvisada uma com guarda-chuvas ou bengalas, conforme pode ser visto na figura 22.



uete
ria umeral
m palmo abaixo da axila

**COMO APLICAR O TORNIQ**

Tome um pano limpo, dobre-o e passe-o ao redor do membro ferido. Amarre as pontas e passe um pau roliço por baixo do nó e outro por baixo do braço, torcendo até que fique bem apertado.

Figura 6: Torniquete para o braço

quer suporte
vítima, e role-
sôbre a tábua
estendida. Du
o corpo deve s
sem se flexion
car talas. Nã
cabeça seja m

**FRATURA**
Não mova a v
com um cober
diatamente um
cuidado com

**FRATURA**
Coloque a vi
confortável,
almofadas de
da bacia. Ate
ataduras bem
ou cobertor, p
suporte. Amar
e os joelhos,
ataduras. Não
a não ser qu
mente necessá
as mesmas
para a fratura

lexão forç



Acima
mais pr

# Conte com o ESTÔJO de PRONTO SOCORRO para qualquer imprevisto.

Pequeno por fora, grande por dentro, o Estôjo de Pronto Socorro Johnson's contém o necessário para uma medicação de emergência - inclusive utilíssimos conselhos num Guia de Pronto Socorro.

É indispensável tê-lo sempre ao alcance da mão, em casa, no carro, ou levá-lo em viagens, excursões, pescarias, caçadas e competições esportivas. A gente nunca sabe quando vai precisar de seus valiosos

E lembre-se:
O Estôjo de Pronto Socorro Johnson's é sempre um presente muito útil...

Johnson & Johnson

# 4 PASSAGENS PELO PREÇO DE 3...?

*É mesmo! Embarcando para a Europa, África, ou Oriente Médio,*
*com a Tarifa Excursão, em vigor de 15 de setembro a 15 de abril*
*(excluindo o período de 4 a 24 de dezembro)*
*você pode aproveitar as vantagens de 25% de desconto*
*na sua passagem de ida-e-volta, em Classe Econômica.*
*Com a "Tarifa Excursão" você compra 4 passagens pelo preço de 3;*
*uma sai de graça! Assim, você tem mais dinheiro sobrando*
*para levar a família tôda e dispõe*
*de um mínimo de 28 dias, e um máximo de 60 para compras e passeios.*
*E na Alitália você tem, ainda, a vantagem extra de voar*
*no mais moderno jato da Atualidade: o novíssimo DC8/62,*
*que lhe proporciona maior conforto, aprimorado serviço de bordo e um vôo direto*
*Rio-Roma, sem escalas, em apenas 645 minutos.*
*Chame logo seu agente IATA e programe uma viagem inesquecível.*
*Mas lembre-se: Excursão não é Excursão sem...*

**ALITALIA**

# AQUI SE APRENDE A VIVER NUM MUNDO SEM LUZ

Texto de Marcos de Castro
Fotos de Francisco Nélson

Dona Beatriz mal acabara de entrar no apartamento nôvo. O barulho da mudança — arrastar de móveis pra cá e pra lá — ainda continuava, aumentado pela algazarra das cinco crianças, irrequietas, quando recebeu a visita da vizinha de cima. Acompanhada do marido, a vizinha vinha oferecer seus préstimos para a nova moradora do andar térreo do edifício. Dona Beatriz, meio espantada, agradeceu muito e ficou olhando curiosa os dois se afastarem junto à parede. Começou a aprender ali que os cegos já vivem normalmente como todo o mundo. Ela ainda não sabia.

SEGUE

# É possível ser mestre, como Carnaíba

**GENTE**
CONTINUAÇÃO

Como quase tôdas as pessoas, Dona Beatriz ainda tinha a impressão de que o cego que não vive de pedir esmola só sobrevive em função de algum instituto ou fundação especializada. Mas sua opinião continuou a mudar com rapidez no dia seguinte. Ao levantar para preparar as crianças para o colégio, às 6 horas da manhã, ela viu que a vizinha de cima, Ana Luísa, bengala na mão, saía para o trabalho numa rotina igual à de qualquer outra pessoa. Mais ou menos uma hora depois o marido de Ana Luísa, Manuel Carnaíba, sòzinho também, saía em outra direção, para voltar apenas no fim da tarde, com o dia ganho, como tôda gente. Na verdade, Dona Beatriz aprendeu depressa que, fora uma ou outra limitação natural, Ana Luísa e Carnaíba trabalham e vivem perfeitamente integrados na normalidade das coisas.

## Fogo nítido

Carnaíba tem 32 anos e está cego desde os três e meio. Isso é quase como ter nascido cego, pois, visualmente, êle se lembra mesmo, como impressão nítida, apenas do fogo. Trabalha na Fundação para o Livro do Cego no Brasil, em São Paulo, como poderia trabalhar em vários outros lugares, porque, entre outras coisas, é também professor de matemática. Formado em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, especializou-se em Orientação Educacional em 1963. Tem, ainda, o curso de Administração Escolar e está no quinto ano de inglês da União Cultural Brasil-Estados Unidos, onde se matriculou no segundo ano, mas um mês depois foi promovido para três anos acima por resolução dos professôres. Isso, fora o curso de massagista (que muitos cegos fazem no Instituto Padre Chico, em São Paulo, e que também lhes pode dar independência econômica), o curso de datilografia e uma alta especialização na escrita dos cegos, o braille, inclusive taquigrafia.

A Fundação aproveitou duas dessas muitas habilidades de Carnaíba e, lá, há 10 anos, êle ocupa o cargo de Consultor de Braille e de Matemática. Às oito horas da manhã êle chega, depois de 20 ou 25 minutos de caminhada. Carnaíba não mora muito longe da Fundação; são uns 10 quarteirões com subidas, descidas e algumas travessias complicadas, mas êle prefere ir mesmo a pé. Das oito às três e meia da tarde, quando tem de bater o ponto de saída, dá assistência a tôdas as questões de braille. Questões que aparecem freqüentemente, porque na Fundação a imprensa braille não pára de funcionar. E encontra tempo também para tôdas as questões de matemática, que, fora os problemas pessoais dos alunos do curso regular, são mais raras de aparecer.

Durante todo êsse período, todos procuram Manuel Carnaíba: uma estereotipista de braille, uma revisora, um revisor, ou qualquer pessoa com dúvidas a respeito de pequenos detalhes da escrita dos cegos. Êle soluciona tôdas as questões, sabendo perfeitamente o que fazer, por exemplo, com os textos que estão em negrito ou em grifo na escrita normal (escrita a tinta, como êles dizem, embora nunca tenha visto, na prática, o que seja negrito ou que seja grifo). Às vêzes Carnaíba precisa levantar-se para uma consulta ao Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa, o de Aurélio Buarque de Hollanda, que tem na estante diante de si, em 52 volumes, correspondentes, na composição braille, ao volume comum da composição normal. Às vêzes é chamado à biblioteca, onde Dona Ivone não raro recorre também aos seus conhecimentos para discutir um problema qualquer.

**Só o começo foi difícil. Hoje, Carnaíba e Ana Luísa andam sòzinhos pela cidade.**

Dona Ivone tem na biblioteca da Fundação 1 675 obras concluídas, que em braille viraram 6 516 volumes ou 890 082 páginas transcritas por uma equipe de cêrca de 10 voluntárias. Elas trabalham em máquinas braille de datilografia, num lado só da fôlha de papel fino, que não permite a impressão dos dois lados como na estereotipia, onde se trabalha em cartolina. Isso aumenta consideràvelmente o número de páginas.

A biblioteca é uma das peças fundamentais da Fundação para o Livro do Cego do Brasil. De lá saem livros emprestados para todo o país, porque a Fundação é de âmbito nacional. Entre as obras mais solicitadas estão **Gabriela, Cravo e Canela,** de Jorge Amado, cuja transcrição deu 13 volumes em braille, e **O Senhor Embaixador,** de Érico Veríssimo, 12 volumes em braille. Mas a maior obra de ficção, em tamanho, é **Guerra e Paz,** de Tolstoi, 40 volumes em braille. Há também uma Bíblia resumida, em inglês, 21 volumes, doada por um cego falecido. A biblioteca é uma grande auxiliar, também, de estudantes de curso superior que não dispõem de livros em braille. Gente de vários Estados e do interior de São Paulo recorre às copistas da biblioteca da Fundação quando quer tratados de Direito, a maioria, ou outras obras, para formar-se. Do curso primário ao superior, há no momento, 25 cegos de vários Estados que estudam graças aos livros da Fundação.

## Visões da tarde

À tarde, depois de um cafèzinho no pequeno refeitório da Fundação, Carnaíba retoma, a pé, o caminho de casa. Nos dias de aula na União Cultural Brasil-Estados Unidos, sòzinho apanha um ônibus e vai ao centro da cidade. O centro da cidade é coisa simples para Carnaíba, que com o pessoal da Faculdade de Filosofia já foi ao Uruguai e à Argentina e, sempre sòzinho, vai muitas vêzes ao Rio de Janeiro, a serviço da Fundação, discutir problemas do ensino de matemática para cegos no Instituto Benjamin Constant.

Ao chegar em casa, Carnaíba já encontra Ana Luísa, que volta um pouco mais cedo de seu trabalho de telefonista no anexo do Museu Paulista, no bairro do Ipiranga. Ana Luísa é cega apenas há seis anos. Faz pràticamente todo o serviço de casa, mesmo cozinha — e Carnaíba afirma que muito bem. Para aprender locomoção, Ana Luísa teve muito mais dificuldade, e até hoje tem mais mêdo do que o marido. Lembra-se de que, quando enxergava, um de seus maiores prazeres de môça era fazer compras no centro de São Paulo, nas ruas próximas do Viaduto do Chá e do Teatro Municipal. Voltando para casa, sua alegria era passar vagarosamente pelo viaduto observando o Vale do Anhangabaú no entardecer: uma das mais belas visões de São Paulo como cidade grande, como metrópole, segundo ela.

Nas primeiras sessões de locomoção, quando ainda ia à cidade acompanhada, Ana Luísa se lembra de que o caminho escolhido pela instrutora era o Viaduto do Chá. E não esquece o primeiro treinamento: atravessou o viaduto em prantos. Era quase a hora do entardecer.

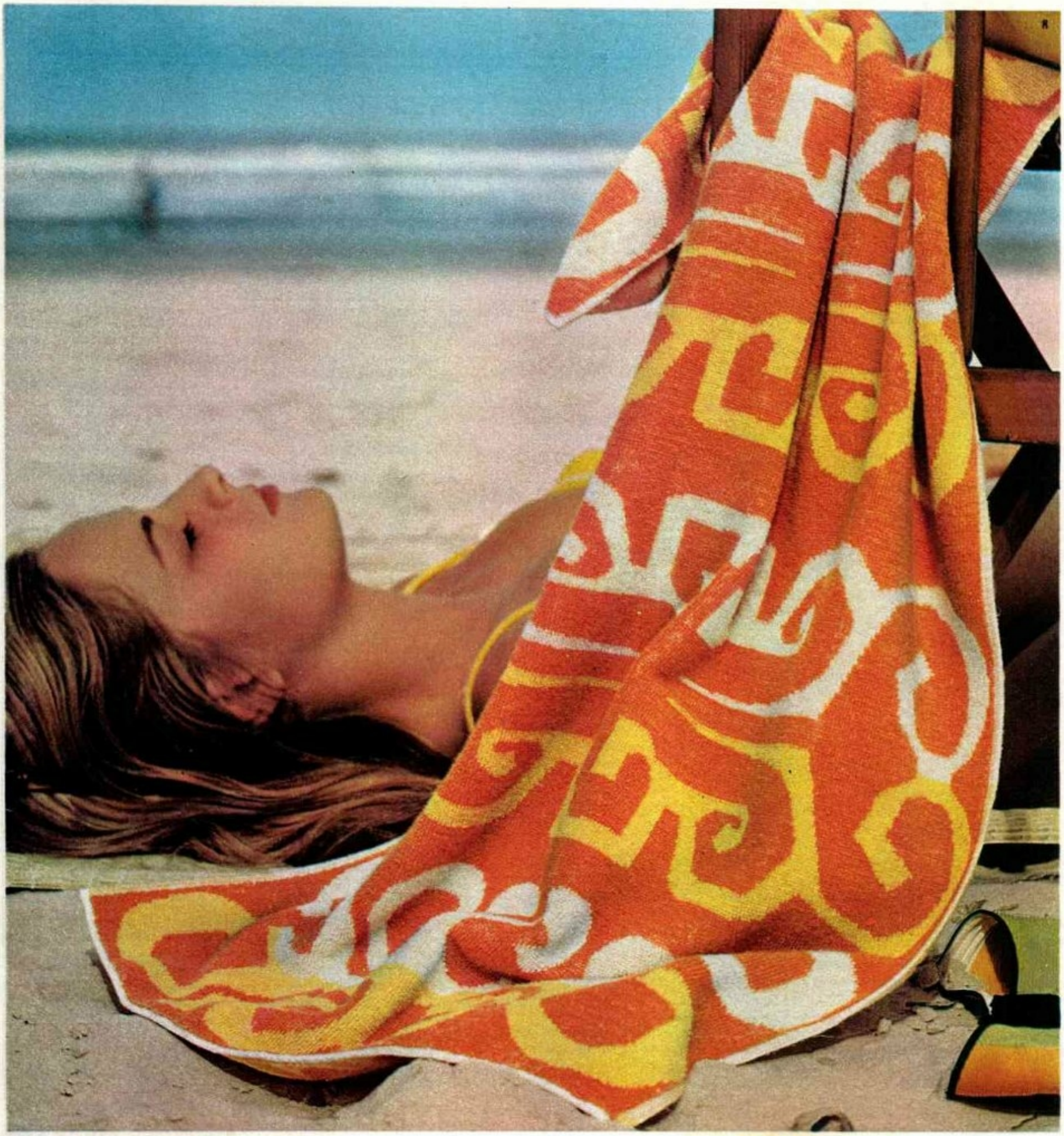
Hoje, Ana Luísa é uma mulher otimista. Sorri diante de tôdas as dificuldades, porque já aprendeu a enfrentá-las. Só uma coisa lhe falta e a êsse assunto ela volta a cada minuto: um filho. Poucas mulheres terão tanto desejo de ter um filho como Ana Luísa. Pensando no possível filho que terá e com o qual sonha desde o dia 10 de fevereiro, quando se casou, Ana Luísa já mandou vir até mesmo um termômetro especial para cegos, dos Estados Unidos:

— É para medir a febrezinha dêle. Tôda criança de vez em quando tem febre.

## Um mundo de côres

Carnaíba é um caso de exceção; já entrou para a Fundação contratado especialmente para ocupar seu cargo. A maioria dos que estão lá, entretanto, estão só de passagem e chegaram depois de um pequeno estágio no Centro de Reabilitação da Fundação. Mas há outras exceções. Ao lado da sala de Carnaíba, por exemplo, as mãos mergulhadas no

SEGUE



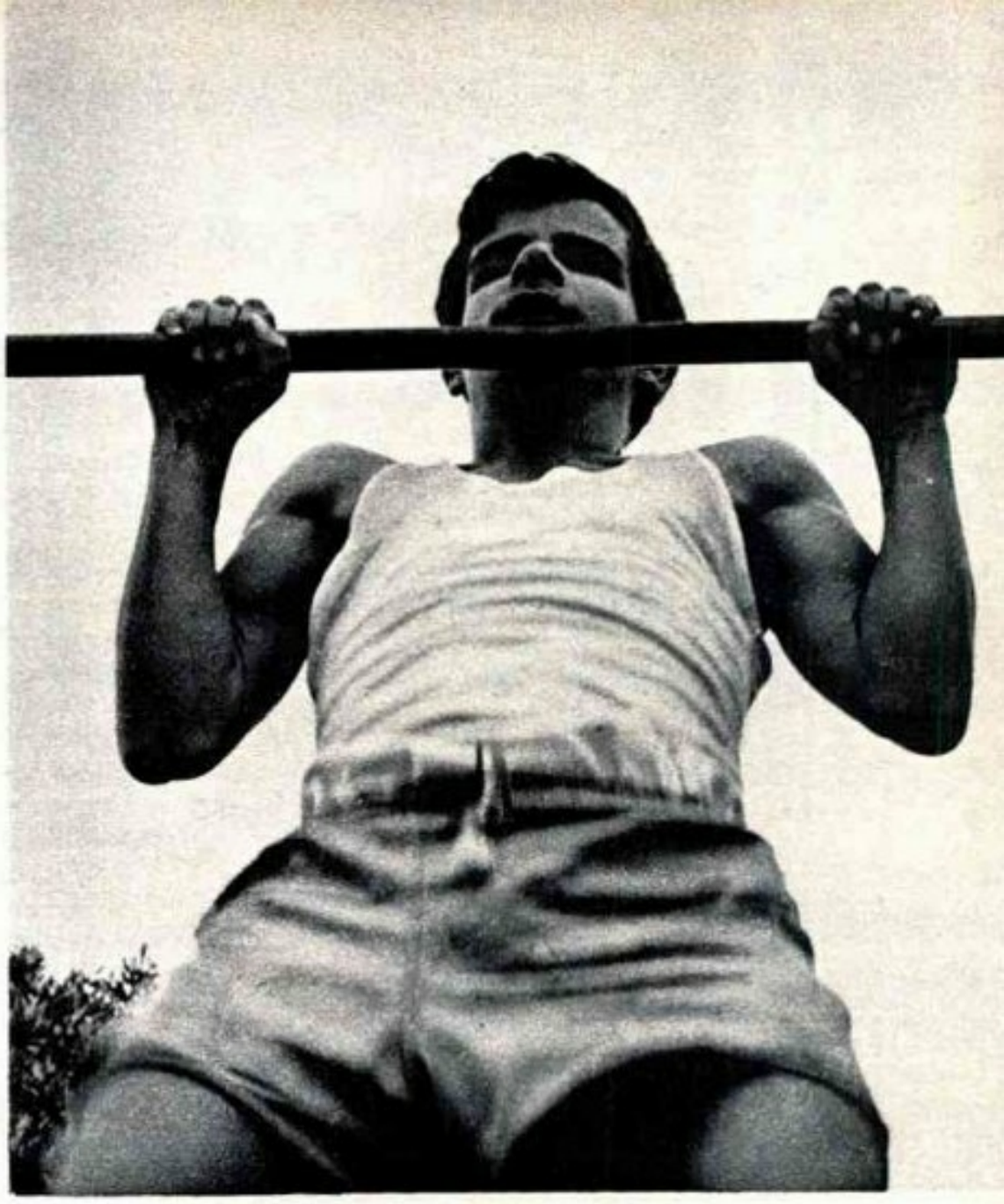
# Toalhas Garcia não merecem ficar escondidas no banheiro

As novas côres e as novas padronagens Garcia são tão lindas, tão lindas que... O que é bonito merece ser visto, não é mesmo?

EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S. A. - Blumenau - SC

Em cada produto Garcia há 100 anos de tradição.

# Uma instrutora de modelagem, como Inês



**Em primeiro lugar, a locomoção. É preciso dominar os movimentos.**

**GENTE** CONTINUAÇÃO

barro, trabalha alegremente em esculturas em argila a ceramista Inês de Melo Lima. Desde menina Inês sofria de grave deficiência visual, tinha o que tècnicamente se chama de **ambliopia.** E desde menina gostava de trabalhar com barro, na sua cidade de Casa Branca, São Paulo, ou nas fazendas da região próxima, até a cidade de Tambaú, chamada terra do barro, onde há uma excelente tabatinga, argila branca de primeira qualidade. Aos 15 anos Inês ficou cega de todo. Hoje deve ter uns 45. Mas ao contrário da maioria das pessoas em sua situação, quando as lembranças do pouco que viram vão se tornando aos poucos sensações mais e mais difusas, Inês afirma que "vê exatamente como se fôsse agora" tôdas as côres, "o vermelho, o grená (a côr do vinho), a côr do tijolo, a côr de laranja" e até variações como o azul-turquesa.

Inês entrou para a fundação em 1953, "mais por causa dos livros, porque eu queria saber a explicação de tôdas as suas palavras".

— Comecei a ler uns romancinhos de mocinhas, bem leves, e o que eu mais gostei foi **Mocidade Irrequieta,** de Magali, o mais bonitinho de todos. Mas nunca me interessava tanto pela história, pelo enrêdo dos romances, e sim pela descrição dos lugares, roupas etc. que êles faziam.

Depois, um dia, ganhou de presente de uma amiga uma boa quantidade de barro de Tambaú e, lembrando a infância, modelou ràpidamente uns bichinhos. Só então descobriu que ainda era capaz de fazê-los, pois nem acreditava mais nisso. Uma de suas professôras, então, vendo como em seus dedos ágeis o barro virava um bichinho perfeito em poucos minutos, arranjou um lugar para Inês na seção de cerâmica da Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna, onde Inês era a única cega, mas talvez a melhor aluna.

Agora Inês é instrutora de modelagem em cerâmica na Fundação. Muitos dos alunos que chegam vivem resmungando contra as desgraças da cegueira. Nas mãos de Inês mudam em pouco tempo. Um dos que chegou mais nervosos, o Sr. Silva, tinha até mêdo de andar.

Inês o animava com seu jeito simples:

— Ué, seu Silva, vai andando até a pia para apanhar mais barro. Não tem problema não. Fica calmo que êsse carneirinho vai sair bonitinho, depois nós vamos fazer um burrinho que é uma graça.

Poucos dias depois o Sr. Silva era outro homem e de sua bôca Inês ouviu o seguinte:

— A senhora sabe que, aqui, eu às vêzes até esqueço que não estou mais enxergando?

## A volta no quarteirão

Os que não estão no caso de Inês ou Carnaíba — cegos que, dizem, "já nascem reabilitados" — ficam alguns meses no Centro de Reabilitação, que funciona perto da Fundação numa casa comum. De lá êles saem para viver como todo o mundo. Passam um período na Fundação, onde já ganham um pouquinho e têm obrigações rígidas de horário, e seguem então para empregos normais em indústrias, e uma vida autosuficiente.

Ao Centro muitos dêles chegam até sem as noções mais primárias de qualquer tipo de conhecimento. Antes de começarem o treino de locomoção, por exemplo, precisam de longas explicações de Dona Vera, a instrutora em Técnica de Locomoção, sôbre o que seja uma calçada, um quarteirão ou coisas ainda mais simples para um "vidente" (é como êles se referem às pessoas que vêem). Depois dêsses ensinamentos iniciais, Dona Vera, que é mocinha de uns vinte anos, sai pelas ruas próximas do Centro acompanhando os alunos (clientes, no tratamento oficial do Centro). Acompanhando de longe, pois é necessário manter sempre a chamada distância técnica. Passa boa parte das tardes nesse trabalho de acompanhar cegos a distância e depois entrevistá-los sôbre os resultados que obtiveram, ou conversar sôbre o que observou, quando realmente os acompanhou, porque depois de um certo tempo êles têm de sair sòzinhos. Aos que se espantam em ver uma meninazinha assim entregue em tempo integral a êsse serviço ela responde em dois segundos:

— Só estou nisso porque gosto pra burro do meu trabalho.

E gosta mesmo. Por causa dêle, Vera deixou seu Estado, o Rio Grande do Sul, onde era professôra e não tinha possibilidade de especializar-se tècnicamente naquilo que desejava. Largou tudo e foi para São Paulo sòzinha. Especializou-se. Hoje faz o seu serviço com uma perfeição rara.

— A gente só faz as coisas bem feitas quando gosta do que faz. Quando gosta muito mesmo.

Depois de seguir José Arnaldo numa volta pelo quarteirão, Vera corre ao portão para verificar se Jerusa já vem chegando. José Arnaldo foi sòzinho ao banco para retirar um dinheiro e, nesse dia, não foi realmente o responsável por um pequeno problema surgido. Mas Jerusa, que vem chegando, já causou muitos problemas, que agora começa a superar com uma fôrça de vontade sem igual. Criada em uma família que lhe transmitiu um sentimento como que de vergonha de ser cega e ao mesmo tempo um orgulho de classe, às vêzes ainda muito vivo em cidades do interior, Jerusa chegou ao Centro um tanto desnorteada, embora cheia de vontade de mudar. No comêço não se conformava, ela que é da classe média para rica, em Feira de Santana, na Bahia, em dirigir-se de igual para igual aos companheiros do Centro.

Jerusa, em Feira, nunca tinha saído sòzinha às ruas e, sempre acompanhada por alguém da família, de certa forma disfarçava a sua cegueira, que é de nascença. Hoje Jerusa conversa alegremente com qualquer um dos companheiros, e tem amizade com todos. Também sai tranqüila pelas ruas, de bengala, sòzinha. Tranqüila até certo ponto, porque algum mêdo sempre lhe fica, como em qualquer um. Embora tenha pavor de cachorros, já aprendeu a enfrentá-los sem maiores mistérios:

— Eu sei que vou encontrar cachorros pela vida tôda.

Fazendo ginástica diante do professor Victor Hugo Diaz, um chileno fisioterapeuta da Fundação, Jerusa o interrompe

SEGUE

# Responda honestamente: você merece um Wallig?

Wallig, o fogão, foi projetado para aquêle tipo de dona-de-casa que adora cozinhar, tem o toque do tempêro e sabe aproveitar todos os recursos à mão.

Veja só que detalhes tem o Wallig Visoramic:

Flamatic, que acende instantâneamente cada um dos queimadores, sem uso de fósforos, acendedor elétrico, etc. Se o vento apaga a chama, Flamatic reacende na hora. Você nem precisa tomar conhecimento.

Luz no fôrno, com interruptor externo. O fôrno é isolado com lã de vidro: aquece com maior rapidez e não esquenta o ambiente. E tem Contrôle Automático de Temperatura, para mantê-la uniforme durante todo o tempo de cozimento.

Gaveta assadeira conjugada com o queimador do fôrno. Pode ser utilizada ao mesmo têmpo que o fôrno, sem gasto adicional de gás.

A grelha integral permite empurrar as panelas sem desequilibrá-las. O tampo bandeja torna mais rápida a limpeza e impede que caia gordura, leite derramado, fuligem, etc., dentro do fogão.

E os roletes ainda facilitam quando é preciso afastar o fogão para limpar o piso.

Wallig criou e aperfeiçoou todos êsses detalhes por esta razão: as boas donas-de-casa dão importância às horas passadas na cozinha. Isto é o bastante para você merecer Wallig, o fogão.

Standard Propaganda

# Uma jovem cheia de esperança, como Jerusa

**GENTE** CONTINUAÇÃO

rindo quando êle diz que determinado exercício ajuda até a aprender a dançar:

— E o senhor pensa que eu não sei dançar?

— É. E também vai melhorar muito sua técnica em locomoção, Jerusa.

— Que bom. Quando eu chegar à Bahia quero imprimir um nôvo ritmo à minha vida. Andar pelas ruas sòzinha, com a minha bengala. Passar de professôra de cegos a professôra de alunos comuns. Ser, enfim, inteiramente normal, e aperfeiçoar-me cada vez mais em tôdas essas coisas.

## A luta íntima

Na busca de condições para ser professôra de pessoas que vêem, Jerusa sobe logo depois para a aula de técnica em comunicações, com Dona Maria Cristina. Toma um banho, sai muito elegante (ela gosta de andar muito bem cuidadinha e se veste com um bom gôsto extremo) e passa à nova sessão. A professôra faz-lhe um ditado no quadro negro. Jerusa primeiro escreve no quadro especial, que tem algumas linhas em relêvo discreto. Depois passará ao quadro comum. Já escreve no papel, também, com o auxílio de um aparelhinho que mantém sempre retas as suas linhas. Em breve prescindirá dêle. Enquanto faz o ditado, a professôra mostra umas fôlhas em que Jerusa tem escrito às vêzes ditados, às vêzes qualquer coisa espontânea, o que lhe vem à cabeça:

"Tenho muito mêdo de sucumbir na tremenda luta que terei de travar comigo mesma. Mas tenho que superar êste mêdo e muitas outras coisas, como as inúmeras perguntas indiscretas que tanto me aborrecem, aquêle espanto incontido, que deixa transparecer um misto de surprêsa e ao mesmo tempo piedade. É impossível falar sôbre tudo que terei de enfrentar. Confiança e coragem."

José Arnaldo, que veio do banco pouco antes de Jerusa terminar a volta no quarteirão, está agora entregue a Dona Keiko Tanigaki, uma japonesinha simpática, responsável pela parte de Terapêutica Ocupacional. José Arnaldo tem só 17 anos. Chegou há pouco tempo ao Centro, desconhecendo alguns dos ensinamentos mais elementares no relacionamento da vida normal. Dona Keiko o mandou fazer um bonequinho de barro, pois também no seu setor se faz modelagem, entre outras atividades.

José Arnaldo começa a modelar um homenzinho. Quando chega no órgão sexual reluta ligeiramente, mas afinal acaba fazendo, diante da recomendação mansa de Dona Keiko:

— Faça o que você achar que deve fazer.

Em matéria de proporções José Arnaldo está próximo do razoável, mas parece que sua insatisfação cresce quando termina a obra, que só merece elogios. Animado pela boa vontade e pela atitude doce, mas firme, de Dona Keiko, êle avança a pergunta:

— Dona Keiko, eu queria aprender como é o da mulher.

Então, Dona Keiko se complica um pouco, por uma questão de técnica de escultura, que não é exatamente sua especialidade. Porém, sem engasgar, diz que evidentemente vai atendê-lo, mas que faltam condições imediatas para isso e o problema será levado a Dona Noêmia Neves, administradora do Centro, e a Dona Edileda Souza, assistente social de casos. Volta e diz que serão obtidas em um hospital, ou num educandário qualquer, amostras completas do corpo da mulher.

## Aprendendo a ver

Pelo serviço social de grupo a responsável é Dona Marilda Resende. Das outras atividades individuais, a que vai levar uma boa parte dos clientes à Fundação, já ganhando algum dinheiro e com colocação futura numa indústria, é a Unidade de Avaliação para o Trabalho, sob a responsabilidade do Sr. Carlos Perrone. Ali, cada cego ou amblíope aprende ou aprimora pequenas habilidades manuais com o auxílio de algumas fábricas, que enviam pequenos aparelhos para montar.

O dia de cada um, no Centro, começa às doze horas, com o almôço, que é parte integrante de uma outra unidade de trabalho chamada Atividades da Vida Diária. Os cegos aprendem desde cortar o bife até a passar a ferro ou fazer a barba, no caso dos homens, e a enfeitar-se e a selecionar ou combinar bem as roupas, broches, etc., no caso das mulheres. João, cego de nascença, o mais espirituoso entre os rapazes do Centro, já sabe razoàvelmente que primeiro é preciso colocar no prato os alimentos que devem ser cortados — e cortá-los. Mas ainda tem certa dificuldade em apanhar a vasilha plástica de água gelada e encher o copo, por causa de um pequeno defeito de coordenação nos movimentos dos músculos do antebraço. A questão, entretanto, sem deixar de ser encarada com seriedade, cai sempre num terreno alegre, com a ameaça constante de um banho a que fica sujeita então Dona Maria Helena, a instrutora.

O trabalho de Dona Maria Helena, especialmente neste caso, tem de ser coordenado com o do fisioterapeuta Victor Hugo. Como coordenadas são, na verdade, tôdas as atividades do Centro, sob o império da locomoção — que é o que, afinal, dá maior sentimento de liberdade ao cego. De um modo geral, o cego que se tornou auto-suficiente em matéria de locomoção está apto a fazer pràticamente tudo.

## Ensinando a viver

— Integração é um problema do mundo. Não há nada de especial nisso. Integração racial, integração dos marginalizados, integração, afinal, do homem no universo. É por isso que até hoje a humanidade continua a lutar.

Dona Dorina de Gouveia Nowill, presidente da diretoria da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, procura logo mostrar o espírito com que dirige a Fundação, eliminando totalmente o paternalismo, "que hoje em dia não pode mais existir".

SEGUE

**Depois que aprende a movimentar-se naturalmente, o cego tem maior liberdade, auto-suficiência. Então, com um simples estágio no Centro de Reabilitação, já tem um ofício.**

# Tudo é possível, até esquecer a luz

Cega desde os quinze anos, casada e mãe de cinco filhos, Dona Dorina não espera que as soluções dos problemas venham a ela; por isso está sempre correndo atrás dessas soluções.

— Se há alguém que não pode acreditar em impossibilidade alguma neste mundo, sou eu. Comecei a aprender as coisas no tempo em que no Brasil não havia especialização para cegos, e quando nem mesmo as regletes para a leitura de braille podiam ser encontradas. Foi numa pauta especial que iniciei meu aprendizado de braille e foi lutando que consegui tudo na minha vida.

Dona Dorina fêz um curso de treinamento para professôres especializados nos Estados Unidos, durante quinze meses, incluindo a parte prática. Foi lá que conseguiu a doação da imprensa braille para a Fundação e só a partir dessa conquista é que os cegos de todo o Brasil começaram a obter livros para ler. Sua grande satisfação é que está vitoriosa uma das principais lutas da Fundação: a integração dos estudantes cegos entre os meninos "videntes", nas mesmas classes, através de portaria do Ministério da Educação.

Mas essa conquista não é tudo para Dona Dorina. Ela é também a Diretora Executiva da Campanha Nacional de Educação de Cegos, do Ministério da Educação, que funciona na Fundação para o Livro do Cego, e tem como meta, no momento, a criação da imprensa eletrônica braille, que só existe na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, com o auxílio dos computadores das Universidades. Além da imprensa eletrônica, a Fundação do Livro Falado é um dos grandes objetivos da entidade. Atualmente, já se gravam livros em fitas gravadas, **cassettes,** e há pedidos do Brasil inteiro. Muitos dos cegos que dispõem de gravador estabelecem um rodízio de gravações, mas ainda é preciso ampliar e organizar o sistema em bases definitivas. Em breve, a Fundação vai receber uma rotativa braille conseguida por Dona Dorina nos Estados Unidos, e deverá imprimir inclusive algumas revistas brasileiras para distribuição aos cegos. A rotativa só chega em janeiro, mas Dona Dorina já tem prontos até os orçamentos para a impressão das revistas.

Dona Dorina dá a impressão de que nunca teve mêdo do dia de amanhã nem de qualquer dificuldade que precisou enfrentar. E a sua grande alegria é que a Fundação consiga transmitir êsse sentimento de coragem e determinação a todos os cegos que por lá passem. Ela guarda com especial carinho a frase de uma carta que recebeu de uma reabilitada: "Hoje é o amanhã que eu tanto temia ontem".

Numa sala da Fundação, dois funcionários tentam explicar porque acabaram dedicando a vida a êsse trabalho, o pior do mundo para quem nunca viveu alguns dias lá dentro, mas o melhor de todos para êles:

— A gente trabalha porque gosta, porque tem um lado de satisfação íntima muito compensador, por uma porção de razões. Mas no duro, a gente trabalha aqui por causa de Dona Dorina. Dá gôsto trabalhar com pessoa assim.

## Luzes acesas

Dona Beatriz está com visitas no andar térreo e Carnaíba e Ana Luísa estão com visitas lá em cima. Um dos assuntos preferidos de Dona Beatriz é contar como aquêle casal de cegos vive perfeitamente integrado na vida comum.

As visitas de cima e de baixo saem quase que ao mesmo tempo. Antes de deitar, Dona Beatriz lembra-se de dar uma olhadinha lá para o alto e vê que Carnaíba e Ana Luísa já vão dormir mas esqueceram as luzes da sala acesas. Sobe e avisa, para prestar o favor, porque Ana Luísa e Carnaíba também vivem ajudando em tudo o que podem — e êles podem muito, são jeitosos, dedicados e hábeis. Mas sempre se esquecem de apagar as luzes, porque só costumam acendê-las para quem precisa. FIM

**Quando já têm um trabalho, como qualquer pessoa, levam vida normal. Ana Luísa e Carnaíba vão sòzinhos para o emprêgo, passeiam, recebem e fazem visitas.**

*Extrato, parfum de toilette.*
*E agora também num delicado*
*spray mist para você levar na bôlsa e*
*nunca estar desarmada.*
*Imprévu é intenso, profundo, moderno.*
*Use-o naqueles pontos mais vivos, elétricos,*
*que até parece que pulsam mais:*
*Entre os seios. Na nuca. Em cima dos lábios.*
*Atrás das orelhas. Atrás dos joelhos.*
*Você nem imagina o que*
*pode acontecer um minuto depois.*

*Você nunca sabe quem você realmente é até usar Imprévu.*

Imprévu

*Uma fragrância internacional*
*de* COTY

*Agora*
*também em*
*Spray Mist*

**A cidade de 6 milhões de habitantes está ameaçada, contam os jornais: Pedrinho, ousado assaltante, apavora São Paulo. Nos bairros, tôdas as noites, policiais armados de metralhadoras se escondem até em cima de árvores para apanhá-lo de surprêsa. Porque dizem que êle é muito perigoso, que já fêz mais de quarenta assaltos, que usa dois revólveres e tem boa pontaria. Dizem mesmo que já matou gente. Mas o bandido de quem todos falam foi prêso sem nenhuma reação. Esta reportagem é um alerta aos pais e às autoridades, pois**

# PEDRINHO NÃO PASSA DE UMA CRIANÇA

Texto de Dirceu Soares

Os jornais estão em tôdas as bancas e, na Vila Mariana, São Paulo, as notícias policiais que falam de muitos crimes, assaltos e bandidos sugerem uma ameaça à calma do bairro. A tarde é tranqüila. Um garôto passa sem olhar as manchetes, prefere ver as vitrinas das lojas de roupas. Parece gostar de andar sempre arrumadinho, veste uma japona marrom combinando com os sapatos côr de café. Constantemente passa a mão nos cabelos prêtos que caem na testa clara, quase sôbre os olhos castanhos, no rosto simpático. Um policial que também passeava por ali olha-o por acaso, um menino de boa família, limpinho, tão diferente de tantos outros que andam mal vestidos, roubando ou vadiando pela cidade. Mas o menino não gosta do guarda olhando-o. Faz uma careta e mostra a língua:

— Nunca viu, cara de pavio?

O guarda acha aquilo um absurdo. Menino malcriado, fazer isto com uma autoridade. É demais: pega-o pela gola da japona, chama um táxi e leva o garôto prêso. Quando o menino chega à delegacia, há um rebuliço completo. Os investigadores, apavorados, metem um par de algemas nos pulsos do menino e trancam-no numa sala isolada enquanto gritam para o guarda:

— Cuidado, êste pivete é perigoso.

O guarda se sobressalta: tinha prendido Pedrinho.

## O menino escondido

— Pedrinho, quando você foi prêso?

— Dia 26 de junho. Foi bobeira minha. Mas já fui prêso outras vêzes e fugi.

Pedrinho está no Recolhimento Provisório de Menores, na Avenida Celso Garcia. Suas roupas bonitas — a japona marrom custou-lhe NCr$ 80,00 na Garbo — foram trocadas pelo uniforme azul dos meninos presos. E quando leva a mão à cabeça para ajeitar os cabelos, num gesto que se tornou mania, já não os encontra mais. Foram cortados rentes "por medida de higiene". Seus cabelos eram louros, o menino pintou-os de prêto, poucos dias antes da prisão, para despistar a polícia. Sem a moldura das roupas e dos cabelos grandes, Pedrinho fica feio: o lábio caído, que o deixa quase sempre com a bôca aberta, mostrando dois dentes da frente quebrados nas pontas, o nariz um pouco grosso e a testa franzida. Parece um menino anormal, bobalhão. Mas esta impressão é logo apagada pelos seus olhos castanhos claros muito vivos, que observam tudo sem ser preciso que êle mova a cabeça. Não parece ter treze anos. Seu corpo forte, o peito largo e as feições quase duras escondem o menino. Está mancando por causa de uma bala que ainda tem na perna. Fala um pouco de arranco, chega às vêzes a gaguejar. Trata tôdas as pessoas mais velhas do Recolhimento por senhor e raramente usa gíria, a não ser com seus colegas presos ou nos depoimentos na polícia. Fala pouco, ou nada, se lhe perguntam sôbre aventuras, nomes ou paradeiro dos amigos.

— Pedrinho, você já almoçou?

— Já. Comi arroz, feijão, um bife grande.

Diz que está gostando do Recolhimento, a comida é boa, e êle fica numa cela com seu irmão Joãozinho, prêso poucos dias depois dêle. Só tem uma reclamação: gostaria de sair da cela como os outros meninos para tomar sol no pátio. Agora só consegue pegar sol nos braços, através das grades da janela. Não aceita cigarros porque não fuma e, de presente, prefere ganhar doces. Doces de pêssego. Roupa não adianta, só pode usar o uniforme. SEGUE

FOTO DE YWANE YAMASAKI

# E já conhece tudo: maconha, armas, mulheres

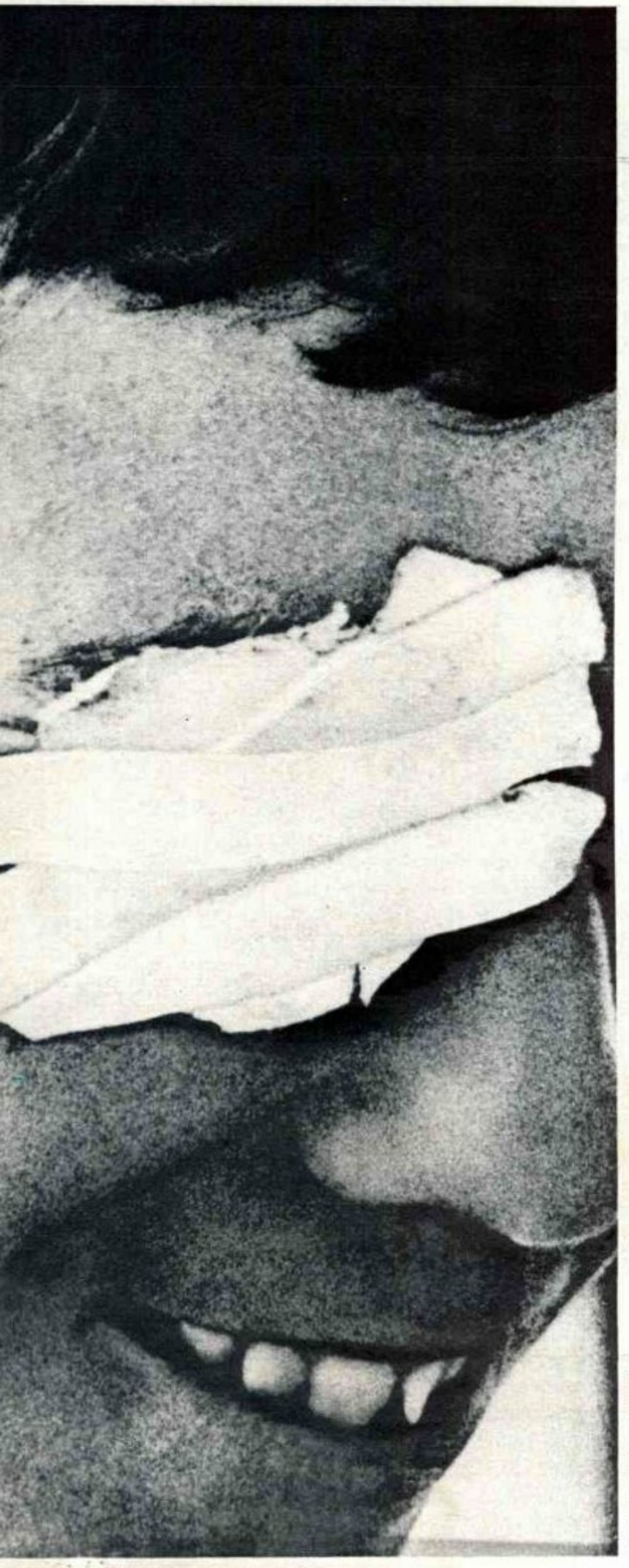


FOTO DE DERLY MARQUES

**Joãozinho, irmão de Pedrinho, levou tiro no ôlho, num assalto.**

**PROBLEMA**
CONTINUAÇÃO

Fica um pouco acanhado com pessoas estranhas, reação denunciada principalmente pelas pontas de suas orelhas avermelhadas. Porém, à medida que a conversa evolui, suas orelhas e suas palavras vão-se tornando mais claras. Chega a rir, mostrando covinhas do lado direito do rosto e perdendo, por completo, o aparente ar de bobalhão. Olha o uniforme azul e faz piada sôbre si mesmo, cantarolando:

— "Vesti azul, minha sorte então mudou".

De repente, fica sério:

— Mudou para pior. O chato é ficar prêso.

Olha a janela, fica calado um pouco, depois dá um sorriso meio safado e conta:

— Legal foi a viagem que eu fiz a Aparecida do Norte. Eu e o Nardão, um amigo meu que também foi prêso de nôvo. Êle tem dezoito anos, já é de maior. Conheci êle no Departamento de Investigações, em fevereiro. Fiquei lá um mês. A polícia botou dezenove anos na minha ficha, de modo que só tinha eu de menor lá na cela, junto com uns dez caras. Passei o carnaval em cana. Aquela vez que viajamos, a polícia estava procurando a gente aqui e nós lá em Aparecida, passeando. Primeiro, fomos para Santos, nos divertimos na praia do Gonzaga. Depois voltamos a São Paulo. A barra continuava pesada e, então, pegamos um táxi e nos mandamos para Aparecida. Que rezar o quê? Fomos passear. Íamos ficar só dois dias, pedimos ao dono do táxi para esperar, estávamos pagando tudo. Mas resolvemos ficar uma semana, o homem veio embora. Passeamos lá onde acharam aquela santa, tiramos retrato diante da igreja. Ficávamos num hotel e comíamos em restaurantes. Tudo do bom e do melhor. A gente tinha 2 milhões para torrar.

— Antes, quando você trabalhava, ganhava quanto?

— Setenta contos por mês. Depois que eu comecei a roubar, todo dia eu tinha mais de cem contos no bôlso.

## As lições da vila

A Vila Clara, onde Pedrinho começou a ficar conhecido como assaltante, é um bairro pobre. Há quinze anos, êsse e outros da Zona Sul — Santo Amaro, Americanópolis, Aeroporto, Jardim Míriam, Jardim Consórcio, Jardim São Luís — eram pràticamente desligados da cidade. Todos núcleos residenciais de operários, que conseguiam ali terrenos, construções e aluguéis mais baratos. Nos últimos anos é que a cidade chegou até lá, levando o comércio e as residências luxuosas, aumentando o desnível social. O asfalto e a boa iluminação não chegaram com a cidade. Há muitas ruas de terra, barracos, terrenos vagos, mato e pequenas elevações, onde um bandido pode se esconder fàcilmente. À noite, são comuns os tiros, os carros em disparada, arruaças em portas de bares ou em pontos de maconheiros.

Os meninos pobres, geralmente, começam trabalhando nas feiras como carregadores de compras para as donas de casa. Ali conhecem outros meninos que já furtam e passam a fazer pequenos roubos na própria feira ou pela redondeza. O convívio se estende também a bandidos experientes — dentro ou fora de prisões — e cedo os meninos aprendem a fumar maconha, tomar injeção de tóxicos *(picada),* a beber, a ter relações com prostitutas, a atirar e a se familiarizar com o crime. Do furto, antes apenas para comer, passam a assaltos a mão armada, bem maiores. Há também a vaidade: um querendo superar o outro nas façanhas. E, em todos, uma grande obsessão pelo carro. Roubar um e sair dando voltas, pegando garôtas, usando-o para outros

SEGUE

# Nós fazemos as tintas. As paredes fazem nossos anúncios.

## Tinta mesmo é YPIRANGA

**40 anos de liderança fazem a diferença.**

**Grátis!** Escreva para Tintas Ypiranga S.A. - Caixa Postal 2454/ZC 00 - Rio de Janeiro, e receba inteiramente grátis o folheto "Côr e Decoração" com orientação prática para você utilizar nossas tintas e você mesmo decorar o seu lar.

Profissão:

Endereço:

Cidade:

Estado:

# Pobreza, gíria, os malandros profissionais

FOTO DE FRANCISCO NELSON

**Aparecido, 8 anos, não é bandido. A mãe acha que êle vai ser.**

furtos ou, simplesmente, dirigi-lo em alta velocidade é uma grande realização para um menino daquêles.

**PROBLEMA**
CONTINUAÇÃO

Agem quase sempre em grupos. E êstes grupos se unem, formando um todo, principalmente na autodefesa contra a polícia. Quem trai, delata ou facilita o trabalho policial pode levar um tiro de qualquer bandido. Com mêdo de uma reação violenta, muitos habitantes da região, que conhecem os bandidos, preferem ficar à margem dizendo sempre "não sei" ou "não vi". Quando a polícia aparece, a notícia corre ràpidamente pelas ruas estreitas e poeirentas, atravessa os quintais, as portas, as paredes e chega até os bandidos dentro dos esconderijos. Um menino pequeno, uma prostituta, uma velha, eis o meio de comunicação.

O policiamento normal é pequeno. Nas batidas maiores, vem refôrço de Santo Amaro ou do centro da cidade. Sobrinho, um investigador de 40 anos e 24 de polícia, da 43.ª Delegacia, entende melhor aquela gente que a maioria dos policiais. Usa o revólver 38 do lado esquerdo, virado para fora para puxá-lo rápido. Mas não é esta a sua grande arma; é a calma e o tratamento amigável com as pessoas. De uma conversa informal, depois de um "bom dia" ou um "como vai?", pode colhêr pequenas informações que, somadas e analisadas, levam a bons resultados no esclarecimento de crimes ou na localização de bandidos.

— Na violência é difícil conseguir alguma coisa — diz êle.

E, no seu dia-a-dia, vai compreendendo aquêle mundo marginal. Conta que nem todos "são feios como pintam", e já houve casos em que saiu para pegar um "grande bandido" e encontrou um rapaz chorando. Sabe também que, muitas vêzes, êles agridem porque são agredidos. Sobrinho tem uma filosofia:

— Quando acabar a miséria, os bandidos da Vila Clara também vão acabar.

Marginalizados, os bandidos também se afastam das outras pessoas e se fecham. Só êles conhecem certos lugares, certos golpes. Também sua linguagem é diferente: "Vou pro cuntrunco, tem um pinta segurando as pontas nas cabeceiras", quer dizer: "Vou pra casa, tem um amigo me esperando na esquina".

## A triste regra

Miguelão, Joãozinho, Pedrinho e Chiquinho não foram exceções entre os meninos pobres da Zona Sul. Também foram às feiras, começaram com pequenos furtos, conheceram bandidos maiores, freqüentaram prostitutas, fumaram maconha, esconderam-se, também se fecharam e também falam uma língua própria.

— Pedrinho, e seus irmãos, sua família?

— Estão por aí. Com meus irmãos eu quase não ando. São irmãos como podiam ser amigos ou conhecidos ou qualquer outra pessoa. Depois, êsse negócio de andar junto só complica. O melhor é viver cada um para o seu lado. Minha mãe veio me visitar outro dia.

Cada um para seu lado passou a ser a norma de vida dos quatro irmãos e da própria mãe, Lázara Gabriel, desde que perderam o pai. Chamava-se Jacinto de Souza Andrade, era feirante. As pessoas que o conheceram dizem que foi muito violento, vivia conversando sôbre armas dentro de casa, andava com uma faca na cintura. Dizem também que êle matou quatro pessoas. Já velho, em 1965, morreu atropelado perto de sua casa, na Rua da Paz. Era viúvo quando conheceu Lázara, e viveu com ela alguns anos antes de se casar.

SEGUE

**êles verificam sempre o óleo!...**

**não deixam de limpar o pára-brisa!...**

**e nunca esquecem a bateria!...**

**Para o revendedor Atlantic, o carro mais importante do mundo é o seu**

# Atlantic serviço nota 10!

ATLANTIC

COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

# Briga em família, fuga da prisão, castigos

Logo depois da morte de Jacinto, a mulher mudou-se com os filhos para a Rua Rodrigues Alves, onde arranjou outro companheiro, Herculano, um baiano que trabalhava como encanador. Os meninos não gostavam de Herculano e nem Herculano dêles. Brigavam sempre. Um a um, Miguelão, Joãozinho, Chiquinho e Pedrinho foram abandonando a casa. Passaram a dormir em casas de amigos ou mesmo na rua. Pedrinho foi o último a sair e o único que ainda visitava a mãe e lhe levava dinheiro.

Lázara mora com Herculano e o caçula, Aparecido, de oito anos, também filho de Jacinto, num barracão miserável, em Americanópolis. Está com uns 35 anos. Não sabe exatamente a idade, nem onde nasceu, não tem nenhum documento. Só lembra que foi criada por uma família em Lambari, Minas. Mas se *perdeu* quando era ainda menor, a família expulsou-a e ela foi parar no Juizado de Botucatu, São Paulo, como abandonada. Fugiu e veio para as ruas de São Paulo, onde conheceu Jacinto. Sua conversa é desordenada, Lázara parece muito distraída. A fisionomia é de índia, o nariz chato, a côr morena, os cabelos prêtos e muito lisos. Também parece muito cansada. Herculano diz que ela veio de Mato Grosso. De fato, Miguelão, Pedrinho, Joãozinho e Chiquinho foram passar o último Natal em Campo Grande, possìvelmente em casa de parentes.

## Miguelão e os outros

Quando os meninos eram pequenos, Lázara obrigava-os a pedir esmola na rua. Nenhum dêles ia e ficavam revoltados, falavam em arranjar um emprêgo qualquer. Depois que Jacinto morreu, as coisas se complicaram mais. A casa da Rua Rodrigues Alves era menor ainda que a da Rua da Paz. A pobreza aumentou, ùltimamente Jacinto andava doente, ficou até cego, e não trabalhava mais. Os meninos mais velhos arranjaram pequenos empregos, a mãe lavava roupa para fora.

Miguelão cuidava de cavalos de carroceiros, levava-os aos pastos. Depois, foi tomar conta de carros no restaurante Bayuvar, na Avenida Santo Amaro. Nunca foi à escola, nem quando o pai era vivo. Foi o primeiro a se corromper, ficando amigo de meninos delinqüentes e aprendendo a fumar maconha. Em casa, brigava com o padrasto, com a mãe e com os irmãos. Os quatro meninos dormiam amontoados num só quarto e, muitas vêzes, Miguelão tentava se aproximar dos mais novos à fôrça, provocando novas brigas. Quando Miguelão entrou para o bando de Quincão, nunca mais apareceu em casa. Em março dêste ano foi prêso e, como já tem 18 anos, está na Detenção. É um rapaz forte, abrutalhado, louro, de cabelos bem lisos, gosta de usar camisas coloridas. Seu nome é Antônio, mas nas rodas de bandidos da Zona Sul ganhou o apelido de Miguelão — que na gíria quer dizer *bobão* — por causa do jeito caipira.

— Poucos antes de sair de casa, ninguém mais agüentava êle lá — diz Lázara. Nem eu: não me deixava dormir, me jogava fósforos acesos, me dava murros na cabeça. Não quero ver êle nunca mais. Joãozinho e Chiquinho também não me interessam. Não gostam de mim e eu muito menos gosto dêles. Ouvi falar que Miguelão, Joãozinho e Pedrinho estão presos. Só vou visitar Pedrinho, dêle não tenho queixa. Só me resta o Aparecido, mas sei que mais cedo ou mais tarde vai seguir os irmãos.

Joãozinho, na mesma cela de Pedrinho, no Recolhimento, fala da mãe como se fôsse uma figura distante:

— Quando a gente dava dinheiro para ela, ela nem queria saber de onde vinha. Dizia que nós temos a nossa vida, sabemos o que fazer dela. No tempo em que o pai vivia, a gente ainda se combinava. Depois veio aquêle Herculano que ninguém suportava. O jeito era sair de casa mesmo.

**PROBLEMA**
CONTINUAÇÃO

De todos os irmãos, Joãozinho foi o que estudou mais. Foi até o quarto ano primário. Pedrinho largou no terceiro, jamais gostou de aulas, acabou expulso da escola. Como os outros meninos, preferia ir à feira e ficar conversando com amigos, rindo, vagabundando, ou soltando papagaios. Até hoje lê muito mal. Chiquinho só fêz o primeiro ano. Os três estudaram nas Escolas Agrupadas do Alto da Boa Vista. Aparecido, o de oito anos, ainda não foi matriculado em nenhuma escola.

Joãozinho está com catorze anos, é alegre, inteligente, mais conversador. Também trabalhou antes de roubar. Fêz serviços de entregas, depois engraxou sapatos e tomou conta de automóveis num supermercado. Ùltimamente estava morando em vários lugares e, em cada um, deixava um pouco de suas roupas. Às vêzes dormia na casa de um sírio, Francisco Charfik, pai de Turquinho, de quinze anos, que também furtava automóveis em Santo Amaro e foi amigo de Miguelão.

Joãozinho não lamenta o ôlho que perdeu com o tiro. Diz, rindo, que logo se acostumou. A bala já foi extraída, mas no rosto ainda estão os esparadrapos do curativo. Uma outra bala que levou na coxa esquerda, porém, continua lá; não incomoda. Êle conta como foi:

— Eu tinha ido num cinema e encontrei uma turma que estava dando volta num carro roubado. Êles iam para Santo Amaro, me deram carona. No caminho, resolveram assaltar uma padaria. Fui ajudar mas entrei pelo cano: o padeiro estava armado, apareceu dando tiros, me acertou o ôlho e a perna. Fui levado para o Hospital das Clínicas, depois para o Juizado e de lá para cá. Isso no comêço de junho.

O menino estava na enfermaria, ôlho vazado, mancando, ninguém pensou que êle fôsse fugir. Joãozinho e outros garotos internados furaram o teto, tiraram as telhas e saltaram pela parede de 4 metros. Um dêstes meninos tinha o pé engessado. Quando Pedrinho foi prêso, Joãozinho estava com êle vendo vitrinas. Saiu correndo. Hoje, Joãozinho está querendo se "aposentar":

— Estou parado já faz algum tempo. Tenho pensado em partir para os bons atos. Depois, nem dá mais: um ôlho furado, uma bala na perna, chega. Quando fui prêso, agora, eu já ia me entregar. Mas nem cheguei até a delegacia, um tira estava me seguindo e assim que saltei do táxi êle me prendeu.

Chiquinho, de doze anos, ainda não foi prêso, anda sumido pela Zona Sul. De vez em quando é visto, alegre, passando num carro roubado em alta velocidade, cantando os pneus nas curvas. É tão pequeno que dirige em pé. Sentado, não alcança os pedais nem enxerga pelo pára-brisa.

## As façanhas

— Pedrinho, quantas vêzes você roubou e matou?

— Não, eu não matei ninguém. Nem sei atirar, disparo o revólver pelo rumo, sem olhar direito. Agora quando fui prêso levei muitos bolos nas mãos para contar coisas que não fiz. Êsse bandido que estão dizendo que eu matei, nem sei quem é. Quando mataram o padeiro num assalto, eu estava com a turma mas não atirei nêle. Não,

SEGUE

# esta marca identifica uma dinastia automobilística

Desde 1910, quando o primeiro Alfa Romeo saiu das oficinas da Anonima Lombarda Fabbrica Automobili, muitos carros dessa marca fizeram história nas pistas de corrida, passando o cetro da vitória de modêlo para modêlo. Aliando a mais atualizada engenharia automobilística às mais avançadas concepções estilísticas, o Alfa Romeo manteve-se sempre na vanguarda da fabricação dos automóveis "puro sangue". No Brasil, tôda essa longa experiência foi adaptada às condições locais para produzir um carro de categoria internacional: o FNM-2000. Aqui, como no resto do mundo, é um carro preferido por gente que sabe o que quer e que só se contenta com o que é muito bem feito.

8 novas côres/6 lugares/banco dianteiro totalmente reclinável / completo painel - contagiros/ sistema exclusivo de ventilação/pneus cinturados/motor silencioso/1975 cm³/rápida aceleração - 155 km. h/válvulas comandadas por 2 árvores sôbre o cabeçote/carburador de 2 corpos com 3 válvulas borboletas/5 marchas sincronizadas à frente/freios com tambores de alumínio aletados/sistema elétrico de 12 V com alternador.

VEJA-O DE PERTO E EXPERIMENTE-O NUM REVENDEDOR FNM.

FNM 2.000 - 68

67-D

# Assaltos, correria com carro roubado, tiros

não é o mesmo padeiro que encrencou com Joãozinho. Foi outro, da Padaria Moriatan, em Santo Amaro, bem antes. Também não fui eu que matei o guarda-noturno, nem feri o professor. Roubar eu roubei mesmo. Até perdi a conta. Mas gastava logo o dinheiro. Comprava roupas, comia em restaurantes, dava dinheiro para minha mãe, para algum colega, gastava com gasolina nos carros. O Joãozinho tem muita roupa bacana que ganhou de mim.

O jeito de Pedrinho pegar num revólver não é, realmente, de quem atira bem. Já teve vários revólveres, todos encontrados nos porta-luvas dos automóveis. Treinava, dando tiros numa pedreira perto da Vila Clara, com os amigos. Sua vida de assaltante começou em janeiro dêste ano. Um pouco antes, êle tomava conta de carros no estacionamento de dois restaurantes de luxo, na Avenida Santo Amaro. Olhava as roupas e os carros que os fregueses usavam, via o dinheiro que gastavam. Juntando seu salário e as gorjetas, êle recebia NCr$ 70,00 por mês. Não dava nem para êle, e ainda tinha de levar um pouco para a mãe. Em janeiro, tentou mudar de emprêgo, foi ajudante de mecânico. Também ganhava pouco. Enquanto isso, seus amigos assaltantes apareciam cheios de dinheiro, dava inveja. Então as aventuras de Pedrinho começaram.

O bandido famoso nos bairros da Zona Sul era Quincão, um negro forte e feio, de vinte anos. Os jornais falavam dêle e, quando a polícia o prendeu, publicaram fotos suas, bem perto, realçando, pelos ângulos, a estatura e a feiúra. Na verdade, é baixo e magro, apesar de forte. Tinha um bando grande, formado de rapazes e muitos meninos. Entres êles um ainda iniciante: Pedrinho. Mas logo Pedrinho começou a se destacar, principalmente pela vivacidade e pela lealdade com os colegas. Contam nos bairros que, uma vez, quando a polícia cercou um grupo de garotos, Pedrinho conseguiu escapar. Pouco depois, voltava ao lugar com um carro roubado para apanhar Gelan, ainda em apuros. Gelan, tempos mais tarde, denunciou alguns amigos. Foi expulso da turma e hoje está se curando de um tiro no pescoço que levou dos meninos. Também se conta que, uma vez, um carro da polícia perseguia Pedrinho, que dirigia em alta velocidade. De repente, numa reta, deu um *cavalo de pau* (giro de 180 graus do carro sôbre si mesmo, como um pião) e voltou rápido contra os policiais. Quando os automóveis estavam lado a lado, o menino deu uma coronhada na cabeça de um dos guardas e sumiu.

## A grande festa

Na vida marginal da Zona Sul não há só roubos e mortes. No comêço de fevereiro, houve uma festa no dia do aniversário de Quincão. Pedrinho já se tornara conhecido no meio e foi convidado com tôda a turma para ir à casa de Nica, amiga de Quincão, comer do bôlo de vinte velinhas que ela fizera para o aniversariante. Quincão e alguns outros foram de *smoking,* houve muitos presentes, carros estacionados na porta, uísque, champanha, conhaques finos e leitão assado. Tudo roubado. Até os enfeites da mesa, a vitrola e os discos de Roberto Carlos e Matt Monro.

De madrugada, quando a festa estava mais animada, apareceu a polícia. Nica tinha exigido que ninguém entrasse armado, os revólveres estavam guardados na sala. O jeito foi todo mundo fugir pelos fundos, no escuro. Gelan foi o único prêso.

Pedrinho gosta de festa, de um bom samba, de brincar de capoeira. Beber, não bebe. Já tomou muitas injeções de tóxicos, quando foi prêso tinha os braços marcados. Teve muitas mulheres, mas nenhuma namorada fixa. Diz que mulher é muito bom mas, vivendo junto, sempre traz complicações. Um bandido tem de ser mais livre. Por isso, desprezou muitas meninas que quiseram namorá-lo. Prefere sair sòzinho, passear pelo centro da cidade, ir muito aos cinemas onde passam filmes de faroeste e policiais. Revista em quadrinhos, lê de vez em quando.

**PROBLEMA**
CONTINUAÇÃO

Desde que trabalhou nos restaurantes grã-finos da Avenida Santo Amaro, preocupou-se em andar sempre limpinho e arrumadinho. Mesmo quando estêve prêso no Juizado, fazia questão de tomar seu banho diário e chegou a brigar por êle. Últimamente andava vaidoso e até usava esmalte incolor nas unhas. Quem o via assim tão limpo e tão arrumado, com roupas caras, pensava logo que êle era filho de família rica. E Pedrinho sabia usar isto como arma de defesa. Em algumas prisões, saiu-se bem, dando nomes falsos e dizendo que era estudante. Há muito tempo — diz êle — aprendeu que há os que são tratados melhor na polícia. De outras prisões, diz ainda que conseguiu sair subornando guardas com mais de NCr$ 100,00.

## A vida marcada

Depois que Pedrinho passou a ser notícia de jornal e muito procurado pela polícia, seus passeios pela cidade diminuíram. Passava dias e dias escondido. Um dos esconderijos era um sobrado da Rua Quatro, 25, em Vila Clara, conhecido por *casa da Vó.* O sobrado foi construído por um italiano grandalhão, José Antônio Zaqueta, de 59 anos, apelidado pelos bandidos de *Cumpadrão.* Fêz a casa para a família mas, quando estava para terminá-la, brigou com a mulher e ela foi embora, levando os quatro filhos. Descrente da vida, alugou a parte de cima para uma preta velha, *Vó,* a NCr$ 15,00 por mês, passando a morar sòzinho no andar térreo. Vó levava para lá umas meninas, algumas se tornaram amantes de elementos da turma de Quincão. Os bandidos acabaram tomando conta da casa. Cumpadrão conhecia todos êles. Com mêdo de confusão, fingia não saber de nada. A coexistência virou amizade e alguns bandidos chegaram a comer em sua casa.

— Não eram monstros, como muita gente pensa — diz êle. — São humanos como qualquer um de nós. Quando Pedrinho veio para cá, quis bancar o valente. Apontou-me um revólver e disse: "Olha aqui, velho, respeita isso". Fiquei com pena, era um menino. Dei-lhe um tapa para se corrigir. Êle caiu no chão e não reagiu. Daí para a frente nos entendemos bem.

Um dos últimos carros roubados por Pedrinho foi o de Rivelino, jogador de futebol.

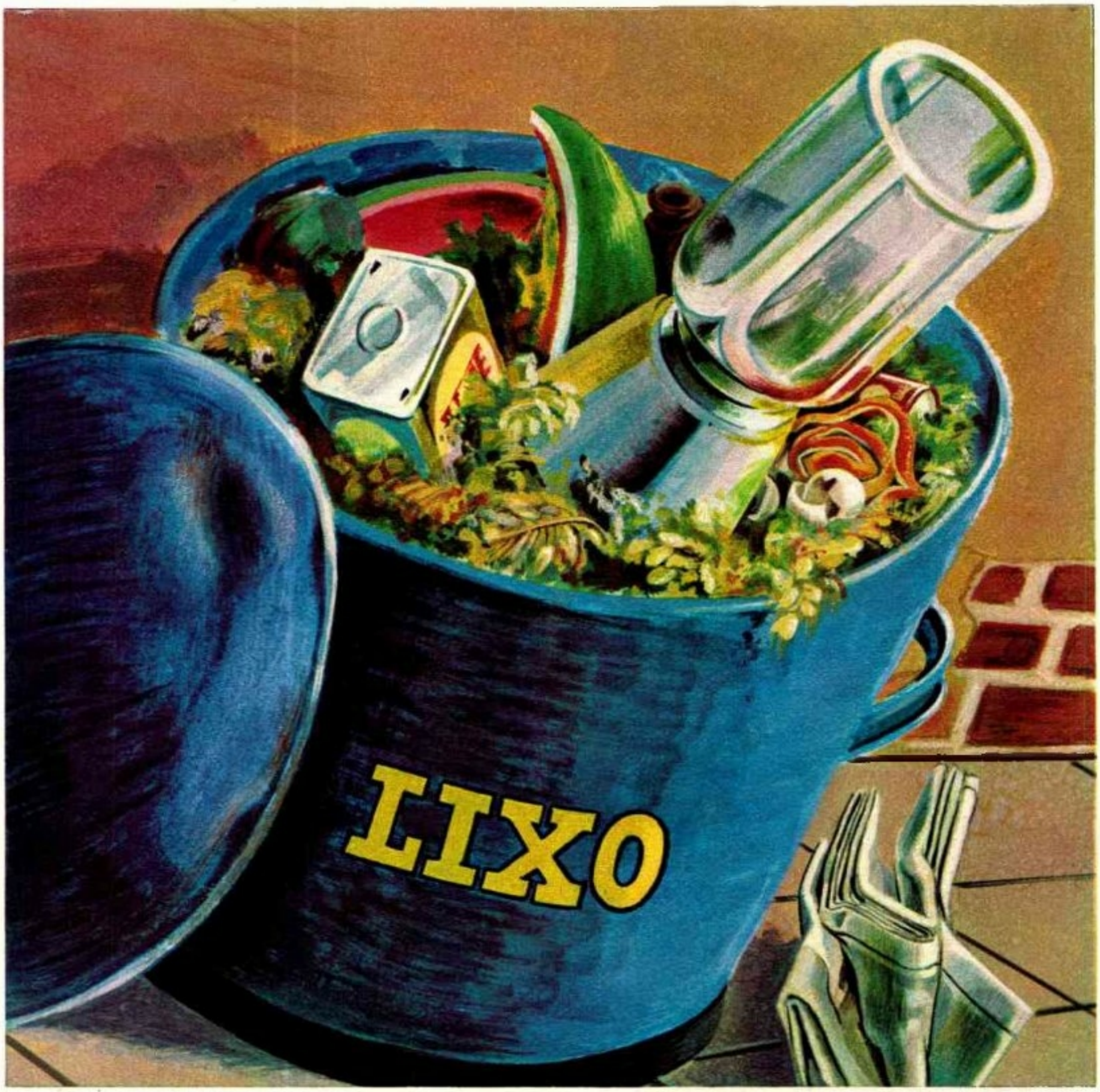
— Soubesse que era dêle, não tinha roubado — disse Pedrinho mais tarde. — Afinal, eu sou corintiano.

— Pedrinho, é verdade que você foi prêso em Pinheiros e levado para o Juizado no dia 5 de junho, exatamente quando tôda a polícia da cidade estava atrás de você, e conseguiu fugir sem que ninguém descobrisse que você era Pedrinho?

— É, e eu me diverti. Dei nome errado.

Nesse dia, Pedrinho levou dois tiros, um no pulso esquerdo, outro na coxa direita, logo acima do joelho. A bala do pulso entrou e saiu. A outra continua na perna e o faz mancar. Tinha roubado alguns casais e o Trog's Dog, na Avenida Santo Amaro, em companhia de alguns amigos, usando um carro roubado. Apanharam depois umas garôtas, deram umas voltas e, de madrugada, encostaram o carro na Rua Artur de Azevedo. Às 6 horas

SEGUE




Se aparelho eletro-doméstico fôsse coisa de usar e jogar fora...

# ...não faríamos tanta questão em lhe aconselhar ARNO.

Aspiradores - Aspiradores portáteis - Batedeiras portáteis - Batedeiras de mesa Enceradeiras - Liquidificadores - Moedores de carne - Motores para máquina de costura - Secadores de cabelos - Ventiladores de mesa, de parede e de coluna.

# Só não conhece um jeito para mudar de vida

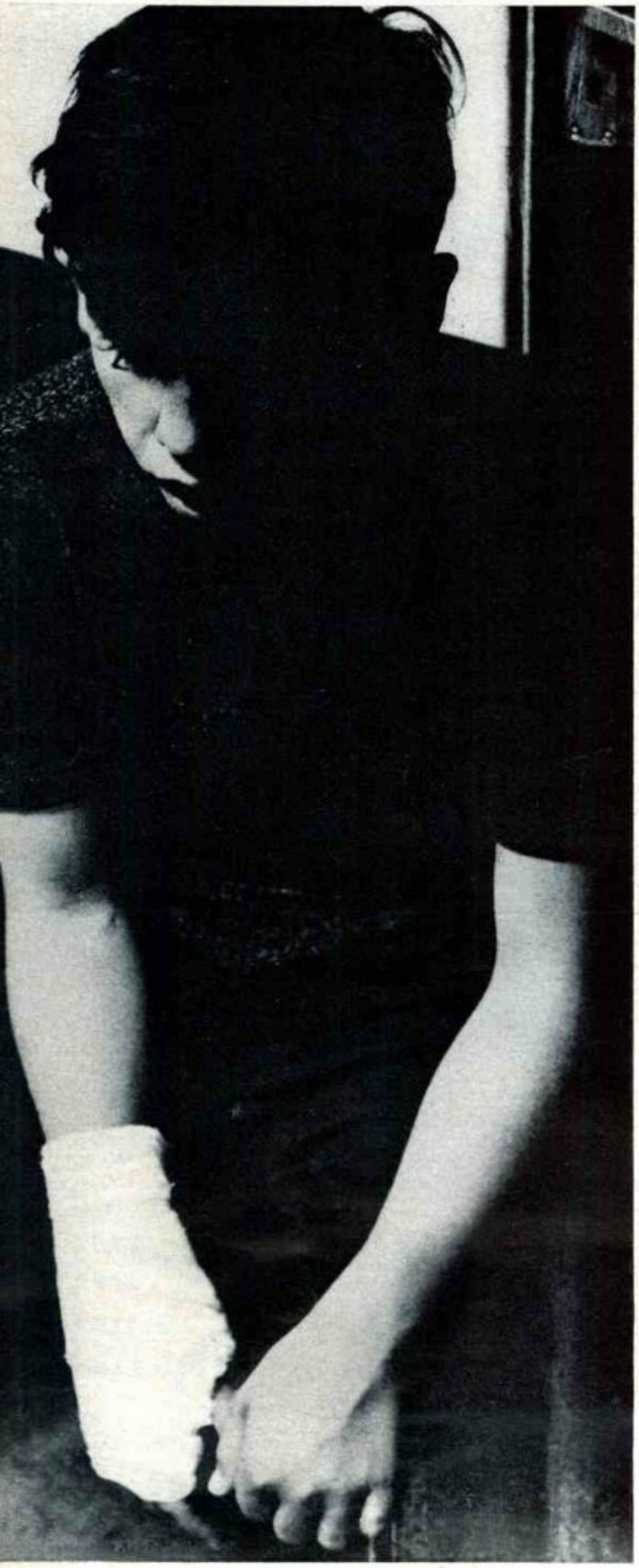


FOTO DE MAKIKO KISHI

**Pedrinho levou um tiro na mão. E tem outra bala na perna.**

**PROBLEMA**
CONTINUAÇÃO

da manhã, um guarda estranhou os meninos dormindo dentro do automóvel e chamou um colega para ajudá-lo a ver o que havia. Nisto, os meninos acordaram e fugiram em disparada. Durante a perseguição houve troca de tiros, Pedrinho saiu ferido e foi prêso.

Na 14.ª Delegacia, em Pinheiros, Pedrinho disse que se chamava Luís Carlos Gomes, o primeiro nome que lhe passou pela cabeça, e que era estudante de quarto ano do Grupo Escolar Costa Braga. Levava uma vida simples: de manhã ia à aula, à tarde ficava em casa e à noite dava umas voltas até às 9 horas no máximo. Sôbre o Trog's Dog, explicou calmamente:

— Não sou ladrão. Estava passeando quando encontrei uma garôta conhecida. Ela me apresentou alguns amigos e saímos todos para dar umas voltas de carro. Eu nunca tinha visto os caras antes, não podia imaginar que o carro fôsse roubado. Como já era tarde, dormi no carro e só acordei de manhã com os tiros. Acho, aliás, um absurdo os policiais atirarem em menores. Preciso ir embora, meu pai deve estar preocupado comigo.

Pedrinho conta que naquela manhã em Pinheiros, antes de ser mandado para o pronto-socorro do Hospital das Clínicas, ficou até às 9 e meia sangrando. Diz mais:

— E, mesmo estando ferido, me amarraram numa cadeira e me deram choques elétricos para que eu dissesse coisas que não sabia.

Das Clínicas, foi levado para o Serviço de Abrigo e Triagem com uma ficha que não registrava "menor delinqüente". A polícia de Pinheiros achou que êle era bôbo demais para ser um bandido. Logo que chegou, queixou-se de dores e foi carregado para a enfermaria, no primeiro andar, onde ficou sòzinho esperando pelo médico. Não perdeu tempo: saiu calmamente para a rua.

No dia seguinte, um repórter levou umas fotos de Luís Carlos Gomes à Delegacia de Santo Amaro e todos os investigadores reconheceram, furiosos, que era Pedrinho. Os policiais teriam de continuar passando noites em cima das árvores, armados de metralhadoras, esperando o menino aparecer.

— Pedrinho, você sabe que, se fugir daqui, a polícia acaba pegando você de nôvo?

— Sei. Mas eu não tenho mêdo da polícia. São homens como a gente mesmo. Dá para enfrentar.

Uma semana depois da prisão de Pedrinho, os jornais ainda falavam dêle. *O Dia*, um jornal especializado em assuntos policiais, dizia:

"Em virtude dos rumôres que versavam sôbre a fuga de Pedrinho, na última sexta-feira, o Recolhimento Provisório de Menores, onde êle se encontra prêso, distribuiu nota esclarecendo que o pequeno bandido está severamente guardado".

A polícia não tem provas de que Pedrinho matou. Êle vai fazer exames psíquicos no Recolhimento e, se fôr provada a sua periculosidade, ficará internado no reformatório de Moji-Mirim até completar dezoito anos. Dona Lázara, sua mãe, não tem condições sociais, morais nem financeiras para se responsabilizar pela saída do garôto e nenhum outro parente apareceu. Se os exames revelarem que o menino não é mau e se êle tiver bom comportamento durante uns seis meses, poderá ficar em liberdade vigiada. Continuará dormindo no Recolhimento, com permissão para trabalhar fora.

— Então, Pedrinho, está disposto a mudar de vida?

— Tenho pensado nisso. Saber trabalhar eu sei. Mas vai ser difícil conseguir um emprêgo. Já estou marcado.

FIM

# Minas fêz agora tanta coisa para você ir a Ouro Prêto, Congonhas, Caxambu e São Lourenço que seria uma bobagem você aturar uma sessão de "slides" de quem já foi lá.

Você mesmo poderá fazer seus slides da Gruta de Maquiné e das obras do mestre Aleijadinho (depois vai ser muito mais divertido lembrar suas próprias emoções). O Govêrno de Minas está fazendo muita coisa para que você realize isto: pavimentando e abrindo novas estradas para você chegar mais tranquilo e mais cedo nas estações de água, construindo hotéis e pousadas, recuperando monumentos históricos e modernizando o sistema de eletrificação das cidades turísticas. O Govêrno de Minas procura fazer do Estado um lugar muito bom para quem o visita e melhor ainda para quem mora nêle. É o turismo crescendo com Minas: novas estradas, asfalto nas antigas, mais energia, indústrias, escolas e mecanização da lavoura. Minas cresce. E Minas cresce mais com os recursos das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. E você, adquirindo Obrigações, ganha em dôbro: ganha dinheiro e ganha progresso.

## GOVÊRNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

**Ganhe em dôbro adquirindo**

**OBRIGAÇÕES REAJUSTÁVEIS DO TESOURO NACIONAL**

**no Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A.**

**O grego brinca com a bola e, sem saber, pratica um jôgo que séculos depois seria futebol: o epyskiros.**

# QUARENTA SÉCULOS DE FUTEBOL

Tôda uma equipe trabalhou durante meses, consultando centenas de textos, analisando cêrca de 10 mil fotografias e ilustrações, para produzir esta obra inédita: a história do esporte mais popular de nosso tempo, desde a antiguidade até os dias de hoje.

Texto de Mylton Severiano da Silva

Durante os jogos olímpicos de 1964, em Tóquio, doze painéis decorativos foram exibidos aos visitantes, como prova de que o futebol, muito antes de chegar à Inglaterra, já era conhecido no Japão. Os painéis mostravam nobres da côrte imperial, em volta de uma cerejeira florida, chutando uma bola de fibras de bambu. Êsse jôgo, o *kemari*, era uma variante do mais antigo esporte de bola jogado com os pés que se conhece, nascido na China, 2 600 anos antes de Cristo — há 4 500 anos. Seu inventor, Yang-Tsé, pertencia à guarda do jovem Imperador Huang-Ti, que foi talvez o primeiro nobre a interessar-se por futebol.

Na China, o *kemari* começou como treinamento militar, transformou-se depois em passatempo da nobreza e só mais tarde chegou ao povo. Oito jogadores de cada lado, sem poderem deixar a bola tocar o solo, tentavam passá-la além dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão e ligadas por um fio de sêda. A bola — redonda, de couro, cheia de cabelo ou crina — tinha 22 centímetros de diâmetro, o campo era quadrado, com 14 metros de lado, e os vencedores, cantados em versos pelos poetas, ganhavam flôres e lingotes de prata. Como a bola não podia cair no chão, conclui-se que os bons jogadores tinham que ser mestres em *embaixada* (controlar a bola sem deixá-la cair). O próprio Yang-Tsé foi um dêles, mas o maior de todos, cujo nome os cronistas não registraram, estabeleceu um recorde de 206 embaixadas.

Já no Japão — onde os imperadores Engi e Tenrei também se interessaram pelo *kemari* — o jôgo tinha outro espírito. Era disputado com tôda delicadeza — ao ponto de desclassificar-se aquêle que tocasse na cabeleira de um adversário — e não se contavam pontos. O único objetivo do jôgo, ao que parece, era o apuro cada vez maior na arte de chutar a bola.

## Gregos e romanos

Amantes da saúde do corpo e da mente, os gregos não encaravam os jogos de bola como passatempo nobre, mas como esporte mesmo. As crianças do povo, nas ruas ou nos campos, divertiam-se alegremente com bexigas de boi cheias de ar. Os jogos de bola na antiga Grécia foram agrupados sob o nome de *sphairomachia*. Os historiadores falam da *fenida*, do *aporaxis*, e outros, praticados com as mãos, precursores da antiga péla e do moderno tênis. Mas é o *epyskiros*, praticado com os pés, que tem algumas afinidades com o futebol. Não se sabe com certeza quais as regras do jôgo, cujo número de participantes variava muito. Julius Pollux, escritor do século II, fala de uma linha de meta, localizada ao fundo de cada lado do campo, através da qual a bola deveria ser arremessada para a contagem de pontos. Antífanes, dramaturgo do século III, chega a se referir às expressões que os jogadores usavam durante a partida: bola longa, passe curto, para a frente, mais alto, volte... Mas, de qualquer forma, o *epyskiros* ainda estava longe de ser futebol.

O romano Sidonius Apollinaris, oitocentos anos depois de Antífanes, refere-se ao futebol da antiga Roma: o *haspartum*, descendente do *epyskiros*. O jôgo era disputado com uma bola de bexiga de boi, revestida de couro, chamada *follis*. O campo era retangular, continha uma linha divisória no meio e duas linhas de meta. A bola devia ser passada de jogador a jogador, até que um dêles a arremessasse através da linha adversária, fazendo um ponto. Não se sabe se o *haspartum* era realmente praticado apenas com os pés, mas pode-se estabelecer uma comparação entre as funções de seus jogadores com as dos modernos futebolistas: havia atletas que ficavam parados na zona defensiva de seu campo, espécies de zagueiros; outros ficavam na frente, os atacantes; um terceiro ficava no centro do campo, como um meia de ligação entre a defesa e o ataque.

## Idade Média da bola

Na França como na Inglaterra, durante tôda a Idade Média, o povo se entusiasmou com os jogos de bola derivados do *haspartum* romano. Na França praticava-se o *soule*, desde quando os soldados de Júlio César ali estiveram, entre 58 e 51 a.C.

Um livro escrito em 1175, *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae*, de William Fitzstephen, descreve que espécie de jôgo se praticava na Inglaterra, durante o carnaval: habitantes de várias cidades punham-se a chutar uma bola de couro pelas ruas, comemorando a expulsão dos dinamarqueses, no

SEGUE

# No começo, eram 500 contra 500, nas ruas

**DOCUMENTO** CONTINUAÇÃO

período de domínio saxônico. A bola, no caso, simbolizava a cabeça de um oficial do exército invasor. E, segundo consta, foi assim mesmo que teve origem o tal futebol: todo o povo chutando a própria cabeça do oficial dinamarquês pelas ruas. Por isso, o jôgo era muito violento e condenado pelas pessoas de bem. Havia braços quebrados, pernas torcidas e até mortes, algumas vêzes. Mas sua popularidade crescia tanto, que preocupava os reis. Em 1297, Eduardo I proibia que seus soldados chutassem bola durante a guerra com a Escócia. Temia o rei que os combatentes se esquecessem da guerra e decidissem trocar as lanças por uma bola de couro. Também Eduardo II, Ricardo II, Henrique IV, Henrique VIII e Elizabeth I se opuseram ao futebol. Mesmo assim, êle sobreviveu na Inglaterra medieval: o povo já estava apaixonado.

### Jôgo de carnaval

Têrça-feira de carnaval, em Chester, Inglaterra. Um ano qualquer, em plena Idade Média. O sapateiro da cidade acaba de fabricar uma bola de couro, cheia de ar, e vai lançá-la ao povo que se aglomera nas ruas. Dentro em pouco, nada menos que mil pessoas — quinhentas de cada lado — estarão brigando pela bola, para ver qual a turma que conseguirá levá-la até uma das duas portas da cidade — no caso, as metas do jôgo. Entre elas, vai uma distância de alguns quilômetros, a ser vencida a trancos e pontapés, como se a bola ainda fôsse o crânio do oficial dinamarquês vencido séculos atrás.

Êste era o *mass football*, praticado mais ou menos como o *soule* francês, até por volta de 1700. Com as proibições cada vez mais freqüentes, o jôgo foi-se tornando menos violento e mudando de jeito em vários pontos do país. Nas escolas, adotado como exercício físico. Em Londres, praticado nos terrenos baldios, reduzindo-se então as dimensões do campo. Cem anos depois, em 1801, Joseph Strutt já fala de um futebol jogado em campo de 80 a 100 metros de comprimento, com balizas de 1 metro de largura, um jôgo de passes e dribles — precursor quase imediato do jôgo atual. As famílias já aderiam ao esporte. Na cidade escocesa de Midlethian existia uma partida anual entre casadas e solteiras. O *mass football* vai morrendo, mas o futebol nasce logo depois. Antes, porém, é preciso voltar um pouco no tempo, até a Itália da Idade Média.

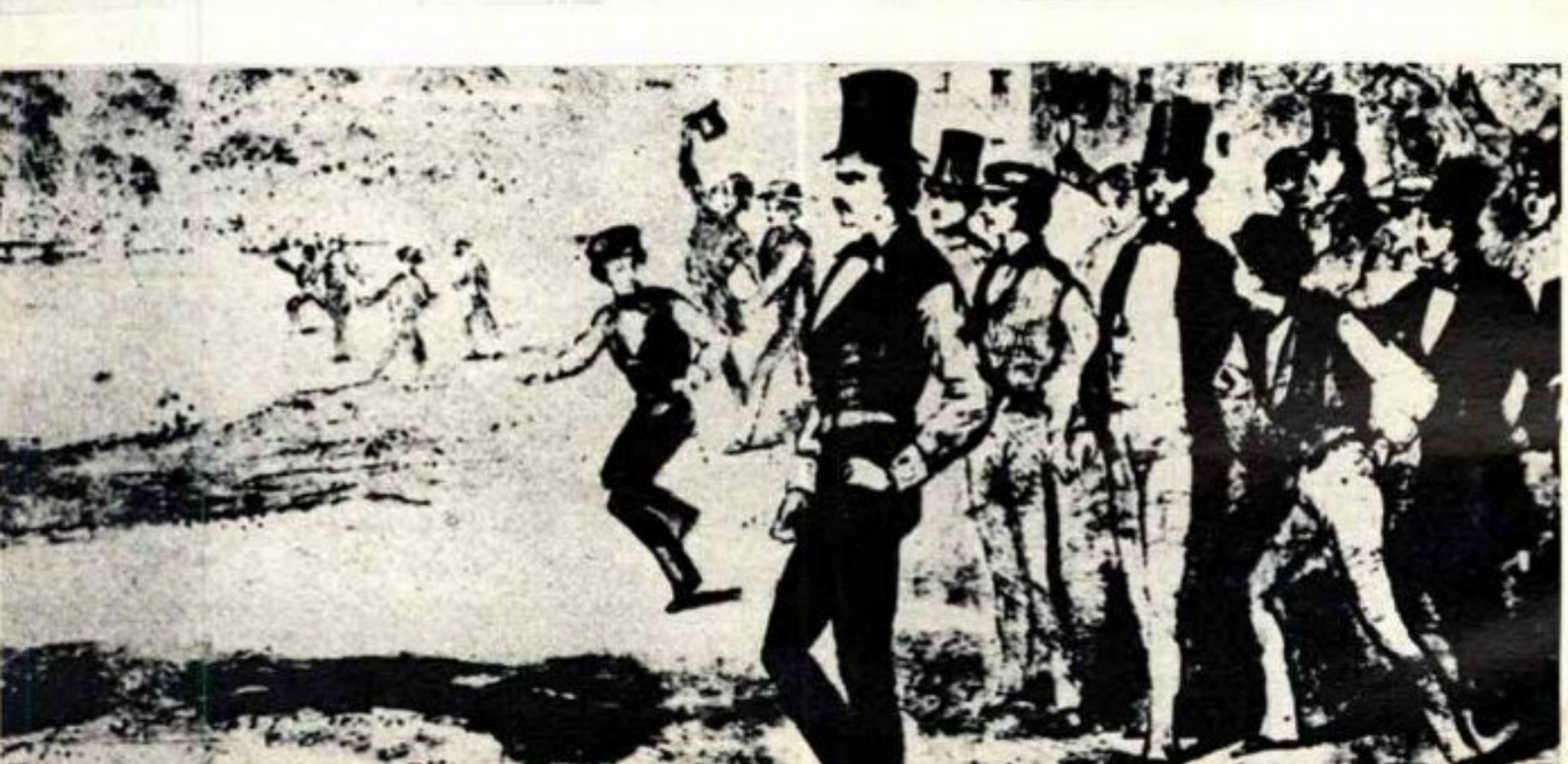
### O calcio de Florença

Até hoje, os italianos se recusam a chamar futebol de futebol. Para êles, é e será sempre *calcio*. Acontece que foi na Itália medieval que surgiu uma modalidade de esporte, chamada *calcio*, que mais se assemelhou ao moderno futebol: eram duas equipes de 27 jogadores cada uma, uniformizadas, com regras bem definidas. A primeira partida realizou-se em 17 de fevereiro de 1529, na Piazza Santa Croce, em Florença. Desde então, repete-se tradicionalmente, na Piazza della Signoria, a 24 de junho, dia de São João, padroeiro da cidade, com as mesmas regras estabelecidas em 1580 por Giovanni di Bardi.

### Rugby é outra coisa

Apesar de sua origem, marcada pela violência de dois bandos rivais, o *calcio* representa um estágio mais avançado do futebol em relação ao que se praticava desordenadamente nas ruas inglêsas, pela mesma época. Além das regras postas no papel, os jogadores tinham posição definida num campo demarcado, havia infrações e juízes. Foram grandes jogadores de *calcio* o Duque de Toscana, Júlio de Médicis, e os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VIII. Por isso, os italianos reclamam para si, com razão, uma importante parcela de contribuição para a existência do futebol. SEGUE

**Enquanto os nobres jogam o** kemari, **os escravos conversam, esperando que a bola caia fora de campo, para devolvê-la aos jogadores. Êstes escravos são os precursores dos "gandulas", os atuais pegadores de bolas.**

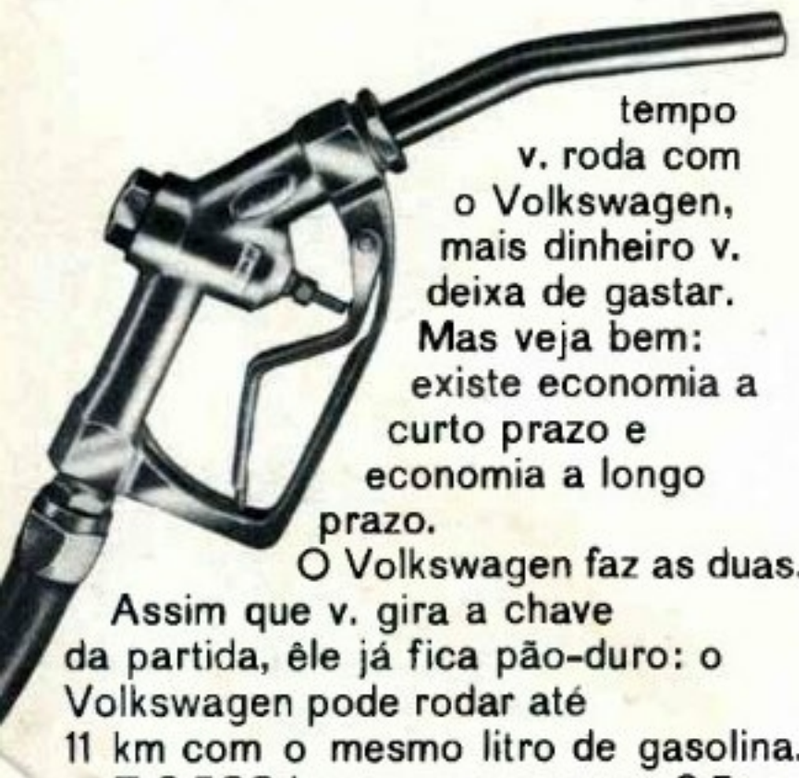


**Idade Média. Na Inglaterra, já se pratica um jôgo grosseiro, em que todo o povo sai chutando bola pela cidade. Mais tarde, os universitários inglêses iriam aderir ao nôvo esporte.**

# A coisa mais mportante na economia do Volkswagen, é o tempo que êle permanece econômico.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

E tempo é dinheiro. Quanto mais



tempo v. roda com o Volkswagen, mais dinheiro v. deixa de gastar. Mas veja bem: existe economia a curto prazo e economia a longo prazo.

O Volkswagen faz as duas.

Assim que v. gira a chave da partida, êle já fica pão-duro: o Volkswagen pode rodar até 11 km com o mesmo litro de gasolina.

E 2.500 km com os mesmos 2,5 ros de óleo. Mas isso é só o co.aço.

O tempo passa, os buracos também, e v. descobre que está economizando dinheiro em consertos de molas, porque o "Fusca" não tem nenhuma na suspensão.

No lugar delas estão fortes barras de torção.

Muitos quilômetros mais tarde, v. vai descobrir que também não tem despesas com radiador, mangueiras e tubinhos, porque, em vez de água, o Volkswagen usa refrigeração

a ar. E depois de muitas pedras, lama, água e poeira por baixo dêle, a economia continua: o Volkswagen tem uma chapa de aço embaixo, que protege os cabos de comando, fios e tubulações. Aí v. pergunta: "E quando o "Fusca" entra na oficina?"

Bem, isso é natural que aconteça, e nós até recomendamos que v. o leve periòdicamente lá, para as revisões e verificações que o Livrete recomenda. E aí nós esbanjamos: existem hoje mais de 800 Revendedores Autorizados para cuidar do seu Volkswagen, e fazê-lo durar ainda mais.

Até que um dia v. resolve vendê-lo, e acontece aquilo de sempre: muita gente vive querendo comprar VW usado. Assim v. vende o seu num instante, e por um bom preço. Êsse dinheiro já é uma boa

parte do que v. precisa para comprar um "O" km e começar tudo de nôvo.

Afinal, além de ser o mais econômico, o Volkswagen é o automóvel que possui o maior valor de revenda.

# O primeiro juiz não usava apito, tinha de gritar para se impor

**DOCUMENTO**
CONTINUAÇÃO

Desde fins do século XVIII, os jovens que iam para as universidades inglêsas passaram a deixar de lado velhos passatempos individuais — tiro, caça, equitação — em troca de jogos coletivos. Voltaram-se então para o esporte que tinham visto entre homens do povo, operários, camponeses: o futebol. Apesar de alguma oposição das autoridades escolares, que consideravam o jôgo "indigno e inadequado aos jovens que se dedicam aos estudos", o futebol foi aos poucos vencendo os altos muros das universidades de Eton, Oxford, Cambridge. A primeira regra, fundamental, era: não tocar a bola com a mão. Mas logo em 1823, uma violação desta regra, na Rugby School, dividiria os rapazes em duas grandes famílias: uma, que só jogava o futebol com os pés; outra, que permitia indiferentemente o emprêgo dos pés e das mãos. Coube a um dos esportistas, William Webb Ellis, distinguir bem as coisas, criando então outro esporte, o *rugby*.

Assim, o futebol começa o século XIX mais organizado, dignificado pela adesão universitária, tolerado pelos reis, admirado pelos cronistas da época, praticado por todo o povo.

Em 26 de outubro de 1863, na taberna Freemason, na Great Queen Street, Londres, realizou-se uma reunião histórica, promovida por antigos alunos de Cambridge e pelo jornalista John D. Cartwright — cujos artigos publicados nos diários londrinos insistiam para que o futebol fôsse mais bem organizado e tivesse regras próprias. Ali, naquela taberna, representantes de onze clubes e escolas decidiram que futebol era uma coisa e *rugby* outra. E fundaram The Football Association (nome até hoje mantido pela Liga Inglêsa), dando forma definitiva ao jôgo que um século depois seria uma paixão universal.

As regras do jôgo foram progredindo. Em 1868 criou-se o juiz, autoridade máxima em campo. Em 1878, um ano depois que adotaram o travessão superior, surge o apito (até então, o juiz tinha que impor-se pelo grito). Quatro anos mais tarde, Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda fundam a International Board, que até hoje regula as leis do mundo inteiro, como órgão assessor da FIFA — Federação Internacional do Football Association. Em 1891, nova revisão das regras. Aparecem as rêdes e o pênalti, criado pelo irlandês Mac Crum. No fim do século passado fixava-se o número de jogadores em onze (até então, podiam ser mais, ou menos, segundo acôrdo prévio entre as equipes); também estabelecia-se o tamanho do campo, da bola e a duração da partida (noventa minutos).

No comêço de nosso século, o futebol já se espalhara por tôda a Europa. A primeira partida internacional já fôra disputada fazia muitos anos, em 1872, entre Escócia e Inglaterra: zero a zero. Em 1883, Inglaterra, Escócia, País de Gales e

SEGUE

**Depois que virou moda, futebol era acontecimento social no Brasil. Os uniformes eram elegantes, como neste Palmeiras vs. Fluminense, realizado na década de 30.**

# Quando chegou aqui, a bola só servia para jôgo de valente



Irlanda disputam o primeiro Campeonato da Grã-Bretanha, ganho pelos inglêses. Em 1885 era oficialmente reconhecido o profissionalismo na Inglaterra, o que nem todos aceitaram.

### Os joguinhos do Brasil

Enquanto na Inglaterra já existiam clubes de futebol desde meados do século passado (o Guy's Hospital Football Club, fundado em 1843, o Sheffield, em 1857), no Brasil os rapazes continuavam brincando de cabra-cega, chicote-queimado, belisco-te-sem-me-rir e outros passatempos de salão inofensivos, catalogados no *Dicionário dos Jogos*, de João Arabiri, publicado em 1862. Os esportes com bola (péla, pelotão, raqueta) eram considerados "meros exercícios de destreza, destinados a sujeitos mais abrutalhados". Os inglêses que para cá vieram a partir de fins do século XIX foram os incentivadores de novas formas de esporte. Em várias cidades brasileiras construíram campos de *cricket*, sobretudo, os quais dariam origem aos vários clubes onde mais tarde se jogaria futebol.

Várias fontes referem-se à chegada do nôvo esporte ao Brasil. Fala-se que o futebol teria sido trazido por marinheiros inglêses ou holandeses, que o jogaram nas praias do Nordeste, por volta de 1860. Outros afirmam que a novidade se deve a jesuítas da cidade de Itu, São Paulo. Há uma versão segundo a qual um certo *Mister* Hugh teria ensinado futebol aos funcionários de São Paulo Railway, de Jundiaí, em 1882; também se fala de um *Mister* John fazendo a mesma coisa com operários da Leopoldina Railway, no Rio, em 1875. Conta-se mais de um jôgo organizado por marinheiros britânicos na praia da Glória, em 1874, e de um bate-bola de tripulantes inglêses do *Criméia*, quatro anos depois, num capinzal bem em frente da casa da Princesa Isabel, entre as ruas Paissandu e do Rosso.

Contudo, o que se sabe com certeza foi que Charles Miller, um paulista descendente de inglêses, nascido no Brás em 1874, trouxe da Inglaterra as duas primeiras bolas que permitiram aos brasileiros praticar futebol regularmente, a partir de 1895.

### Primeiros clubes

Charles Miller, com apenas dez anos, fôra mandado pelos pais à Inglaterra, para estudar, e lá conheceu o futebol, que praticou integrando até a seleção do Comando de Hampshire. Em 1894, de volta à sua terra, trouxe, além das bolas, bomba e agulha de encher, camisas, calções e chuteiras. Os primeiros jogos de verdadeiro futebol foram disputados na várzea do Carmo, entre as ruas do Gasômetro e Santa Rosa. Mais tarde, foi usado o terreno da Chácara Dulley, no bairro paulista de Bom Retiro. Graças ao entusiasmo de Charles Miller, seus ensinamentos, seu espírito de organização, o nôvo esporte firmou-se logo entre nós. Por mais de meio século, Miller foi um dos brasileiros mais entusiasmados pelo futebol; primeiro, um jogador talentoso, criador de uma jogada que em sua homenagem ganhou o nome de *charles;* depois, um juiz competente; mais tarde, até o fim da vida, torcedor ardoroso. Charles Miller morreu em São Paulo, em 1953.

O São Paulo Athletic, clube só de inglêses fundado em 1888, foi o time que ganhou os primeiros títulos disputados em São Paulo. Mas o primeiro clube de futebol formado por

SEGUE

**Nossa primeira seleção oficial ganhou dos inglêses por 2 a 0, no Rio de Janeiro, em 1914.**

# Prist não faz biquinis. Em compensação Prist faz a dona de um biquini olhar para você com muito mais entusiasmo. Não é melhor assim?

Na praia você tem a chance de mostrar para elas o físico bacana que Deus lhe deu e que você súa para conservar. Acontece que tem muito mais gente fazendo a mesma coisa, e é por isso que você precisa de uma ajudazinha. Prist faz "shorts" que ajudam você a conseguir mais olhares femininos, e mais entusiasmados. Veja o modêlo desta página. (Ela não, o "short"!) Imagine-se dentro dêle e pense em quanta coisa boa pode lhe acontecer daí para a frente. Há sempre mulher perto de quem usa Prist. Inclusive de biquini.

prist sport

RHODIANYL

Linea 22 204

# Apanhamos de todo mundo, antes de aprender o nôvo esporte



brasileiros foi a Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo, fundada em 18 de agôsto de 1898.

Em 1899 surgiriam o Sport Club Internacional e o Germânia. Um ano depois, no comecinho do século, aparecia o Clube Atlético Paulistano.

No Rio, não se tem notícia de que o futebol tenha sido praticado com freqüência antes de 1901. E tudo começou exatamente como em São Paulo. Tal como Charles Miller, um descendente de inglêses, Oscar Cox, trouxe para o Rio, vindo de seus estudos na Europa, o gôsto pelo futebol. O primeiro jôgo aconteceu a 1.º de agôsto de 1901, entre a turma de Oscar Cox e os inglêses do Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói. Resultado: 1 a 1.

Animado, e sabendo que em São Paulo já existiam vários clubes, Oscar Cox escreve imediatamente a Renê Vanorden, do Sport Club Internacional, propondo uma partida entre paulistas e cariocas. E na manhã de 19 de outubro de 1901, treze cariocas desembarcavam de um trem da Central, na capital paulista, para a primeira partida interestadual que o Brasil conheceu. No mesmo dia, à tarde, o jôgo começou, no campo do São Paulo Athletic, na Rua da Consolação.

**Leônidas, o Diamante Negro, foi artilheiro em 1938, na França.**

Os cariocas jogaram com: Schuback, Frias e Nóbrega; Oscar Cox, Wright e Mc Cullock; Walter, Santos, E. Morais, Júlio Morais e Felix Frias. Os paulistas: Holland, Belfort Duarte e Hans Nobiling; Renê Vanorden, Jeffery e Muss; Ibañez Salles, Boyes, Casimiro da Costa, Charles Miller e Alício Carvalho. Resultado: 1 a 1. No dia seguinte, jogaram a segunda partida e empataram novamente, 2 a 2. À noite, os dois times jantaram juntos, na Rotisserie Sport, bebendo em homenagem a Charles Miller e Oscar Cox, com brindes ao presidente da República, Campos Sales, e ao rei da Inglaterra, Eduardo VII.

O êxito da excursão fêz nascerem no Rio os primeiros clubes cariocas: o Rio Futebol Clube e o Fluminense, ambos em 1902.

## Todos se organizam

Com cinco clubes em atividade só na capital, os paulistas acharam que seria bom fundar uma liga, que organizasse campeonatos, como se fazia na Europa. Em 19 de dezembro de 1901, na sede do Internacional, Antônio Casimiro da Costa conseguia a aprovação da Liga Paulista de Futebol, da qual fariam parte o São Paulo Athletic, Mackenzie, Germânia, Internacional e Paulistano. A nova entidade cobraria ingressos dos jogos e ofereceria taças aos campeões.

No dia 3 de maio de 1902, no Parque Antártica, o Mackenzie derrotou o Germânia por 2 a 1, na abertura do primeiro campeonato paulista. Mas foram os inglêses do São Paulo Athletic os campeões, decidindo o título com o Paulistano, no campo do Velódromo. O artilheiro foi Charles Miller, com dez gols.

No Rio, a 8 de junho de 1905, na sede do Fluminense, era fundada a Liga Metropolitana de Futebol. Já existiam então o Botafogo, o América e o Bangu, criados em 1904. E o primeiro campeonato carioca começou em 3 de maio de 1906, com a participação do Fluminense (o campeão), Paissandu, Rio Cricket, Botafogo, Bangu e Football and Athletic Club.

## Algumas derrotas

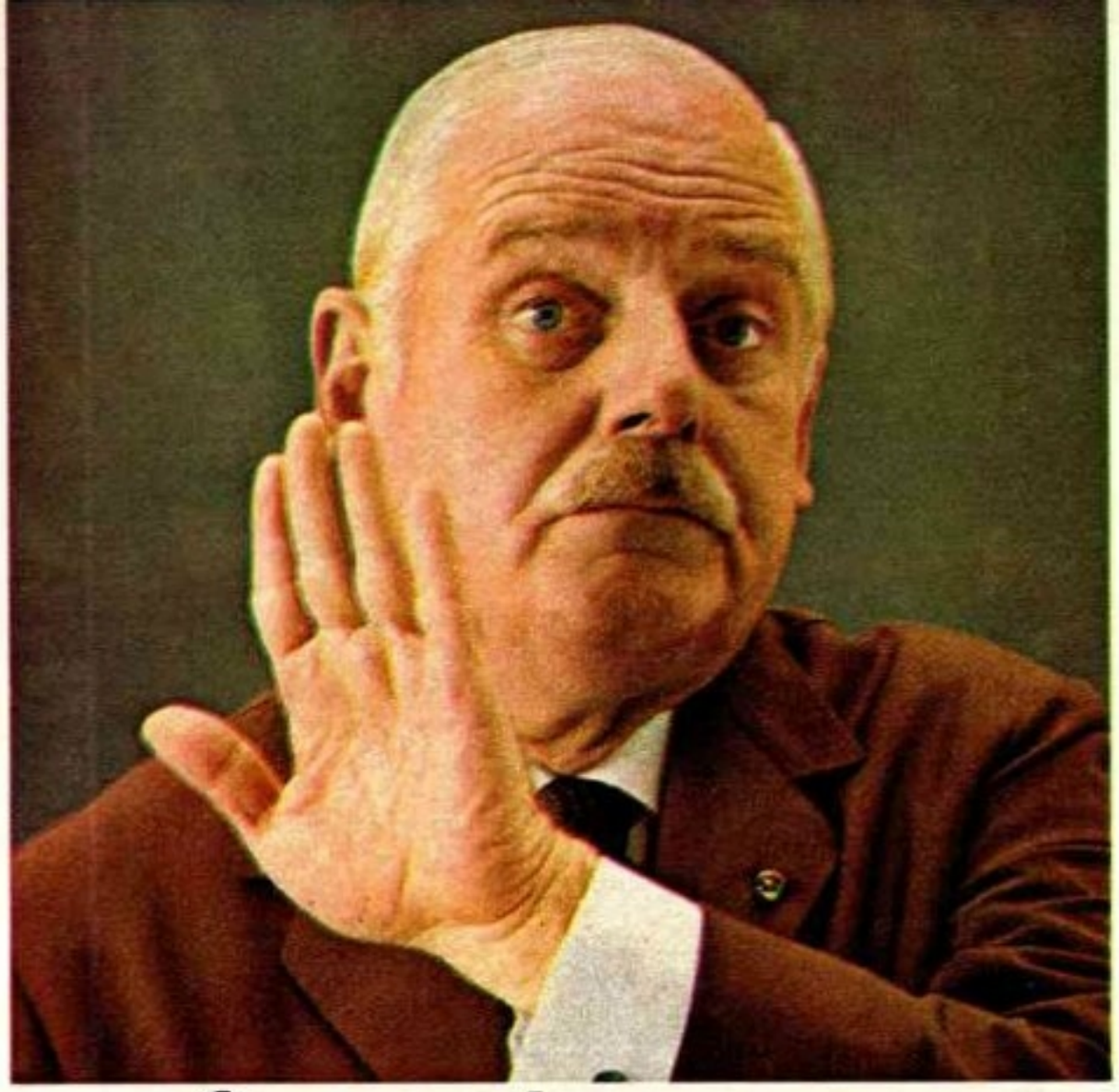
A partir de 1908, começaram a vir os estrangeiros. Primeiro, os argentinos, que derrotaram paulistas e cariocas por "goleadas". Depois, os uruguaios, que também nos venceram algumas vêzes.

Coube, porém, ao Fluminense a maior façanha: trazer ao Brasil o famoso Corinthians Team, um dos melhores clubes amadores da Inglaterra, formado por estudantes das universidades Oxford e Cambridge. Na estréia, contra o Fluminense, em agôsto de 1910, os corintianos aplicaram uma goleada de 10 a 1. Depois, os inglêses venceram a seleção carioca por 8 a 1, e uma seleção de brasileiros por 5 a 2. Em São Paulo, o Corinthians derrotou o Palmeiras por 2 a 0; a seleção paulista por 5 a 0; e o São Paulo Athletic por 8 a 2.

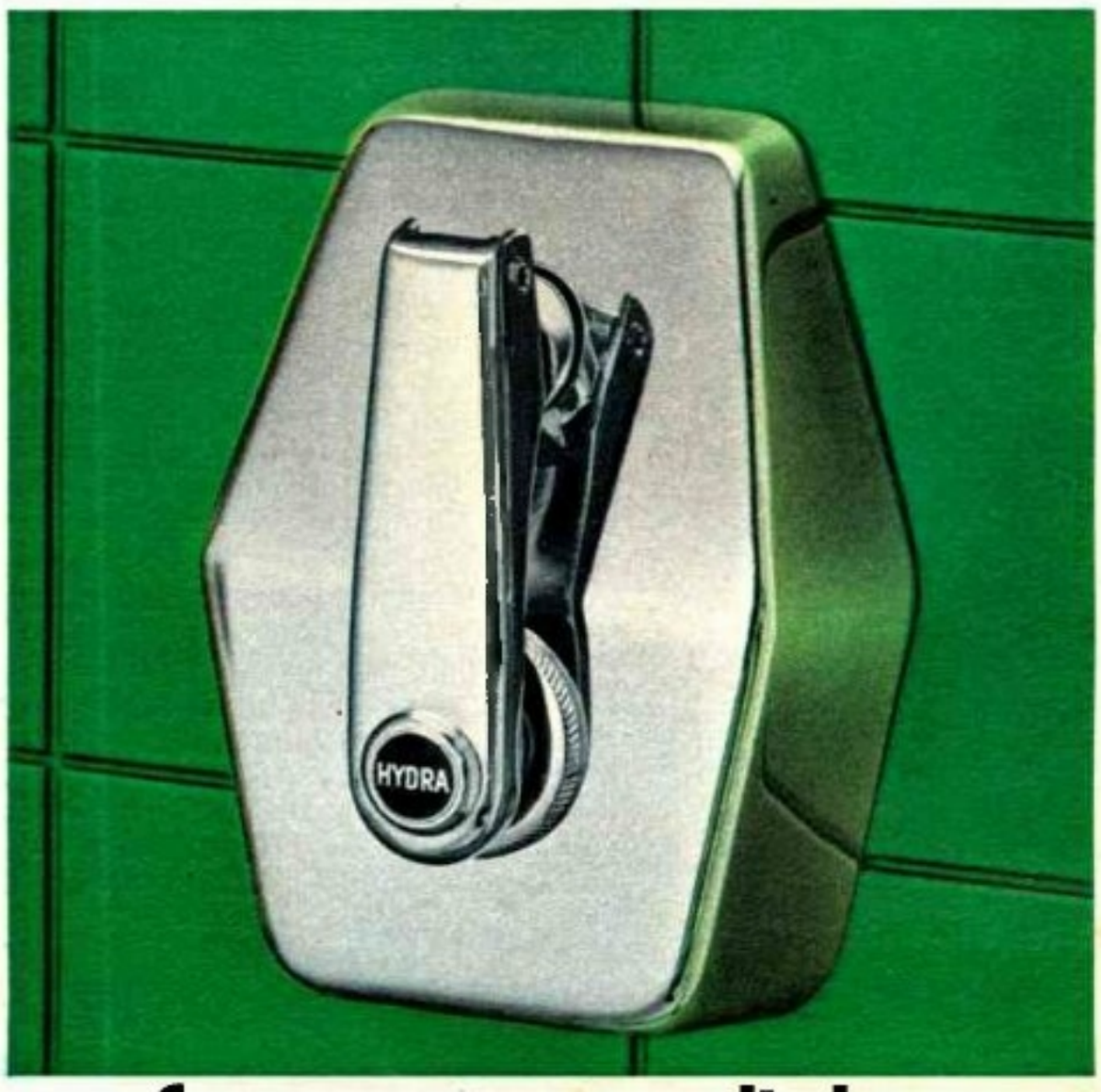
Tantas derrotas, entretanto, fizeram bem ao futebol brasileiro. Nossos jogadores aprenderam bastante. Prova é que o próprio Corinthians voltou ao Brasil em 1913 e encontrou outro panorama em nosso futebol. No Rio, os inglêses perderam para a seleção carioca por 2 a 1; venceram uma seleção de brasileiros por 2 a 1; e uma equipe formada por inglêses por 4 a 0. Em São Paulo, sofreram para empatar com o Palmeiras por 1 a 1; e venceram com muita dificuldade a seleção paulista por 2 a 1.

No mesmo ano de 1913, o Esporte Clube Americano, fundado em Santos em 1902, ia jogar em Buenos Aires e Montevidéu, reforçado por craques como Friedenreich e Formiga. Estreava contra uma seleção argentina em Buenos Aires e ganhava por 2 a 0, tornando-se o primeiro time brasileiro a vencer no exterior.

SEGUE



# Vovô continua afirmando que o nosso banheiro não tem válvula de descarga.




# Êle não se conforma com a linha revolucionária da válvula Hydra VcR.

A válvula Hydra VcR fabricada pela DECA tem um desenho diferente, muito bonito e seu mecanismo é prático e seguro. Com o registro conjugado você ganha mais um elemento decorativo para o seu banheiro e economiza a instalação de um registro separado. A válvula Hydra é assim mesmo. Vovô há de compreender.

DECA

# Acrescentamos algumas coisas: malícia, arte, improvisação

**DOCUMENTO**
CONTINUAÇÃO

Tôdas estas excursões — clubes estrangeiros nos visitando, nossos clubes viajando para fora — prepararam os jogadores brasileiros para seu primeiro grande compromisso: vinha ao Brasil, em junho de 1914, o Exeter City, forte equipe de profissionais inglêses. Os jornais abriam manchetes, contando as vantagens e desvantagens do profissionalismo. E debaixo de enorme expectativa, os britânicos, fortes, elegantes, bem uniformizados, estrearam em 18 de julho, derrotando uma seleção de jogadores inglêses por 3 a 0. No dia seguinte, o público era maior para vê-los derrotar a seleção carioca por 5 a 3. E no dia 21 de julho de 1914, o Exeter City ia despedir-se, medindo-se com uma seleção brasileira: os melhores do Rio, reforçados pelos paulistas Rubens Sales, Formiga, Friedenreich e Lagreca. Os inglêses são imbatíveis, têm técnica e apuro — diziam os derrotistas da época. E o jôgo começou. Poucos ali perceberam então o que se repetiria sempre: em matéria de futebol, se os inglêses são duros, severos na marcação, altos e fortes, presos a esquemas rígidos, os brasileiros são finos, artísticos, instintivos, habilidosos. E foi o que aconteceu naquele dia.

**Garrincha, a Alegria do Povo, fazia rir com as suas jogadas.**

## A primeira seleção

Para surprêsa dos milhares de cariocas que compareceram ao campo da Rua Guanabara, os brasileiros dominaram o jôgo todo. E venceram os inglêses por 2 a 0. Foi esta a primeira seleção oficial brasileira, reconhecida pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos): Marcos de Mendonça, Píndaro e Neri; Lagreca, Rubens Sales e Rolando; Osvaldo Gomes, Abelardo, Friedenreich, Osman Medeiros e Formiga.

Três meses depois, em setembro de 1914, primeiro triunfo de nossa seleção em terras estrangeiras: a conquista da Copa Roca, vencendo os argentinos em Buenos Aires por 1 a 0, na decisão, gol de Rubens Sales.

## Os reis do futebol

Em 1925, os franceses nos chamavam de "reis do futebol", assim como reconheceriam a mesma coisa três décadas depois, chamando nosso maior jogador de "Rei Pelé".

Era nossa primeira excursão à Europa, realizada pelo Paulistano, em 1925. Estreando em 15 de março, em Paris, o clube brasileiro vencia a seleção francesa por 7 a 2, extasiando os franceses com a categoria que já tínhamos adquirido. Das nove partidas seguintes, o Paulistano apenas perdeu uma. Marcou 31 gols e sofreu 7. A volta do Paulistano a São Paulo foi triunfal. Desembarcou na Estação da Luz, no dia 10 de maio, cercado pelo povo. Para lembrar o feito, foi construído na época um monumento em frente à sede do clube.

Em 1933, após muitas brigas, aderimos ao profissionalismo. O marco inicial foi o torneio Rio-São Paulo, disputado por Palestra, Corinthians, Portuguêsa de Desportos, São Paulo, Santos, São Bento, Ipiranga (paulistas); Fluminense, Bangu, Vasco da Gama, Flamengo, América e Bonsucesso (cariocas). O Palestra foi o campeão.

Em menos de meio século, as duas bolas que Charles Miller trouxera da Europa em 1894 se multiplicaram e passaram a correr pelos campos improvisados, ruas, terrenos baldios e praias de todo o Brasil. Onde não houvesse bola de verdade, serviam bolas de meia, de borracha, bexigas de boi revestidas, o que se prestasse para praticar um futebol já à nossa moda: improvisações, individualismo, muita arte e malícia.

## A paixão se espalha

No Ceará, já se jogava desde 1904, nas praias, nos colégios. E existia um campeonato desde 1915. No Amazonas, fôra fundado em 1912 o Brasil Foot-Ball Club, de Manaus. No Pará, segundo o pesquisador Alves da Cunha, o futebol surgiu em 1892, quando os sócios do Clube de Esgrima fizeram um bate-bola na Praça Batista Campos, em Belém. E a primeira bola de futebol chegara à Bahia em 1901, na mala do jovem José Ferreira Júnior, o Zuza, que também fôra estudar na Europa. Em Pernambuco, marinheiros inglêses praticavam futebol fazia alguns anos, até que, em 1901, brasileiros fundam o Náutico. O primeiro campeonato aconteceu em 1915, com a fundação da Liga Pernambucana de Futebol. O primeiro clube gaúcho, o Esporte Clube Rio Grande, é fundado em 1900. No Paraná, surge o Coritibano Football Club, em 1909. Por todo o país, espalha-se a paixão pelo futebol.

SEGUE

# preciosos minutos em que só technos pulsa compassadamente...

Seja qual fôr a circunstância — temperatura, altitude ou duras provas — as pulsações do Technos não se alteram nunca. Technos trabalha de cabeça fria. Sempre.

DESDE O ARROJADO RELÓGIO SUBMARINO ATÉ O MAIS AVANÇADO MODÊLO SOCIAL

**SKY LIGHT**
Automático, com calendário. Sua precisão é absoluta a uma pressão de 20 atmosferas (200 m abaixo do nível do mar). Coroa rosqueada, para completa vedação

**STAR CHIEF**
Automático, com calendário marcando dia da semana e mês. Resiste também a uma pressão de 20 atmosferas. Coroa rosqueada. Em aço inoxidável ou folheado

**2 CALENDARS**
Com calendário da semana e do mês. Chapeado ou em aço, possui tôdas as características que consagraram Technos em todo o mundo.

TECHNOS

# Há quarenta anos, os franceses já nos chamavam de reis

**DOCUMENTO**
CONTINUAÇÃO

É necessário, porém, para bem entender que posição ocupava no início o chamado "esporte do povo", explicar o que foi a "guerra ao futebol".

## Jôgo de aristocratas

Em 13 de março de 1919, uma quinta-feira, aparece no *Jornal do Brasil* a primeira notícia sôbre a criação de uma liga contra o futebol. Estava declarada uma guerra fria, de debates pela imprensa e discussões entre intelectuais, contra o nôvo esporte. Na polêmica aparecem dois nomes: Lima Barreto e Coelho Neto, dois escritores, o primeiro contra o futebol, o segundo a favor. Na posição de cada um é que se pode situar o que representava para o Brasil, até ali, sob o ponto de vista social, aquêle esporte trazido da Inglaterra.

Lima Barreto, nascido e criado no subúrbio de Todos os Santos, mulato, boêmio e rebelde, alma carioca e homem do povo, freqüentador dos bares distantes onde se bebia cachaça e se discutia política, tão humilde quanto talentoso, teria tudo para ser apaixonado por futebol, se vivesse hoje; Coelho Neto, maranhense realizado, acadêmico e aristocrata, "príncipe de nossas letras", freqüentador das reuniões sociais do Fluminense, talvez não se entusiasmasse tanto pelo futebol, se também vivesse hoje. Mas Lima Barreto combatia aquêle esporte "de uma aristocracia que se baseia na habilidade dos pés", enquanto Coelho Neto, além de torcedor fervoroso do Fluminense, incentivava os seus filhos a praticar o futebol.

Estas posições foram assumidas, entretanto, numa época em que o futebol estava na verdade longe de ser um esporte aberto a tôdas as classes, a tôdas as raças, a todos os brasileiros. Lima Barreto o atacava (e voltaria a fazê-lo em 1921, quando soube que o presidente Epitácio Pessoa não queria jogadores negros na seleção brasileira), porque o futebol estava ainda vedado aos seus modestos companheiros e amigos do subúrbio. Era então, para Lima Barreto, um esporte racista, preconceituoso. Para Coelho Neto, a discriminação não existia apenas no futebol, e o nôvo esporte não devia pagar por ela. A guerra ao futebol, porém, terminou quando Lima Barreto morreu, em 1922, e a paz final foi assinada a partir do dia em que todos os brasileiros se tornaram iguais perante a bola.

## Campeonato brasileiro

Durante quarenta anos, de 1923 a 1963, o grande fator de sedimentação de nosso futebol foi o Campeonato Brasileiro de Seleções. Êle revelava todo ano novos craques e demonstrava quase sempre a superioridade total dos paulistas e cariocas, que invariàvelmente disputavam o título em partidas memoráveis. Curiosamente, no último ano em que foi disputado, 1963, foram campeões os mineiros, que de lá para cá começaram a crescer e hoje são sem dúvida nova fôrça no

SEGUE

**Após o bicampeonato no Chile, em 1962, esta seleção ficou velha e perdemos a superioridade.**

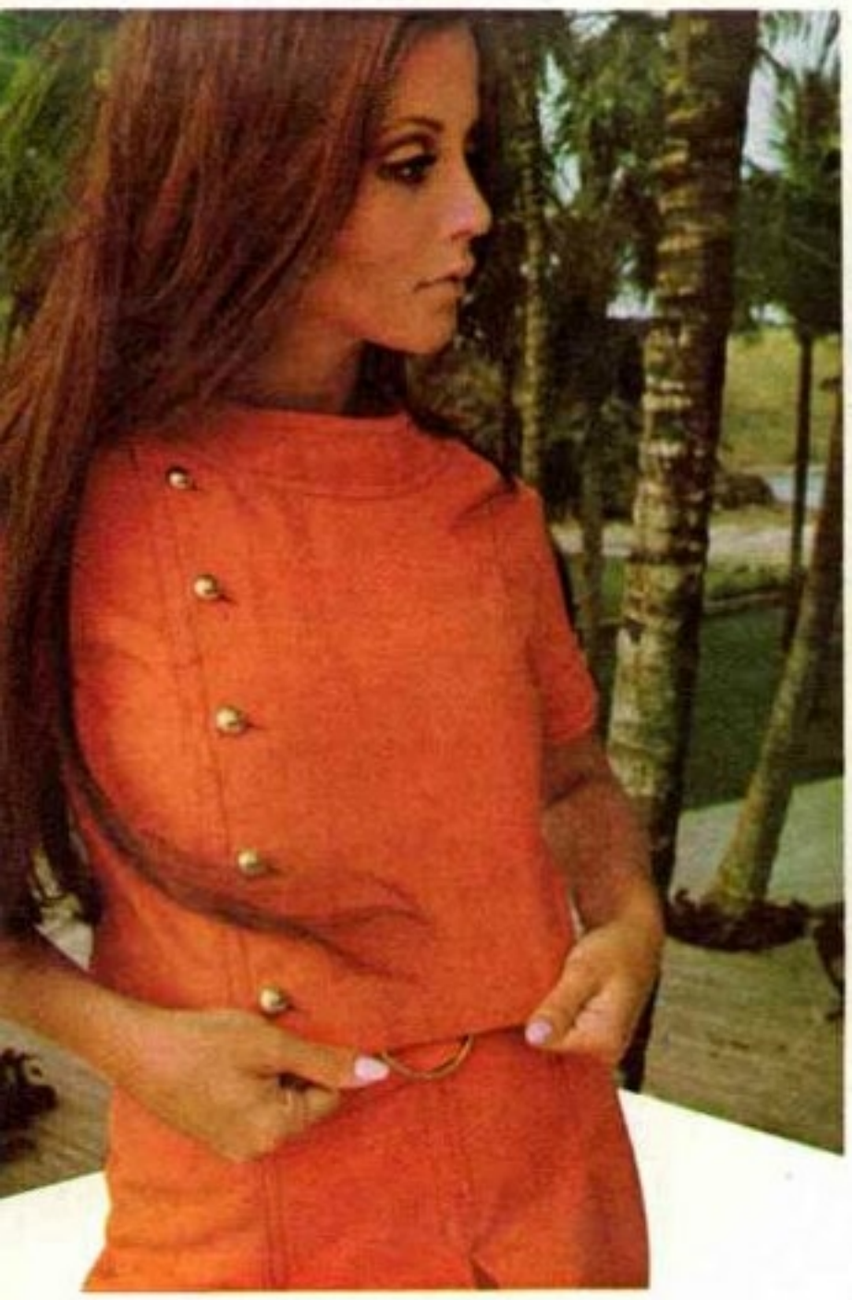
EDIÇÕES DE OURO

# QUANTO MAIS... MAIS GRÁTIS!!!

PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL: BASTA ENVIAR O TALÃO PARA A CAIXA POSTAL, 1880 - ZC - 00 - RIO - GB

# A melhor estação para usar Nycron é qualquer uma.

(Nycron não amarrota o ano inteiro)



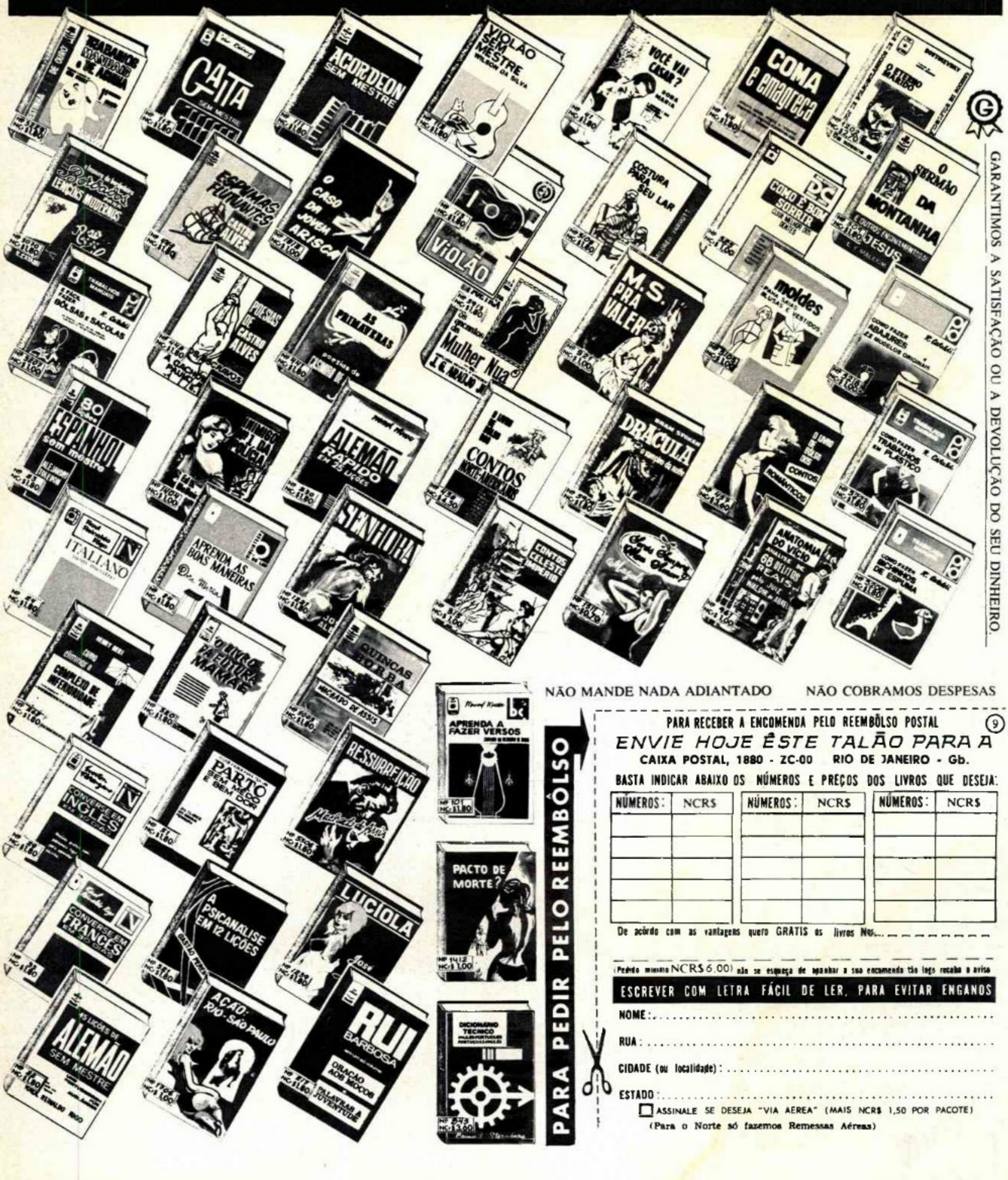
senta levanta senta levanta senta levanta

NYCRON

Um tecido SUDANTEX

ESCOLHA 1 GRÁTIS SE PEDIR 4 LIVROS
ESCOLHA 2 GRÁTIS SE PEDIR 6 LIVROS
ESCOLHA 3 GRÁTIS SE PEDIR 8 LIVROS
ESCOLHA 4 GRÁTIS SE PEDIR 10 LIVROS

(PEDIDO MÍNIMO: NCR$ 6,00 )




GARANTIMOS A SATISFAÇÃO OU A DEVOLUÇÃO DO SEU DINHEIRO.

NÃO MANDE NADA ADIANTADO — NÃO COBRAMOS DESPESAS

PARA PEDIR PELO REEMBÔLSO

PARA RECEBER A ENCOMENDA PELO REEMBÔLSO POSTAL (9)

ENVIE HOJE ÊSTE TALÃO PARA A

**CAIXA POSTAL, 1880 - ZC-00 RIO DE JANEIRO - Gb.**

BASTA INDICAR ABAIXO OS NÚMEROS E PREÇOS DOS LIVROS QUE DESEJA:

| NÚMEROS: | NCR$ | NÚMEROS: | NCR$ | NÚMEROS: | NCR$ |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

De acôrdo com as vantagens quero GRÁTIS os livros Nos. _ _ _ _ _ _ _ _

(Pedido mínimo NCR$ 6,00) não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso

ESCREVER COM LETRA FÁCIL DE LER, PARA EVITAR ENGANOS

NOME: .....

RUA: .....

CIDADE (ou localidade): .....

ESTADO: .....

☐ ASSINALE SE DESEJA "VIA AÉREA" (MAIS NCR$ 1,50 POR PACOTE)

(Para o Norte só fazemos Remessas Aéreas)

# Quando já sabíamos tudo, tivemos uma grande decepção



cenário nacional, assim como os gaúchos e os pernambucanos.

No ano passado, o velho Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que apenas se limitava à rivalidade entre cariocas e paulistas, foi ampliado, incluindo clubes gaúchos, mineiros, paranaenses. Apelidado de Robertão, êsse nôvo torneio tende a ampliar-se ainda mais e tornar-se campeonato brasileiro, só que desta vez entre clubes. O Robertão é atualmente o mais importante torneio do nosso calendário esportivo.

## Seleções e craques

A CBD — fundada em 21 de junho de 1916 e reconhecida pela FIFA em 1923 — é o organismo supremo do futebol brasileiro. Sua história é a história da evolução de nosso maior esporte, sobretudo através das seleções que organizou nesse meio século de existência.

Foi um bom comêço aquela vitória de nossa primeira seleção, por 2 a 0, contra os inglêses do Exeter City, em 1914. Mas muito teríamos que aprender e apanhar ainda, até chegar aos sensacionais feitos de 1958 e 1962. O primeiro grande torneio de que participamos foi o Campeonato Sul-Americano, que também tem meio século. E nossa estréia, em 1916, em Buenos Aires, foi uma decepção: empate contra a Argentina e Chile (1 a 1), e derrota contra o campeão, o Uruguai (2 a 1). No ano seguinte, nova derrota, em Montevidéu. Nossa vez chegaria em 1919, quando o Sul-Americano se realizou no Rio de Janeiro. Chegamos à final, contra os uruguaios, e vencemos por 1 a 0, com um gol heróico de Friedenreich, que já se consagrava como o nosso primeiro craque.

Depois, passaríamos três décadas apagados, embora continuássemos revelando ao mundo jogadores extraordinários, como Fausto, a Maravilha Negra, no primeiro Mundial, realizado em Montevidéu. O Uruguai foi o campeão e o Brasil caiu fora nas eliminatórias. Após têrmos sido novamente desclassificados em 1934, na Itália, só em 1938 pudemos comparecer a um Mundial — na França — com nossa melhor seleção: tínhamos Leônidas, o Diamante Negro; Romeu, Tim, Hércules, Domingos da Guia. Desta vez, decidimos o terceiro lugar com a Suécia e vencemos: 4 a 2. Leônidas foi o artilheiro de tôda a Copa.

Passadas as três décadas apagadas, o Brasil se preparava para ser a sede do Mundial e, em 1949, vencia tranqüilamente, no Rio, o Sul-Americano, com uma das equipes mais poderosas que já pôde formar: Barbosa, Augusto, Nilton Santos, Mauro, Bauer, Eli, Danilo, Rui, Noronha, Bigode, Tesourinha, Cláudio, Zizinho, Ademir, Nininho, Jair, Orlando, Simão, Canhotinho. Êles seriam os principais atôres da maior tragédia de nosso futebol, num Maracanã superlotado, 200 mil pessoas, dia 16 de julho de 1950.

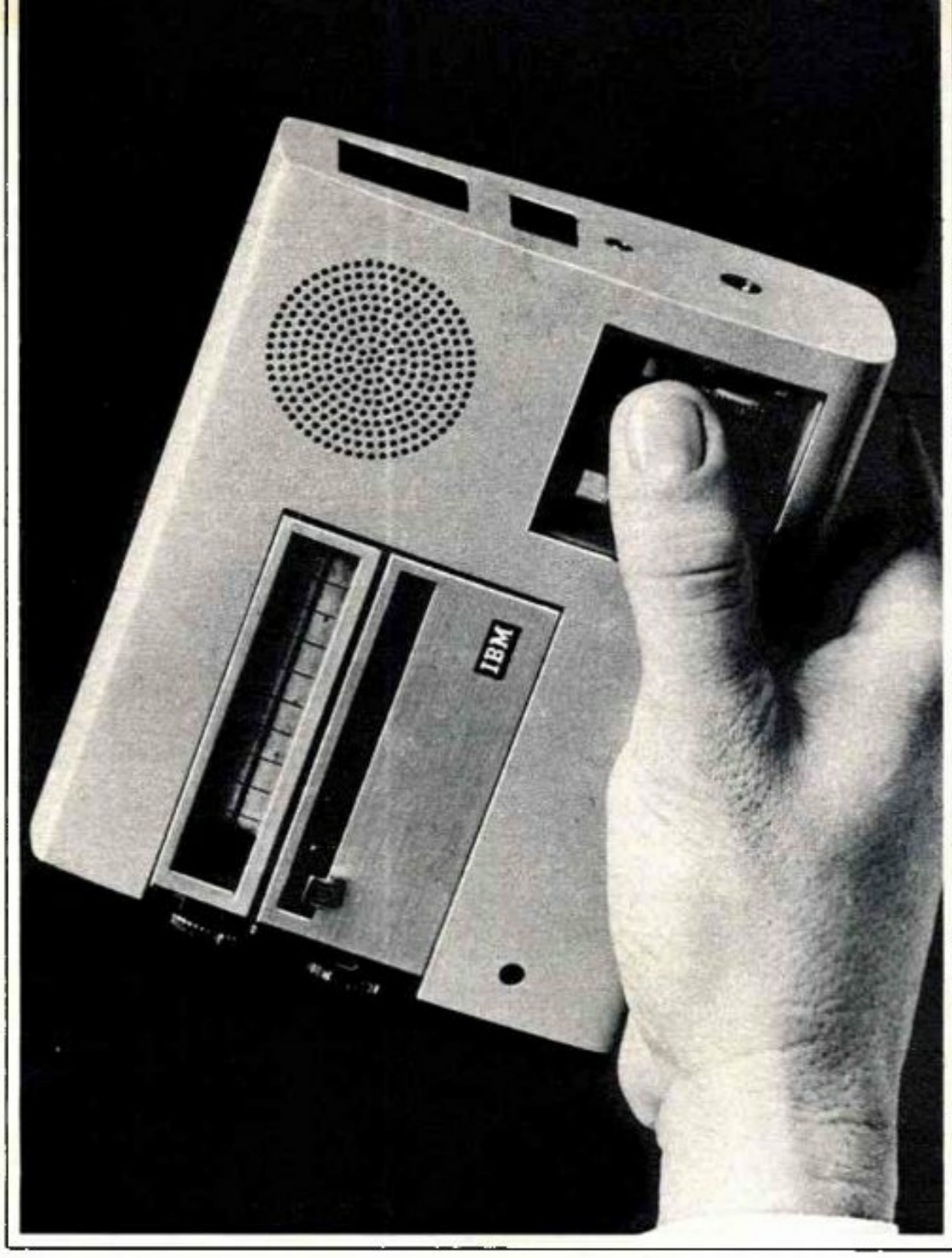
Jogávamos "em casa", tínhamos uma seleção de gigantes, chegáramos à final batendo adversários difíceis por altas contagens. Ninguém, dos 50 milhões de brasileiros, duvidava: éramos os campeões. As faixas estavam prontas, os programas de festejos também, Flávio Costa, o técnico, seria vereador — diziam. Então começou a partida. Difícil, dificílima. O primeiro tempo se esvai, e nenhum gol. Embora nos bastasse o empate, a massa de torcedores se impacientava. E logo no comêço do segundo tempo, com o gol de Friaça, sossegava um pouco. Então, liderados por Obdulio Varela, valente e temperamental, Uruguai empata e desempata. Perdíamos o Mundial. Choros, ataques histéricos entre a multidão. Luto em todo o País. A enorme decepção marcaria durante ano cada torcedor brasileiro: "Jamais teremos a Taça Jules Rimet" — diziam. Viraríamos derrotistas.

## Então, aparece Pelé

Em 1954, na Suíça, a previsão dos pessimistas se confirmaria. Perdemos para os húngaros por 4 a 2, jôgo tumul-

SEGUE

**No Rio, os meninos aprendem a jogar nas "escolinhas". Futebol é cada vez mais científico.**

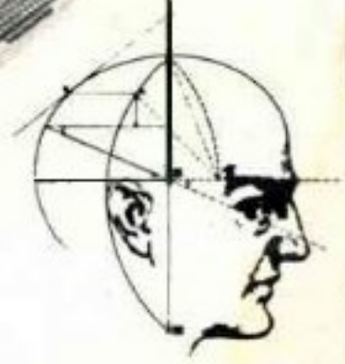


# *a unidade portátil de ditado IBM pode ser vista nos mais diferentes lugares e sempre na mão de gente importante*

Homens de emprêsa utilizam a unidade portátil de ditado IBM porque é prática: permite despachar o expediente a qualquer hora e em qualquer lugar. Profissionais liberais usam a unidade portátil IBM porque ela oferece uma contribuição nova ao melhor desempenho de um sem-número de tarefas. É por isso que a unidade portátil de ditado IBM é vista, com tanta freqüência, nos mais diferentes lugares (no gabinete de um Executivo ou à beira de uma ensolarada piscina) — sempre na mão de gente importante, empenhada em usar os modernos recursos de comunicação para ganhar tempo e promover progresso, através do "processamento da palavra"

**TRANSCRIÇÃO:**
A linha de máquinas de escrever elétricas IBM atende aos mais diversos trabalhos de datilografia. A Standard é altamente rentável para todos os trabalhos de rotina. A Executive tem uma impressão que parece tipográfica. E a versátil IBM 72 com seu revolucionário sistema de esferas de tipos, permite usar diferentes tipos de letras e alfabetos na mesma máquina e no mesmo trabalho.

**REPRODUÇÃO:**
Para permitir que trabalhos de datilografia sejam repetidos em dezenas ou mesmo centenas de originais, a IBM criou a MT 72 — máquina de escrever elétrica com memorização por fita magnética. Com ela, as circulares ou cartas adquirem um toque pessoal, datilografadas automàticamente, uma a uma, à razão de 15,5 caracteres por segundo e sem possibilidade de êrro.



QUEM TRABALHA COM A CABEÇA, DEIXA O
**PROCESSAMENTO DA PALAVRA**
A CARGO DAS MÁQUINAS

**IBM**

**DIVISÃO DE EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO**

IBM DO BRASIL Indústria, Máquinas e Serviços Ltda. – RIO DE JANEIRO: Rua do Ouvidor, 70 – 2.º andar – Tel.: 31-4010 – SÃO PAULO: Av. São Luiz, 86 Tel.: 239-3211 – FILIAIS: ABC (São Paulo) – Belém – Belo Horizonte – Brasília – Curitiba – Fortaleza – Niterói – Pôrto Alegre – Recife – Salvador – Santos

# Então aparece Pelé; depois dêle, passamos a ensinar aos outros



tuado, os brasileiros medrosos. O que os pessimistas não viam é que estávamos numa fase de transição e que os húngaros tinham em 1954 a melhor equipe do mundo: Puskas, Kocsis Czibor, Hidegkuti — uma máquina perfeita.

1958. Desta vez, partiríamos para um Mundial bem preparados. Até psicólogo levamos na equipe técnica. Contudo, os russos estavam "cientìficamente preparados" e eram apontados favoritos pela crônica européia. O Brasil, para os franceses, por exemplo, tinha um futebol talentoso, mas mentalmente primário.

Estreamos a 8 de junho, em Udevala, ganhando da Áustria por 3 a 0. Três dias depois, um empate de 0 a 0 contra a Inglaterra provocaria, nos bastidores, uma mudança que levaria o Brasil ao título. Acontece que até ali a seleção ainda não estava definida. O ataque perdia-se nas limitações de Joel, obrigado a recuar para cobrir os avanços de Dino; e no individualismo de Mazzola, mais preocupado em obter um fabuloso contrato na Europa. O empate levou um grupo de jogadores, liderados por Nilton Santos, Didi e Belini, a fazer uma sábia sugestão à comissão técnica: colocar, na partida decisiva das oitavas de final (contra os soviéticos), dois homens até então esquecidos — Garrincha e Pelé.

Quinze de junho de 1958. Dois minutos de jôgo. Garrincha dribla três soviéticos e chuta violentamente contra a trave. Dois minutos e meio: Pelé avança e põe a bola no travessão. Nova jogada brasileira: Didi para Pelé, Pelé para Vavá, que de pé direito vence furiosamente o goleiro soviético, o extraordinário Iashin. Um a zero. Naqueles dois minutos decisivos, estava demonstrada a grande mudança na evolução de nosso futebol. Fomos infantis em 1930; imaturos em 1934; inexperientes em 1938; otimistas demais em 1950; nervosos em 1954. Agora, tínhamos talento e maturidade.

Surpresos, os russos recuaram, para tentar escapar à derrota. Mas Garrincha, Pelé e Vavá continuavam estraçalhando o sistema defensivo inimigo. Já no tempo final, Vavá marcou o segundo gol, numa prova de coragem elogiada pelos próprios adversários. Havia uma bola dividida, entre êle e um zagueiro soviético. Vavá não hesitou: mandou o pé, sofreu um corte profundo, mas fêz o gol. A classificação estava assegurada e o próximo jôgo, pelas quartas de final, contra um time que se fechava inteiro na defesa — Gales —, consagraria de vez um rapazinho de dezessete anos, autor do único gol naquele dia: Pelé. Ninguém nos segurava mais. Vencemos a França por 5 a 2 e repetimos a dose contra os suecos, na decisão. Éramos, pela primeira vez, os campeões mundiais.

Quatro anos após, confirmaríamos nossa superioridade, no

SEGUE

**Pelé, o Rei, já marcou cêrca de mil gols, desde que começou a jogar, doze anos atrás.**

# Ohró te Kuá!

# (Confessamos: ainda existem donas-de-casa que vão demorar algum tempo para usar a Cêra Poliflor)

Está provado: a Cêra Poliflor tem mais cêra e menos solvente do que as cêras comuns. Por isso, é bem mais econômica. Encera-se menos vêzes a casa e o assoalho fica sempre com aquêle brilho fora do comum.

**POLIFLOR — a Cêra do brilho nobre**

-Deveria haver uma lei que me protejesse dos homens que usam

Ice Blue de

**williams**

williams
ESPUMA INSTANTÂNEA
W
ICE BLUE

williams
ICE BLUE
COLÔNIA
W

AQUA VELVA

williams
ICE BLUE
ELETRIC SHAVE
W

williams
ICE BLUE
CREME
BARBEAR

# Mas o futebol não pára; se não corrermos, perderemos o lugar

**DOCUMENTO**
CONTINUAÇÃO

Chile. Mesmo perdendo Pelé na partida de estréia, contra os tchecos, fomos às finais escorados principalmente pelo talento das pernas tortas de Garrincha e pela raça de Amarildo, escalado numa emergência, em lugar do nosso número 10 mais famoso.

Em 1966, na Inglaterra, fomos eliminados ainda nas oitavas de final. A seleção — sem a brilhante geração de 1958-62 — se preparou mal, sem comando, sem disciplina. Ao mesmo tempo, houve bastante violência e muito esquema defensivo. Pelé, por exemplo, foi rìgidamente marcado, chegou a machucar-se de nôvo.

## Cem anos de evolução

Há um século, quando o futebol começou a adquirir forma definitiva, as equipes dispunham-se em campo com dez atacantes e um *espectador,* sôbre a linha de gol, que devia apenas evitar a passagem da bola. Os dez atacantes só faziam isso mesmo: atacar. Não havia preocupação de evitar tomar gols, apenas de fazê-los. As contagens, por isso, eram sempre muito altas: 15 a 10, 12 a 9.

Hoje, acontece justamente o contrário. As equipes se preocupam mais em defender-se. Foi uma evolução? O que é melhor, atacar ou defender? Marcar gols ou evitá-los? O italiano Alfredo Foni responde com a lógica defensiva: "Se uma equipe não sofre gols, não é derrotada". Ao que Nando Hidegkuti, grande goleador húngaro, responde com ironia: "Do jeito que o futebol vai, mais cedo ou mais tarde os atacantes passarão a jogar atrás do próprio goleiro".

Em 1863, com o nascimento do *association,* o *espectador* que ficava lá atrás era incorporado à equipe: o goleiro. Mas ficava da mesma maneira isolado e solitário, e não tardou a reclamar a ajuda de um ou dois companheiros, surgindo então a primeira variante defensiva. Assim, apareciam o zagueiro e o médio, enquanto o ataque continuava sendo feito em massa, com oito homens. Em 1872, por ocasião dos primeiros jogos entre as seleções da Inglaterra e da Escócia, a vigilância defensiva foi dobrada. Os escoceses colocaram dois zagueiros e dois médios, para enfrentar os atacantes adversários.

A inovação foi prontamente adotada por todo o futebol britânico e espalhou-se pela Europa.

De fins do século passado até 1925, os estrategistas estabeleceram o equilíbrio entre defesa e ataque, adotando a chamada formação clássica, com o recuo de mais um atacante para a linha média. Assim: um goleiro, dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. Durante o mesmo período, os atacantes também foram deixando de jogar sempre na mesma linha. Os pontas e o centro-avante continuaram ocupando posições lá na frente, mas os dois meias passaram a jogar mais retraídos, transformando-se em peças táticas importantes, como lançadores de bola, elementos de ligação entre os médios e os atacantes. Esta variante ganhou o nome de M M.

A primeira formação adotada pelas equipes brasileiras foi a clássica, importada da Europa. Durante a década de 30, nossos técnicos do Rio e São Paulo, partindo do M M, recuaram mais um zagueiro e adotaram êste esquema: goleiro, beque de escora, beque de avanço, os três médios, os meias e os atacantes. Mas a grande inovação já tinha sido feita em 1925, pelo técnico do Arsenal de Londres, Herbert Chapman. Êle reforçou sua linha de zagueiros, recuando um dos três médios, criando o sistema chamado WM, que ficou em moda durante uns trinta anos.

Na década de 40, o brasileiro Flávio Costa criou a diagonal. Era um W M "torto", em que um dos meias — chamado ponta-de-lança — avançava pelo campo adversário, enquanto um dos médios recuava. Na mesma época, na Europa, o austríaco Karl Rappan inventava o ferrôlho: sistema mais defensivo ainda, com um zagueiro parado, três outros mais à frente, um ou dois atacantes no meio de campo.

Em 1958, o Brasil lançou o 4-2-4, na Suécia. Um dos médios recua de vez, formando uma linha de quatro zagueiros; o outro médio fica à frente, junto de um atacante, no meio de campo; e o ponta-de-lança vai para o ataque.

## Em 70, como será?

Ainda não se pode saber com certeza o que acontecerá nos próximos anos, mas a Copa do Mundo de 1966 talvez tenha sugerido outros caminhos para o dilema: atacar ou defender. Naquele ano, uma nova palavra seria acrescentada ao vocabulário dos estrategistas: futebol-fôrça. Não exatamente a violência, a pura fôrça física. Mas trata-se de nova concepção de jôgo, segundo a qual uma equipe seria formada por onze atletas técnica e fisicamente capacitados a correr os noventa minutos de uma partida, sem posições rígidas, ajudando-se uns aos outros. Pràticamente, todos atacam e defendem. Um estilo que o Brasil estava longe de poder enfrentar em 1966. E as quatro seleções que ocuparam os primeiros lugares — Inglaterra, Alemanha, Portugal e União Soviética — atuaram segundo o moderno conceito: futebol de conjunto, cooperação e solidariedade, futebol-fôrça.

Em julho último, Aimoré Moreira, técnico da seleção brasileira, entrevistado por um jornal europeu, afirmou:

O futebol mundial transformou-se profundamente a partir de 1958-62, quando Pelé e Didi driblavam quatro ou cinco jogadores e eram aplaudidos. Hoje, depois do segundo drible, o jogador é abatido pelo adversário. A ordem, portanto, é soltar a bola, ràpidamente; e nesse jôgo, nossos craques são superiores. Não creio que a seleção brasileira de 1958-62 seria capaz de corresponder tão brilhantemente às terríveis exigências do futebol de hoje.

## Cada vez mais científico

Dentro dêsse espírito, temos jogado ùltimamente com pelo menos cinco homens capazes de entender e enfrentar o futebol-fôrça. Joel, Sadi, Pelé, Rivelino e Gerson, por exemplo. Sem contar que Carlos Alberto joga na defesa, mas sabe atacar, e muito bem. Sem contar, também, que podemos ter Jairzinho, Piazza, Natal, Toninho, e outros, que ainda não foram chamados. São todos atletas capazes de jogar para a equipe, desempenhando qualquer função dentro do campo.

Estamos, porém, numa fase intermediária ainda. Possìvelmente, não será em 1970, no Mundial do México, que conseguiremos trazer de nôvo a Taça Jules Rimet para o Brasil. O jogador moderno precisa ser um atleta completo, um especialista supertreinado, inteligente, veloz, reflexos rápidos. O técnico deve ser um grande estrategista, sem dúvida, mas assessorado por uma equipe cientìficamente preparada: psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, médicos, treinadores físicos.

Um comentarista brasileiro se espantava, em 1966, com uma coisa importante: as grandes equipes européias chegavam ao gol adversário com dois ou três toques na bola, enquanto os brasileiros, por exemplo, precisavam de oito, dez toques. Isto reflete a era em que vivemos, da eletrônica, da alta precisão tecnológica. E o futebol não pode ficar para trás, diante destas conquistas do homem. FIM

---

**As ilustrações, bem como o texto desta reportagem, são um resumo de "A História Ilustrada do Futebol Brasileiro", que será lançada pela Edobras — Editôra Documentação Brasileira.**

Ela é tratada com delicadezas. A literatura a chama de acontecimento tristemente belo. As pessoas evitam quanto podem pensar nela. Inventam expressões: viagem sem volta, sono eterno, descanso, fim de todos. Porque no fundo ninguém suporta enfrentar cruamente o assunto tão sinistro e misterioso:

# A MORTE

Texto de João Antonio
Foto de Zèpinto

# Violenta: Vanderlei levou cinco tiros no corpo

O cadáver de Idalina Secco, quatro cortes na cabeça e catorze perfurações de agulha de crochê na garganta, é retirado por mãos hábeis do seu pequeno apartamento em São Paulo. Sôbre a morte, um aviso, escrito com batom na parede:

— Ela vendia bolinha, não quis vender, morreu.

Quarenta anos. Enfermeira particular. Sem problemas financeiros, não lidava, nem de longe, com entorpecentes, garante uma amiga. Mas fazia abortos, à razão de NCr$ 60,00 por operação, conforme informa à polícia uma outra mulher. Idalina, que pouco falava com vizinhos, recebia muitas visitas em seu apartamento e "não fazia mal a ninguém", segundo as amigas. Tinha muitas jóias, terrenos e casas. E, antes que sua morte se perdesse nas letras dos jornais e nas imagens de televisão, a sirena do carro policial toca com seu corpo para o necrotério.

Aos sessenta anos, um escritor de nome empalidecido e sufocado pela fama enorme de seu principal personagem volta a ocupar as primeiras páginas. Em Cérvia, na Itália, morre de um ataque no coração Giovanni ou, como era mais conhecido, Nino Guareschi. Sua criação maior, cuja fama engoliu a do próprio autor, continua bem viva. Os livros sôbre Dom Camilo estão editados em 27 idiomas, foram filmados e traduzidos até em Braille.

Na Alemanha Ocidental, um jovem médico do Hospital Berg está assinando o atestado de óbito de uma senhora de setenta anos. Therese Gebhardt morreu por interrupção do sistema circulatório. Não recebeu extrema-unção e suas últimas horas foram arrastadas em solidão total. Nenhum de seus parentes se moveu para lhe dar algum confôrto.

Uma americana de côr branca, Kathy Ainsworth, tinha 26 anos e pertencia à Ku Klux Klan. Morreu, à noite, num tiroteio com a polícia. Houve feridos — um môço de 22 anos, Albert Teransts, que estava ao seu lado, um policial e um vizinho que foi atingido por uma bala perdida.

Na Delegacia de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, o perito Fioravante registra dezoito perfurações de bala num corpo humano — no pescoço, cinco; no peito, três; no tórax, quatro; duas na cabeça e outras duas no rosto; uma no queixo e outra na perna esquerda. O morto estava limpo, mãos cuidadas, compleição atlética, cabelos crespos. Foi encontrado na Baixada Fluminense, num matagal de Belfort Roxo. A polícia técnica trabalha para a identificação do corpo, que aparenta uns trinta anos.

Algumas pessoas passeando num pequeno bosque, próximo de uma estação de incineração de lixo, em Berlim-Ruhleben, dão com o corpo estirado de Walther Miercke. É um aposentado de 65 anos. A viúva explica:

— Êle sentia saudades da velha firma onde trabalhou. Não se conformava com a idéia de ser um homem aposentado.

Inquieto, movido pela necessidade de se movimentar, Walther ia, quase todos os dias, religiosamente, à estação de incineração. Ao juntar lenha, sofreu um ataque cardíaco.

Estrada das Lágrimas, comêço da Via Anchieta, em São Paulo. Um motorista de táxi, Nestor de Sousa, fuzila o rival com cinco disparos de calibre 22. O atingido, Vanderlei Manuel da Silva, há uma semana, levara Cleide Papaleo de Sousa, mulher do assassino, para viver em sua companhia, nos fundos da borracharia onde trabalhava. O amante foi baleado pelo marido, enquanto Cleide dormia numa cama improvisada nos fundos da borracharia. Despertou horas depois, quando policiais farejavam o estabelecimento. Cleide tem dezenove anos.

— Eu não sei explicar. Só sei que me apaixonei perdidamente. Meu Deus, eu quero morrer!

Mas tem uma filha de dois anos.

O motorista do caminhão de placa 74-90-26, de São Paulo, fugiu. Havia trombado com outro caminhão, placa 2-21-38-30, de Itaquera. Francisco, o morto, era um môço de dezenove / SEGUE

# AQUÊLES DIAS
# HOJE EM DIA
# NÃO SÃO MAIS
# AQUELES DIAS

**Existe êste confôrto**

Para a mulher moderna, o absorvente higiênico MODESS* significa segurança, proteção e economia (custa menos que um vidrinho de esmalte). Modess é encontrado também em práticas embalagens de plástico; compre a de 30, é mais econômica.

Use Modess com a calça higiênica SERENA* ou o cinto Modess em "V"

Johnson & Johnson

*Marcas Regs.

# Bela: Joana d'Arc foi sacrificada como uma heroína

anos. A 32.ª Delegacia atende à ocorrência e instaura o inquérito.

Em Campos do Jordão, um Volks de chapa 5-95-82 descontrola-se com excesso de velocidade, nas proximidades do Grande Hotel. Choca em um poste. O motorista é filho do delegado de polícia de Santo André, São Paulo. José Henrique de Paula Neto tem vinte anos, é solteiro e morre instantâneamente. Ferimentos graves nos outros ocupantes do Volks, três mocinhos: um de catorze e dois de quinze anos.

Os jornais anunciam que em Biafra, na Nigéria, África, as perspectivas são de mortalidade coletiva — 30 mil pessoas poderão morrer de fome diàriamente. Não há alimentos ou socorros para ninguém. Só se pode comer insetos e lagartixas, que estão sendo consumidos pelos doentes.

Os matutinos forneceram, logo após, os assassinatos e os acidentes de trânsito, incêndio de uma casa e a queda de um avião comercial, matando sessenta e um passageiros, que tomavam, sossegados, seu café da manhã a bordo. À noite, a televisão mostrou a morte em grandes safras no Vietnam. Houve setecentos mortos, apenas na batalha de Dak Hoa.

## A viagem sem volta

Mas foi por um ponto imponderável que aquêles que ouviram ou leram as notícias sentiram-se abalados. Por detrás dos números, nomes, características, regiões, condições, estava a morte. E, imediatamente, evitaram a mais ligeira das lembranças de um possível encontro, frente a frente.

O imponderável da morte apavora em qualquer demonstração de seus podêres. Ainda temperado com o humor ou o senso da beleza, seu enigma é apavorante. "A morte engana, como um jogador de futebol, a morte engana. Como os caixeiros escolhe, meticulosa, entre doenças e desastres" — declama Carlos Drummond de Andrade.

A morte-notícia, suportável até certo ponto e, às vêzes, se avizinhando do interessante e do pitoresco como relato, passa para a penumbra do bastidor e causa mêdo. A maioria dos assistentes evita o espetáculo e nem mesmo os parentes mais chegados dos mortos-notícia suportam a intimidade com a morte.

Guilgamecn, o rei lendário, é o mais antigo herói das epopéias humanas. Foi agraciado com a vida no dilúvio babilônico e partiu em busca da pedra filosofal da vida, tentando obter a imortalidade. Êle próprio meditou junto ao cadáver do seu inseparável amigo Enkidu:

— Que espécie de sono é êsse que te tomou? Eu tenho mêdo.

Misterioso, inquietante, sinistro, o sono do qual ninguém até hoje acordou já perturbava o homem, desde que se tem notícia de sua existência no planêta. Infindáveis lamentações pelos mortos atravessam as epopéias e mitologias. O luto se estende do homérico Aquiles ao mítico nórdico Siegfried, passa pela francesa Joana d'Arc e encontra, pelo caminho, um dinamarquês famoso, magro, enamorado de dúvidas eternas, fascinado pelo enigma da morte: o príncipe Hamlet que, com uma caveira nas mãos, pensa no seu universal ser ou não ser.

Morrer modernamente, sob a aparelhagem dos hospitais e prontos-socorros, não difere, em essência, de morrer como nos clássicos quadros antigos. Em épocas passadas, o patriarca moribundo reunia a seu redor filhos e netos. E as crianças, vivendo em famílias enormes, povoadas de muitos filhos, viam de perto a morte dos pais e irmãos mais velhos. A morte era, afinal, algo natural. Atualmente, as crianças são como que dolorosamente poupadas de encará-la. Othmar Tonz, um publicitário suíço: "Hoje, existem adultos que nunca se defrontaram com um morto".

Os faraós do Egito faziam, durante metade de suas vidas, a preparação para a morte. À custa do suor de milhares de braços escravos, e gastando a metade dos impostos estatais, erguiam-se as pirâmides e se sustentavam os preparativos para a ida sem retôrno dos faraós ao Reino dos Mortos. / SEGUE

# O Banco Lar Brasileiro lidera os 25 maiores bancos do país na relação entre capital & reservas e depósitos.

## (mas não fazemos alarde disso)

É natural que nos orgulhemos da relação que mantemos entre capital liquido e depósitos. Afinal, um banco deve ter sempre uma boa base de capital e reservas, servindo de margem adicional de proteção aos seus depositantes. Mas, na realidade, o que conta em um banco de primeira classe, o que torna os serviços completos, eficientes e corteses — é a alma do banco, a sua gente, o seu pessoal. Orgulhamo-nos de possuir uma equipe tão boa, grande parte da qual há muitos anos está conosco. Dedicamos, com prioridade, substanciais esforços e recursos a uma sempre melhor seleção, preparação e promoção do elemento humano, visando a estabelecer bases sólidas para a presente expansão e para os desafios do futuro. Isto garante que o Banco Lar Brasileiro — agora um banco comercial conhecido por suas inovações — poderá continuar prestando serviços que fogem à rotina, realizando um trabalho cada vez mais criativo, na canalização de financiamento para as atividades produtivas. Ao mesmo tempo, a sempre melhor qualidade de nossa administração intermediária resultará num continuado aumento de nossa própria produtividade, que se traduz em melhores salários para os componentes de nossa equipe e em sempre menores taxas e preços para o público.

**Há futuro em ser cliente do BANCO LAR BRASILEIRO S/A**

Associado ao THE CHASE MANHATTAN BANK, N.A.

Com a participação do Deutsch-Südamerikanische Bank, AG

IA - 2-255

# Sempre cabe mais um quando se usa Rexona.

# E o mais nôvo sabonete-desodorante.

E o mais eficaz também!
Porque Rexona tem um elemento desodorante realmento ativo.
Protege contra a transpiração muito melhor que qualquer outro sabonete-desodorante.
Use-o... Rexona tem o perfume mais insinuante dêste mundo...
Você vai gostar de usá-lo.
E em todo lugar, haverá lugar e sorrisos para você.

# Esperada: os reis encomendavam suas mortalhas

As pesquisas atuais revelam que apenas um em cada dez cidadãos dos grandes aglomerados urbanos pensa com "certa freqüência" na sua própria morte. A grande maioria dos homens modernos se preocupa sòmente "de quando em quando".

Os cristãos antigos oravam para evitar a morte repentina, contando que tivessem tempo para preparar, lentamente, a alma para a partida eterna. O acêrto de contas com o Céu era ansiado prudentemente. A morte ideal nos dias atuais é o enfarte do miocárdio, ou a partida-relâmpago de encontro a um poste. O maior propósito é o de ser desligado do tumulto vital sem tomar consciência de nada.

Enquanto isso, os católicos fervorosos carregam um *agnus dei* (pequeninos pedaços da Santa Cruz ou do Círio Pascal) que, segundo êles, tem o poder de afastar a má morte — em desastres ou pavores. Os praticantes teriam, assim, possibilidades de se confessarem antes de ir e receberiam a morte em estado de graça.

Para Herman Feifel, psicólogo californiano, a preocupação "está sendo reprimida numa zona-de-tabu, do mesmo modo como acontecia antigamente, talvez, com a tuberculose, o câncer ou o tema sexo". Para Geoffrey Gorer, sociólogo inglês, "a morte se tornou obscena".

O "acontecimento tristemente belo", segundo o escritor Thomas Mann, só é suportável atualmente pela televisão, e já em estado de entêrro. Quanto mais ilustre a envergadura do morto, um Kennedy, um Hemingway, um Adenauer, mais disfarçado estará o acontecimento, sob o rótulo de morte-nacional. Transferido para a área familiar, os parentes titubeiam, engrolam desculpas e acabam sempre chegando tarde demais ao leito daquele que agoniza.

A morte é encarada com delicadezas, o que lhe afasta a essência. Na literatura ou na bôca popular, os que morreram apenas estão "encantados" (Guimarães Rosa) ou "foram chamados pelo Pai", "descansaram", "partiram do nosso convívio", "foram desta para a melhor", "voltaram ao Céu". Brasileiramente, se evita cautelosamente até a crônica verdadeira das intimidades do morto, e quando alguém morrer "vão dizer que nunca viram uma pessoa tão boa assim" (Noel Rosa).

Não são a falta de espaço da civilização quarto-e-sala e as implicações higiênicas de um defunto jazendo que afastam o homem moderno do encontro com o morto. Sociólogos e psicólogos opinam que é simplesmente "o mêdo".

Príncipes e servos medievais costuravam as próprias mortalhas e as guardavam num armário. No ritual da Iniciação-dos-sete-anos, existia o costume de as crianças beijarem ou morderem o dedão do pé de um defunto amortalhado, para perderem, bem cedo, o mêdo da morte.

Os agentes funerários atualmente se encarregam de tudo. São empresários de uma espécie de empreendimento — os gastos com a morte e o morto — que evita crises emocionais dos pagantes. Em alguns países, já são utilizados cosméticos para que os mortos, embelezados, possam ser suportados agradàvelmente. Porém, há exceções:

— No máximo um, em cada vinte casos, ainda aparece alguém que queria ver o morto — afiança um agente funerário de Munique.

## O mêdo se agarra à ciência

A expectativa que as religiões abriam para a morte como começo de uma vida incorpórea e melhor perdeu — para muitos — o crédito e, hoje em dia, restou ao homem a necessidade de libertar-se dos pensamentos com a morte. Há esforços para isso e, como formulou um filósofo, Max Scheler, luta-se para "afugentar" a morte. O homem moderno teme a imortalidade e também não quer ser mortal. E, para Wolff: "O homem tenta matar a morte".

Psicològicamente, é essa esperança e ilusão de driblar a morte que explica o crédito mágico e nada crítico com que os indivíduos que estão perdendo a mocidade se valem nervosamente / SEGUE

# Seus interêsses são importantes em qualquer lugar. Estejam até no "sertão bravo"

**E para que V. esteja presente, a qualquer hora, à frente dos negócios, é que os modernos Aero Commanders da Lider não têm preferência: vão a qualquer lugar.**

Basta um telefonema. Um moderno Aero Commander estará prontinho à sua espera. Acaba aí aquela estória de dificuldade de locomoção. É nosso objetivo é êste: ajudá-lo a desempenhar sua função de dirigente.

Para levarmos V. a um lugar, basta uma coisa: que lá exista campo de pouso. Nossos Aero Commanders são projetados para serviços assim. E os pilotos... êstes já voaram até na Amazônia.

LÍDER TÁXI AÉREO

***Fretar um avião da Líder é tão simples como pedir um táxi.***

JMM. MG

Lider S. A. Transportes Aéreos ☐ Belo Horizonte — Aeroporto da Pampulha — Fones: **24-9130 / 24-9325 24-9662** e **22-9033** ☐ Rio de Janeiro — Aeroporto Santos Dumont — Fones: **52-9160 / 22-7884 22-1442** ☐ São Paulo — Aeroporto Congonhas — Fones: **267-2660 / 61-8977** e **34-3054**

# Inquietante: o coração do morto bate em outro peito

de "elixires da longa vida" e de tratamentos para o rejuvenescimento.

Uma notícia da Cidade do Cabo, há meses, reacendeu em milhões de indivíduos do mundo inteiro a expectativa de uma cura quase milagrosa: os transplantes do coração realizados pelo cirurgião Christian Barnard. E, em poucos dias, todos os passos e palavras dêsse homem foram acompanhados, entre a fama e a desconfiança.

Em têrmos de comparação com outras descobertas fundamentais da medicina, como os antibióticos, as vacinas e a insulina, os transplantes só poderão salvar uma parcela pequeníssima de doentes condenados. Mas milhões de esperanças se reanimaram no mundo inteiro.

Esta é a perspectiva aberta pela operação de Barnard: uma vida quase finda é reativada para viver mais dez ou vinte anos, pela introdução de uma nova bomba muscular, sobressalente. Enquanto isso, no bastidor, a realidade apavora: outro ser humano, no preâmbulo de sua morte, está rodeado de médicos ocupados na extração do seu coração, para o transplante. E profissionalmente não hesitam, para atingir o objetivo, até em desligar outra vida alguns segundos antes da hora já marcada.

E operários, intelectuais, jornalistas, artistas, mulheres bonitas enfrentam, com um calafrio, uma nova discussão que entre médicos, juristas e teólogos já está sendo travada há anos — quando é que alguém está realmente morto?

## O que é e onde está a morte?

Opinando Werner Forssmann, Prêmio Nobel: "Antigamente, era assim: um cadáver era um cadáver". E, se um espelho colocado defronte da bôca de um paciente não embaçasse mais, sua respiração teria terminado, suas batidas do coração teriam emudecido, e o médiço, acabada a tarefa, podia fazer o atestado de óbito. A identificação da morte superou, hoje em dia, todos os critérios clássicos.

Perto de 10 mil pessoas no mundo permaneceram, na sala de operações, com o coração completamente parado durante minutos e até horas. E sobreviveram. O dentista sul-africano Philip Blaiberg vive com um coração estranho, enquanto o seu verdadeiro, gasto, está conservado em álcool.

Dúvidas angustiantes sobreviveram à medicina e não apenas se discute hoje o *momento em que* um médico pode ou não retirar um coração ou um fígado, de alguém que acaba de morrer, e fazer um transplante. Também não se discute apenas quando é que o médico tem o direito de desligar os aparelhos de reanimação artificial, no caso de um envenenamento por excesso de tranqüilizantes. Há, hoje em dia, uma quantidade inquietante de meios que a técnica moderna pode colocar ao seu dispor para dominar a vida ou a morte. Os congressos de medicina colecionam, atualmente, um catálogo de indagações horríveis sôbre o direito de vida e de morte, a partir do momento em que Christian Barnard olhou a cavidade vazia do coração de um ser vivo e nêle plantou um coração nôvo. As perguntas borbulham:

— Imediatamente depois de ter sido confirmada a morte, sem sombra de dúvidas, pode o cadáver ser ligado a um aparelho de reanimação, como se fôsse uma peça sobressalente condutora da circulação do sangue? — Sir George Pickering, professor de medicina, dirigindo-se à Universidade de Oxford, Inglaterra.

— No caso de uma vítima de acidente de trânsito, cujo crânio foi esmigalhado, podem os médicos retirar o coração, no último estágio de vida, antes do desenlace fatal, e congelá-lo, para que se conserve em boas condições, com vistas a um transplante já marcado? — Sr. Heinrich Jagusch, juiz de Direito Criminal alemão.

— Quando um doente de câncer, que está na última fase da doença, ainda é atacado de pneumonia, deve-se indicar o seu combate por meio de antibióticos, ou isto significaria o prolongamento insensato de um fim irreversível? / SEGUE

Vou de Shell, uso Topeka,
dirijo Karmann Ghia,
fui a Nova York pela Varig
e a Londres pela
Pan American, fiz tôdas
as provas (e passei) com
Parker. E leio Seleções.

56% dos leitores de Seleções
têm menos de 30 anos.

# Seleções

do Reader's Digest

— a revista adulta que
o jovem gosta de ler.

20.427

# Adiada: o soviético Landau viveu quatro vêzes

Isto retiraria ao doente seu direito inalienável à morte natural e no momento adequado? — Dr. Bernhard Degenhard.

— Eu me olho no espelho e vejo meu rosto, mas poderia ser igualmente o focinho de um cavalo, com orelhas compridas — palavras do físico soviético Lew Landau, que depois de um acidente de trânsito, em janeiro de 1962, foi devolvido à vida quatro vêzes, após verificada a sua morte clínica. Nessas quatro vêzes, passou a viver sem nenhum brilho e muito dolorosamente. Que sentido terá a reanimação quando são estas as perspectivas de vida?

— Uma menina de onze anos morreu em Liverpool, em 1965. Fôra atropelada por um caminhão aos cinco anos de idade e viveu, a partir daí, num hospital, durante seis anos, em estado inconsciente. Descrição do estado do paciente feita pelo professor em medicina Pierre Mollaret, francês: "Não é mais um ser vivo que se comunica; tudo está reduzido ao ocasional e monótono rangido do mais lamentável dos robôs". Os médicos duvidam se esta espécie de prolongamento da vida movida por aparelhos é sustentável e até que ponto. Cientista britânico Donald Gould: "Quando foi que esta menina morreu?"

Nos últimos cinco anos foram feitos 1 600 transplantes de rim, com doadores vivos ou mortos (até que ponto é possível assegurar que todos estivessem mortos?). Sôbre a aparelhagem de reanimação, o neurocirurgião Professor Peter Rotgen declarou: "É um hospital-inferno em escala dantesca". E o que se poderá esperar nos próximos anos, quando nem mesmo os próprios médicos conseguirão limitar o poder dêsses aparelhos sôbre as pessoas?

Como em nenhuma outra época, as discussões sôbre a morte fogem à área simplesmente médica e enveredam por indagações cruciais da existência humana. Poetas e filósofos, profetas e sacerdotes do passado procuraram dar um sentido de consolação à morte. Mas ela permaneceu sempre como um ponto indefinível e imponderável da natureza humana, localizada entre a esperança e a desesperança. Hoje, o tema é discutido com uma lucidez científica: "Precisamos esclarecer o sentido da morte", falou o Professor Erner Wachsmuth, cirurgião. E o teólogo Thielicke: "O que diferencia o homem de uma máquina, cujas peças são substituíveis? Qual a posição da morte e do sofrimento na escala de valôres das nossas vidas?"

No passado, a discussão frontal da morte foi evitada ardilosamente e até por meio de truques dialéticos. Com a frase: "Filosofar significa aprender a morrer", o francês Michel de Montaigne, que viveu entre 1533 e 1592, deu título a um ensaio sôbre a morte. O grego Epicuro evitava sempre o assunto desagradável, e depois, em Roma, o pensador Cícero dizia: "Enquanto existimos, a morte não existe e, quando a morte existe, nós já não existimos mais".

## Ir com bom humor

Até o último minuto de vida, um reduzido número de cultores da arte da vida e da morte conseguiu sustentar uma atitude humorada. Morrendo, em seu leito, o Imperador Augusto pediu um espelho para ajeitar o penteado. E disse aos que o assistiam: "Se vocês gostaram da encenação, aplaudam, para que eu possa sair de cena feliz".

Tanta elegância diante do fim é fato incomum. Leon Tolstoi, autor de *Guerra e Paz*, foi tomado pelo desespêro e pavor e saiu correndo, alucinadamente, no meio de uma tempestade de neve, para morrer.

Feia e triunfante, a morte tem conseguido brutalizar a vida dos homens. Em cinco anos, entre 1347 e 1352, a peste matou cêrca de um quarto da população européia. Vinte milhões de pessoas que viviam antes da Guerra dos Trinta Anos foram reduzidos a oito milhões. As campanhas bélicas de Napoleão levaram as vidas de tantos franceses fortes que, após a sua passagem, a estatura média do francês regrediu de alguns centímetros.

SEGUE

# Infalível: ninguém escapa, um dia todo mundo vai morrer

"A cada sete segundos morre um soldado alemão na Rússia", transmitia uma voz da rádio de Moscou, no inverno de 1942/43. Depois, um relógio tiquetaqueava durante sete segundos.

Rilke, o poeta alemão: "Senhor, dê a cada um a sua própria morte". Mas isto perdeu inteiramente o sentido, diante da aproximação da era atômica: Stalingrado, 250 mil mortos; Hiroxima, 140 mil mortos; campo de concentração nazista de Auschwitz, 4 milhões de mortos. Na avalancha de desastres, a morte individual estêve pràticamente proibida.

Martin Heidegger, filósofo, tenta emprestar um sentido à morte, como pedra-de-toque à qual uma existência humana plena de sentido tem que se prender. Ela é algo que o homem "decididamente tem que carregar consigo". Mas, para o professor de medicina Hans Freiherr von Kress: "O número daqueles para os quais a morte significa um desmanchar-se no nada, com certeza, aumentou no nosso século".

No entanto, parece desconcertante para psiquiatras e psicólogos a intensa disposição com que a humanidade concorda com um nôvo tipo de *credo* que se colocou no lugar das religiões anteriores: a fé na onipotência da ciência, principalmente a partir da segunda metade dêste nosso século.

Numa época em que os teólogos ainda pregavam o temor pelo fim, desígnio de Deus, e em que pensadores ocidentais estavam à procura de um sentido da morte, nas clínicas e laboratórios começava uma revolta contra a sua tirania. A nova ciência evoluía cada vez mais ràpidamente, conquistando, pedaço a pedaço, um terreno onde a morte era todo-poderosa.

Entre 1870 e 1880, a média expectativa de vida era, para recém-nascidos do sexo masculino, de 35 anos, e para os do sexo feminino, de 38 anos. Até 1962, a expectativa de vida já estava quase dobrada: quem nasce hoje tem uma possibilidade de vida estatìsticamente prevista para 67 anos (homens) e 72 anos (mulheres).

Seria enganadora, no entanto, uma estatística que adiantasse uma duplicação do tempo vital, a cada nôvo século. Antigamente, as pessoas morriam antes dos 35 anos (têrmo médio) e, hoje, podem dobrar essa idade, porque a medicina e a higiene dominaram grandes doenças da humanidade — cólera, tuberculose, varíola, peste e poliomielite. Mas apenas êstes dados confirmam a estatística.

Cinco mil anos de arte médica não deslocaram ainda o "marco final", previsto pela Bíblia quanto à duração da vida do homem: o prazo dos setenta anos e, quando muito, seu prolongamento para além dos oitenta anos.

A expectativa de viver que resta a uma pessoa de 65 anos é, hoje em dia, pouco maior do que há cem ou duzentos anos. E ainda que a ciência conseguisse desenvolver medicamentos seguros, também contra as doenças mais ameaçadoras, principalmente o câncer e arteriosclerose, ainda assim o sonho da vida eterna só se teria aproximado um pouquinho mais. Os pesquisadores mais otimistas afirmam, tranqüilamente, que o tempo de vida do homem, pelo menos nos próximos quinze anos, será prolongado para oitenta ou, talvez, noventa anos.

Se o objetivo sonhado pela humanidade fôsse o da juventude, se não eterna, pelo menos prolongada, e se pode ou não ser realizado, é, antes de qualquer consideração, uma questão de fé na ciência. Está estabelecido que o homem nunca rompeu a regra cíclica e natural, que vai do nascimento à morte.

O mero prolongamento de uma existência senil (que seria o mais provável) pode não valer a pena e disso já foi testemunha o herói épico de Swift, Gulliver, ao encontrar o legendário Struldbrug, no Reino de Lugnac, onde havia homens imortais que aos noventa anos estavam tão senis que "não podem mais ler, pois no final da frase já se esqueceram do que estava escrito no comêço". Swift-Gulliver: "Foram a imagem mais triste que eu jamais vi".

FIM

# a maior cozinha do mundo em 1,20m

Realmente o nôvo Fiel-Kit pode ser chamado de a maior cozinha do mundo, pois nêle se guardam todos os utensílios. Paneleiro, armário para xícaras, copos, jarras, gabinetes para pratos, sopeiras, travessas, gavetas para talheres etc... enfim V. poderá guardar comodamente todos os utensílios da sua cozinha. Além do mais o Fiel-Kit possui tampo de Laminado Plástico em várias côres, com frizo cromado de proteção, tomada para aparelhos elétricos e iluminação própria, embutida na própria prateleira. É realmente uma comodidade a mais. As portas são totalmente almofadadas e possuem dobradiças exclusivas de ação dupla. Os puxadores estão incorporados à própria porta o que permite uma extrema funcionalidade, um atraente frizo cromado de proteção à pegada arremata totalmente os armários. As gavetas são estampadas em uma só peça com os quatro cantos arredondados para maior facilidade de limpeza. Os pés quadrados seguem o nôvo estilo do móvel e possuem também ponteiras com sapatas reguláveis. O seu revendedor terá prazer em lhe demonstrar tudo sôbre o nôvo Fiel-Kit.

FIEL

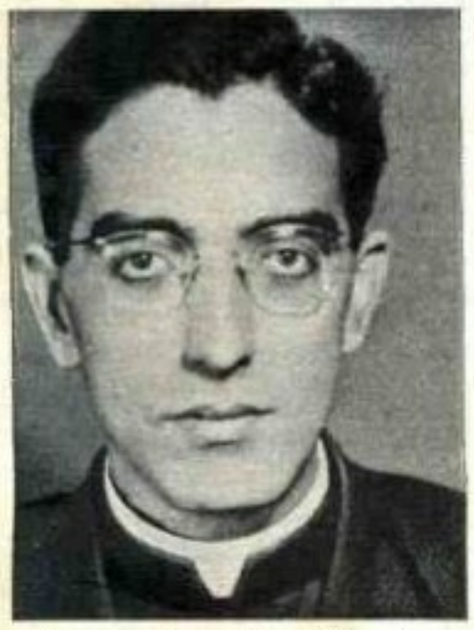
25° aniversário

# DEPOIS DA NOVA ENCÍCLICA DE PAULO VI É PECADO USAR A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL?

**NÃO** A Encíclica em si não é um texto definitivo. Se, por uma questão de pílula, um casal deve ficar sem os sacramentos da Igreja, está claro que o problema da salvação virou uma piada. Desde o começo, a proibição da limitação dos filhos foi ensinada só como um recurso de proteção dos fiéis contra as heresias dos maniqueus e albigenses. Mas, agora, essas heresias não têm mais nenhuma influência. Por isso, desapareceu o motivo da proibição, embora ela ainda seja encontrada em documentos dos papas, que neste ponto não fizeram nenhuma definição dogmática ou infalível. Não será a Encíclica *Humanae Vitae* que, de uma hora para outra, conseguirá reforçar a adesão dos casais à Igreja. Há uma inclinação geral para a desobediência, a rebeldia e a perda da fé. O escândalo está mais contra a intolerância dos moralistas do que contra quem defende a necessidade de mudança. Também não será a Encíclica que poderá transformar num pecado a limitação da natalidade, nem em pecadores os casais que não disponham de meios para educar os filhos. Usar a pílula não é pecado, como não foi pecado emprestar dinheiro a juros mesmo depois das condenações enérgicas de Alexandre VII, Inocêncio XI e sobretudo Bento XIV, em 1745, com sua Encíclica *Vix Pervenit*. Desde os primeiros tempos da Igreja, seus maiores moralistas sempre condenaram o empréstimo a juros, e pouco a pouco esta reprovação conseguiu virar lei — o Direito Canônico *ainda* traz reflexos desta doutrina (cânon 1543). Mas a evolução do mundo e as novas condições do fim da Idade Média forçaram os moralistas a uma revisão. Nem todos cedem às pressões sociais. Apesar disso, a prática do empréstimo espalha-se cada vez mais, e nem um decreto da Inquisição, em 1836, consegue evitá-la. Anos depois, a condenação da Igreja cai e os moralistas reconhecem que esta forma de comércio nada tem contra a doutrina cristã. O empréstimo passa a ser tratado como uma realidade normal e conforme a justiça, portanto moral. Tinha havido uma inversão total. Por quê? Um pecado não era mais um pecado? Não. Mas o ato do empréstimo situava-se num contexto histórico, econômico e social diferente. A moral não é imutável. A evolução da doutrina sôbre o contrôle da natalidade é muito semelhante. Diante dos novos problemas que a família e o casamento passaram a enfrentar, a moral conjugal também se modifica. Estamos no século XX e não no tempo dos maniqueus e albigenses. Portanto, acho até conveniente discutir uma doutrina que é discutível, embora defendida pelo papa. E não estou só, pois há teólogos de fama mundial que continuarão apresentando argumentos de valor, com base na mais pura moral cristã, livre de preconceitos e da necessidade de defesa contra hereges já enterrados há séculos.

**Padre Paul-Eugène Charbonneau**
DOUTOR EM TEOLOGIA

**SIM** A resposta deve ser procurada nos têrmos da própria Encíclica, não na vontade dêste ou daquele. Depois de mostrar a inseparabilidade dos significados *unitivo* e *procriador* do ato conjugal, o papa afirma que se deve excluir tôda a ação que, *antes, depois* ou *durante* o ato, torne impossível a procriação. E classifica de "intrìnsecamente desordenado e portanto indigno da pessoa humana" o processo deliberadamente antigenerativo. Antes, ensinara que o ato de amor recíproco dos esposos que prejudique a disponibilidade para transmitir a vida "está em contradição com o desígnio constitutivo do casamento e com a vontade do Autor da vida". Apela a cada passo a Encíclica para a lei moral, de que a Igreja não é autora nem árbitra, mas sòmente depositária e intérprete, não podendo, pois, "nunca ... declarar lícito aquilo que o não é, pela sua íntima e imutável oposição ao verdadeiro bem comum do homem". A resposta, portanto, se deduz do documento pontifício: *é ofensa ao amor de Deus* (pecado é exatamente isto) *insurgir-se consciente e voluntàriamente contra a lei moral, prescrita pelo Criador*. Há infelizmente os que pretendem dispensar-se de acatar a palavra do papa sob a alegação de que a Encíclica não é documento "ex cathedra", a saber, documento em que o papa implica sua infalibilidade pessoal, de que goza pela assistência divina. É triste evasão, que não convence. É só ler a *Lumen Gentium* para se saber como o II Concílio Vaticano manda que se receba a palavra do magistério do Romano Pontífice, mesmo quando não fala "ex cathedra". E a *Populorum Progressio* também não é documento infalível; nem por isto deixou de ser recebida como ato do magistério oficial. O concílio também não usou da infalibilidade; nem por isto se põe em dúvida a autenticidade de seu ensino. Penso que para os católicos que sabem o que é o magistério da Igreja, qual a sua autoridade divina, é simples questão de coerência com a própria fé acatar com humildade e alegria a palavra do Santo Padre Paulo VI. Outra atitude, dentro do catolicismo, não tem sentido.



**Monsenhor Benedito de Ulhoa Vieira**
DOUTOR EM TEOLOGIA

**Resposta à pergunta da leitora Maria Luiza Pimentel — Santos, SP.**

SERVINDO-SE DE LONGO FIO,
TESEU DESVENDA O LABIRINTO DE
CRETA E DERROTA O MINOTAURO

# Burroughs desvenda os labirintos do processamento.

Porque tem conhecimento global do seu setor. Porque é a única emprêsa que produz linha completa de máquinas comerciais, da mais simples somadora ao supersofisticado computador eletrônico. Por tudo isso, destrói mitos e tabus, mantendo a vanguarda. É a especialização concentrada que permite à Burroughs inovar sempre. Estamos lançando, no Brasil, os Sistemas Eletrônicos Modulares E-6.000. Que executam tarefas até então restritas aos computadores avançados (como o fornecimento de informações "on-line", por exemplo). Com isso estamos colocando, ao alcance das florescentes firmas de menor porte, todos os benefícios do processamento eletrônico mais produtivo. E a um baixo custo operacional. Rejeite mitos. Tudo fica mais fácil quando se conta com Burroughs.

**Burroughs** *simplifica*

I LOVE Capri

CIGARROS

Capri

FILTRO ESPECIAL

O CIGARRO MODERNO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT/R. - CP 13